MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EGLEM DE OLIVEIRA PASSONE RODRIGUES

A REVISTA MENSAL ILUSTRADA *FOLHA DA SERRA* E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS (SUL DE MATO GROSSO, 1931-1940)

Dourados – MS
2017

EGLEM DE OLIVEIRA PASSONE RODRIGUES

A REVISTA MENSAL ILUSTRADA *FOLHA DA SERRA* E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS (SUL DE MATO GROSSO, 1931-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de mestre, sob a orientação da professora doutora Kênia Hilda Moreira.

Dourados – MS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R685r Rodrigues, Eglem de Oliveira Passone.
A Revista Mensal Ilustrada da *Folha da Serra* e suas dimensões educativas (sul de Mato Grosso, 1931-1940). / Eglem de Oliveira Passone Rodrigues. – Dourados, MS : UFGD, 2017.
180f.

Orientadora: Prof. Dra. Kênia Hilda Moreira.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Imprensa periódica. 2. Sul de Mato Grosso. 3. História da Educação. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

EGLEM DE OLIVEIRA PASSONE RODRIGUES

A REVISTA MENSAL ILUSTRADA *FOLHA DA SERRA* E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS (SUL DE MATO GROSSO, 1931-1940)

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO DO PPGEdu/FAED/UFGD

Aprovada em 03 de março de 2017

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profª. Drª. Kênia Hilda Moreira – FAED/UFGD
Presidente da comissão e orientadora

_____

Profª. Drª. Alessandra Cristina Furtado – FAED/UFGD
1ª Examinadora

_____

Profª. Drª. Adriana Aparecida Pinto – FCH/UFGD
2ª Examinadora

_____

Profª. Drª. Tania Regina de Luca – Unesp
2ª Examinadora

Dourados – MS
2017

Para os idealizadores da Revista Folha da Serra que um dia escreveram história, sem a qual esta pesquisa não existiria.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é sem dúvida um dos mais belos sentimentos que podemos expressar. Por este motivo, é com grata e sincera alegria que agradeço primeiro à Deus, refúgio da minha alma.

A minha mãe Elizabeth e meu pai Edno que incentivaram e ensinaram o valor do estudo e sempre apoiaram minha caminhada acadêmica. Meu amado Lucas, que esteve presente em todos os momentos deste processo, foi meu alicerce, meu encorajador, meu ajudador e companheiro zeloso.

Minha orientadora Kênia, por despertar em mim a busca pelo conhecimento e a paixão pela pesquisa. Pelos ensinamentos desde a Iniciação Científica, essenciais na construção deste trabalho. Pelo cuidado e presença durante todo o processo da dissertação. Tenho orgulho de ter sido sua orientanda, sempre será meu referencial.

As professoras Alessandra Cristina Furtado, Adriana Aparecida Pinto e Raquel Discini de Campos, pelas enriquecedoras contribuições durante o exame de qualificação e a professora Tania Regina de Luca pelo aceite em participar do exame de defesa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD e aos professores Eudes Fernando Leite e Paulo Roberto Cimó Queiroz, do Programa de Pós-Graduação em História, pelos debates feitos nas disciplinas ministradas, os quais fortaleceram meu aprendizado teórico no tato com minha fonte e objeto de pesquisa.

Aos técnicos, por se disponibilizarem prontamente a esclarecer dúvidas das mais diversas, em especial, Fernanda e Kleber do Programa de Pós-Graduação em Educação e Walace do Programa de Pós-Graduação em História.

As discussões necessárias ao amadurecimento teórico proporcionadas pelos encontros do Grupo de Pesquisa História, Memória e Sociedade (GEPHEMES).

Aos meus colegas do mestrado de todas as linhas, sobretudo, a de “História da Educação, Memória e Sociedade”, pelo companheirismo, amizade e força nos vários momentos de angústias que permeiam a escrita de uma dissertação. Obrigada por deixarem estes momentos mais leves e pela partilha na construção de uma memória repleta de felicidade e aprendizados.

A todos os profissionais que trabalham nos Arquivos Históricos consultados: ARCA, APMT, CDR e Acervo Lins – Biblioteca Central da UFGD.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado, que me proporcionou dedicação integral a esta pesquisa.

RESUMO

Objetiva-se analisar as dimensões educativas presentes na Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS), impresso não pedagógico publicado em Campo Grande, sul de Mato Grosso, pela tipografia Aguinaldo Trouy & Cia, entre outubro de 1931 a dezembro de 1940, com 48 números em seus 10 anos de publicação. Como procedimento metodológico de análise foi construído um banco de dados que consiste em uma plataforma *online*, onde está disponibilizada a catalogação de todos os números da Revista. Tal procedimento foi necessário, tendo em vista a amplitude dos conteúdos que compõem a RFS, aqui tratada como fonte/objeto de pesquisa, segundo orientação teórica da Nova História Cultural. Questiona-se sobre o modelo de sociedade propagado nas páginas da Revista; quem estava por trás das publicações; qual o propósito de elaboração e manutenção do referido periódico; quais os principais conteúdos veiculados; quais dimensões educativas a Revista perpassava em seus conteúdos; dentre outras indagações que ao longo do texto foram sendo construídas. A dissertação está dividida em três capítulos: O primeiro capítulo fornece características da RFS, materiais de produção, abordando questões em torno da materialidade física/interna, capa, formato, periodicidade e distribuição do periódico. O capítulo dois apresenta a cidade de Campo Grande, seus dados históricos e geográficos, a população, arquitetura, economia e comércio. O terceiro capítulo, apresenta elementos sobre a educação escolar e não escolar na cidade de Campo Grande e convenções sociais, como a construção da biblioteca pública e suas principais atividades. A investigação revelou que por meio das dimensões educativas – educação formal, não formal e informal – a Revista *Folha da Serra* produziu e estabeleceu em suas páginas uma reunião de estratégias que buscavam conduzir, educar a população campo-grandense e região afins, segundo princípios, valores, modelos, ideais de uma elite dirigente que buscava construir uma nova representação para Campo Grande, veiculada com os princípios de modernidade, civilidade e progresso inculcada pelo contexto econômico e político vigente. Portanto, apesar da Revista não ser pedagógica, ela educou, formou e modelou por meio de dimensões educativas.

Palavras chave: Imprensa periódica. Sul de Mato Grosso. História da educação.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the educational dimensions present in the Magazine "Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra"* (RFS), a periodic press non-pedagogical, published in Campo Grande, southern Mato Grosso, by Aguinaldo Trouy & Cia typography, between October 1931 and December 1940, with 48 numbers in its 10 years of publication. As a methodological method of analysis, a database was built consisting of an online platform, where the cataloging of all Magazine numbers was made available. Such procedure was necessary, considering the breadth of the contents that compose the RFS, here treated as source/object of research, according to the theoretical orientation of the New Cultural History. In this way, the model of society propagated in the pages of the Magazine is questioned; who was behind the publications; the purpose of preparing and maintaining the aforementioned periodical; what are the main content conveyed; what educational dimensions the Magazine permeated in its contents. The dissertation is divided into three chapters: the first chapter provides features of RFS, production materials, addressing issues surrounding the physical/internal materiality, cover, format, periodicity, and distribution of the journal. Chapter two presents the city of Campo Grande, its historical and geographic data, population, architecture, economy and commerce. The third chapter presents elements on school and non-school education in the city of Campo Grande and social conventions, such as the construction of the public library and its main activities. The research revealed that through the educational dimensions - formal, non-formal and informal education - *Folha da Serra* Magazine produced and established in its pages a meeting of strategies that sought to lead, educate the population of Campo Grande and related regions according to principles, values, models, ideals of a ruling elite that sought to construct a new representation for Campo Grande, conveyed with the principles of modernity, civility and progress inculcated by the current economic and political context. Therefore, although the Magazine was not pedagogical, it educated, formed and modeled by means of educational dimensions.

Keywords: Periodic press. South of Mato Grosso. History of education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIAS

Figura 1 – A tipografia A. Trouy & Cia em 1934.....30
Figura 2 – Aspecto da RFS, Álbum da Comarca do Rio Preto e Álbum de Campo Grande.....36
Figura 3 – Sociedade representada na Revista *Folha da Serra*.....43
Figura 4 – Elite social representada na RFS.....44
Figura 5 – Sociedade representada na Revista.....46
Figura 6 – Valores anúncios na Revista em 1932 e 1933.....49
Figura 7 – Publicidade no verso da capa.....50
Figura 8 – Publicidade na quarta capa.....51
Figura 9 – Assinantes de Corumbá em junho de 1933.....62
Figura 10 – Mapa do estado de Mato Grosso na capa da Revista *Folha da Serra* (1. capa inteira, 2. *close* no mapa).....71
Figura 11 – Mapa do sul de Mato Grosso na capa da RFS.....72
Figura 12 – Estrada Ferroviária Noroeste.....75
Figura 13 –Domínio do homem sul mato-grossense sobre a natureza selvagem.....77
Figura 14 –Aspectos da cidade de Campo Grande em 1933.....83
Figura 15 – Vista panorâmica de Campo Grande em 1936.....84
Figura 16 – Edifícios em Campo Grande em 1936.....85
Figura 17 – Rua João Pessoa em Campo Grande em 1933 e 1940.....87
Figura 18 – Aspecto do sistema de abastecimento de água em Campo Grande.....89
Figura 19 – Edifício da Santa Casa mantido pela Sociedade Beneficente de Campo Grande.....91
Figura 20 – Inauguração do Pavilhão A do Hospital de Caridade.....95
Figura 21 – Aspectos externos e internos do Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande.....97
Figura 22 – Propaganda de produtos para pecuária e agricultura.....105
Figura 23 – Indústrias ligadas à Pecuária em Campo Grande.....107
Figura 24 – Crise por meio das propagandas.....112
Figura 25 – Anúncio/propaganda de transporte aéreo em Campo Grande.....116
Figura 26 – Anúncio Condor.....117
Figura 27 – Avião hidro “Blumenau” que liga Corumbá a Cuiabá em 1933.....118
Figura 28 – Propaganda do filme “Alma do Brasil”.....121

Figura 29 – Aspecto da 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso em agosto de 1933.....124
Figura 30 – Propaganda da Escola Ativa.....140
Figura 31 – Escola Mercedes em uma turma de datilografia.....146
Figura 32 – Inauguração da Faculdade de Direito em Campo Grande.....147
Figura 33 – Propaganda Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia.....149
Figura 34 – Prédio da Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia.....150
Figura 35 – Alunos e professores da Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia.....151
Figura 36 – Concurso de bebês.....159
Figura 37 – A instrução física em Campo Grande.....162
Figura 38 – Aspecto do interior da Biblioteca Pública em 1936.....164
Figura 39 – Senhorita Virginia Belico vencedora do 1° Concurso de História de Mato Grosso.....167

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Quantidade de números publicados da RFS.....14
Quadro 2– Funcionários da Tipografia A. Trouy & Cia. em 1934.....32
Quadro 3 – Aspectos materiais da Revista *Folha da Serra* (1931-1940).....34
Quadro 4 – Publicações recebidas na Redação da Revista *Folha da Serra* em 1934 e 1935.....56
Quadro 5 – Colaboradores da *Folha da Serra* em 1936.....59
Quadro 6 – Assinantes da Revista *Folha da Serra* em maio de 1933.....60
Quadro 7 – Números publicados pela RFS entre 1931 e 1940.....65
Quadro 8 – Proporção de fábricas e oficinas.....108
Quadro 9 – Alguns dos principais artigos despachados pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Campo Grande no primeiro semestre de 1933.....115
Quadro 10 – Estabelecimentos de ensino criados em Campo Grande até 1933.....134
Quadro 11 – Instituições escolares em 1930.....136
Quadro 12 – Instituições escolares fora de Campo Grande.....139
Tabela 1 – Média de fotografias e ilustrações presentes na RFS de 1931 a 1940.....40
Tabela 2 – População das principais cidades mato-grossenses – 1920 e 1940.....74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMT – Arquivo Público de Mato Grosso

ARCA – Arquivo Público de Campo Grande

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDR – Centro de Documentação Regional

DEIP – Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo

GEPHEMES – Grupo de Pesquisa História, Memória e Sociedade

HISTEDBR – Grupo de estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil

INL – Instituto Nacional do Livro

RFS – Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*

SSC – Sociedade "Sportiva" Campo-grandense

SSCH – Seleta Sociedade Caritativa e Humanística

UCBD – Universidade Católica Dom Bosco

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

Introdução.....14

1 Percurso de um impresso: a Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*.....27

1.1 Dimensões materiais de produção da RFS.....29

1.2 Dimensões de circulação da RFS.....51

2 Uma Nova York Mato-grossense: Campo Grande segundo a Revista *Folha da Serra*.....70

2.1 A cidade de Campo Grande no sul de Mato Grosso.....70

2.2 A cidade e seu entorno pelos anúncios e propagandas.....103

3 Dimensões educativas nas páginas da *Folha da Serra* em Campo Grande: educação formal e não formal.....128

3.1 Educação em Campo Grande dos anos 1930: entre instituições e convenções sociais.....137

3.1.1 A educação versus ferrovia.....142

3.1.2 Educação técnica.....144

3.1.3 A Faculdade Mato-grossense em Campo Grande.....146

3.2 A "Sociedade da Biblioteca de Campo Grande" e seus desdobramentos.....152

Considerações finais.....170

Fontes e referências bibliográficas.....173

Introdução

Objetivamos identificar e analisar as dimensões educativas[1] que perpassaram as páginas da Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra (RFS)*, no sul de Mato Grosso uno[2], entre 1931 e 1940, considerando que a imprensa, de modo geral, se constitui como importante meio de transmissão de valores, crenças, hábitos e saberes.

A Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* foi produzida na cidade de Campo Grande, capital do atual estado de Mato Grosso do Sul, com circulação em toda a região sul. Seu primeiro número foi lançado em outubro de 1931 e o último número em dezembro de 1940, o que justifica o recorte temporal delimitado, considerando que a RFS é aqui apresentada como fonte e objeto de pesquisa.

Criada e mantida pelo editor Aguinaldo Trouy, proprietário da tipografia Aguinaldo Trouy & Cia, em Campo Grande, a RFS apresentou, durante seus 10 anos de existência, conteúdos diversos (história, poesia, literatura, atualidade em nível regional, nacional e internacional, notas de falecimento, aniversários, nascimentos, casamentos, eventos em geral, avisos, etc.) – contribuindo com diferentes dimensões educativas – totalizando 48 números publicados em dez anos de existência, conforme Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Quantidade de números publicados da RFS[3]

Ano	Números publicados
1931	03
1932	12
1933	12
1934	09
1935	03
1936	01
1937	02
1938	00[4]
1939	
1940	06
Total	**48**

Fonte: Elaborado pela autora

[1] Tomamos por dimensão educativa, um espaço abstrato que agrega tanto a educação formal, como a não formal, a informal e tudo aquilo que produz um educar, ou seja, tudo aquilo que por meio da leitura do periódico Revista *Folha da Serra*, produziu, conduziu, determinou estrategicamente uma determinada maneira de enxergar algo.
[2] Mato Grosso uno refere-se ao Esta do antes da divisão territorial, que aconteceu em 1977, com a Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro, dando origem ao estado de Mato Grosso do Sul.
[3] Será mais sistematizado no Quadro 7.
[4] Nos anos de 1938 e 1939 não houveram publicações.

O impresso não pedagógico, como é o caso da *Folha da Serra*, pode ser interpretado "como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes" e principalmente, "como importante estratégia educativa", como afirma Faria Filho (2002, p. 134). Campos (2012, p. 56), por sua vez, afirma que "os periódicos não especificamente pedagógicos se transformaram num dos mais significativos veículos de divulgação de ideias, valores e representações sociais nas primeiras décadas do século XX", e que por esse motivo, "deveriam ser analisados com vagar pelos historiadores da educação", o que significa, a nosso ver, considerar a educação, para além dos processos de escolarização.

Nesse sentido, as dimensões educativas a que nos referimos devem ser compreendidas numa "perspectiva global, em que as três modalidades [...] educação formal, não formal e informal [...] se apresentam como complementares entre si, e nenhuma, por si só, consegue responder às necessidades formativas dos indivíduos" (CAVACO, 2003, p. 130). Como bem sinaliza a autora, não se trata de menosprezar a educação formal, mas de "identificar outras vias, menos estudadas e reconhecidas, que têm um importante papel na aquisição de saberes ao longo da vida, evidenciando-se como fundamentais no processo formativo das pessoas" (CAVACO, 2003, p. 126).

Assim como Campos (2012, p. 62), buscamos nas páginas da *Folha da Serra*,

> os sentidos que os homens do passado conferiram ao mundo por meio de imagens, palavras, notícias, entrevistas e propagandas estampadas em páginas hoje amareladas. [...] as formas como os grupos que confeccionaram tais folhas as consumiram e as puseram em circulação. E mais [...] as formas como os homens do passado olharam o mundo, se deram a ver no mundo, buscaram ensinar o outro a olhar este mundo de uma determinada maneira.

Desse modo, ao buscar identificar e analisar as dimensões educativas na Revista *Folha da Serra*, consideramos por dimensões educativas os diferentes conteúdos, textuais e imagéticos, presentes em suas páginas, que foram transmitidos durante toda a década de 1930 a centenas de leitores, transmitindo saberes, hábitos, valores, e crenças a uma determinada sociedade.

O interesse pela Revista surgiu quando buscamos dar continuidade ao projeto de iniciação científica (2012-2014)[5], procurando livros didáticos no Acervo Professor Lins,

[5] Identificação e Catalogação de Livros Didáticos de Ensino Ginasial utilizados na Escola Estadual Presidente Vargas (Dourados/MS, de 1951 a 2000): contribuições para a História das Disciplinas Escolares – Título do Projeto de Pesquisa com vigência 2012 a 2013.

presente na Biblioteca Central da UFGD. Ao fazer uma primeira busca no referido Acervo, os livros didáticos pretendidos como objeto de pesquisa, ou seja, os livros que circularam nos primeiros anos do Ginásio Osvaldo Cruz, em Dourados, Mato Grosso do Sul, de propriedade do professor Lins, não foram localizados [6]. Todavia, observamos que o Acervo guardava inúmeros documentos que podem contribuir para a História da região, dentre eles, a Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*, que despertou nosso interesse já nas primeiras folheadas.

No que diz respeito aos procedimentos de localização, acesso e seleção do conjunto que forma o acervo completo da RFS, lembramos que "em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em 'documentos' certos objetos distribuídos de outra maneira", conforme Certeau (2000, p. 81). Nesse sentido, além do Acervo professor José Pereira Lins, na Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), procuramos no Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA), no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), em Cuiabá, e no Centro de Documentação Regional (CDR), da UFGD, para conseguir reunir todas as publicações da Revista.

No Acervo Lins foram encontrados 35 números, no ARCA 19, no APMT apenas um e no CDR três. Esse levantamento nos permitiu localizar os 48 números publicados pela Revista *Folha da Serra* entre 1931 e 1940.

Com o intuito de compreender as dimensões educativas na *Folha da Serra,* que perpassaram a sociedade campo-grandense na década de 1930 questionamos sobre as condições de produção e circulação da Revista, considerando, em conformidade com Chartier (1990, p. 127), que "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler" e cientes que texto, suporte e leitura formam o tripé da análise do impresso. Quais eram os objetivos do impresso? Quem eram seus editores? O que era transmitido aos leitores? Quais foram as representações utilizadas como modelo? O que as imagens e os escritos revelam? Qual a materialidade da Revista? Como ela se apresenta ao leitor?

Para responder a essas indagações, faz-se necessário considerar as questões históricas que compõem o período em que a Revista *Folha da Serra* estava inserida na década de 1930. Destacamos a Revolução Constitucionalista de 1932 e o movimento Marcha para o Oeste, criado por Getúlio Vargas, com o intuito de avançar e nacionalizar as fronteiras, a censura da imprensa com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo em vista, as

---

Livros Didáticos utilizados na Escola Estadual Presidente Vargas (Dourados/MS, de 1958 a 2000): contribuições para a História Das Disciplinas Escolares – Título do Projeto de Pesquisa com vigência 2013 a 2014. Livros Didáticos para o Ensino Secundário em Mato Grosso entre 1931 e 1971: um balanço da produção – Título do Projeto de Pesquisa com vigência 2014 a 2015.

[6] Sobre o Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados, cf. Moreira e Passone (2016); Furtado e Moreira (2015).

discrepâncias de interesses de grupos de Campo Grande, sul do estado e de Cuiabá, além da política centralizadora imposta por Vargas. Esse cenário influenciou a imprensa local, além das ideologias de modernidade e progresso estimuladas no discurso varguista.

Faz-se necessário considerar ainda a influência do governo da Era Vargas (1930-1945) no sertão mato-grossense e como essa influência política se fez presente na materialidade da Revista. Questionamos sobre a produção e circulação da Revista em Mato Grosso em meio às ações políticas que perpassaram a Era Vargas, propondo novos hábitos, saberes e valores, influenciando a formação de um novo cidadão, que atendesse a nova proposição de modernidade, tendo em vista que, para a região de Mato Grosso como um todo na década de 1930, a definição de moderno se resumia aos grandes centros da época, como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

A Era Vargas corresponde a uma época de transformações ocorridas em nível de estrutura, atores e instituições presentes no Brasil de ontem e de hoje, como expõe Pandolfi (1999), especialmente, a partir do Estado Novo, em 1937. Trata-se de um período diferenciado, com constantes interferências do Estado na vida pública e também privada. Seus feitos se detiveram em prol de elevar a nação a um nível de desenvolvimento equacionado ao padrão de modernidade do período, o qual já era almejado, desde os primórdios da República, como evidenciam os periódicos do século XIX analisados por Pinto (2013) e Vezzani (2013), dentre outros.

Os meios de comunicação mato-grossenses, dialogaram e recriaram, à sua maneira, as ideias de progresso idealizadas pelo governo Vargas ao coincidir com o ideal maior das elites – social, letrada, econômica e política – campo-grandense, de promover o sul do estado de Mato Grosso, construindo uma identidade e representação dos grupos locais. A Revista *Folha da Serra* deixa bem claro desde seu primeiro número, em 1931, que o objetivo maior do periódico era contribuir para o "progresso e engrandecimento do nosso torrão natal" (RFS, n.1 out/1931, p. 13). Nesse sentido, a Revista tinha como ambição "modelar seu próprio tempo", segundo seus interesses (FABRE, 1991, p. 11 apud LUCA, 2011).

Deste modo, questionamos sobre o modelo de sociedade propagado nas páginas da Revista; quem estava por trás das publicações; qual o propósito de elaboração e manutenção do referido periódico; quais os principais conteúdos veiculados; quais dimensões educativas a Revista perpassava em seus conteúdos; dentre outras, que ao longo do texto foram sendo construídas.

Para responder a estas perguntas criamos, como procedimento metodológico de análise, um banco de dados que consiste em uma plataforma *online*[7] que disponibiliza vários dados sobre a RFS e nos permite gerar gráficos de análise importante. Como forma de alimentação do banco de dados criamos um quadro com os seguintes dados: título do conteúdo; tema do conteúdo; ano da Revista; número do periódico; página; gênero textual; autor do conteúdo e se apresenta ou não imagem.

O banco de dados foi, portanto, o ponto de partida para a elaboração dos quadros e gráficos, pois a estrutura oferece múltiplas abordagens, reunidas de uma maneira organizada, ao mesmo tempo homogênea (reunião das análises de todos os números da RFS) e heterogênea (a partir da função de busca oferecido pela plataforma). Outra vantagem que contribuiu para a escolha em utilizar o banco de dados, foi a opção de filtro de pesquisa que o mesmo oferece, uma vez inserido no banco, o acesso de qualquer conteúdo se torna rápido e preciso, além de propiciar futuras possíveis buscas[8].

Tal procedimento foi necessário tendo em vista a amplitude dos conteúdos que compõem a RFS, aqui tratada como fonte/objeto de pesquisa.

O uso da imprensa como fonte/objeto de pesquisa na História e na História da Educação, ganha espaço a partir do surgimento de uma visão ampliada sobre o uso das fontes, que tem início com Lucien Febvre e Marc Bloch ao lançarem o primeiro número da Revista *Les Annales d'Historie Économique es Sociale*, em 1929 na França, que segundo Le Goff (2003), propiciou num "ato que fez nascer a nova história" (LE GOFF, 2003, p.129).

Essa difusão do uso do impresso proporcionou o distanciamento

> de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 254).

A presente pesquisa se insere nesse contexto da historiografia. Consideramos, para nossa análise, como lembra Chartier e Roche (1995, p. 99), que a intencionalidade nos impressos é fruto do mercantilismo que torna o impresso "como mercadoria produzida para o

[7] Disponível em: <http://folhadaserra.esy.es/>. Acesso em: 09 de fev. 2017. A plataforma online foi criada pelo professor mestre Lucas de Souza Rodrigues.

[8]Sobre a ortografia dos textos apresentados na Revista, fizemos uma versão transcrita para as regras ortográficas atuais, por dois motivos: primeiro porque a ortográfica passava por período de mudanças na época[8], e a própria Revista variava na escrita de uma mesma palavra; segundo, porque a padronização da escrita facilitaria o uso do banco de dados criado por nós, como parte dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

comércio e para o lucro; e como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto". Nesse sentido, os impressos "cimentam as sociabilidades e prescrevem os comportamentos, atravessam o foro privado e a praça pública, levam a crer, a fazer ou a imaginar", como afirma Chartier (1990, p. 138).

E como impresso, nosso objeto de pesquisa caracteriza-se pela ordem da imprensa, do gênero revista, – mais especificamente ilustrada – comummente apresentada como um meio termo entre o jornal e o livro. Luca (2005, p. 121) observa que o gênero revista caracteriza-se pela "apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reserva amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado", com o objetivo de "agradar a diferentes leitores".

E como impresso da ordem da imprensa de circulação restrita (por assinatura) e geral (de variedades), a Revista Ilustrada *Folha da Serra*, será analisada como

> [...] ambientes de sociabilidade entre pares, espaços de visibilidade de determinados grupos e de silenciamento de outros; locais privilegiados para a constituição de distinções simbólicas e para a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias e sensibilidades (CAMPOS, 2012, p. 64).

A RFS também será analisada mais como "*fragmentos verossímeis* da cultura de um tempo e de um espaço" do que "como provas fidedignas do passado", levando em consideração, além do "repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição". O que nos leva a "reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo" (CAMPOS, 2012, p. 67. Grifo do autor). Nesse sentido, o olhar pode ser banalizado pela imprensa em geral, mas a análise guarda significativas distinções, sobretudo, no que se refere as revistas ilustradas e suas finalidades.

Consideramos ainda, a análise da materialidade da Revista *Folha da Serra*, em conformidade com Biccas (2008), que alerta ser essencial perceber os processos simbólicos que o modelam, ordenam e condicionam, procedimentos tácitos em sua maioria, que determinam a percepção que o leitor deverá seguir, a formatação editorial é um deles, sobretudo o caso da *Folha da Serra*, uma revista ilustrada, ricamente composta pelo diálogo entre a fotografia e o texto na elaboração e exposições de sentidos.

Tais constatações nos alertaram para a necessidade da compreensão dos conceitos de tática e estratégia formulados por Michel de Certeau como referenciais teóricos de análise.

Os conceitos de tática e estratégia segundo Certeau (1998) são de natureza distintas, possuem características distintas, mas não se opõem um ao outro, são conceitos articulados e interligados. Tática e estratégia são

> [...] heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*. Elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida. [...] Não se trata, com efeito, de um líquido, circulando nos dispositivos do sólido, mas de *movimentos diferentes*, utilizando os elementos do terreno. (CERTEAU, 1998, p. 97-98. Grifo do autor).

Esses ditos movimentos diferentes são, segundo Certeau (1998), astuciosos e invisíveis, pois por meio de "critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para a partir deles compor histórias originais", desta forma, "elas circulam sem ser vistas" ao contabilizar somente "*aquilo* que é usado, não as *maneiras* de utilizá-lo" (CERTEAU, 1998, p. 98. Grifo do autor).

Certeau (1998) chama de estratégia

> [...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças. [...] toda racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um 'próprio', isto é, o lugar do poder e do querer próprios (CERTEAU, 1998, p. 99. Grifo do autor).

Portanto, para Certeau (1998), o conceito de estratégia é um planejamento a longo ou médio prazo, que se aplica por meio do planejamento racionalizado de uma determinada ação, contudo, a presença da estratégia se dá não apenas na ação, mas também no discurso. Nesse sentido, existe um certo planejamento na racionalidade, quando o sujeito racionalmente age buscando algo ou racionalmente discursa, tentando alcançar um objetivo. Isso não significa que certamente conseguirá, ou seja, nem sempre a estratégia, quando aplicada, resultará no que se espera ou deseja, pois uma estratégia é acompanhada pela estratégia do outro. Assim, a estratégia entra em um jogo também estratégico, e nesse jogo, as estratégias se encontram em uma relação de força, poder e conflito, por esta razão, exige uma temporalidade mais estendida para se efetivar. A estratégia então define um alvo, um objetivo e um percurso previamente racionalizado e requer uma dada duração de tempo para se desenvolver.

Por sua vez, tática segundo Certeau (1998) é

> [...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] A tática não tem por lugar senão o do outro. E, por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto. [...] Não tem meios para se manter em si mesma. [...] A tática é movimento 'dentro do campo de visão do inimigo' [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as 'ocasiões' e delas depende. [...] Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco (CERTEAU, 1998, p. 100-101).

A tática para Certeau possui um caráter diferenciado do conceito de estratégia, pois ao contrário da estratégia, ela aproveita uma dada ocasião, um momento, por isso, a tática se passa em um curto período de tempo, onde se utiliza de um contexto, uma situação estratégica para burlar, desviar ou escapar da própria estratégia do outro. Por esta razão, Certeau afirma que a tática é a arma dos fracos, pois o fraco age em resposta da estratégia do forte, assim, o forte articula estratégias, já o fraco utiliza a tática, se aproveitando da ocasião para realizar um deslocamento, um tensionamento das relações de poder para assim dobrar, desviar ou redirecionar uma dada força estratégica. Ao contrário da estratégia, a tática não é do campo da razão, mas sim, da intuição, pois se vale de drible e rapidez para ter sucesso. A tática se apoia na própria estratégia que deseja burlar para construir uma tática, se apoia na estratégia para poder funcionar e provocar uma válvula de escape. Em suma, "Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz [...] comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela *ausência de poder* assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder" (CERTEAU, 1998, p. 101. Grifo do autor).

Para responder as questões de pesquisa em torno das dimensões educativas presentes na RFS, cabe considerar que ao utilizar a imprensa periódica como fonte e objeto de investigação, faz-se necessário atentar para às intenções e subjetividades próprias desse tipo de documento. Na busca de compreender os sentidos presentes neste tipo específico de fonte e objeto, tomamos a RFS como impresso "verbo-visual", entendido como "expressões sincréticas da linguagem humana, de um determinado tempo, espaço e esfera de comunicação" (CAMPOS, 2015, p. 34). A RFS apresenta em sua composição uma linguagem tanto verbal quanto visual que unidas constroem o sentido do texto, logo a RFS é um texto

sincrético, pois apresenta diferentes linguagem hibridizadas (CAMPOS, 2015, p. 54). Nesse sentido, "Teremos as palavras, as frases, bem como os desenhos, os traçados, as fotos, as imagens visuais, tudo enfim, examinado como verdadeiramente um todo" (CAMPOS, 2015, p. 54, apud DISCINI, 2010, p. 130).

Portanto, a análise que se segue toma a RFS como um gênero sincrético verbo-visual, onde "a fotografia é um texto (um segmento visual), sincretizado, jungido com o segmento verbal, para juntos, formarem o todo sincrético da textualização" (CAMPOS, 2015, p. 79) da Revista, ambos se completam na construção representativa da região sul-mato-grossense em suas páginas. Assim, "Esse sincretismo verbo-visual, que junta distintas modalidades de manifestação textual, monta um tom, o estilo (...) voltado a fazer sentir o universo de progresso e transformação positiva dos espaços e dos atores" (CAMPOS, 2015, p. 79).

Outro conceito utilizado nas análises da RFS foi o de representação, como apresentado por Chartier (1990, 2002), para quem as representações

> [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjaram. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17).

A partir desse conceito de representação analisamos a Revista *Folha da Serra* como portadora de conjuntos de discursos que buscam inculcar, disciplinar, modelar, enquadrar condutas e pensamentos, como expõe Chartier (2002, p. 53). Tendo em vista que é por meio das representações que indivíduos ou grupos constroem sentidos ao mundo, por meio de

> [...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e os espaços são decifrados (CHARTIER, 1990, p. 18).

Neste sentido, buscamos identificar e compreender os discursos que perpassaram as páginas da Revista, conscientes de que "em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 16).

Seguindo o caminho proposto por Chartier (1990) e Darnton (1992; 1996), percebemos a necessidade de compreender as narrativas e possíveis leituras da Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra,* não somente pelo conteúdo escrito, mas também pelo proposto nas imagens. Compreendendo, no entanto, que escrita e imagem não se tratam de conteúdos desvinculados, pelo contrário, se complementam.

No que diz respeito à análise das imagens, enquanto fonte histórica, elas possuem peculiaridades, carregadas de representações e significados, possuidoras de linguagem própria, em relação ao seu conteúdo e suas relações sociais, bem como, à produção e usos sociais. No que tange a análise das fotografias[9], que compõem grande parte das ilustrações na *Folha da Serra*, consideramos Pierre Bourdieu (2003), ao afirmar que a fotografia é envolta de valores estéticos e éticos determinados por um grupo social e temporal específico. Portanto, as fotografias são produzidas por um composto de imagens, contextos sociais, políticos e culturais, os quais necessitam de explicação. As fotografias são históricas, dependem tanto da variável técnica, quanto da estética do contexto histórico que as gerou, bem como, das concepções múltiplas de mundo que compõe o jogo social, assim, as fotografias são compostas de cicatrizes, que permitem ao historiador ver o passado que as produziu e consumiu (MAUAD, 2005, p. 143).

No que concerne ao trabalho com as imagens na História da Educação, é importante considerar as representações que os segmentos sociais tiveram sobre elas, as regras sociais por trás destas imagens que regiam uma sociedade. Para aqueles a quem interessava fotografar, é compor a memória histórica da região. As fotografias publicadas na Revista *Folha da Serra* foram produtos sociais representativos de uma parcela da sociedade mato-grossense, e suas representações visuais impostas por determinados segmentos sociais estiveram constantemente presentes ao longo das páginas do periódico entre 1931 a 1940.

A pesquisa que ora apresentamos é, a nosso ver, inédita, considerando que nenhuma investigação publicada até o momento apresentou a RFS como fonte principal ou objeto de pesquisa, de acordo com nosso mapeamento da produção.

Constatamos que há menção a *Folha da Serra* nos artigos de:

---

[9]Como mostram os trabalhos de Mauad (1996; 2005); Kossoy (2001); Meneses (2003); Borges (2003); Burke (2004); Abdala e Vidal (2005); Diker e Frigerio (2009); Carvalho e Lima (2008); Carvalho (2009), dentre outros especialistas no assunto.

- Santos e Centeno (2007), "A Escola General Malan (1934): o papel do exército na educação escolar em Campo Grande", publicado nos anais da Jornada do Grupo de estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR);

- Farias (2008)[10], "A presença da literatura na 'Revista Folha da Serra', de Campo Grande, Mato Grosso do Sul". Publicado nos anais do Seminário Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL);

- Oliveira e Rodrigues (2008), "Histórias de Escolas Normais: Constituição e Difusão de uma Instituição Formadora de Professores - A Escola Normal no Sul do Estado de Mato Grosso", publicado nos Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação;

- Morgado (2011), "Memória da Imprensa de Mato Grosso: periódicos dos séculos XIX e XX", na revista Documento/Monumento.

- Neres e Correa (2009), "A educação especial na rede municipal de ensino de Campo Grande MS: um esboço de política pública em tempos de 'inclusão escolar'", publicado nos anais VIII HISTEDBR.

No que diz respeito a teses e dissertações localizamos:

- A dissertação de Trubiliano (2007), intitulada "Imagens Femininas nos Jornais Mato-grossenses (1937-1945): identidade e controle social". Defendida no Programa de História da UFGD;

- A dissertação de Moro (2007), "Modernização urbano-citadina e representação sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)", Programa de História, Universidade de São Paulo;

- A dissertação de Rocha (2010), intitulada "O ensino secundário no sul do estado de Mato Grosso no contexto das reformas educacionais: o Ginásio Osvaldo Cruz (1927-1949)", no programa em educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB);

- A dissertação de Britez (2014), "A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920-1960)", no Programa de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS);

- A tese em História de Trubiliano (2014) "A cidade em transformação: formação urbana, desenvolvimento e culturas políticas em Campo Grande (1905-1939)", na

[10] O trabalho completo não foi encontrado, apenas o resumo.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;

- A tese de Rahe (2015), Inovações incorporadas ou 'modernidades abandonadas'? Uma investigação sobre os materiais didáticos para as aulas de Línguas Vivas em dois ginásios de Campo Grande, sul do Estado de Mato (1931-1961), no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O levantamento das produções sinalizadas, apesar de terem utilizado como fonte a RFS, o periódico não foi alvo de estudo aprofundado, ou objeto de estudo, apenas aparece como uma, entre outras fontes pesquisadas nos trabalhos. Não temos conhecimento de trabalhos que utilizaram a *Folha da Serra* como fonte principal e/ou objeto de pesquisa, além disso, em um dos trabalhos acima elencados, o periódico foi utilizado como jornal[11] e não como revista, e em dois trabalhos a referência da Revista está incompleta.

A análise dos 11 trabalhos localizados – cinco artigos, quatro dissertações de mestrado e duas teses de doutorado – indica que o número 23 da RFS, de 1933, foi utilizado em seis trabalhos, o número 26, de 1936, o número 37, de 1935 e o 48, de 1940, foram utilizados uma vez. Em dois trabalhos não foi possível identificar os números utilizados. Em síntese, o número mais utilizado da Revista foi o 23, de agosto de 1933[12]. Esse balanço da produção reforça a falta de estudos sobre/com a RFS e a importância da presente dissertação, dividida em três capítulos:

O primeiro, "Percurso de um impresso: A Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*", que objetiva apresentar a Revista, subdividido em duas partes: 1.1 "Dimensões materiais de produção" abordando questões em torno da materialidade física/interna, capa, formato, etc." e 1.2 "Dimensões de circulação", que trata, em especial, da periodicidade e distribuição da Revista.

O capítulo dois, "Uma Nova York Mato-grossense: Campo Grande segundo a Revista *Folha da Serra*", está dividido em duas partes: 2.1 "A cidade de Campo Grande no sul de Mato Grosso" trata de questões histórico geográficas da região, apresentando dados sobre a população e as suas dimensões urbanas, pela arquitetura e, 2.2 "A cidade e seu entorno pelos anúncios e propagandas", com dimensões econômicas pelos comércios anunciados.

O terceiro capítulo, "Dimensões educativas nas páginas da *Folha da Serra* em Campo

[11] Segundo Morgado (2011, p. 16), existia em Campo Grande um jornal chamado "Jornal da Serra", o que pode explicar, a confusão entre a Revista *Folha da Serra* e o jornal.

[12] Apenas um trabalho (RAHE, 2015), indicou a localização do número da Revista utilizado, afirmando ser no ARCA, entretanto, tal Arquivo não possui o número completo da Revista indicada (número 23, de 1933). A possibilidade de ter este número completo é a junção de três Arquivos: ARCA, APMT e Acervo Lins.

Grande: educação formal e não formal", apresenta elementos sobre a institucionalização da educação escolar e não escolar na cidade de Campo Grande, também se divide em duas partes: 3.1 "Educação em Campo Grande dos anos 1930: entre instituições e convenções sociais" que apresenta as instituições em destaque na Revista, do ensino primário ao superior e 3.2 "A 'Sociedade da Biblioteca de Campo Grande' e seus desdobramentos" , que trata das atividades em prol da construção de uma biblioteca na cidade e suas principais atividades.

1 PERCURSO DE UM IMPRESSO: A REVISTA MENSAL ILUSTRADA *FOLHA DA SERRA*

A Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS) foi criada em Campo Grande, sul de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 1931. Sua primeira edição veio a público no mês de outubro, e a última edição em dezembro de 1940. Denominada "Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*", ela se insere nas características descritas por Luca (2005, p. 121) sobre o gênero revista: "apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reserva amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado", com o objetivo de "agradar a diferentes leitores", o que a denomina uma revista de "variedades".

A Revista *Folha da Serra* anuncia já em seu primeiro número que "fará o possível para agradar a todos em geral, sem distinção de classe, crença política ou religião" (RFS, n. 1, out/1931, p. 1). Essas notas editoriais acompanham as páginas da Revista desde o primeiro número até seu término, em 1940, anunciando que o periódico tem como objetivo contribuir com a "moderníssima parcela de boa vontade para o progresso e engrandecimento do nosso torrão natal" para o "engrandecimento de Mato Grosso" (RFS, n. 1, mar/1931, p. 13). No segundo número a Revista reitera seus objetivos e afirma: "órgão de imprensa que promete tudo fazer em bem servir os seus leitores, ao par de um trabalho consciencioso de propaganda do nosso torrão natal, tão mal conhecido fora das nossas fronteiras" (RFS, n.2, nov/ 1931, p. 22).

Em 1932 a Revista continua a propagar seus objetivos por meio de notas editoriais, ao afirmar ser "de propaganda do Estado [...]" (RFS, n. 4, jan/1932, p. 39) e "todo ele sempre dedicado á propaganda de Mato Grosso" (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/ 1932, p. 14). As informações que compõe a seguinte nota são recorrentes na Revista: "poder prestar nosso modesto concurso na imprensa de Mato Grosso e de fazer do mesmo a propaganda de que é merecedor [...] fazer o nosso Estado e o que de melhor possui, mais conhecidos fora das nossas fronteiras" (RFS, ns. 13, 14 e 15, out, nov e dez/ 1932, p. 19).

Em 1933 as notas editoriais continuam a enfatizar as mesmas intenções: "Esta Folha, prosseguindo em seu programa de propagar as cousas de Mato Grosso e especialmente as do nosso município" (RFS, n. 17, fev/1933, p.11). Interessante observar a necessidade, por parte do editorial da Revista, em explicar e delimitar a RFS, o que acontece claramente na edição n. 30, por exemplo:

> O nosso magazine não é literário. Antes um repertório fotográfico, acompanhado de rápidas e simples legendas, dizendo as vistas que

> acompanham, e que procuram traduzir a realidade das cousas. É uma revista-cine, em fotogravura. (RFS, n. 30, mar/1934, p. 11).

Como lembra Luca (2005, p. 123), a ilustração, "com ou sem fins comerciais, tornou-se parte indissociável dos jornais e revistas" na primeira metade do século XX. No caso da imprensa em questão, a ilustração era uma característica de destaque, e fazia parte do título do periódico "Revista ilustrada".

A propósito do nome *"Folha da Serra",* a Revista explica que:

> Seu nome sugestivo veio do meio geológico que o município ocupa. Apelido despretensioso, o de folha [...] 'Folha da Serra', de Campo Grande, a cidade princesa de 'Maracaju', tem sido uma 'folha pequenina', que o vento há levado por esses Brazis afora, falando bem alto das possibilidades econômicas e das belezas panorâmicas do Estado. (RFS, n. 30, /mar/1934, p. 11).

Cabe ressaltar que até o nome dado à Revista tem um propósito, o de levar, mesmo que despretensiosamente, o nome da cidade por onde quer que a revista for. Outro destaque que merece ser apontado é de que, de uma forma ou de outra, a Revista sempre encontrava uma brecha para lembrar seus objetivos.

As notas editoriais continuam nos anos seguintes a compor as páginas da Revista que, "feita por moços desambiciosos, tem sempre a guiá-la a verdade dos fatos, a propaganda do que somos e do que devemos ser" (RFS, n. 30, mar/1934, p.11). As notas continuam a tomar as páginas da Revista nos anos seguintes, 1935, 1936, 1937 e 1940, relembrando ao público leitor os seus objetivos.

> [...] prosseguirmos na jornada laboriosa e por vezes ingrata, de fazermos lá fora conhecido de todos - o nosso Estado – contribuindo desta forma com a parcela do nosso esforço prol elevação moral e material da nossa terra, propugnando pela difusão do ensino, incentivação das indústrias, pelo progresso, afinal, desta Canaã. [...] o que nos faz continuar e trabalhar para melhor corresponder as finalidades a que nos propusemos de elevar bem alto, dentro e fora de nossas fronteiras o nosso querido Mato Grosso, mostrando aqui e além as suas inúmeras possibilidades econômicas, a par de uma vida social perfeitamente respirável (RFS, n. 45, set/ 1940, p.13).

A Revista encerra suas atividades com esse número 45, de setembro de 1940, sem nenhum indício do motivo para o término.

Considerando os objetivos a que se destina a Revista, apresentamos, a seguir, as dimensões de produção e circulação da Revista. Cientes do entrelaçamento entre produção e

circulação dos impressos, apresentamos, por questões didáticas, de forma separada, o subtópico 1.1 “Dimensões materiais de produção da RFS, que trata de questões voltadas a materialidade da Revista, a tipografia responsável pela impressão do periódico, dentre outros aspectos e o subtópico 1.2 “Dimensões de circulação da RFS” que investiga a distribuição e periodicidade da Revista.

1.1 Dimensões materiais de produção da RFS

A Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* era “composta e impressa nas oficinas gráficas de A. Trouy & Cia”, em Campo Grande, de propriedade do editor da Revista, Aguinaldo Trouy. O corpo editorial da RFS era composto por um diretor, redator, gerente e diretor artístico. O cargo principal de diretor, foi ocupado por Aguinaldo Trouy, que se manteve desde o início da Revista em 1931, até seu fim em 1940. Foi o único membro editorial que é fixo durante o percurso do periódico.

O cargo de redator até 1932, número 10 da Revista, era descrito apenas por "redatores diversos", de 1932 (número 11) até 1933 (número 17) a Revista passa a não mencionar mais o cargo, até que a partir de 1933 (número 18), o redator do periódico é indicado novamente, mas de uma nova forma, começa a ser especificado o redator chefe da Revista com Peri Alves Campos que ocupa o posto até o número 48 de 1940, último número publicado da RFS.

O gerente da RFS até 1932 (nos números compostos 13, 14 e 15) era Arthur Martins de Barros, a partir de 1933 (número 16) quem ocupa este cargo é Arthur Silva que permanece até 1933, número 23, de 1933, número 24, assume novamente a gerencia Arthur de Barros, que fica até 1936 (número 40), já em 1937 (números compostos 41 e 42) tem-se como gerente R. Maia que fica apenas esta vez no cargo, a Revista nos anos 1938 e 1939 não publica, sua volta acontece em 1940 (números compostos 43 e 44), com um novo gerente, Armando Carmelo, e que no número 45 é denominado diretor gerente. Armando Carmelo permanece até o número 48, em nota a Revista anuncia que Armando deixa a gerência do periódico (RFS, n. 48, dez/1940, p. 2).

O cargo de diretor artístico é mencionado na Revista apenas em 1932 (número 4), com o Otaviano de Sousa que permanece até o número 10 do mesmo ano, após este número a Revista não expõe mais em seu corpo editorial o cargo. Também atuou como impressor na Tipografia A. Trouy & Cia, como registra o Quadro 2 a seguir.

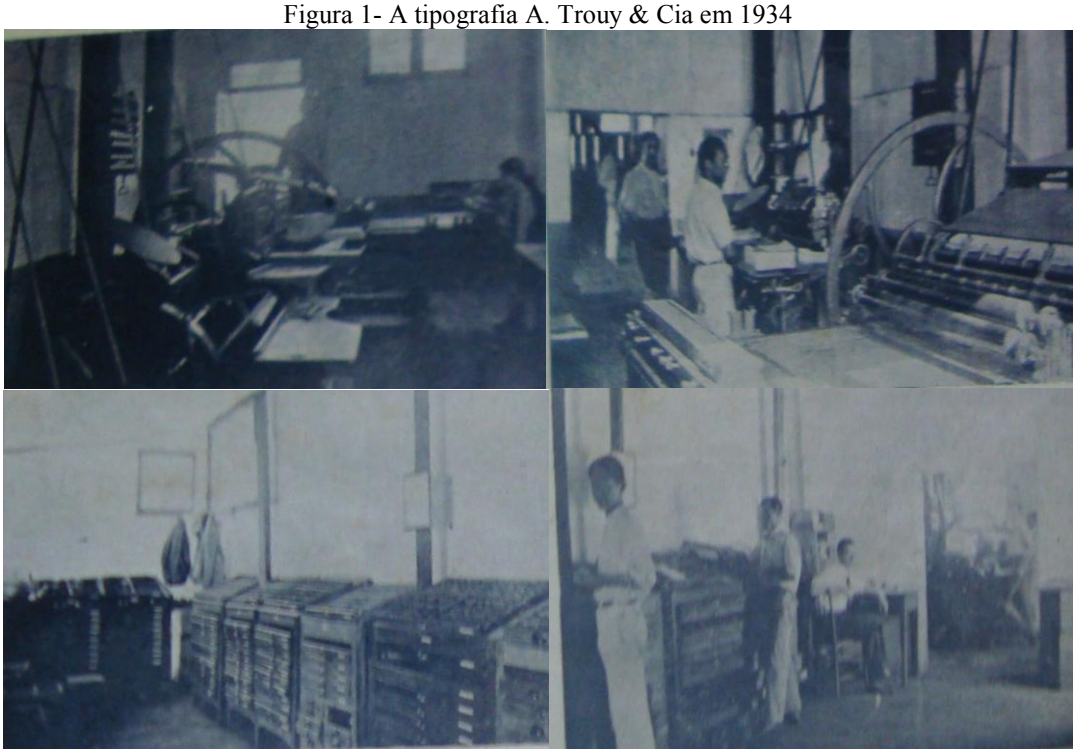
Esse balanço editorial da Revista *Folha da Serra* é importante para conhecer seus produtores e localiza-los em meio aos conteúdos da Revista, bem como, no meio social que

ocupa. Além do mais, esse movimento editorial pode fornecer indícios de como o periódico caminhou durante sua existência. É de suma importância realizar um estudo aprofundado sobre o corpo editorial da *Folha da Serra*, e assim o faremos em estudos posteriores.

O artigo "A imprensa em Mato Grosso", escrito por Estevão de Mendonça, do Instituto Histórico Brasileiro, faz um retrospecto da história da imprensa em Mato Grosso ao apresentar os primeiros jornais e revistas que circularam no estado[13]. O autor encerra seu artigo afirmando que "Cuiabá, Corumbá e Campo Grande são as três cidades com maior número de jornais" [14] no estado e que a "revista mensal *Folha da Serra* honra a intelectualidade campo-grandense" (RFS, n.23, ago/1933, p.18. Grifo original).

Outro artigo que vale a pena analisar é: "O desenvolvimento da indústria gráfica em Campo Grande" (RFS, 1934 n. 36, p. 17-19), expõe fotografias da tipografia A. Trouy & Cia, como mostra o conjunto de imagens dispostas na Figura 1:

Figura 1- A tipografia A. Trouy & Cia em 1934



[13]Cuiabá (1839), Corumbá em 1877, em 1894 respectivamente aparece em Nioaque, Miranda, Aquidauana, Bela Vista, Ponta Porã, Campo Grande e Três Lagoas (RFS, n. 23, ago/1933, p. 18).
[14]O autor não deixar claro em qual momento se refere.

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 36, set/ 1934, p.17-19.

O artigo menciona que:

> Focalizamos hoje nestas páginas o desenvolvimento em Campo Grande de uma pequena indústria qual seja a da arte gráfica e o crescer constante do comércio de livros – prova evidente da nossa evolução espiritual e intelectual. Conta a nossa cidade com 4 livrarias, mais ou menos bem montadas e com regular movimento e outras tantas papelarias nas mesmas condições. Possui ainda umas 5 tipografias para impressão de jornais e uma é para serviços de obras, ou seja impresso em geral. Entre estas casas se destaca a da firma A. TROUY & CIA. que reúne seções de Livraria, Papelaria, Tipografia e Obras e de Jornais e uma pequena seção de Encadernação. Fundada há cinco anos apenas, esta casa foi se impondo desde logo pelo trabalho profícuo de seus dirigentes e progressivamente crescendo (RFS, n. 36, set/1934, p. 18. Grifo original).

O artigo especifica ainda, a função exercida por cada funcionário na tipografia, além de informar a quantidade de prestadores de serviços, "trabalham atualmente na casa 14 pessoas" (RFS, n. 36, set/1934, p. 18), como sintetizamos no Quadro 2 a seguir, contudo este tipo de informação mais detalhada sobre o quadro de funcionários não era recorrente, o único indício visto com maior frequência aparecia na capa do periódico, que normalmente trazia apenas os nomes do diretor, redator chefe e gerente do periódico:

Quadro 2- Funcionários da Tipografia A. Trouy & Cia. em 1934

Nome	Função
A. Trouy	Sócio e gerente
J. Martins de Barros	Sócio e chefe do escritório
José de Almeida	Guarda livros
Srta. Maria Morais	Da seção de Livraria
Heitor Ouriveis	Da Seção de Encadernação
Nerone Maiolino	Auxiliar
Aristides Lima	Da seção Gráfica
Otaviano de Souza	Impressor
Oscar Valentim	Impressor
Manoel Cerqueira	Tipógrafo
Issac P. dos Santos	Não citado
Osvaldo Leite	
Davino L. Rocha	
Bento Matos	

Fonte: Elaborado pela autora com base na Revista *Folha da Serra* n. 36, set/ 1934, p.17 a 19.

O artigo "O desenvolvimento da indústria gráfica em Campo Grande" evidencia os jornais e revistas que a tipografia A. Trouy & Cia imprimia, distinguindo jornais de revistas e as localizações dos mesmos:

> Imprimem-se nas suas oficinas os seguintes jornais:' 'Jornal do Sul' e 'O Debate' desta cidade e 'O Brasil Moderno', de Aquidauana" e as revistas "'Folha da Serra', 'Civilização', 'Guarani' e 'Boletim da União dos Sargentos de Mato Grosso', todos de Campo Grande crescendo (RFS, n. 36, set/1934, p.19).

Além de prestar serviços para repartições públicas:

> [...] trabalha para quase todas as repartições públicas locais, unidades militares da Região, tanto as daqui, como as de Ponta Porã, Bela Vista, Aquidauana, Coimbra[15] etc., para o comércio em geral e para quase a totalidade das Prefeituras dos municípios do sul do Estado (RFS, n. 36, set/1934, p.19).

É interessante atentar para o fato de que o título do referido artigo carrega aquilo que deveria ser o objetivo do texto – pelo menos era o que prometia aos olhos do leitor, ou seja, contar como foi o desenvolvimento da indústria gráfica, – contudo, o artigo usa de estratégia e expõe em boa parte do texto, o progresso de uma tipografia em especial, A. Trouy & Cia, responsável pela impressão da RFS. Esse fato demonstra uma tentativa de dar importância à esta tipografia na região sul de Mato Grosso na década de 1930. Logo, podemos identificar essa tentativa, como uma estratégia por parte dos responsáveis pela editora, que no caso, são

[15] Corresponde ao Forte Coimbra, distrito localizado no município de Corumbá.

os mesmos idealizadores da RFS, ao passo que dão margem ao leitor para seguir o raciocínio com base no título e no corpo do texto: o desenvolvimento da indústria gráfica em Campo Grande muito se deu graças à Tipografia A. Trouy e Cia. Foi algo pensado, estudado e articulado, racionalizado por um determinado tempo, com um objetivo específico a ser atingido.

É oportuno destacar o notável jogo estratégico promovido, o que importa aqui, é deixar registrado que o artigo, privilegia a Tipografia A. Trouy & Cia ao expor dados importantes para pensar a imprensa na época. Esses dados se tornam mais completos quando mais tarde, em uma exposição estatística de 1940, apresentada pela Revista, é possível verificar os jornais e revistas que circulavam em Campo Grande. Os jornais eram: *Jornal do Comércio* (diário); *O Progresso* (bissemanal); *O Campo-grandense* (semanal). As revistas eram: *O Ginásio* (mensal); *Ecos Juvenis* (mensal), das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; *Vida Escolar* (mensal), dos alunos do Ginásio Oswaldo Cruz (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p.24. Grifo nosso). Nenhum dos periódicos citados eram impressos na tipografia A. Trouy & Cia em 1934. Essa exposição da imprensa de Campo Grande na RFS é de suma importância e de elevado interesse por parte do corpo editorial, pois é um meio efetivo e sistemático (por meio de dados estatísticos) de mostrar que a cidade era palco de uma elite intelectual e letrada, conferindo ao município ares de um padrão civilizatório presentes nos grandes centros da época.

Com o propósito de levantar os periódicos que estavam em circulação no período de 1930 em Campo Grande e região, foi feito buscas em trabalhos acadêmicos a fim comparar com os dados obtidos por meio da RFS, contudo, pouco foi encontrado[16], há carência de um balanço sistemático e efetivo sobre a imprensa no sul de Mato Grosso.

No que diz respeito à materialidade da Revista *Folha da Serra*, elaboramos um quadro, com base em Biccas (2008, p. 80), que mostra aspectos materiais da Revista, evidenciando uma média por ano (de 1931 a 1940) dos números publicados, média de páginas por número, formato/tamanho, quantidade de seções, número de cores, de ilustrações gerais e, de modo específico, de fotografias, de publicações e de textos/conteúdo escrito, publicidade, e preço, como pode ser visto no Quadro 3, abaixo:

[16] Cf. (SILVA & MOREIRA, 2014).

Quadro 3 – Aspectos materiais da Revista *Folha da Serra* (1931-1940)

Ano	Números publicados	Páginas por número (média)	Formato	Seções	Cores	Fotografias	Ilustrações	Publicidade	Conteúdo escrito	Preço
1931	3	36	24x18,5	2	Duas	12	1	6	29	1$500
1932	12	38	26,5x18	3	Duas	23	3	19	30	1$500
1933	12	40	26,5x18	7	Duas	36	7	13	24	1$500
1934	09	39	26,5x18	4	Uma	31	4	12	25	1$500
1935	03	51	26,5x18	2	Duas	24	9	30	30	2$000
1936	01	149	26,5x18	4	Três	159	23	121	70	-
1937	02	76	26,5x18	3	Uma	100	12	86	35	-
1938										
1939										
1940	06	41	26,5x18	5	Duas	27	13	44	27	-

Fonte: Elaborado com base na *Revista Folha da Serra* (1931-1940), tendo como modelo Biccas (2008, p. 80).

No que se refere ao formato (altura e largura) da Revista, há durante os 10 anos de publicação, uma única mudança. O periódico surge em 1931 medindo (24 x 18,5). Em 1932 os ns. 13, 14 e 15, publicados em conjunto, referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro, informam, por meio de uma nota, que o tamanho do periódico foi alterado, passando a medir (26,5 x 18), correspondendo a 2,5 centímetros a mais de altura e meio centímetro a menos de largura. A nota assinada por "A Direção" intitulada "A Presente Edição: explicação necessária", informa que:

> Por melhor consultar aos nossos interesses e facilitar também o nosso serviço, resolvemos, desta edição em diante, aumentar um pouco o formato desta revista, o que lhe dá também um cunho de maior elegância e perfeição (RFS, ns. 13, 14 e 15, out, nov e dez/1932, p. 3).

O interesse em melhorar a estética da Revista, ou melhor, a estética da recepção deste impresso – ainda que não seja nosso objeto de investigação, é importante ressaltar – indica uma preocupação em relação à materialidade do impresso, com vistas a atingir um maior público leitor, ao tornar a Revista mais atrativa. Com base na citação exposta, a proposta do corpo editorial em melhorar esteticamente a revista, dando maior visibilidade ao aumentar seu formato, indica a possibilidade de pesquisa junto ao público consumidor do periódico, além é claro, de fornecer um maior espaço para anúncios, já que, segundo a revista, seu sustento dependia dos anúncios nela publicados e não recebia nenhum auxílio extra (RFS, n. 19, abr/1933, p. 2).

Além do quê, “no decorrer da década de 1930, as revistas de vanguarda cederam espaço para empreendimentos de caráter comercial, ou seja, que dependiam, valorizavam e disputavam a preferência do leitor”, como lembra Luca (2011, p. 72). Nesse sentido, a RFS pregava em algumas notas editoriais que era a “predileta dos lares” (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/ 1940, p. 19) e em forma de propaganda citava que era a “única publicação ilustrada do Mato Grosso” como um *slogan,* presente nas edições de n. 16 de 1933 até a edição n. 39 de 1935. Essas afirmações não eram acompanhadas de dados que pudessem fundamentar e comprovar tais declarações. Fica evidente que era uma estratégia de divulgação, ao verificar, por exemplo, que já em 1914 havia sido impresso o Álbum Gráfico de Mato Grosso, apesar de não possuir as mesmas características de uma revista, era um material ilustrado, logo, a RFS não era a única publicação ilustrada do estado.

O Álbum de Campo Grande[17], por sua vez, foi publicado em 1939, por iniciativa particular, impresso pela Tipografia O Progressista, concorrente da Tipografia A. Trouy & Cia, isto poderia ser um indício do completo silêncio da RFS em relação ao Álbum, e vice e versa, outro indício eram as semelhanças quanto a materialidade interna e os objetivos propostos entre a Revista e o Álbum.

Com base no estudo de Campos (2015), sobre os álbuns do interior paulista, percebemos algumas características semelhantes no que tange a materialidade do impresso Álbum e a RFS, outra equivalência diz respeito à forma que perpassavam seus objetivos, por meio do "sincretismo verbo-visual", ambos eram "veículos de promoção das regiões onde foram confeccionados e por onde circularam, funcionando como espaço de visibilidade das elites"(CAMPOS, 2015, p. 79; 10).

Apesar do objetivo da dissertação não estar assentado na comparação entre o Álbum de Campo Grande e a RFS[18], é inegável as semelhanças entre ambos, estes aspectos também se repetem nos álbuns fruto do estudo de Campos (2015). Sobre a semelhança entre os impressos, "pesquisadores sociais da mídia são unânimes ao afirmar que a imprensa (jornais, revistas, almanaques e álbuns) da primeira metade do século XX" se transformaram "num verdadeiro produto da então nascente indústria cultural" (CAMPOS, 2015, p. 12). Selecionamos as imagens na Figura 2, a seguir, para evidenciar aspectos semelhantes entre a RFS, o Álbum da Comarca do Rio Preto (estudado por Campos, 2015) e o Álbum de Campo Grande:

---

[17] Disponível em: <http://www.ihgms.org.br/acervo-2/hemeroteca/album-grafico-de-campo-grande-1939> Acesso em: 24 nov 2016.

[18]Demandaria uma futura análise a comparação entre a Revista *Folha da Serra* e o Álbum de Campo Grande.

Figura 2- Aspecto da RFS, Álbum da Comarca do Rio Preto e Álbum de Campo Grande

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 47, nov/1940, p. 17; Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto (Apud CAMPOS, 2015, p. 8); Álbum de Campo Grande (1939, p. 54).

No que tange as fotografias, a RFS afirma ser uma revista em fotogravura, com amplo repertório fotográfico, portanto, trata-se de um gênero sincrético verbo-visual, como visto anteriormente. Deste modo, a fotografia neste periódico assume um lugar de destaque na construção de sentidos, consequentemente o interesse recai também sobre os profissionais

fotógrafos daquele lugar e tempo específico.

A análise na RFS em busca de tais profissionais resultou em apenas três registros, uma nota que dizia: "Trabalho do fotógrafo Octaviano Serra que gentilmente cedeu à Folha da Serra" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 39); Uma legenda com a fotografia de um fotógrafo de Corumbá "O Snr. Miguel Peres, hábil fotografo em Corumbá"; e por fim, na capa da Revista números 43 e 44 (número publicado em conjunto), uma a fotografia do jardim de Campo Grande, com a legenda: "Foto especial de Oriente Studio Katayama para Folha da Serra" (RFS, ns. 43 e 44, jul;ago/1940, capa). Em todas as fotografias publicadas na Revista, havia ausência de assinatura do estúdio ou fotógrafo responsável. Apesar da RFS ter descrito apenas os três casos anunciados acima, onde houve identificação da fonte de seus fotógrafos, este tipo de profissional, segundo Lima (1993), era bastante requisitado entre editores, gráficas, livrarias a fim de comporem material ilustrado para revistas e álbuns, fato este que contribuiu na difusão do uso da fotografia nos séculos XIX e XX. Para Mauad (2005, p. 141) a fotografia, bem como os textos visuais de uma maneira geral, resultam de "um jogo de expressão e conteúdo", que segundo a autora, envolvem três componentes: o autor, o texto e o leitor. O fotógrafo é visto como o componente autor, que faz parte também de uma categoria social, "seja profissional autônomo, fotógrafo de imprensa, oficial ou um mero amador", o que importa é que este autor tem um mínimo de técnica ao manusear uma câmera fotográfica ou melhor, "códigos convencionados social e historicamente para a produção de uma imagem possível de ser compreendida". Este controle no século XIX estava nas mãos de um grupo distintos, de fotógrafos profissionais, já no início do século XX, em resposta ao desenvolvimento da indústria química e óptica, já havia indústrias especializadas em fotografia amadora como o caso da Kodak. Ainda segundo Mauad (2005, p. 141):

> É importante levar em conta também que o controle dos meios técnicos de produção cultural envolve tanto aquele que detém o meio quanto o grupo ao qual ele serve, caso seja um fotógrafo profissional. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que o controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 1950, foi privilégio da classe dominante ou frações dessa.

Portanto, o autor é responsável pela técnica e pela estética da imagem, contudo, "a competência do autor corresponde a do leitor" (MAUAD, 2005, p. 142), ou seja, o sujeito que proporciona sentido ou significado à fotografia é o leitor, conforme uma série de preceitos adquiridos culturalmente, como resultado de uma “[...] disputa pelo significado adequado às representações culturais", princípios estes que garantem uma leitura coletiva desta imagem,

pois estas regras foram culturalmente aceitas "[...] como válidas e convencionalizadas na dinâmica social. Percepção e interpretação são faces de um mesmo processo: o da educação do olhar" (MAUAD, 2005, p. 142).

Ao analisar as fotografias presentes na RFS, atentamos, para o fato de que além de documento a fotografia também é monumento (LE GOFF, 2003). Nesse sentido, corroboramos com Mauad (2005, p. 141): "Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo", portanto o leitor desta fotografia tem de ser capaz culturalmente de ler os códigos produzidos segundo um projeto específico de mundo, o qual está integrado a programações sociais de comportamento, dentro de um dado contexto histórico. Portanto, "[...] a cultura comunica, a ideologia estrutura a comunicação, e a hegemonia social faz com que a imagem da classe dominante predomine, erigindo-se como modelo para as demais"(MAUAD, 2005, p. 142).

No que se refere à média de páginas nas publicações da Revista *Folha da Serra*, o Quadro 3 apresenta uma média anual. Cabe destacar que dos 48 números, somente seis números apresentaram paginação (RFS, n. 2, nov/1931; n. 3 dez/1931; n.45, set/1940; n.46, out/1940; n. 47, nov/1940; n.48, dez/1940), as demais foram contadas manualmente por nós.

Com base no Quadro 3, constata-se que, no ano de 1931 a média[19] de páginas por número era de 36, em 1932 a média se manteve quase a mesma, com 38 páginas, apesar da ocorrência de publicações de números em conjunto. No terceiro ano da Revista, 1933 e 1934 a média foi de 40 páginas, a partir de 1935 a média começa a aumentar de 51, para um *boom* em 1936 cotando 149 páginas com apenas uma publicação, número 40, edição especial em comemoração ao aniversário da cidade de Campo Grande. Em 1937 com três números publicados, a média foi de 76 páginas por edição. Após o retorno das publicações em 1940 a média volta a ser 41 páginas, próxima a quantidade dos quatro primeiros anos de circulação da Revista.

No quesito fotografias (foto) e ilustrações (desenho, charge, figura), elas são destaque na RFS, tanto pela quantidade, como pela qualidade, mas acima de tudo, interessa verificar os usos e as abordagens a partir das imagens. Todos os números da RFS dispõem de fotografias e ilustrações. Tanto nas capas, como no interior das páginas, o cuidado com as imagens evidenciam o quanto elas são significativas e estão carregadas de estratégias editoriais a fim de prender a atenção tanto de leitores alfabetizados, como dos desprovidos de tal habilidade,

[19]Os aspectos apresentados no Quadro 3 foram feitos por meio da utilização de média aritmética simples.

podendo ver e ler as imagens, podendo ser tanto crianças de famílias abastadas que adquiriam a Revista, como também, crianças e adultos que tinham acesso à ela em lugares públicos, uma vez que a *Folha da Serra* também estava disponível na Prefeitura de Campo Grande e na Estação ferroviária da cidade, como será detalhado mais adiante.

Nesse sentido, o ágrafo, ainda que não saiba ler, nem por isso deixa de ter acesso à mensagens vindas dos jornais, revistas, da literatura, cinema, ou de forma oral, que chega até ele por fragmentos, assim a cultura letrada chega de maneira fragmentaria, e a partir dela, o sujeito pode simplesmente bricolar, construir sua própria opinião apoiado na colagem desses fragmentos de narrativas que teve acesso.

A ideia da bricolagem é importante teoricamente em Certeau[20], que parte do princípio de que não há saber que não seja na verdade produto, ou justaposição de vários outros saberes, todo pensamento é na verdade uma colagem de outros pensamentos que tem como resultado outro pensamento e assim copiosamente. Portanto, a cultura para Certeau é plural, heterogenia e múltipla, do mesmo modo, tomamos a RFS como produto cultural, ao passo que externa anseios de um determinado grupo social, que por sua vez, possui traços regionais, mas que ao mesmo tempo dialoga com "projetos de outros grupos em curso na primeira metade do século XX, no Brasil e no mundo", portanto, também é plural, sendo que as temáticas envolvidas em sua páginas remetem à um "projeto coletivo muito maior e em curso no mundo ocidental no período: o projeto liberal burguês", como lembra Campos (2017, p. 5 e 6).

No que tange ao impresso revista, é importante entender o seu processo de desenvolvimento. Ao analisar a história da revista, e em especial, as ilustradas, é importante observar que a relação que se estabelece entre o impresso revista e o leitor é distinta e severamente pessoal (CIVITA, 1990).

Uma das grandes marcas da RFS e motivo de orgulho era ser um periódico ilustrado, como já citado anteriormente, esse fato é bastante divulgado nas propagandas que a Revista passa a transmitir, onde ela se envaidece por ser uma “[...] publicação ilustrada. Dedicada à propaganda do Estado” (RFS, n. 13, 14 e 15, out, nov e dez/1932 p. 15) e contribuir com “farta colaboração literária e variada ilustração sobre o nosso município”. (RFS, n. 13, 14 e 15, p. 19). Na edição de número 30, em 1934, como já citado no início deste capítulo, a Revista define seu perfil editorial “o nosso magazine não é literário", mas sim "um repertório fotográfico [...]. É uma revista-cine, em fotogravura” (RFS, n. 30, jul/1934, p. 11).

[20] Cf. A obra A cultura no plural de Certeau (1995).

Lima (1989) enfatiza que "a facilidade do entendimento e a força da imagem" foram responsáveis por inserir a fotografia "na vanguarda da transmissão da informação nos meios impressos", pois "a notícia vinculada com a fotografia" (LIMA, 1989, p. 10; 39) em um impresso periódico, sempre ganhará mais destaque e preferência.

Um periódico ilustrado permite condensar em uma única imagem, inúmeros significados, além de ter a função de suprimir a notícia em si. Lima (1989) diz que a essência da reportagem é justamente esta, registrar de maneira dinâmica algo ou um momento. Esse processo de informar e mostrar, acabam então por serem sinônimos, contudo, a fotografia deve ter qualidade e provocar emoção no leitor, este conforme Flusser (2002, p. 57), pode até recorrer ao texto escrito que "acompanha a fotografia para nome ao que está vendo", entretanto, "ao ler o artigo, está sob influência do fascínio mágico da fotografia".

Tendo em vista o grande repertório fotográfico, realizamos um balanço das fotografias e ilustrações presentes em cada número publicado da Revista. Este balanço foi realizado por meio de cálculo com base na média aritmética simples, de cada ano de publicação da Revista. A Tabela 1 a seguir, tem o propósito de mostrar esse panorama de imagens contidas na RFS, para tanto, dispõe da média identificada por ano de publicação, também informa o quantitativo de números publicados por ano, importante dado para realizar a leitura da média de fotografias e ilustrações por ano da Revista.

Tabela 1- Média de fotografias e ilustrações presentes na RFS de 1931 a 1940

Ano	**Quantidade de números publicados**	**Números de fotografias**	**Total de fotografias**	**Número de ilustrações**	**Total de Ilustrações**
1931	3	12		1	
1932	12	23		3	
1933	12	36		7	
1934	09	31	412	4	72
1935	03	24		9	
1936	01	159		23	
1937	02	100		12	
1938					
1939		Não houve publicação			
1940	06	27		13	

Fonte: Elaborado com base na Revista *Folha da Serra* de 1931 a 1940.

Com base no Tabela 1, fica evidente que a concentração de fotografias tem início em 1933, com média[21] de 12 fotografias e uma ilustração por edição. Em 1932 há um aumento tanto no número de fotografias que passa a ser 23, quanto das ilustrações que tem um tímido avanço, em média três por número. No terceiro ano de publicação da RFS, as fotografias marcam a média de 36 e as ilustrações sete. Em 1934, as fotografias apresentam uma leve queda com 31 e as ilustrações apenas quatro. Em 1935 o número de fotografias continua a cair, somando 24, já as ilustrações apresentam alta com nove por número em média. O ano de 1936 contou com apenas uma publicação registrando 159 fotografias, este grande salto se justifica pela edição especial de aniversário da cidade de Campo Grande, a edição n. 40 registra 23 ilustrações. Em 1937 o número de fotografias publicadas resultou na média de 100 e as ilustrações 12. No último ano de circulação da RFS, as médias de fotografias foram de apenas 27 e as ilustrações 13, o que evidencia um decréscimo, ficando o auge nos anos 1936 e 1937. Nos anos de 1938 e 1939 não há publicação, essas interrupções são justificadas em determinados momentos, outras não, como veremos com maior detalhe a seguir. Interessante comparar a soma das médias de fotografias, totalizando 412 e a soma das ilustrações, 72, o que corresponde a menos de um quarto de fotografias. Sem dúvida a Revista privilegia as fotografias, talvez pelo seu forte "impacto cultural" (GASKELL, 1992, p. 241) e promoção de um *status quo* social e estético.

Mas é a partir dos anos 1940, segundo Monteiro (2012), que a fotografia inicia seu processo de expansão e aprofundamento das técnicas de produção, edição e reprodução. Nesse contexto os meios de imprensa passaram a abusar de imagens fotográficas (MONTEIRO, 2012). Acreditamos que por tratar-se da década de 1930, numa região do interior do país, a tipografia A. Trouy & Cia tenha tido bastante dificuldade de se manter como uma revista ilustrada, o que justifica as oscilações no número de imagens por edição, como demonstrado na Tabela 1.

Segundo Civita (1990, p. 129), os anos trinta estiveram envoltos por acontecimentos impactantes na imprensa, a segunda guerra mundial e "principalmente" o Estado Novo "arrefecem o ímpeto empreendedor das empresas jornalísticas". Este é um momento marcado pela censura do DIP, contudo, segundo o autor, "Contraditoriamente, é nos anos trinta que se dá o salto para a internacionalização da publicidade, com a vinda de grandes agências norte-americanas para o Brasil, acompanhando suas grandes contas" e contribuindo a partir de então

[21]Média aritmética simples.

para a “modernização da própria imprensa, que ganharia impulso com a redemocratização, no pós-guerra”.

Voltando às fotografias da Revista *Folha da Serra*, eram em sua maioria na cor preta e branca, algumas tingidas na cor azul, vermelha e amarela. Apenas uma fotografia foi publicada colorida, a mesma está estampada na capa do n. 31 de 1934, a foto trata-se de uma paisagem com a seguinte legenda “PIPARO – Cachoeira do Rio Amambai – nas proximidades de Ponta Porã, Mato Grosso”. Mesmo com as limitações de produção, as fotografias foram utilizadas pelos editores como meio de destaque da RFS, sendo a única a compor esse tipo de texto não verbal em Campo Grande e em toda a região sul do estado. Isso porque, como expõe Monteiro (2012, p. 20):

> O estatuto da imagem fotográfica que predominava nas revistas ilustradas era o da cópia da realidade e de documento verídico, que procurava apresentar como objetiva e verdadeira a interpretação dos fatos abordados. As revistas ilustradas, através das fotorreportagens, visavam ensinar uma nova maneira de ver, que tanto entretinha e deleitava quanto cumpria a tarefa de informar e difundir uma nova imagem.

Ou seja, além de buscar o estatuto de se aproximar ainda mais da veracidade, também objetivava apresentar uma leitura leve e agradável. Trata-se, evidentemente, de uma estratégia de *marketing*, pois como lembra Tânia de Luca, ao tratar da expansão da imprensa no começo do século XX no Brasil, a preocupação com a materialidade do impresso ganha visibilidade, em resposta “aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro” os quais “aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos povos letrados” (LUCA, 2005, p. 138).

No que diz respeito à localização ou disposição das imagens apresentadas na RFS, não havia lugar específico para elas, com exceção das fotografias para as seções “Página infantil” e “Sociedade Campo-grandense”. No geral as imagens eram dispostas ao longo da apresentação do impresso, desde a capa até a contra capa. No que se refere ao conteúdo das imagens, eram em sua maioria fotografias de homens, mulheres, crianças, paisagem e construções em geral (avenidas, prédios, praças públicas, jardins, comemorações públicas, eventos sociais). Muitas fotografias eram enviadas por correspondência à edição da Revista, pelos assinantes, como suporte de exposição da elite social, como mostra a Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Sociedade representada na Revista *Folha da Serra*

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 31, abr/ 1934, p.22.

Na Figura 3, é visível um dos três indivíduos mais representados nas fotografias, criança, homem, imagem de família e de mulher, que por sua vez configura a figura com maior recorrência na RFS, um fato que justifica essa afirmação, diz respeito a análise do conteúdo da capa da Revista, das 40 capas alguns números foram publicados em conjunto: em 1932 houve publicação dupla n. 11 e 12 (ago e set) e tripla os n. 13, 14 e 15 (out, nov e dez), em 1934 os n. 28 e 29 (jan e fev) e n. 32 e 33 (mai e jun), em 1935 os n. 37 e 38 (jan e fev), 1937 n. 41 e 42 (ago e set) e por fim, 1940 os n. 43 e 44 (jul e ago) compartilharam uma única capa, o que justifica 40 capas para 48 números. Dentre as 40 capas, 16 estampam a fotografia de mulheres[22], seis de lugares públicos[23], cinco de grupo de pessoas[24], três são

[22](RFS, n. 2, nov/1931; n.3, dez); (RFS, n.5, fev/1932; n.6, mar; n.7, abr; n.9, jun; ns.11 e 12, ago e set); (RFS, n 17, fev/1933; n.21, jun; n. 26, nov); (RFS, ns. 28 e 29, jan e fev/1934, n. 35, ago; n. 36, set); (RFS, n. 40, ago/1936); (RFS, n.46, out; n. 47, nov).

mapas[25], sete de paisagem[26], dentre estes números duas capas apresentaram combinado de paisagem e poema[27], duas de homem[28].

A Figura 4 a seguir, retrata uma das 16 capas que apresentam a mulher em seu conteúdo:

Figura 4- Elite social representada na RFS

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 6, mar/ 1932, capa.

Ocupando espaço nobre da Revista, a capa estampa uma mulher "Sta. Sara França da elite campo-grandense" (RFS, n. 6, mar/1932, capa), a legenda enfatiza o lugar de origem da

[23] (RFS, n. 1, out/1931); (RFS, n. 4, jan/1932); (RFS, n.20, mai/1933); (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935; n. 39, ago); (RFS, n. 45, set/1940).
[24](RFS, n.8, mai/1932; n. 10, jul); (RFS, n. 25, out/1933; n.27, dez); (RFS, ns.32 e 33, mai e jun/1934).
[25] (RFS, n. 16, jan/1933; n.18, mar; n.19, abr).
[26](RFS, n. 22, jul/1933; n.23, ago; n.24, set); (RFS, n.31, abr/1934; n. 34, jul); (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940; n. 48, dez).
[27] (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940; n. 48, dez).
[28] (RFS, ns.13, 14 e 15, out, nov e dez/1932); (RFS, ns 41 e 42/ ago e set/1937).

personagem em destaque na fotografia, pertencente a “elite” social de Campo Grande, a menção do lugar social que a mulher ocupa é proposital, pois está vinculado ao conteúdo e lugar que a Revista também ocupa na sociedade campo-grandense.

As elites, por sua vez, são compostas por grupos sociais minoritários, mas que detém um determinado nível de poder – político, econômico – ou são como produto social ou intelectual. Identificar os discursos e imagens, elaboradas e cultivadas historicamente por um determinado quadro de elites, significa entender como se deu o desenvolvimento das relações de interesses de seus agentes, pois são construídos por meio de ações e relações de poder, que ao serem analisadas, expressam suas propriedades sociais, representações de uma dada realidade social, valores, saberes, convicções e projetos (BONTEMPI, 2013).

Nesse sentido, assim como na capa da RFS, exposta na Figura 4, que apresenta a elite social campo-grandense, ao longo das páginas da Revista, é construído um ideal de sociedade campo-grandense elitista. A reunião destas características pessoais, perpassadas pela Revista, tais como, descendência familiar, clubes sociais, esportes praticados, lugares mais frequentados, profissões de prestígio e associações seletas, educa o leitor e indica qual modelo de sociedade detém influência. A Revista *Folha da Serra*, portanto, é influenciada pelas elites de seu tempo e educa por meio deste perfil, onde os indivíduos leitores podem ou não reconhecer seus pares nas páginas da Revista, neste caso, ocorre o processo de distinção[29].

A fotografia em Campo Grande também está intimamente atrelada à construção e veiculação do imaginário de modernidade. Corroboramos com Campos (2004) ao destacar que a imprensa local passa a se apropriar do termo “moderno” como "um *status* de palavra-fetiche (...) A força da expressão era constantemente empregada como sinônimo de novidade, e desta forma produzia fantasias e idealizações, assim como expectativas de vida para além do dia-a-dia" (CAMPOS, 2004, p. 61. Grifo do autor). Assim como a cidade de Campo Grande era reproduzida como sinônimo de progresso e modernidade na RFS, como um ícone que deveria ser copiado e invejado, como veremos no capítulo seguinte. Portanto, ao nosso ver, ser moderno para os campo-grandenses em 1930, entre outros aspectos, era ter sua imagem presente em revistas ilustradas, como a *Folha da Serra*, sobretudo, quando seu rosto representava toda a "elite social campo-grandense", como visto na Figura 4. Nesse sentido, segundo Mauad (2005, p. 152), os clichês fotográficos são como janelas que se abrem para o mundo por meio dos periódicos ilustrados os quais "possibilitaram a divulgação e assimilação

[29] Cf. Bourdieu (2013).

rápida de imagens de pessoas, objetos, lugares e eventos contribuindo, de forma decisiva, para a criação desse novo padrão de sociabilidade".

A Figura 5 exemplifica isto:

Figura 5- Sociedade representada na Revista

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 30, mar/ 1934, p.19.

As Figuras 3, 4 e 5, mostram pessoas com um poder aquisitivo alto, fato identificado pela posição social que ocupam, quase sempre mencionada pela legenda, ou pode ser percebido pelo aspecto material, como por exemplo, a maneira de se vestir, no caso da Figura 5, os dois aspectos são identificados, a legenda cita "Coronel" posição de prestígio na carreira militar, além da maneira elegante com que o grupo está vestido, vestígios que indicam claramente se referem à "elite" social de Campo Grande.

No que diz respeito aos anúncios impressos nas folhas da Revista, eles foram gradativamente ganhando mais espaço. No primeiro número da Revista, o único anúncio veiculado foi sobre a livraria, papelaria, tipografia e encadernação A. Trouy & Cia pertencente ao editor da Revista *Folha da Serra*, Aguinaldo Trouy. Na medida em que a Revista vai conquistando espaço, os anúncios crescem, a maior média registrada conforme mostra o Quadro 3, é de 121 em 1936. Esse aumento dos anúncios, como veremos mais a seguir, é uma das fontes geradoras de recurso no sentido de manter a publicação da Revista, além é claro, do valor referente a assinatura da mesma.

Haviam inúmeras chamadas conclamando para que os leitores fizessem seus anúncios na Revista, como estes: “Anunciai na Folha da Serra” (RFS, n. 6, mar/1932, p. 21) e “para o bem de sua terra anuncie e assine a Folha da Serra” (RFS, ns. 43 e 44, ns. jul e ago/1940, p. 56). Como lembra Campos (2007) a proliferação dos anúncios evidencia o fato de “os impressos passarem a se sustentar como produto”, característico do “jornalismo empresarial que se anunciava”. Além disso, a frequente chamada da RFS para a venda de espaço à anunciantes em suas páginas indica também que Campo Grande era uma região em processo de urbanização e “a publicidade é um meio de comunicação essencialmente urbano” (CAMPOS, 2007, p. 57).

Em 1933 e 1934 o cenário publicitário de anúncios/propagandas[30] permanece com média geral de 13 por número. A partir de 1935 a média começa a subir, com 17 anúncios e 13 propagandas por número. Em 1936 a média geral registra 121 propagandas e anúncios em uma única publicação, n. 40. Já em 1937 ocorre uma ligeira queda com média de 86 por edição, e por fim, no ano de 1940 a média foi de 18 anúncios e 25 propagandas.

Por meio dos anúncios/propagandas é possível identificar o público alvo da Revista, perceber a criação e consolidação de hábitos e costumes da sociedade naquele tempo/espaço, e ainda, compreender a revista como produto e produtor cultural. Por este motivo, é de suma importância ter conhecimento dos anúncios/propagandas veiculados.

As propagandas veiculadas na RFS eram direcionadas a distintos gêneros literários e seguimentos sociais com anúncios voltados ao público feminino (atelier de costura e chapéus, fogão, máquina de costura, enceradeiras elétricas, etc.) ao público masculino (alfaiataria, camisaria, salão masculino, cassino, agência Ford, etc.), às mães que deveriam assegurar “o futuro de seu filho com Tônico Infantil fórmula especial para crianças” (RFS, n. 45, set/1940, p. 19) e “Mães! dai aos vossos filhos, café vermífugo” (RFS, n.4, jan/1932, p.15), às donas de casa, aos comerciantes de agronegócio (máquinas agrícolas, inseticidas, sementes para pastos, etc.), comerciantes de gado e fazendeiros (arame, reprodutor animal, vacinas, veterinário, sal para gado), e ao público em geral (padaria, hotel, restaurante, farmácia, médico, dentista e etc.). Oportuno lembrar que a Revista publicava propaganda de outras cidades do Estado e de fora dele (amplamente discutido no item 2.2 do segundo capítulo), conferindo à Revista, indicação ou intenção de grande circulação.

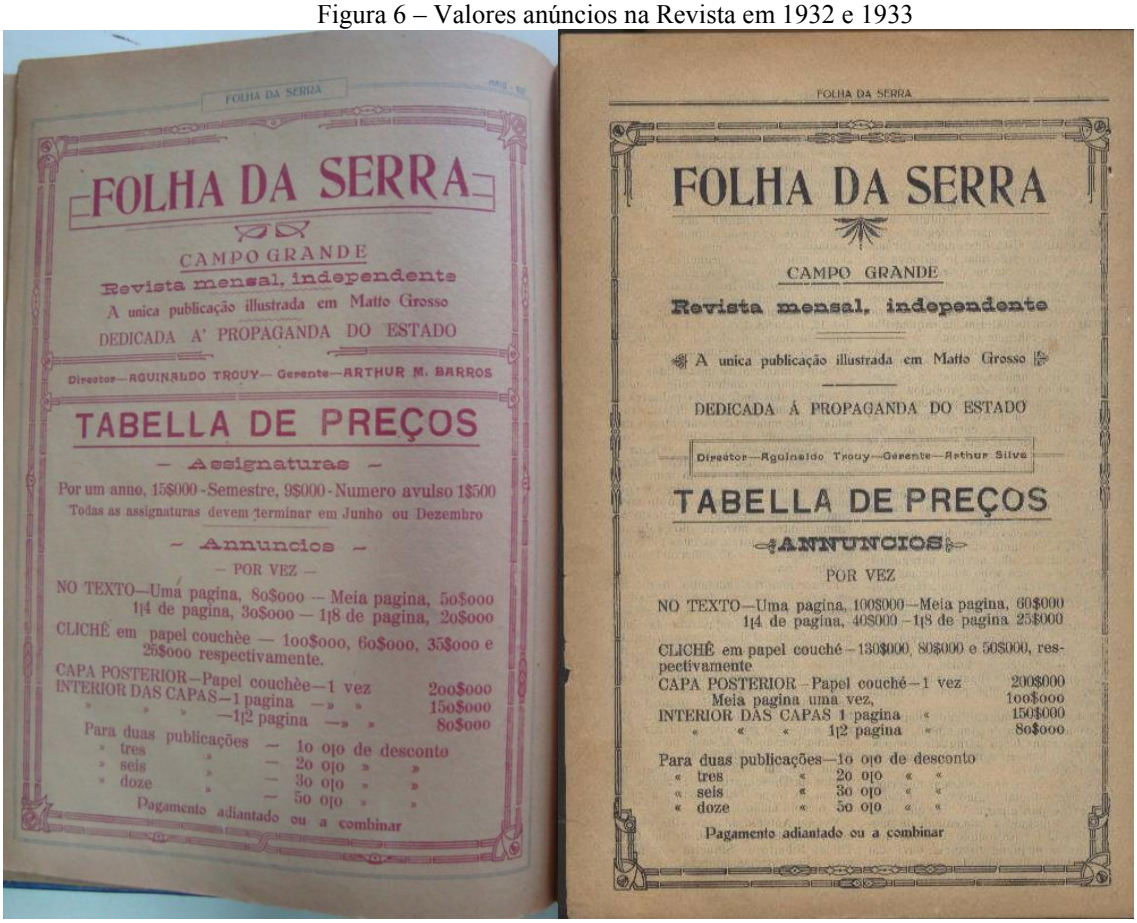
[30] Propaganda aqui é "definida como uma arte de exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais e/ou políticos", no caso do anúncio, "evidencia-se o seu caráter de peça que pretende comunicar ao público as qualidades de um determinado produto. Para tanto, os anúncios veiculam imagens e outros elementos que produzam sentidos e deslocamentos no público que se queria atingir " (BICCAS, 2008, p. 119).

Corroboramos com Biccas (2008, p. 139) ao afirmar que "Os anúncios publicitários, enquanto texto que compõem o suporte material da revista, são um dos elementos fundamentais que influenciam na constituição dos sentidos transmitidos por esse tipo de impresso". Campos (2007, p. 21), por sua vez, sinaliza que "[...] o caráter publicitário de uma propaganda [...] pode ser visto como tão convincente junto ao público quanto um texto prescritivo", portanto:

> Trata-se da educação de uma classe social, para perpetuação de um *modus vivendi* da mesma classe social, com apoio num instrumento de circulação pública [...]. Trata-se, sobretudo, da instauração desse modus vivendi que resulta, como texto, em confronto de ideias entre classes sociais diferentes. Na polêmica constitutiva de um mero anúncio publicitário [...] é possível depreender vozes sociais em confronto, ou seja: os variados segmentos sociais e os variados esquemas de representação (CAMPOS, 2007, p. 21. Grifo original).

Quanto aos valores pagos pelos anúncios, veremos a seguir, que a Revista lança descontos nos preços de anúncios. O pagamento deveria ser negociado com o representante oficial da RFS, senhor Newton Rocha. Havia preços diferenciados para capa externa, capa interna, a ocupação da página também era menos ou mais caro, quanto maior a propaganda, mais espaço e visibilidade ocupava na página, consequentemente maior era o valor a ser pago pelo anunciante. A coloração, o papel, com ou sem figura, tudo tinha custo diferenciado, como informa a Figura 6 a seguir:

Figura 6 – Valores anúncios na Revista em 1932 e 1933



FOLHA DA SERRA

CAMPO GRANDE

Revista mensal, independente

A unica publicação illustrada em Matto Grosso

DEDICADA A' PROPAGANDA DO ESTADO

Director—AGUINALDO TROUY— Gerente—ARTHUR M. BARROS

TABELLA DE PREÇOS

— Assignaturas —

Por um anno, 15$000 - Semestre, 9$000 - Numero avulso 1$500

Todas as assignaturas devem terminar em Junho ou Dezembro

— Annuncios —

— POR VEZ —

NO TEXTO—Uma pagina, 80$000 — Meia pagina, 50$000
1|4 de pagina, 30$000 — 1|8 de pagina, 20$000

CLICHÉ em papel couchèe — 100$000, 60$000, 35$000 e 25$000 respectivamente.

CAPA POSTERIOR—Papel couchèe—1 vez 200$000
INTERIOR DAS CAPAS—1 pagina —» » 150$000
» » » —1|2 pagina —» » 80$000

Para duas publicações — 10 o|o de desconto
» tres » — 20 o|o » »
» seis » — 30 o|o » »
» doze » — 50 o|o » »

Pagamento adiantado ou a combinar

FOLHA DA SERRA

CAMPO GRANDE

Revista mensal, independente

A unica publicação illustrada em Matto Grosso

DEDICADA Á PROPAGANDA DO ESTADO

Director—Aguinaldo Trouy—Gerente—Arthur Silva

TABELLA DE PREÇOS

ANNUNCIOS

POR VEZ

NO TEXTO—Uma pagina, 100$000—Meia pagina, 60$000
1|4 de pagina, 40$000 —1|8 de pagina 25$000

CLICHÉ em papel couché—130$000, 80$000 e 50$000, respectivamente

CAPA POSTERIOR—Papel couché—1 vez 200$000
Meia pagina uma vez, 100$000
INTERIOR DAS CAPAS 1 pagina « 150$000
« « « 1|2 pagina « 80$000

Para duas publicações—10 o|o de desconto
« tres « 20 o|o « «
« seis « 30 o|o « «
« doze « 50 o|o « «

Pagamento adiantado ou a combinar

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 20, mai/ 1932, p.20; n. 16, jan/1933, p. 38

A tabela de valores para anúncios na *Folha da Serra* é publicada pela primeira vez em 1932. A Figura 6 mostra dois anúncios na Revista justamente no período de 1932 e 1933, com o propósito de revelar mudanças nos valores dos anúncios. A primeira tabela de anúncio em 1932, revela uma série de critérios em relação aos anúncios, a diferença no valor varia conforme o destaque dentro da Revista, ou seja, o espaço que o anúncio ocupa no que se refere ao tamanho e também no sentido espaço nobre, como por exemplo o interior das capas (interior da revista), capa posterior (verso da capa e quarta capa) e no texto (em meio a um artigo), a quantidade de repetição, o papel e a presença de imagem. Há desconto para repetições de anúncios, quanto maior o número repetido, maior o desconto: duas publicações 10%, três 20%, seis 30% e 12 tem 50% de desconto[31].

[31]Os critérios são diversos e para cada um deles existem um valor determinado. Em 1933 como mostra a Figura 6, os valores são alterados para todos os critérios, por exemplo, um anúncio de uma página no texto em 1932 custava 80$000, meia página 50$000, 1/4 de página 30$000 e 1/8 de página 20$000. Em 1933 os preços sobem, uma página passa a custar 100$000, meia página 60$000, 1/4 de página 40$000 e 1/8 25$000. O cliché em papel couchê em 1932 uma página 100$000, meia página 60$000, 1/4 de página 35$000 e 1/8 de página 25$000. Em 1933 os valores para o clichê em papel couchê são "130$000, 80$000 e 50$000, respectivamente" (RFS, n. 20, mai/1932, p.20) apenas estes três valores são identificados, subtende-se que são para uma página, meia e 1/4 de página, descartando a opção de 1/8 de página. Por fim o último critério é descrito como capa posterior,

Os versos das capas, editorial e quarta capa eram lugares de destaque, reservado para artigos, notas importantes e no caso de anúncios que porventura gostariam de um espaço privilegiado o custo era elevado como mostra a Figura 6, porque detinham maior vislumbre dos leitores. Os anúncios que circularam nestes locais eram: livraria, papelaria, tipografia e encadernação A. Trouy & Cia, Ações da Companhia Petrolífera Copeba; Companhia de Seguros; Empresa Rio-grandense de Mate Ltda; Indústria de cerâmica; Farmácia; Hotel; Médico; Remédios; Casas de artigos; Terrenos à venda; e Reprodutor animal. Eram também veiculados no verso da capa artigos de destaque, como fotografias de representantes políticos, como mostra a Figura 7:

Figura 7 – Publicidade no verso da capa

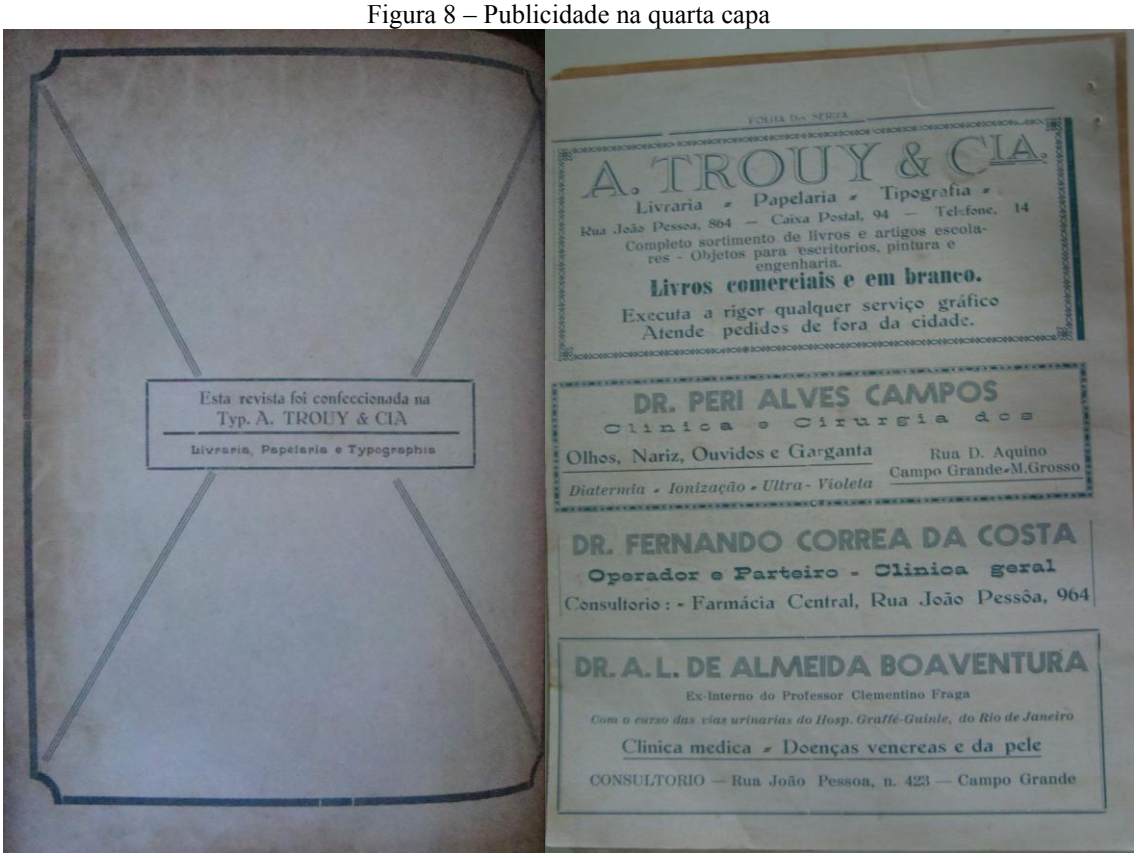
Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 2, nov/ 1931, verso da capa.
Revista *Folha da Serra* n. 31, abr/1934, verso da capa.

A Figura 7 mostra dois exemplos que constantemente eram veiculados no verso da capa na Revista *Folha da Serra.* A publicidade estampava Getúlio Vargas "atual chefe do governo provisório" (RFS, n. 2, nov/1931, verso da capa) e em 1934, o verso da capa publicava o anúncio de uma página inteira da "Companhia Internacional de Capitalização"

localizada no verso da capa e a quarta capa. Em 1932 a capa posterior em papel couchê, anúncio publicado apenas uma vez, o valor era de 2000$000. No interior das capas (papel comum) uma página apenas uma vez o valor era 150$00 e meia página 80$000, as repetições como já mencionado gerava desconto. Em 1933 estes critérios especificamente não sofrem alteração no valor, permanecem os mesmos de 1932. O pagamento tanto em 1932 quanto em 1933, 1934 e 1935 poderiam ser adiantado ou a combinar.

(RFS, n. 31, abr/1934, verso da capa). No que se refere a quarta capa, a Figura 8 a seguir exemplifica:

Figura 8 – Publicidade na quarta capa



Fonte: Revista *Folha da Serra* n.5, fev/1932, quarta capa; n.30, mar/1934, quarta capa.

A Figura 8 identifica duas formas de publicidade veiculadas na quarta capa, a primeira com apenas um anúncio, que proporciona maior visualização e destaque por parte dos leitores da Revista, com os ornamentos e por ser o único a ocupar a página, e a segunda imagem revela uma reunião de anúncios, também bastante comum no interior da Revista.

Feitas as apresentações sobre algumas das dimensões de produção da RFS, passamos, no tópico seguinte, para as dimensões de circulação, com ênfase para as questões em torno da distribuição e periodicidade da Revista.

1.2 Dimensões de circulação da RFS

A que tudo indica, a circulação da RFS acontecia principalmente por meio de assinatura, variando o preço, se entregue em Campo Grande, cidade sede da Revista, ou em outros municípios do sul do Estado. Haviam, pelo que indica o periódico, representantes autorizados para cuidar dos assuntos referentes à assinatura e anúncios da RFS, distribuídos

em diferentes regiões, como expõe, em 1933 a nota com título “Folha da Serra aos nossos leitores de fora do Município”:

> Avisamos aos nossos leitores de fora do Município e do Estado que, devido à dificuldade de mantermos representantes nas localidades afastadas de Campo Grande, que as assinaturas desta revista, para esses lugares, se as desejarem, poderão ser tomadas diretamente, enviando nos em vales-postal ou valor, as importâncias de 10 ou 20$, respectivamente, para assinatura de um semestre e um ano, endereçadas ao nosso diretor ou gerente, caixa postal 94, Livraria Trouy, para onde deverão ser também enviadas quaisquer reclamações.
> São nossos representantes: Em Corumbá – Murillo Gomes Pedroso; em Aquidauana – Eng. Camillo Boni; em Miranda – Humberto Leite; em Três Lagoas – Jornalista Elmano Soares; em Ponta Porã – Dr. Aleindo do Figueiredo; em Bela Vista José Barauna (RFS, n. 17, fev/1933, p. 35).

Em 1934, em nota, a Revista agradece o empenho de um representante da *Folha da Serra* em Porto Murtinho, Ricardo Mosciaro (RFS, n. 35, ago/1934, p.14), isto mostra uma estratégia de circulação e distribuição por parte do corpo editorial da Revista. Além de Porto Murtinho, havia representantes da Revista nos sete maiores municípios na região Sul de Mato Grosso, além de Campo Grande, como já citado. Ainda neste aspecto, destaca-se a publicação do nome dos assinantes da Revista dividido por municípios, como forma de distinção entre o número de assinantes por cidade, além de informar a profissão dos representantes da Revista por município.

Segundo Bourdieu (2013), para entender o termo distinção é necessário discutir as relações simbólicas que caracterizam, diferenciam, um determinado grupo social dos demais. Contudo, realizar esta distinção nem sempre é fácil, já que a história está sempre em movimento, o que significa que há constante deslocamento social, nesse processo, muitos objetos simbólicos não sofrem transição de *status*. Nesse sentido, a distinção está em um contínuo jogo simbólico.

Ser distinto, conforme Bourdieu (2013), é ter seu “olhar” educado a ponto de conhecer e se apropriar de uma cultura supostamente legítima, advindos de um determinado grupo social. No processo de conhecer essa cultura e reconhecer, existe um abismo significativo. Para o autor, o indivíduo que conhece a cultura dita legítima, necessariamente compreende esta cultura e seus signos, já aquele que apenas reconhece a importância da cultura, não entende e nem conhece de fato a cultura. Portanto, aquele que conhece é considerado distinto, ao passo que o que reconhece não domina os signos, configurando como não distinto e inferior pela cultura dominante. Nesse sentido, ao analisar a representatividade imposta pelas

elites campo-grandenses nas páginas da RFS, é possível verificar esse jogo simbólico de distinção.

Por outro lado, a nota intitulada "Folha da Serra aos nossos leitores de fora do Município", fornece aos leitores da Revista um indício sobre a circulação do periódico. Assim, as questões apresentadas na nota nos remetem à categoria de estratégia formulada por Certeau (1998), à luz desse conceito, as práticas desenvolvidas no interior da RFS ganham sentido, pois as mesmas pressupõem um lugar de poder, onde são trabalhados racionalmente e impostos sentidos e valores. Assim, estratégia está entrelaçada com o poder dominante, que impõe, convence, intimida e controla. Assim como afirma Certeau (1998):

> As estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam portanto as relações espaciais. [...] as estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo (CERTEAU, 1998, p. 102. Grifo do autor).

Nesse sentido, as estratégias podem ser vistas tanto na tentativa de dar a ver a Revista com grau elevado de importância e grande circulação e consumo, como também os sentidos e valores que perpassam seu conteúdo, resultado de imposição e convencimento de práticas de normatização vindas de um lugar de poder.

No que se refere à circulação e também distribuição da RFS uma das chamadas para assinatura e anúncio no periódico, do ano de 1934, afirmava:

> Acha-se autorizado por esta gerência a angariar assinaturas e a tratar anúncios comerciais nas praças de S. Paulo e Rio e também em diversas cidades mato-grossenses o sr *Newton Rocha*, com quem se poderão entender os interessados (RFS, n. 32 e 33, maio e jun/1934, p. 28. Grifo original).

Como já mencionado, a Revista tinha um representante oficial que era incumbido de fechar assinaturas com o público leitor e interessados comerciais em anunciar. Interessante observar que a Revista cita as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, indicando que nelas havia público assinante e anunciante da Revista. Esta estratégia de divulgação e elevação da importância do periódico, criadas pelos editores da *Folha da Serra*, são, ao nosso ver, mecanismos idealizados com objetivo de formar uma representação para a Revista, de prestígio, as imagens divulgadas em suas páginas também revelam isto. O destaque para a elevada circulação e a expansão para além das fronteiras do Estado podem ser vistos no

anúncio “Revista Arte de Bordar” do Rio de Janeiro, na edição n. 19 e 20, de 1933 e do “sabonete Lever” produzido em São Paulo, no n. 23 de 1933. Além disso, a lista de assinantes também identifica leitores fora de Mato Grosso. Outra estratégia de divulgação e circulação – apesar das permutas e encomendas serem comuns entre periódicos – são as publicações das permutas e agradecimentos pelo recebimento de jornais e revistas da região, de fora do Estado e até mesmo de fora do país

Em 1932, a revista apresenta a nota “Folha da Serra em Manaus” e afirma que:

> Sobre nossa mesa de trabalho temos um exemplar de ‘O Jornal’ que se edita em Manaus sob a direção do jornalista Henrique Archer Pinto. No seu número de 11 de janeiro findo inseriu esse bem feito jornal amazonense, uma nota que muito nos desvanece anunciando a oferta dos exemplares n. 1 e 2 de nosso modesto mensário, oferta essa ali feita espontaneamente pelo Snr. Antero B. de Barros, quanto como inspetor fiscal de Mato Grosso, se encontrava. Mui gratos ficamos aos nossos confrades amazonenses pelas palavras animadoras com que fomos distinguidos (RFS, n. 6, mar/1932, p. 15).

A citação remete novamente a estratégia de circulação da Revista, que aparece citada no jornal de Manaus-Amazonas. Interessante observar a maneira como o editorial escreve ao se referir à RFS “nosso modesto mensário”, é necessário permanecer alerta quanto a estas investidas retóricas, sabe-se que a imprensa de modo geral, sobretudo, uma publicação de circulação geral, como já discutido na introdução, está repleta de intencionalidades, direcionamentos e crivos seletivos. Portanto, a Revista se declara modesta, mas indica imposição e astúcia, ao passo que utiliza a nota como estratégia a fim de mostrar ao leitor o quão importante é a Revista ao destacar que a oferta feita pelo jornal de Manaus foi “espontânea” e o incentivo dado por meio de “palavras animadoras” (RFS, n. 6, mar/1932, p. 15).

Podemos destacar dois tipos de escritas características, não apenas da RFS, mas da imprensa em geral, que serviam como ferramentas estratégicas nas mãos dos editores de periódicos: a "modéstia", como já evidenciado, e a superestima (de vendas, circulação, tiragem, etc.), que por sua vez, também era comum nas publicações da época, fossem elas grandes ou pequenas (BAHIA, 1990; SODRÉ, 1977; CAMPOS, 2004).

Em 1933 a Revista anuncia sob o título “A Folha da Serra e a imprensa mato-grossense” permuta com os seguintes periódicos “‘Tribuna’ e ‘Diário da Manhã’, de Corumbá; ‘A República’ e ‘O Imparcial’ desta cidade; o ‘Mato Grosso’ e a ‘Plebe’, de

Cuiabá; a ‘Gazeta do Comércio’, de Três Lagoas; e o ‘Diário da Noroeste’, de Baurú” (RFS, n. 19, abr/1933, p. 2):

> Temos recebido em permuta com a ‘Folha da Serra’, com mais ou menos regularidade além dos jornais acima citados, as seguintes publicações: ‘Revista do Globo’, de Porto Alegre, o excelente quinzenário sul-rio-grandense; a revista ‘Augusta’, de São Paulo; a revista Aérea Condor; ‘A Violeta’, de Cuiabá; ‘A Reação’ de Manaus; ‘A Pena Evangélica’ de Cuiabá e ‘Brasil Novos’, de João Pessoa, Paraíba (RFS, n. 19, abr/1933, p. 2).

Há inúmeras notas informando aos leitores sobre impressos recebidos na redação da RFS, o que contribui na percepção de circulação da Revista, entre eles, em 1934, com o título “Publicações” o corpo editorial agradece e cita todos os impressos recebidos, desde “dados geográficos”, até “orçamento da receita” e “relatório de município”, a revista “Civilização” e os 12 jornais abaixo citados:

> O Estado, O progressista e Jornal do Comércio, de Campo Grande. Folha do Sul, de Aquidauana. Tribuna, de Corumbá. Boletim de Educação Sexual, do Rio. Pelo Império e O Comércio, de Porto União, Sta. Catarina. O Tempo, Juiz de Fora e Folha Mineira, de Minas Gerais. A Farpa, de Jacareí, São Paulo (RFS, n.31, abr/1934, p. 23).

Ainda em 1934, a revista informa novamente sobre “Publicações recebidas”, interessante observar que este tipo de publicação é sem dúvida carregada de estratégia, como discutido anteriormente (CERTEAU, 1998), pois o editor da RFS aproveita a oportunidade ao receber estas publicações de outros impressos, e ao mesmo tempo que agradece o recebimento de tais impressos, fazendo certa propaganda destes, também se vale do momento oportuno e demonstra aos seus leitores, o quanto a *Folha da Serra* é articulada, publicando o vasto material recebido. O Quadro 4 a seguir sintetiza as informações:

Quadro 4 – Publicações recebidas na Redação da Revista *Folha da Serra* em 1934 e 1935

Local	Jornal 1934	Revista 1934	Revista 1935
Campo Grande	O Estado; O Progressista; Jornal do Comercio; O Imparcial; O Debate; Jornal do Sul	Civilização; Guarani; Comercial	Cruzeiro do Sul (Boa impressão da Tipografia União); Revista da Academia Mato-grossense de Letras (onde se pode bem avaliar o grau intelectual a que chegamos) O Campo-grandense (Órgão comercial e informativo)
Ponta Porã	A Folha do Povo	_____	_____
Aquidauana	Folha do Sul	_____	_____
Corumbá	Tribuna; O Bajulador	_____	_____
Três Lagoas	Gazeta do Comércio	_____	_____
Lageado	O Araguaia	_____	_____
Cuiabá	O Mato Grosso; O Evolucionista	_____	A Violeta
Rio de Janeiro	_____	Revista de Higiene; O Farmacêutico Brasileiro; O Reformador (Órgão da Federação Espírita Brasileira); Boa Nova; Revista Brasileira de Notariado	A Boa Nova
Santa Catarina	Pelo Império; O Comércio	_____	_____
Paraná	Meu Jornalzinho	_____	_____
São Paulo	A Farpa; Gazeta da Noroeste; *Le Bourdon;* O Sorriso	Augusta (redigido em italiano)	Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo; Augusta
Espírito Santo	_____	Revista do Instituto Histórico Geográfico	_____
Pernambuco	Tempos Novos	_____	_____
Ceará	O Jornal; O Arauto Colegial; Santuário São Francisco	_____	_____
Acre	O Acre	_____	_____
Goiás	Anhanguera	_____	_____
Rio Grande do Sul	A.B.A.C.	_____	_____

Bahia	O Povo	_____	_____
Minas Gerais	O Tempo; Juiz de Fora; Folha Mineira; A Tribuna; A Vanguarda; O Popular; O Momento; Libelo do Povo	_____	_____
Buenos Aires	_____	*Aquarius* (Órgão da Escola Esotérica Raumsol)	*Aquarius*
México	*El Pueblo*	_____	_____

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Revista *Folha da Serra* n. 34, jul/1934, p. 2; n. 31, abr/1934, p.24; ns. 37 e 38, jan, fev/1935. p. 2.

O Quadro 4 proporciona uma visualização da circulação da Revista *Folha da Serra*, no que se refere a Campo Grande, indicando o recebimento de seis jornais e seis revistas. No Estado ainda aparecem Lageado, Aquidauana e Ponta Porã com apenas um jornal cada, com dois jornais cada tem-se Corumbá e Três Lagoas. Cuiabá registra dois jornais e uma revista. Interessante destacar que dentro do próprio estado a Revista não é tão circulada como esperado, uma especulação para tal situação, seria a presença de um certo ranço entre os grupos de jornalistas, motivo para o qual ambos não fossem bem aceitos. Fora do Estado, Minas Gerais ganha destaque, com oito jornais recebidos. No que tange ao impresso revista, o destaque fica para o Rio de Janeiro, com cinco revistas recebidas na Redação da *Folha da Serra*. São Paulo também se destaca com quatro jornais e duas revistas. Outros estados aparecem, tais como Ceará com três jornais, Santa Catarina com dois jornais, os estados do Paraná, Pernambuco, Acre, Goiás, Rio Grande do Sul e Bahia apresentam cada um, um jornal, e Espírito Santo uma revista. Apesar da pouca recorrência dos últimos estados citados, a Revista faz questão de mencionar cada um, pois atribuiu importância à Revista além de indicar vasta circulação, mesmo em estados tão distantes de sua sede em Campo Grande. Não se pode deixar de notar também as duas citações internacionais: Buenos Aires com uma revista e México com um jornal. Nesse sentido com base nos dados organizados no Quadro 4, a Revista *Folha da Serra* aparece com maior destaque fora do estado de Mato Grosso.

É notável, portanto, mais uma vez, a estratégia de importância dada ao periódico, visto no momento em que, a RFS ao citar os impressos e expor um resumo dos mesmos, transparece a impressão que o editor deseja passar aos seus leitores. Em sua maioria os responsáveis pelos periódicos são colaboradores da RFS, mostrando novamente que a permuta é amplamente utilizada como estratégia de circulação e superestima por parte dos

editores da *Folha da Serra*, ao passo que também indica orgulho em gozar de nomes pertencentes a elite letrada no rol de colaboradores da Revista. Cita, por exemplo, a revista da Academia Mato-grossense de Letras e enfatiza a intelectualidade do estado "onde se pode bem avaliar o grau intelectual a que chegamos" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.2).

Outro momento que exprime de maneira nítida o conceito de estratégia, é a referência que faz a tipografia em Campo Grande "Matéria variada e seleta. Boa impressão da Tipografia União" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.2), o editor utiliza, portanto, dos dois conceitos simultaneamente, sabido que a RFS é impressa pela tipografia A. Trouy, o editor arrisca anunciar a concorrência, valendo-se de mostrar ao leitor que Campo Grande é industrializada, no sentido de possuir mais de uma tipografia.

Outros tipos de recebimentos também são anunciados, como por exemplo, livros e bebidas (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p. 17; 18), entre outros, porém, os mais comuns são os já citados impressos recebidos, além de colaborações de pessoas notáveis na revista, como por exemplo, a nota "Novas colaborações":

> As magníficas produções do presente número, sob os títulos 'Velho Solar', 'Amor e Saudade', e 'Felicidade', são da autoria, a primeira de um amigo nosso residente na Bahia e os últimos de jovens poetas da capital federal. O Sr. Nelson de Araújo Lima é o autor consagrado dos dois livros de versos 'Símbolos' e 'Remígios'. O Sr. Clodoaldo tem já no prelo o seu primeiro livro 'Minhas emoções', com que estreará nas nossas letras. Aos três jovens poetas os cumprimentos de Folha da Serra e o desejo de que nos continuem a distinguir com suas produções (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p. 24).

No que se refere a colaborações, em 1936 é publicado um apanhado dessas personalidades com direito a fotografia e um breve esboço do currículo dos mesmos, sob o título "Colaboradores da Folha da Serra", como elucidamos no Quadro 5, a seguir. A RFS faz questão de citar pessoas de prestígio que de alguma maneira participam de suas edições:

Quadro 5 – Colaboradores da *Folha da Serra* em 1936

Colaboradores	Caracterização
Severino Ramos de Queiroz	Professor de Português no Internato Osvaldo Cruz
Armando Carmelo	Um dos nossos mais assíduos colaboradores
Anibal Verlangieri	Professor de Geografia do Ginásio Osvaldo Cruz
Dr. Ermirio Coutinho	Conhecido pediatra nesta cidade
Candia Mora	Professor de Desenho
Professor João Evangelista de Almeida	Professor
Adv. M. Garcia de Souza	Brilhante colaborador
Pedro Paulo de Medeiros	Jornalista e poeta corumbaense
Professor Luiz Alexandre de Oliveira	Atualmente no Rio de Janeiro
Sr. Plotino de Aragão Soares	Não citado
Acilino Erico Zeferino	Brilhante jornalista mato-grossense e alto funcionário da Administração dos Correios de S. Paulo
Advogado Luiz da Costa Gomes	Diretor do jornal local 'O Progressista'
Dr. Alcindo de Figueiredo	Ilustre e competente médico nesta cidade
Dr. Arnaldo de Figueiredo	Abalizado agrimensor, ex-prefeito de Campo Grande
Dr. Dolor Ferreira de Andrade	Proficiente advogado nesta cidade, presidente do sindicato dos criadores, pelo qual vem trabalhando sem desfalecimento
Luiz Feitosa Rodrigues	Poeta corumbaense
Lobivar Matos	Não citado
Valerio de Almeida	Não citado
Timoteo Rostey	Não citado
Jeronimo Bonfim	Não citado
Arlindo de Andrade	Advogado

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Revista *Folha da Serra* n. 40, ago/1936, p. 86 a 89.

Em nota, o corpo editorial da Revista justifica o apanhado de colaboradores citados:

> 'Folha da Serra', ressurgindo após um ano de inatividade forçada, rende nestas páginas uma sincera homenagem aos seus numerosos colaboradores, que sempre souberam atender ao nosso apelo no sentido de podermos manter em Campo Grande uma revista ilustrada e literária, reflexo ainda que incompleto, do quanto tem progredido material e espiritualmente a nossa dinâmica cidade. Estampando nas diversas páginas desta revista os clichês de muitos dos nossos colaboradores e omitindo, por impossibilidade de os conseguirmos, os de muitos outros, aqui deixamos expressos os nossos agradecimentos aos que tanto os têm auxiliado nessa tarefa árdua de mantermos este mensário (RFS, n. 40, ago/1936, p. 87).

No decorrer das publicações com início em 1932 n. 6 até 1940 n. 45, há menção da Revista aos seus colaboradores, ora identificando-os, ora apenas agradecendo de maneira geral e homenageando, ora convocando colaboradores à publicarem na Revista.

No que diz respeito aos assinantes da RFS, há publicações divulgando nomes dos assinantes no decorrer de 1933 (n. 20; n. 21; n. 23 e n. 25). A primeira vez que a Revista torna público os nomes dos assinantes nos diversos lugares do estado e fora dele também, é em 1933, onde é notificado 20 nomes em Cuiabá; 15 em Aquidauana; três em Coxim e Rio de

Janeiro; dois em Ponta Porã e São Paulo; um em Entre Rios, Bela Vista, Vista Alegre, S. Luiz de Cáceres, Miranda, Campinas, Campos do Jordão, Jundiaí, Juiz de Fora, Ponta Grossa, São João Del Rei e Recife (RFS, n.20, mai/1933, p. 23). No Quadro 6 apresentamos os nomes dos assinantes:

Quadro 6 – Assinantes da Revista *Folha da Serra* em maio de 1933

Cuiabá	Ponta Porã	Coxim
Antonio de Arruda Pinto	Arthur Mendes Rocha	Jorge Castilhos
Antonio Abedala Herane	João Batista Fernandes	Cel. Antonio João Ferreira
Arthur Pereira Mendes	Entre Rios	Profa. Eugenia Ferreira
Balbina Amarante Orlando	Manoel Bento Nogueira	Aquidauana
Cel. Daniel de Querioz	Bela Vista	Dr. Camilo Boni
Cizenando Rabelo	Abilio de Sá	Francisco Molinari
Dr. Alberto Novis	Vista Alegre	Congregação Redentorista
Dr. Olegario Moreira de Barros	Henrique Said	Triandafilos Triandafilides
Francisco Eudoxio	São Luiz de Cáceres	Azia Scaff
Francisco Mechi	João Curvo	Luiz Mongeli
Francisco Rufino da Silva	Miranda	Nicolau Tanvacopulos
Hildebrando de Matos	Prefeitura Municipal	Silvestre Galvão
João Pedro de Arruda	Campinas	Nagib Maksoud
Jorge Droux	José M. Garcia	Polidoro Gonçalves
José Rachid Jaudi	Campos do Jordão	Eli Rangel
Josiano Viegas de Oliveira Paes	Sta. Marieta Brandão	Filaretos Diacopulos
Julio Muler	Jundiaí	Dr. Lima Avelino
Nilo Povôas	Antonio Trigo Martins	Antonio Mendes
Sebastião Teodorico	Juiz de Fora	Alfredo Ferreira Braga
Severiano Godofredo de Albuquerque	D. Yolanda Pinheiro	Rio de Janeiro
Recife	Ponta Grossa	Alvino Pereira da Rosa
Sarg. Olímpio Souza Leitão	Alfredo Pedro Ribeiro	Oswaldo Teixeira
São Paulo	São João Del Rei	Sta. Maria Sabina Albuquerque
José de Faria Ribeiro	Dr. Euclides Garcia de Lima	-
Rui Barbosa Martins	-	-

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Revista *Folha da Serra* n. 20, mai/1933, p. 23.

Destacamos no Quadro 6, nomes de mulher, nomes acompanhados de titulação e estabelecimentos públicos. Em Cuiabá foi registrado entre os 20 assinantes uma mulher, um coronel e um doutor. Em Recife o único assinante é um sargento. Em Miranda a assinatura está endereçada a Prefeitura Municipal. Campos do Jordão registra uma assinante "senhorita", Juiz de Fora com apenas uma assinante "Dona", São João Del Rei apenas um assinante "Doutor", Coxim entre os três assinantes tem-se uma professora e um coronel, em Aquidauana entre os 15 assinantes tem um doutor e uma "Congregação Redentorista", no Rio de Janeiro, dos três assinantes registra-se uma denominada "Senhorita". Este filtro entre os assinantes é importante para destacar a ampla presença de nomes masculinos, três militares e três doutores, dois estabelecimentos públicos são notados (Instituição religiosa e Prefeitura de

Miranda) e timidamente a presença de mulheres: uma professora, uma mulher sem identificação, uma “Dona” (casada) e duas “senhoritas” (solteiras).

Novamente é pertinente se aproximar do conceito de distinção formulado por Bourdieu (2013), ao analisar a maneira como a RFS distingue os assinantes propositadamente,pois se vale da titulação como uma forma de mostrar prestígio e exibir o rol de elites, sejam elas do meio político, religioso, espaço público, cultural ou social, além do mais, promove uma estratégia de circulação do periódico, ao distinguir além dos nomes, a origem de cada assinante.

Não há registro por parte da Revista, quanto aos assinantes moradores de Campo Grande, cidade na qual a Revista estava alicerçada. Esse silenciamento por parte do corpo editorial chama atenção, pois a Revista registra por vezes que a *Folha da Serra* era a predileta dos lares campo-grandenses, como já citado. Logo, podemos induzir que a RFS poderia não ser tão consumida em sua própria cidade, ou os editores estavam tão preocupados em divulgar a Revista para fora do estado e do município, ou até mesmo, sinalizar que o periódico era lido fora de Mato Grosso – um dos principais objetivos da RFS, difundir para fora do estado o sul de Mato Grosso e principalmente a cidade de Campo Grande – que acabou por deixar escapar essa importante informação aos leitores do periódico.

Em contrapartida, Cuiabá apresenta um elevado número de assinantes, uma hipótese era o interesse por parte das elites cuiabanas, em verificar o que era publicado no periódico, tendo em vista o teor do discurso separatista entre Campo Grande e Cuiabá que rondava as folhas da Revista. Um exemplo disso, foi a nota especial dedicada à uma das publicações recebidas na redação da Revista:

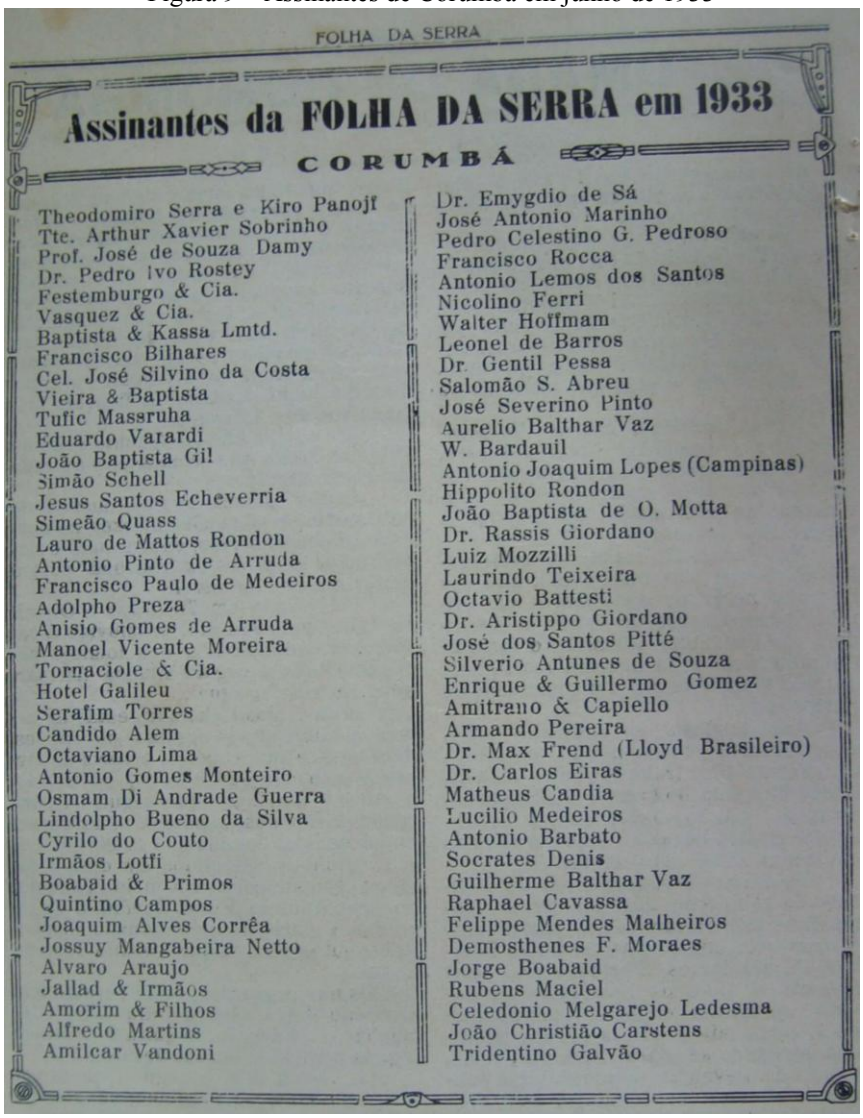
> *A Divisão do Estado de Mato Grosso* – Bem impresso folheto contendo um apelo dirigido pela Liga Sul Mato-grossense do Rio aos deputados á Constituinte, pleiteando a divisão do nosso Estado, como interprete que é das inspirações de grande parte dos habitantes do sul mato-grossense. Documenta o pedido com apreciações diversas e dados estatísticos de importância inegável (RFS, n. 34, jul/1934, p. 2. Grifo original).

Ao analisar mais atentamente o Quadro 6, é possível notar que a maioria das cidades citadas fora do estado de Mato Grosso, pode ser fruto de permuta ou um colaborador da Revista, pois apresentam em sua maioria apenas um assinante por cidade. De certa forma, o importante para os editores, era pontuar o maior número possível de cidades onde existia, apesar do fraco número de assinantes, a presença da *Folha da Serra.* Nesse sentido, os conceitos de tática e estratégia (CERTEAU, 1998) podem ser aplicados, ao passo que o corpo

editorial utilizou de ambos, primeiro a estratégia de circulação e distribuição, em seguida, a tática de expor o máximo de cidade possível, não importando a quantidade de assinantes por cidade.

Em 1933 a Revista lista 82 assinantes da Revista em Corumbá (RFS, n. 21, jun/1933, p. 67), este número registra assinantes de Corumbá pelo número ser dedicado ao município, a Figura 9 a seguir mostra a relação de nomes publicados:

Figura 9 – Assinantes de Corumbá em junho de 1933



FOLHA DA SERRA

Assinantes da FOLHA DA SERRA em 1933

CORUMBÁ

Theodomiro Serra e Kiro Panojf
Tte. Arthur Xavier Sobrinho
Prof. José de Souza Damy
Dr. Pedro Ivo Rostey
Festemburgo & Cia.
Vasquez & Cia.
Baptista & Kassa Lmtd.
Francisco Bilhares
Cel. José Silvino da Costa
Vieira & Baptista
Tufic Massruha
Eduardo Varardi
João Baptista Gil
Simão Schell
Jesus Santos Echeverria
Simeão Quass
Lauro de Mattos Rondon
Antonio Pinto de Arruda
Francisco Paulo de Medeiros
Adolpho Preza
Anisio Gomes de Arruda
Manoel Vicente Moreira
Tornaciole & Cia.
Hotel Galileu
Serafim Torres
Candido Alem
Octaviano Lima
Antonio Gomes Monteiro
Osmam Di Andrade Guerra
Lindolpho Bueno da Silva
Cyrilo do Couto
Irmãos Lotfi
Boabaid & Primos
Quintino Campos
Joaquim Alves Corrêa
Jossuy Mangabeira Netto
Alvaro Araujo
Jallad & Irmãos
Amorim & Filhos
Alfredo Martins
Amilcar Vandoni

Dr. Emygdio de Sá
José Antonio Marinho
Pedro Celestino G. Pedroso
Francisco Rocca
Antonio Lemos dos Santos
Nicolino Ferri
Walter Hoffmam
Leonel de Barros
Dr. Gentil Pessa
Salomão S. Abreu
José Severino Pinto
Aurelio Balthar Vaz
W. Bardauil
Antonio Joaquim Lopes (Campinas)
Hippolito Rondon
João Baptista de O. Motta
Dr. Rassis Giordano
Luiz Mozzilli
Laurindo Teixeira
Octavio Battesti
Dr. Aristippo Giordano
José dos Santos Pitté
Silverio Antunes de Souza
Enrique & Guillermo Gomez
Amitrano & Capiello
Armando Pereira
Dr. Max Frend (Lloyd Brasileiro)
Dr. Carlos Eiras
Matheus Candia
Lucilio Medeiros
Antonio Barbato
Socrates Denis
Guilherme Balthar Vaz
Raphael Cavassa
Felippe Mendes Malheiros
Demosthenes F. Moraes
Jorge Boabaid
Rubens Maciel
Celedonio Melgarejo Ledesma
João Christião Carstens
Tridentino Galvão

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 21, jun/1933, p. 67.

Na Figura 9 assim como foi alvo de destaque no Quadro 6, entre os 82 assinantes existe um número maior de assinaturas em nome de espaços públicos, no total foram 13[32].

[32] São eles: Theodomiro Serra e Kiro Panojf; Festemburgo & Cia.; Vasquez & Cia.; Batista & Kassa Ltd.; Vieira & Batista; Tornaciole & Cia.; Hotel Galileu; Irmão Lotfi; Boabaid& Primos; Jallad & Irmãos; Amorim & Filhos; Enrique & Guilhermo Gomez; Amitrano & Capielo.

Esse número é bastante significativo, em comparação ao número anterior, apesar dos estabelecimentos estarem concentrados em uma única localidade, a cidade de Corumbá. Acreditamos que a circulação da RFS nos espaços públicos permite sua circulação entre pessoas de mundos sociais mais diversos. Registra-se ainda, um assinante professor, um tenente, um coronel e sete doutores. Não há entre os 82 nomes, nenhum referente a mulher.

O número 23 registra 40 assinantes em Campanário. Dentre eles, destacamos um doutor e a Cia. Mate Laranjeira S. A. Em Guaíra, registra-se 11 assinantes, destaque para a Cia. Mate Laranjeira S.A. Na cidade de Ponta Porã são 25 assinantes, no que se refere a espaço público tem-se a Agência do Banco do Brasil e Irmãos Pinto, dois doutores, três coronéis, e uma doutora. Em Maracaju dos dois assinantes, destacamos um doutor. Dos 47 em Rochedo, tem-se uma mulher identificada com "Dona" antes do nome e um coronel. Em Campo Grande, consta apenas oito assinantes perdendo em número apenas para Maracaju, com dois assinantes, dentre eles, uma mulher identificada por senhorita antes do nome (RFS, n.23, ago/1933, p. 84). Ao especificar os títulos dos assinantes, estes registros revelam, portanto, indícios de distinção (BOURDIEU, 2013).

A última vez que é publicado a relação dos nomes dos assinantes é no n. 25 de 1933, referente ao mês de outubro, que publica a continuação da exposição dos nomes dos assinantes, bem como, suas respectivas cidades, Corguinho (Garimpo) com 13 assinantes, nenhum nome de mulher, nem de espaço público e também não há identificação de doutor ou patente militar. Em Miranda e Rio de Janeiro, com sete assinantes cada, Miranda por sua vez, registra o nome de um coronel e uma mulher identificada por "Senhorita", não há menção de espaço público. No Rio de Janeiro, tem-se um coronel, um tenente, um doutor e um espaço público mais uma vez, representado pela Cia. Mate Laranjeira. Em Lavras-Diamantinas (Bahia), há registro de dois assinantes ambas mulheres, uma "Senhorita" e uma "Dona".; Corumbá com três, sendo que um identificado como tenente. Referente a espaço público registra-se "Estação Correntes em nome de Cantalício Monteiro e "Estação de Guaicurus" em nome de Nemesio de Oliveira. Em São Paulo, tem-se apenas um assinante. Em Bomfim (Bahia), uma assinante identificada por "Senhorita". Em Santa Rita do Araguaia, Garimpo do Rochedo e Porto Murtinho somam apenas um assinante cada. (RFS, n.25, out/1933, p. 18). Muito interessante observar que na Bahia tanto em Bomfim quanto em Lavras-Diamantinas os assinantes são exclusivamente mulheres. Outro fato que chama atenção é em relação a brusca queda no registro de assinantes em Corumbá em pouquíssimo tempo, no mês de junho eram 82 assinantes, três meses depois, são registrados apenas três assinantes. Esse fato reforça

a hipótese de que as publicações que expunha os assinantes da RFS era um jogo estratégico feito pelos editores, mas falho se observado atentamente, como o exemplo de Corumbá.

Com base nestas informações pode-se dizer que a RFS procurou mostrar ao seu público seu poder de disseminação e circulação, tendo em vista que alguns assinantes não eram pessoas físicas, mas sim estabelecimentos comerciais e públicos que recebiam inúmera quantidade de leitores. Desse modo, entende-se que a Revista teve circulação tanto no interior do estado de Mato Grosso, principalmente na porção sul, como também em outros diversos estados e dois países, México e Argentina com os quais a Revista permutou. Contudo, houve registro de grande queda no número dos assinantes em Corumbá, evidência de que a Revista não conseguia manter uma quantidade estável de assinantes. O baixo registro de assinantes em Campo Grande também chama atenção.

Outra visibilidade em relação aos assinantes são as notas distribuídas no decorrer das publicações da RFS, com maior visibilidade, na seção fotográfica da revista, onde eram publicadas fotos dos colaboradores e assinantes, assim como, filhos e filhas dos mesmos. Existia, portanto, incentivo por parte dos editores da *Folha da Serra*, em mostrar seus assinantes e colaboradores, pois eles tinham espaço garantido na revista, ao passo que, era uma forma estratégica do editor de conquistar novos leitores, com tamanha exposição, por muitas vezes, ocupavam lugares nobres, como a capa ou a seção fotográfica.

No que diz respeito à periodicidade das publicações da Revista *Folha da Serra*, o primeiro ano de publicação da Revista foi em 1931, com três publicações, em 1932 e 1933 com 12 publicações em cada ano, o que significa ausência de interrupção, fazendo jus ao título de " revista mensal". Em 1934 foram nove números, em 1935 três, em 1936 apenas um número, em 1937 dois números, nos anos de 1938 e 1939 a Revista não publicou, e seu retorno acontece em julho de 1940, publicando seis números até dezembro, quando encerra seu ciclo editorial[33], como evidenciado abaixo no Quadro 7:

[33] No que concerne ao ciclo da RFS, o Quadro 7, bem como outros indícios existentes no periódico, indicam a possibilidade de fases na Revista. Apesar do presente texto não abarcar por hora um estudo sobre estas fases, tudo indica que a RFS possuiu no mínimo duas fases, isso é perceptível a "olho nú" ao analisar o Quadro 7 que acentua a periodicidade da Revista, contudo, é necessário analisar se de fato existe este rompimento se debruçando nos conteúdos, seções, estratégias, temáticas e etc.

Quadro 7- Números publicados pela RFS entre 1931 e 1940

1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938 e 1939	1940
	n. 4 (jan)	n. 16 (jan)			-	-	-	-
	n. 5 (fev)	n. 17 (fev)	ns. 28 e 29 (jan e fev)	ns. 37 e 38 (jan e fev)	-	-	-	-
	n. 6 (mar)	n. 18 (mar)	n. 30 (mar)	-	-	-	-	-
	n. 7 (abr)	n. 19 (abr)	31 (abr)	-	-	-	-	-
	n.08 (mai)	20 (mai)		-	-	-	-	-
	n.09 (jun)	n. 21 (jun)	ns. 32 e 33 (maio e jun)	-	-	-	-	-
	n.10 (jul)	22 (jul)	n. 34 (jul)	-	-	-	-	
		23 (ago)	n. 35 (ago)	n. 39 (ago)	n. 40 (ago)		-	ns. 43 e 44 (jul e ago)
	ns. 11 e 12 (ago e set)	n. 24 (set)	n. 36 (set)	-	-	ns. 41 e 42 (ago e set)	-	n.45 (set)
n.1 (out)		n. 25 (out)	-	-	-	-	-	n.46 (out)
n.2 (nov)		n. 26 (nov)	-	-	-	-	-	n.47 (nov)
n.3 (dez)	ns. 13, 14 e 15 (out, nov e dez)	n. 27 (dez)	-	-	-	-	-	n.48 (dez)

Fonte: Elaborado com base nos números publicados pela *Revista Folha da Serra.*

As interrupções na publicação da Revista, elucidadas com um traço, no Quadro 7, acima[34], podem ter sido ocorridas por força de controle ligadas à censura existente no governo Vargas em todo o país, pois segundo Luca (2008, p. 170-171):

> A chegada de Getúlio Vargas ao poder implicou deslocamentos importantes no cenário da grande imprensa: alguns órgãos perderam parte de seu antigo brilho [...] outros não resistiram aos novos ventos e acabaram desaparecendo [...] enquanto houve aqueles que, [...] mudaram de proprietários e/ou alteraram sua linha editorial. [...] A instabilidade dos momentos iniciais foi um dos argumentos mobilizados para justificar o cerceamento da liberdade de expressão tanto nos jornais e revistas, que ainda se constituíram nos veículos privilegiados para formação de opinião, quanto em outros meios de difusão da informação disponíveis na época.

[34] Todas as interrupções na periodicidade da Revista, estão marcadas no Quadro 7 por "-". Os espaços em branco em 1932, 1934, 1935, 1937 e 1940, simbolizam atraso na periodicidade.

No caso específico de Campo Grande, para além da censura estabelecida pelo governo nacional, a localização geográfica e os conflitos políticos internos, assomam para justificar as interrupções. Nesse sentido, acreditamos que

> A história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. [...] Não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país (MARTINS & LUCA, 2008, p. 8).

Portanto, ao analisar a RFS, é possível verificar a confluência desses fatores – político, econômico, social e cultural – na construção do discurso do periódico. O cenário político no qual perpassa a RFS foi marcado por instabilidades constantes. Nos anos de 1930, houve um aumento significativo de possibilidades associadas às condições de exercício da atividade intelectual, segundo Luca (2011), contudo o momento também era conflituoso, motivo pelo qual "Não se pode subestimar a presença de um Estado que se relacionava intensamente com as elites letradas e interferia de forma incisiva nos campos da cultura e da educação". A censura foi uma marca deste período conturbado em todo o país, na *Folha da Serra*, em Campo Grande e nos demais periódicos, não foi diferente.

Durante o Estado Novo os meios de comunicação passaram a ser um excelente instrumento de propagação do governo, oferecendo serviço de propaganda política. O objetivo traçado era de exercer controle da sociedade e construir impressões positivas acerca do Estado e do governo e de seu representante. Para tanto, a divergência entre imprensa e governo necessitaria ser controlada e apaziguada, isto foi feito por intermédio de fiscalização por parte de órgãos de censura do governo para com a imprensa.

O controle era promovido por parte dos Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIP), sob a tutela do DIP, eram seções estaduais do serviço de censura e propaganda, criados em 4 de setembro de 1940 por meio do Decreto-Lei nº 2.557. O periódico que se veiculava ao DIP e consequentemente ao DEIP, se comprometia a publicar propaganda política que contribuiria para a construção da imagem positiva do governo e seu representante, em contra partida, era gratificado com a isenção de taxas aduaneiras pela importação de papel de imprensa, este benefício foi resultado do decreto-lei nº 1938 de 30 de dezembro de 1939, que instaurou novas regras de isenção aduaneira para o papel de imprensa, com o discurso de ser desenvolvimento em prol da imprensa (LUCA, 2008).

Em 1933, uma pequena nota publicada por parte da direção da RFS, declara que o:

> Jornal do Comercio. Reapareceu a 7 do corrente este órgão da imprensa local, de propriedade e direção do dr. Jaime de Vasconcelos e que havia desaparecido com a queda do passado regime 1930. Vem agora sob a redação do Sr. Jorge Bodstein Filho e gerencia do Sr. Antonio Knippel. Gratos pela visita que nos fez (RFS, n. 21, jun/1933, p. 41).

Interessante apontar que o Jornal do Comercio foi cessado e o motivo é bem claro como visto na nota, com o novo regime imposto a censura era presente nos meios de comunicação.

Portanto, de maneira geral, a imprensa no período de 1930 a 1940 é coagida a propagar uma imagem positiva do governo, os que não obedeciam sofriam censura e tinham as portas do impresso fechadas. A RFS sobreviveu até 1940, com falhas em sua periodicidade. A questão que nos acompanha é: quais foram as razões que motivaram essas interrupções, algumas maiores (1938 e 1939 não houveram publicação) e outras menores.

Alguns números da Revista *Folha da Serra* justificam, ainda que de modo superficial, as lacunas nas publicações. No ano de 1932, apesar da Revista ter publicado os 12 números referente à cada mês do ano, os números dos meses de agosto e setembro são publicados em conjunto e em nota denominada "REAPPARECENDO..." a Revista declara que:

> É com imensa satisfação que atiramos novamente á publicidade a nossa modesta '*Folha da Serra'*. Depois de quatro meses de interrupção na sua circulação, surge hoje, outra vez a nossa já popular revista, cessados que foram os motivos que determinaram a suspensão de sua circulação. [...] Esta edição deveria ser toda consagrada á 'Perola do Sul', com farta colaboração literária e variada ilustração sobre o nosso município. Infelizmente, a rebelião de São Paulo, que convulsionou também esta parte do nosso Estado, nos privou desse prazer, cortadas que foram as nossas comunicações com Corumbá e os municípios do norte, e com todos os Estados da União, exceto S. Paulo, durante três longos meses. Nestas condições, inútil e inoportuna seria a publicação do nosso mensário, todo ele sempre dedicado á propaganda de Mato Grosso. Foi o obstáculo que nos obrigou também, pela vez primeira, a deixarmos de publicá-lo normalmente, todos meses. [...] Aqui fica, pois, a justificação da interrupção da publicação da nossa revista, durante os últimos meses (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p.14. Grifo original).

Os números 13, 14 e 15 também são publicados juntos, na ocasião a Revista explica em nota intitulada "A Presente Edição. Explicação Necessária":

> Muito a contragosto e sinceramente constrangidos vimos apresentar aos nossos amáveis *leitores e leitoras* a presente edição [...] Por mais que envidássemos esforços no sentido de pormos em dia a circulação deste mensário, suspensa em consequência do movimento sedicioso último,

> tivemos que capitular ante circunstancias imprevistas e imperiosas, ante dificuldades irremovíveis, e obrigados fomos a englobarmos nesta edição os números relativos aos três derradeiros meses do ano findo (RFS, ns. 13, 14 e 15, out, nov e dez/ 1932 p. 3. Grifo nosso).

A Revista não explica do que se trata o "movimento sedicioso último", nem as "circunstâncias imprevistas e imperiosas" o que nos deixa apenas a hipótese de que trata-se da Revolução Constitucionalista de 1932, que será alvo de maiores desdobramentos no capítulo 2, a seguir. Também é oportuno destacar a preocupação original por parte do corpo editorial da RFS em se dirigir tanto aos leitores, quanto as leitoras, oportunizando indícios sobre o público consumidor do periódico.

No ano de 1933 a Revista não apresentou nenhuma lacuna ou publicação conjunta, prática comum nos anos de 1934, 1935, 1936 e 1937. Em 1934 as falhas na periodicidade são retomadas logo no primeiro mês do ano, janeiro e fevereiro correspondente aos ns. 28 e 29 são publicados em conjunto, logo mais os ns. 32 e 33, de maio e junho também são publicados juntos, tudo se normaliza até o mês de setembro com o n. 36, após este não há mais publicação no ano de 1934.

Em 1935 o periódico volta a publicar já com dois números 37 e 38 correspondendo aos meses de janeiro e fevereiro em conjunto, sem ao menos uma nota editorial explicando o motivo de ter cessado por três meses em 1934. Após a publicação dos ns. 37 e 38, a Revista novamente interrompe a periodicidade, voltando apenas em agosto, publica o n. 39, nele consta uma "Nota Explicativa", que nada diz sobre as falhas do mensário, esclarece apenas que o então redator senhor Justo Severo está afastado para tratamento de saúde na cidade do Rio de Janeiro e que Pery Alves Campos, assumirá as funções de redator chefe da Revista.

No ano de 1936 a Revista publica uma única vez, em agosto com o n. 40. Em 1937 também no mês de agosto, com publicação dupla os ns. 41 e 42 são apresentados ao público em conjunto, correspondentes aos meses de agosto e setembro, e assim como nos demais números, após falhas na periodicidade mensal, a Revista não declara nada sobre tal situação. Desta vez, a Revista rompe sua periodicidade de outubro de 1937 e permanece desta maneira em1938 e 1939, reaparece apenas em 1940 no mês de julho, com dupla publicação, com os ns. 43 e 44 de julho e agosto publicados em conjunto, acompanhados por nota explicativa intitulada "Ressurgindo e apresentando", que afirma:

> FOLHA DA SERRA reaparece hoje, cessada as causas de seu silencio, disposta a prosseguir na mesma jornada impoluta em prol da cultura e da divulgação de tudo que nos pertence. Nossa coleção, tornada rara e sempre procurada pelos que desejam anotar os índices da civilização campo-

> grandense, continuará a ser o melhor repositório da história desta jovem cidade [...] Lançando-nos novamente a publicidade estamos certos de contar com o mesmo apoio decidido franco e honroso com que sempre nos distingui o povo não só desta cidade, mas de todo o Estado. De nossa parte tudo faremos para continuar a ser a predileta dos lares (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/ 1940, p. 19. Grifo original).

A citação admiti o grande período em que se ausentou das publicações, mas não apresenta a motivação do silêncio por mais de dois anos. A periodicidade é reestabelecida no mês de setembro até dezembro, sendo estes os últimos números publicados da RFS.

Na edição número 45, de 1940, a Revista menciona seu retorno, em forma de agradecimento, mas não justifica o intervalo tão prolongado. Na nota editorial intitulada "O reaparecimento da Folha da Serra e a imprensa local", afirma:

> Foram altamente elogiosas e confortadoras, as referências que os nossos colegas locais 'Jornal do Comércio', 'O Progressista' e 'O Campo-grandense', fizeram por ocasião do reaparecimento da nossa modesta folha. Essa a razão porque não podemos deixar sem um público agradecimento a maneira fidalga com que fomos recebidos, a qual é sobremaneira confortante para nós. Com imenso prazer registramos esse fato, que nos encoraja [...] Sem recursos outros, que não sejam os de comércio, lançamos novamente a Revista que sempre encontrou a acolhida simpática de toda a cidade. Orgulhamo-nos de termos sido bem recebidos, e que nos faz continuar e trabalhar [...] A todos, portanto, os colegas a que acima citamos e ao público em geral, o nosso profundo agradecimento (RFS, n. 45, set/1940, p. 13).

Esta nota editorial demonstra uma ação estratégica do editor em depositar prestígio ao periódico. Vimos ao longo do capítulo que não só o público leitor era alvo de toda essa preocupação na construção de uma boa representação da Revista, o interesse também estava sobre o comércio, pois este, segundo a Revista era o único recurso financeiro que mantinha as publicações.

As questões em torno da circulação e periodicidade da RFS, bem como as dimensões de produção material aqui apresentadas, servirão de parâmetro para compreender os conteúdos textuais e imagéticos analisados nos capítulos seguintes.

2 UMA NOVA YORK MATO-GROSSENSE: CAMPO GRANDE SEGUNDO A REVISTA *FOLHA DA SERRA*

Fica evidente, do primeiro ao último número, que o principal objetivo da Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS) consiste em propagar ao mundo o tão "esquecido e desprezado" Mato Grosso, principalmente, a porção sul do estado, em especial a cidade de Campo Grande. Daí a afirmação, por exemplo, de que "Campo Grande é uma cidade nova e que já nasceu fadada a ser rica". (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 57).

Com destaque para as edições especiais em comemoração ao aniversário da cidade de Campo Grande, editadas nos meses de agosto[35], este capítulo tem por finalidade apresentar o espaço geográfico delimitado para esta pesquisa, ou seja, a região sul de Mato Grosso, entre 1931 a 1940, com ênfase para a cidade de Campo Grande, que em 1977 se tornará a capital do estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se, portanto, das representações criadas e divulgadas nas páginas da Revista *Folha da Serra* sobre a cidade de Campo Grande, por meio de anúncios, imagens e textos diversos, apresentados nas páginas da Revista. Para tanto, o capítulo está dividido em duas partes: 2.1 "A cidade de Campo Grande no sul de Mato Grosso", que trata de questões histórico-geográficas, apresentando dados em torno da população e seus hábitos, e construções arquitetônicas ilustradas pela Revista, e 2.2 "A cidade e seu entorno pelos anúncios e propagandas", que objetiva dar dimensões econômicas da região pelos comércios disseminados nas páginas da RFS.

2. 1 A cidade de Campo Grande no sul de Mato Grosso

> A cidade de Campo Grande, cujas origens se remontam a 1872, [...] está colocada no altiplano da Serra de Maracaju, à 600 metros acima do nível do mar [...] gozando das mesmas condições climatéricas e de salubridade de que desfruta quase todo o município (RFS, n. 23, ago/1933, p. 65).

Assim informa Humberto Miranda, "Secretário da Diret. Técnica da Pref. Municipal" em 1933. A Serra de Maracaju, que motiva o nome da Revista em questão, é a serra que divide Mato Grosso do Sul em duas partes. A leste ficam os campos de cerrado e a oeste inicia-se o Pantanal sul-mato-grossense. A serra serve como divisor natural entre Paraguai e Brasil no sentido leste-oeste.

[35]Os números especiais dedicados à Campo Grande são: (RFS, n. 23, ago/1933); (RFS, n. 40, ago/1936); O número especial dedicado à Corumbá (RFS, n.21, jun/1933).

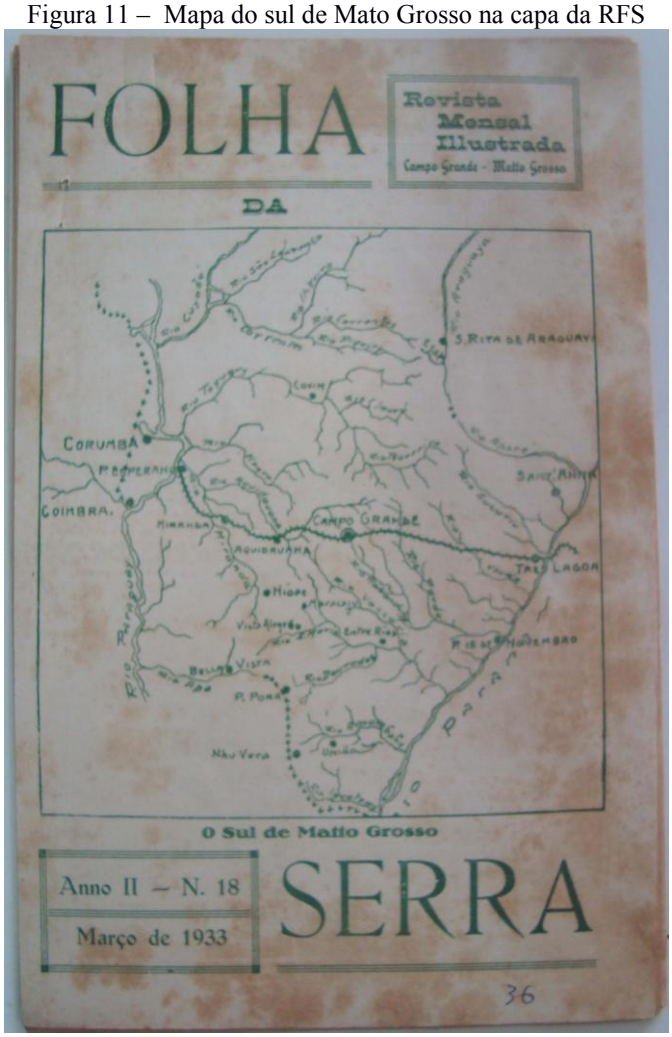
A Capa da Revista *Folha da Serra* edição n. 16, de janeiro de 1933, apresenta um mapa do estado de Mato Grosso, com suas principais cidades e as fronteiras com outros estados brasileiros, ao norte com Amazonas e Pará, ao leste com Minas Gerais e São Paulo, não citando o estado de Goiás, e ao sul com o Paraná. O mapa também menciona os países de fronteira, ao sul com o Paraguai e ao oeste com a Bolívia, conforme Figura 10:

Figura 10 – Mapa do estado de Mato Grosso na capa da Revista *Folha da Serra* (1. capa inteira, 2. *close* no mapa)

Fonte: Capa da Revista *Folha da Serra* edição n. 16, jan/ 1933.

No mesmo ano de 1933, no mês de março, a Revista *Folha da Serra* edição n. 18, expõe outro mapa na capa, dessa vez sobre a região sul de Mato Grosso, conforme Figura 11:

Figura 11 – Mapa do sul de Mato Grosso na capa da RFS



Fonte: Capa da Revista *Folha da Serra* edição n. 18, mar/ 1933.

A Figura 11 destaca as cidades de Campo Grande, Corumbá e Coimbra. Em relação a área de Campo Grande, sua superfície é de "6.534 hectares, 34 ares e 79 metros quadrados" distribuídos da seguinte forma "222 hectares para a zona urbana; 1314 hectares constituem a zona suburbana e 4.968 hectares, 43 ares e 79 metros quadrados formam a zona rústica" (RFS, n. 23, ago/1933, p.65).

Além das cidades, o mapa identifica alguns rios, como Rio Paraná e Rio Paraguai, e a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil [36], que cortava a cidade de Campo Grande. Como lembra a citação abaixo, Campo Grande foi distrito de paz do Município de Miranda até 1910, quando tornou-se independente:

> Pela Lei n. 549 de 20 de julho de 1910, realizando-se a instalação da Comarca a 2 de maio de 1911 com a posse de seu primeiro magistrado o Dr. Arlindo d Andrade Gomes. [...] foi a 26 de agosto de 1918, pela Lei n. 172

[36] Cf. Queiroz (2004).

> elevada à dignidade de cidade, quando já era servida pela ferrovia Noroeste do Brasil, um dos fatores preponderantes de seu surpreendente progresso. Crescendo, desenvolvendo-se de modo extraordinário, não tardou em se tornar a sede da Região Militar, cuja transferência de Corumbá se deu em 1921 (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p. 4).

No artigo "Campo Grande – Centro do Sul", em 1937, Arlindo de Andrade explica sobre a localização da cidade de Campo Grande e a passagem da Ferrovia Noroeste do Brasil:

> A *noroeste* não vinha espantar caboclos nus, mas vinha modificar completamente a geografia mediterrânea, pintando aqui e ali cidades novas, modificando costumes, abrindo caminhos novos para tudo. No dorso da serra, faria surgir Campo Grande equidistante das lindes sulistas, centro geográfico e centro da vida da região, por força da sua topografia, pela força natural dos caminhos, todo o sul tem em Campo Grande um ponto de convergência da Bolívia, do Paraguai, de Goiás, Minas, São Paulo, Paraná, as estradas que buscam Mato Grosso se entrecruzam na cidade serrana. [...] Campo Grande espelha o progresso de Mato Grosso e passa a agir junto a outros municípios inspirando rumos novos às várias atividades, constitui-se num centro inadiável de iniciativas, cuja influência no estado não é mais possível negar-se, seja no domínio político, seja no comércio, na agricultura, na pecuária (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p. 5. Grifo original).

No que tange à população campo-grandense, "Pode-se calcular seguramente em 40.000 o número de habitantes deste município, 25.000 dos quais se encontram na cidade, sendo 12.000 no perímetro urbano e 13.000 nas zonas suburbana e rústica" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 63). Ainda sobre a população:

> Não exageramos calculando em 12.000 o número da população citadina, e em 13.000 o número dos que habitam as outras zonas do rocio. Cidade cosmopolita, conta ela em seu seio portugueses, sírios, italianos, paraguaios, japoneses, bolivianos, espanhóis, alemães, armênios, húngaros, argentinos, russos, uruguaios, norte americanos, búlgaros, gregos, chilenos, franceses, poloneses etc. que representam cerca de 20% da sua população. Desses elementos, que labutam contribuindo para o progresso da nossa terra, ocupam o primeiro lugar os japoneses cuja colônia ordeira e dinâmica, se compunha em 31 de dezembro de 1932, de 332 famílias com 1.665 membros, sendo 958 do sexo masculino e 697 do sexo feminino. Seguia-lhe a laboriosa colônia síria com 603 representantes. A menor de todas era a chilena que só contava com duas pessoas (RFS, n. 23, ago/1933, p.66).

Fica evidente a desconsideração ao povo nativo, nenhuma menção a qualquer etnia indígena é citada, ao contrário da canção "Serra de Maracaju", de Almir Sater (2007), que afirma: "De hoje em diante somos iguais/Quem de nossa terra te chama/Bela Serra de Maracaju". Como trata-se de uma Campo Grande moderna e produtiva, não caberia nos anos

1930 dar espaço ao povo que ainda hoje é considerado, em especial para os latifundiários, o maior problema do Estado, em especial na região sul, onde os conflitos são contínuos.

De todo modo, o que importava ser evidenciado nas páginas da Revista era Campo Grande, que ocupava o segundo lugar no quesito cidade mais populosa já em 1920, isso significa que sua população representava quase 10% do total, ficando atrás somente da capital Cuiabá. Outras cidades como Corumbá e Ponta Porã são equivalentes, e ocupam o terceiro lugar. Como mostra a Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – População das principais cidades mato-grossenses – 1920 e 1940(1)

CIDADES	**1920**			**1940**			**VARIAÇÃO %**
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	
CUIABÁ	16.440	17.238	33.678	27.479	26.915	54.394	61,5
CAMPO GRANDE	12.120	9.240	21.360	26.330	23.299	49.629	132,3
CORUMBÁ	10.447	9.100	19.547	16.131	13.390	29.521	51,0
PONTA PORÃ	10.713	8.567	19.280	17.408	15.588	32.996	71,1
TRÊS LAGOAS (3)	5.450	3.594	9.044	8.212	7.166	15.378	70,0
DOURADOS (2)	3.488	2.750	6.238	8.080	6.905	14.985	140,2
ESTADO	**133.146**	**113.466**	**246.612**	**230.405**	**201.860**	**432.265**	**75,3**

(1)Foram consideradas todas as cidades com população acima de 15.000 habitantes, em 1920, ano base da tabela.
(2)Em 1920, distrito de Ponta Porã.
(3)Incluída, por tratar-se de centro urbano situado a beira da Estrada de Ferro Noroeste.
Fonte: Transcrito de Brito (2001, p.53).

Um dos dados importantes que podem ser extraídos da Tabela 2, diz respeito à população feminina e masculina, é possível constatar uma certa equivalência, tanto em Campo Grande como nas demais cidades. Há uma pequena predominância do público masculino. Em todas as cidades não houve diminuição no que se refere a população, ambas cresceram em quantidade de 1920 a 1940.

Os dados da Tabela 2, anunciam um crescimento da população, fato que tem ligação substancial com a criação da Estrada de ferro, por isso constantemente citada na Revista *Folha da Serra* como símbolo de progresso e modernidade ao município de Campo Grande e seu desenvolvimento atinge toda a porção sul do Estado. Um exemplo é o artigo que vem acompanhado de fotografia, como mostra a Figura 12 a seguir, que retrata a Estrada Ferroviária Noroeste em um determinado ponto, e ocupa um espaço considerável na página.

A legenda afirma: “ [...] Aspecto interior da grande ponte metálica” (RFS, n. 1, out/1931, p.33):

Figura 12 – Estrada Ferroviária Noroeste

FOLHA DA SERRA

Campo Grande, é sem favor algum hoje a principal cidade mattogrossense. Para proval-o bastaria-nos citar, com dados estatisticos — o que faremos no proximo numero, — o que tem sido o seu extraordinario desenvolvimento, quer sob o ponto de vista economico — industrial, quer social.

As pessoas que se abalançam a uma viagem á nossa terra, via Noroeste, desde Baurú, e via Montevidéo, desde Assumpção, — só encontram duas cidades verdadeiramente modernas e em franco progresso em nosso Estado:

Campo Grande e Corumbá, principalmente esta ultima, onde seu progresso ininterrupto é causa de admiração ao forasteiro.

Corumbá, a formosa Princeza do Paraguay, no seu branco pedestal, com as suas vias publicas simetricas e amplas, suas construcções solidas e modernas, continua a ser a primeira cidade do Estado no seu aspecto material. Mas, Campo Grande, vai aos poucos, nesse particular, a par de seu empolgante desenvolvimento economico-commercial, a despeito da avassaladora crise que invadiu o mundo inteiro, seguindo as pégadas de sua nobre irmã sulina. Haja vista para não citar outros, os novos e monumentaes edificios que a ornamentam: O Collegio N. S. Auxiliadora, o Hotel Colombo, a Estação da E. F. Noroeste e o palacete dos Srs. Thomé & Irmãos

Neste numero publicamos apenas um aspecto da cidade: o do Jardim Publico. Para o proximo numero prometemos um confronto entre diversos aspectos de Campo Grande de ha alguns annos atraz e os modernos.

CAMPO GRANDE
A MANCHESTER
MATTOGROSSENSE

E. F. Noroeste — Aspecto interior da grande ponte metalica sobre o rio Miranda, na Estação de Salobra, prestes a ser inaugurada e que substituir a actual de madeira, já bastante estragada.

Artigos escolares e impressos em geral

A Livraria e Typographia de A. Trouy & Cia. - á rua Dr. João Pessoa, 864 - dispõe de grande stock de artigos escolares: Livros, Cadernos, tinta, etc. e executa a rigor qualquer trabalho graphico.

Telephone, 14. C. Postal, 864

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 1, out/ 1933, p.33.

A legenda destaca ainda o fato de ser uma construção moderna, pela estrutura da ponte ser metálica e de grandes proporções. A maneira como a fotografia foi captada mostra este esforço, ou seja, induzir o leitor e promover a todo custo a evolução de Campo Grande e do sul do estado.

O referido artigo merece destaque ao começar pelo título “Campo Grande a Manchester Mato-grossense”, fazendo menção à cidade localizada no Reino Unido a noroeste da Inglaterra, Manchester, que desenvolveu papel importante na Revolução Industrial e se tornou um centro de referência econômica e industrial. A alusão direta feita no artigo, de Campo Grande ser uma cidade de referência econômica e industrial do Estado, assim como Manchester, é um sinal evidente da tentativa de representação da cidade na Revista, no sentido de associação com práticas de sucesso. No corpo do texto, a afirmação feita no título

ganha sustentação, o autor, não identificado, traz ao leitor indícios do progresso da cidade e do Estado, confirmando a posição da região em harmonia com o título apresentado.

O início do artigo em questão revela alguns indícios. O primeiro é a auto representação de Campo Grande ao ser comparada à Manchester, com destaque ao seu "extraordinário desenvolvimento" econômico, industrial e social. O segundo deles, é a afirmação de que Campo Grande é a principal cidade do estado, e para provar tal constatação, o autor confirma, com base em dados estatísticos, contudo o autor apenas menciona os dados, a exposição desses dados só é publicado em 1932 número 6 da RFS, no artigo "Campo Grande", assinado por Marialva, a autora engrandece a cidade de Campo Grande e o esforço do então prefeito Dr. Vespaziano Barbosa, que é homenageado com uma fotografia que ocupa o centro do texto (RFS, n. 6, mar/1932, p. 16). A apresentação de dados concretos traz ao leitor um sentimento de veracidade no discurso apresentado, pois indica algo oficial.

O texto enfatiza a importância da cidade, "A nossa princesa do sul, está atualmente colocada como uma das mais importantes cidades do estado de Mato Grosso. As suas rendas municipais atingem hoje uma importância superior a oitocentos contos", e ressalta que as dívidas "estão sendo pagas com regularidade, graças aos esforços (...) do atual interventor", a autora cita a dívida do "calçamento, deixada pelos seus antecessores". O zelo do atual prefeito é admirado e reconhecido no artigo, "as ruas calçadas, como João Pessoa e travessas, são diariamente varridas (...) procurando embeleza-la a fim de oferecer ao turista que aqui aporta, uma boa impressão deste rico Estado" (RFS, n. 6, mar/1932, p. 16). Neste trecho, a figura do turista ganha destaque, bem como, a preocupação em passar uma "boa impressão" do "rico estado" é imprescindível, já que o estado é marcado por estereótipos. A esse respeito Galetti (2000) esclarece que a história de Mato Grosso esteve atrelada a estigmas e imagens negativas relacionadas a "barbárie e atraso", por estarem distantes dos grandes centros da época, ou seja, de tudo que envolvia progresso e civilização.

Nesse sentido, a Revista publica imagens que tem por objetivo demonstrar o domínio do homem sobre a natureza, sobre o mundo natural, como por exemplo, fotografias do Jardim Público de Campo Grande, com suas árvores podadas, grama aparada e flores plantadas e bem cuidadas. Como lembra Mahl (2013), na busca pelo progresso econômico não existia preocupação com o impacto da ação no mundo natural, na concepção daqueles tempos, a natureza era posta como bela e de riqueza inesgotável, era um meio de propaganda de Mato Grosso, com suas terras intocáveis, que a Revista propagava em suas páginas. Assim, "o ideal do progresso exigia a ação humana imediata sobre o mundo natural executada por meio da agricultura, da pecuária e de todas as marcas inconfundíveis de uma sociedade em formação"

(MAHL, 2013, p. 59), como a construção da Estada de Ferro. Desse modo, sinônimo de modernidade era atuar sobre a natureza, transformando-a "em nome do progresso e do crescimento econômico" (MAHL, 2013, p. 55), na busca de novas áreas que produzissem valor comercial e econômico. Nesse sentido, "definitivamente, a conservação da natureza e progresso eram duas ideias que não se ajustavam, nesse contexto de forte expansão econômica" (MAHL, 2013, p. 55).

Outro indício de domínio do homem sobre a natureza é verificado na Figura 13 a seguir:

Figura 13 – Domínio do homem sul mato-grossense sobre a natureza selvagem

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 26, nov/1933, p.15.; n. 20, mai/1933, p.2; n. 11 e 12, ago e set/1932, p.39.

A reunião das fotografias expostas sinaliza que os campo-grandenses dominam a natureza selvagem, portanto, se distanciam do estigma negativo, fornecendo um novo olhar ao sertão, lugar que caminha ao lado do progresso e da civilidade. Segundo Bourdieu (2000, p. 126), “espaço estigmatizado” seria um lugar demarcado pela “distância econômica e social”, ou seja, não atrelado a questão geográfica “em relação ao centro”, mas sim, “pela privação do

capital (material e simbólico)", portanto, consideramos que é justamente nesse sentido que o povo mato-grossense estigmatizado se faz valer da Revista.

Assim sendo, é necessário também mencionar o conceito de região. Segundo Albuquerque (1999), em seu estudo sobre a região Noroeste, a noção de região não é construída naturalmente, mas se dá na repetição de discursos e imagens inventadas de uma dada região ao longo do tempo. Definir região, portanto:

> [...] é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza. (ALBURQUEQUE Jr, 1999, p. 24).

Por isso a RFS se preocupa em desmistificar esse estigma do estrangeiro, pois causava grande incômodo e mal-estar (GALETTI, 2000), o que justifica o esforço em criar uma boa impressão e assim emitir novas representações sobre o Estado, em especial Campo Grande.

Seguindo este propósito, o artigo escrito por E. Coutinho[37], refere-se à Campo Grande como "Altiva Serrana". Segundo Coutinho, Campo Grande

> É a rival invencível! Na infância ainda, já possui a graça e donaire sedutor da mulher feita. As suas irmãs enciumam-se pelo seu triunfo; [...] a preferência de todos pela fascinação que ela exerce sobre os da terra e sobre os forasteiros que a visitam...Todos querem, todos procuram. Sim, porque dela aparece, irradia toda a força vital, toda a grandeza, todo o dinamismo desse grande Estado... (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75).

O autor do artigo faz referência à Campo Grande a "Altiva Serrana" por estar "Debruçada por sobre o dorso coleante e imenso da soberba e imponente Maracaju" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75), a serra de Maracaju. No trecho exposto acima, Coutinho apresenta a rivalidade existente entre Corumbá e Cuiabá, em busca da representação de domínio (comercial, político, social) em Mato Grosso, as irmãs enciumadas pelo triunfo, força, a preferência, grandeza e dinamismo de Campo Grande, "a rival invencível". É notável também, o esforço em torno de uma imagem positiva da cidade:

> A sua população, tal como numa decantação natural no cadinho do tempo, vem se expurgando, cada dia, dos sentimentos nocivos de outrora, quando o cangaço e o trabuco faziam lei e impunham o direito do mais forte ou do mais facínora! E nesse evolver constante de uma depuração que cada vez

[37] "Dr. E. Coutinho prof. da Escola Normal de Campo Grande" (RFS, ns. 41 e 42; ago;set/1937, p.8). "Médico" (...) Clínica das crianças (RFS, ns. 41 e 42; ago;set/1937, p.32).

> mais se acentua, vai repontando o *predomínio da inteligência e da razão sobre a força e o instinto*. *O bando bárbaro primitivo transformou-se, hoje, numa população de intelectuais* e por isso mesmo ou talvez só por isso, é que o livro é já comercio redondo na terra e o ensino indústria disputada... (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75. Grifo nosso).

Importante destacar a "depuração" da população campo-grandense, de "primitivos bárbaros" movida à "força e instinto" para uma população de "intelectuais" movida pelo comércio, indústrias e escolas. Esse movimento de transformação, que a sociedade de Campo Grande passou, indica um processo de lapidação, a cidade deixou para traz o estigma negativo e se transformou em uma "Altiva Serrana". Onde se encontram:

> [...] *escolas* em todos os seus recantos, fervilham de alunos nos seus diferentes graus de cultura: primária, secundária, superior [...] Figuras de realce sobressaem na *medicina* local já dissociada nas diversas especialidades: cirurgia, clínica geral, pediatria, oftalmologia, etc. o que constitui o mais eloquente atestado de um meio que progride: o que [...], aos poucos, do tóxico da charlatanice oficializada!... A *advocacia*, o *magistério*, a *imprensa*, a *arte*, a *indústria, etc.*, possuem representantes condignos, muito principalmente, as duas primeiras classes. A construção elegante nos edifícios de formosa *arquitetura* que empresta à sua fisionomia urbana, *um aspecto de cidade moderna*, está em perfeita harmonia com um interior de conforto e bom gosto das residências particulares. As *rodovias*, a *via férrea*, a *aviação*, são *comunicações* hoje frequentes, com os grandes centros do país e do exterior, o que tem desenvolvido extraordinariamente, nesses últimos tempos, o comércio e intensificado, grandemente, a *vida social* e *financeir*a dessa *New York mato-grossense... Isto, é Campo Grande!* (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75. Grifo nosso).

Este trecho define Campo Grande como a "New York mato-grossense" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75). Para tanto, são definidos os aspectos tidos como moderno e sinônimo de progresso que eram considerados dignos de tal título. O autor do artigo indica que a cidade está bem amparada por: instituições escolares[38], medicina, arte, indústria e sobretudo, advocacia e magistério – que possui "representantes condignos" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75) – arquitetura, rodovias, estrada de ferro, aviação, vida social e financeira. Por tudo isto, Campo Grande é aclamada como "Manchester mato-grossense" " (RFS, n. 1, out/1931, p.33); "New York mato-grossense", "Altiva Serrana" e "rival invencível" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75), fruto de inveja e fascínio, símbolo de modernidade, civilidade e "progresso formidável" (RFS, n. 23, ago/1933, p.81).

[38] Discutido com ênfase no capítulo 3.

O artigo “Campo Grande”, de 1932, ocupa duas páginas e todo ele ressalta os pontos positivos da cidade, como instrução; construção “de prédios diariamente, dão uma prova cabal do desenvolvimento da cidade e do aumento constante da população”; comércio; lazer; saúde; moda “atrativo principal de uma bela cidade. A elegância feminina”; hotelaria; esporte; política; clima e a Estação da Noroeste, que terminada há pouco,

> oferece ao público o maior conforto e a forma pela qual se é hoje atendido em qualquer das repartições, vem demonstrar o desenvolvimento que tem sido a nossa cidade nestes últimos anos. Campo Grande de hoje nos dá a impressão de uma cidade adiantada e civilizada, com grande movimento comercial irradiando por todo sul do estado, e a saída do gado e da erva mate, tem nestes últimos meses melhorado bastante a situação financeira, apesar da grande crise que assola todo o país (RFS, n. 6, mar/1932, p. 17).

O artigo mostra que Campo Grande superou o estigma negativo e é “uma cidade adiantada e civilizada” com “grande movimento comercial” assim como na construção civil mesmo em tempos de crise econômica “maior crise das habitações” “grande crise que assola todo o país”. A respeito da crise em questão, Eric Hobsbawm afirma que:

> [...] uma crise econômica mundial de profundidade sem precedentes pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes [...]. Mesmo os EUA, a salvo de guerra e revolução, pareceram próximos do colapso. [...] Enquanto isso, avançavam o fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários. [...] De muitas maneiras, esse período de aliança capitalista-comunista contra o fascismo – sobretudo as décadas de 1930 e 1940 – constituiu o ponto crítico da história do século XX e seu momento decisivo (1995, p.16-17).

Portanto, essa intenção de mostrar Campo Grande financeiramente bem favorável, em um cenário mundial tão caótico, que vinha se arrastando desde 1929 com a queda da Bolsa de Nova York, é importante, a fim de romper com o estigma de “*indolentes*, faltos de *espírito empreendedor*, afeitos a hábitos arcaicos” (GALETTI, 2000, p. 281, grifo original). Ainda sobre a crise econômica, Bittar (1997, p. 27) informa que:

> [...] os anos 30 iniciaram-se, em Mato Grosso, com o estado sentindo os reflexos da crise econômica que abalava o país [...] Uma das principais consequências destes abalos foi sentido com a queda nos preços das mercadorias relacionadas à pecuária, principalmente produto da pauta produtiva de Mato Grosso. Além desta, também foram atingidos a comercialização da erva-mate e a borracha, os outros dois produtos importantes na economia local [...] Nesse sentido, a crise do final da década de 20 dificultara a comercialização dos produtos mato-grossenses – entre eles aqueles ligados a pecuária - , principalmente frente aos problemas

> enfrentados pelo principal mercado consumidor destes bens, o estado de São Paulo. Este último, profundamente abalado pela desvalorização cambial que se seguiu à quebra da bolsa de Nova York e que fez caírem os preços internacionais do café, retraiu suas compras no mercado interno, vindo a afetar igualmente a economia mato-grossense.

Retomando, Marialva, autora do artigo "Campo Grande", tenta a todo custo, romper com a imagem negativa de Mato Grosso ao afirmar que:

> Apesar do seu cosmopolitismo, há perfeita ordem, tendo desaparecido os assassinatos e roubos graças a eficiência da polícia que está sempre vigilante. [...] Tudo vai avante nesta próspera terra!... Os que aqui aportam para colaborar com os campo-grandenses, encontram sempre apoio e boa vontade por parte de todos e o regionalismo aqui foi já esquecido, para dar lugar ao trabalho, ordem e progresso da grande cidade sulina mato-grossense (RFS, n. 6, mar/1932, p. 17).

Esta conclusão do artigo é bastante emblemática, pois insiste em justificar e fundamentar uma nova imagem ao Estado, sobretudo Campo Grande. Segundo Bittar, Campo Grande se esforçava em disseminar novos valores identitários, o recorte exposto evidencia, como analisou Bittar (1997, p. 143), que se trata de "uma nova fase, em que uma elite intelectualizada se sobrepôs aos caudilhos, ao tempo das lutas armadas".

Esse movimento de reproduzir uma nova representação em relação ao município de Campo Grande, e de toda a parte sul do estado, fica explícito nas páginas da *Folha da Serra*. Essa nova fase, como assinala Bittar (1997), fica por conta da elite intelectual campo-grandense que a Revista insiste em disseminar em todos os seus números, seja em forma de imagens [39], de anúncios[40], de artigos[41], de nota de pesar [42] ou de nota editorial[43], evidenciando a representação da cidade nas páginas da *Folha da Serra* como "espelho, índice do valor intelectual e material deste Estado" (RFS, n. 19, abr/1933, p. 28).

---

[39] Como por exemplo: "Elite Social Campo-grandense" (RFS, n. nov/1933, p. 17), "Talentosa srta. belo ornamento intelectual feminino da culta Princesa do Paraguai e formosa Rainha do Corumbaense" (RFS, ns. 28 e 29, jan, fev/1934, p. 25), etc.

[40] Por exemplo: "Café Para Todos [...] café preferido da Elite Campo-grandense" (RFS, n. 5, fev/1932, p.32), "Casa Rosa estabelecimento da Elite campo-grandense" (RFS, n. 39, ago/1935, p. 35), "Padaria e Confeitaria Elite" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 72; ns. 41 e 42, ago, set/1937, p. 53, ns. 43 e 44, jul, ago/1940, p. 52, n. 45, set/1940, p.4), "Bar e Restaurante Elite" (RFS, n.45, set/1940, p. 7), etc.

[41] "'Uma página de História' pela senhora Julio S. Muller (...) Intelectualidade feminina Mato-grossense" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 2), "Missão da escola tríplice moral, intelectual e físico (...) Disciplina militar" (RFS, ns. 41 e 42, ago, set/1937, p. 19), etc.

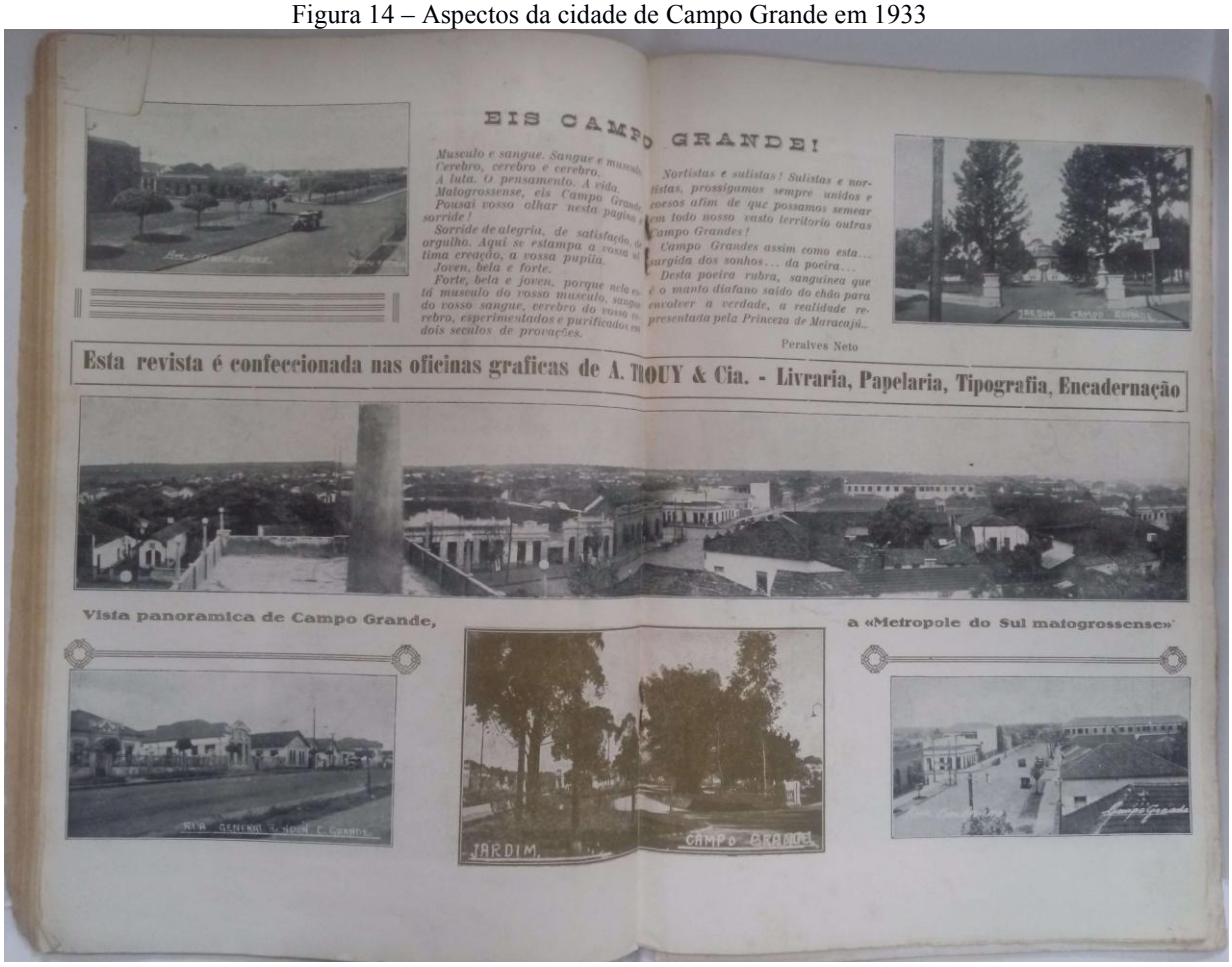
[42] "Brilhante colaborador; Ex aluno do Colégio Militar; Família intelectual mato-grossense votos de pesares" (RFS, n.30, mar/1934, p. 35)

[43] "intelectual mato-grossense da sociedade campo-grandense [...] Novo livro 'Constelações'" (RFS, ns. 37 e 38, jan, fev/1935, p. 18), etc.

No que concerne a representação de Campo Grande na *Folha da Serra*, observa-se que a exposição do espaço, dos temas e as maneiras de estruturar a narrativa sugerem um processo de composição de certos sentidos, de uma nova projeção de imagem positiva em relação à Campo Grande e ao sul do estado. Este fato salta aos olhos, principalmente na constituição das imagens, do texto escrito e das propagandas.

O esforço da Revista em se livrar do estigma negativo imposto – tanto ao estado de Mato Grosso, de forma geral, quanto a porção Sul, mas em especial à Campo Grande – é conferido nas fotografias do espaço geográfico da cidade, privilegiando a urbanidade, o centro, excluindo deste meio a parte periférica e rural de Campo Grande. Contudo, a Revista expõe a temática rural de outra maneira, ligado a força da temática rural no comércio. O campo nesse sentido é representado como moderno e civilizado, como mostra os anúncios e propagandas – no item 2.2 deste capítulo – de gado, manteiga, sal, matadouro, pecuária, agricultura e outros. Portanto, a Revista está inserida em um mundo atravessado pela força do espaço rural, desta forma, imprime em suas páginas tanto aspectos do campo como do urbano, de maneiras distintas, partilhando do mesmo propósito, produzir uma imagem moderna de Campo Grande. A Figura 14 exemplifica a esse respeito:

Figura 14 – Aspectos da cidade de Campo Grande em 1933



EIS CAMPO GRANDE!

Musculo e sangue. Sangue e musculo. Cerebro, cerebro e cerebro.
A luta. O pensamento. A vida.
Matogrossense, eis Campo Grande. Pousai vosso olhar nesta pagina e sorride!
Sorride de alegria, de satisfação, de orgulho. Aqui se estampa a vossa ultima creação, a vossa pupila.
Joven, bela e forte.
Forte, bela e joven, porque nela está musculo do vosso musculo, sangue do vosso sangue, cerebro do vosso cerebro, esperimentados e purificados em dois seculos de provações.

Nortistas e sulistas! Sulistas e nortistas, prossigamos sempre unidos e coesos afim de que possamos semear em todo nosso vasto territorio outras Campo Grandes!
Campo Grandes assim como esta... surgida dos sonhos... da poeira...
Desta poeira rubra, sanguinea que é o manto diafano saido do chão para envolver a verdade, a realidade representada pela Princeza de Maracajú...

Peralves Neto

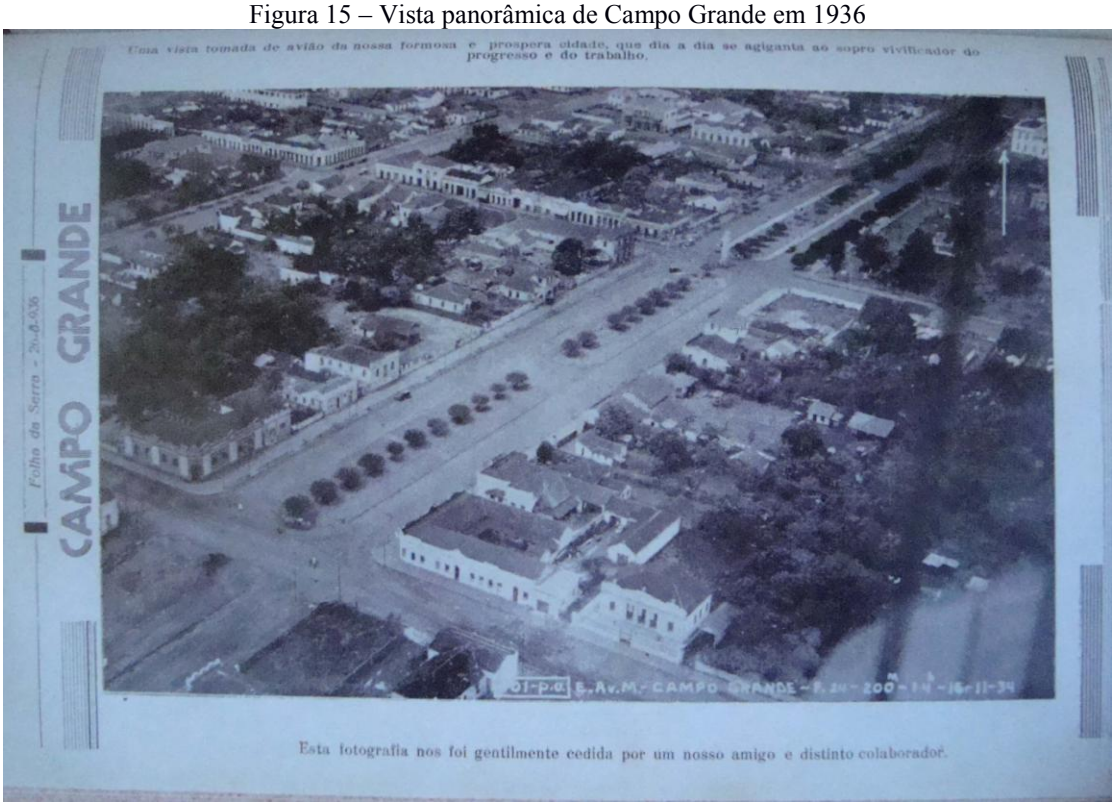
Esta revista é confeccionada nas oficinas graficas de A. TROUY & Cia. - Livraria, Papelaria, Tipografia, Encadernação

Vista panoramica de Campo Grande, a «Metropole do Sul matogrossense»

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 23, ago/ 1933, p. 40 e 41.

Nota-se na Figura 14, que as imagens ganharam profunda notoriedade ao serem publicadas em ambas as páginas, retratando os pontos centrais da cidade, expondo os espaços públicos por meio de captações abertas sobre as principais ruas. Semelhante a esta proposta a Figura 15 mostra o panorama da cidade em 1936 com vista aérea:

Figura 15 – Vista panorâmica de Campo Grande em 1936

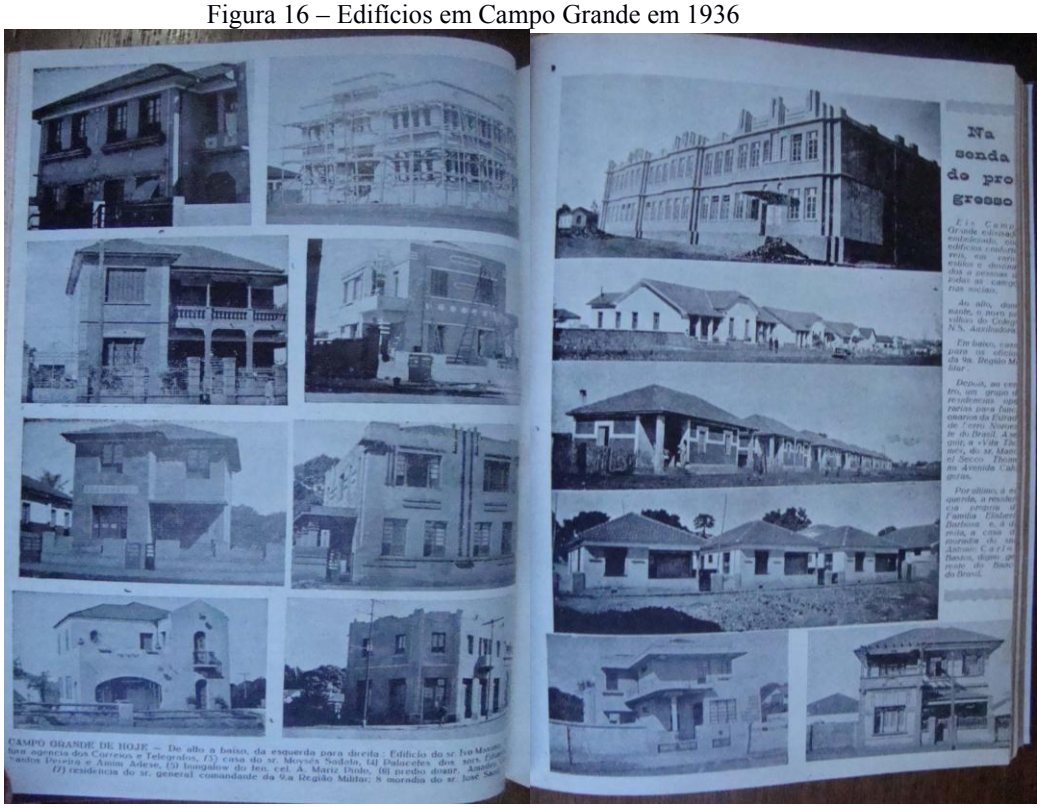


Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 40, ago/ 1936, p.46.

A legenda da fotografia diz "Vista de avião da formosa e próspera cidade. Dia a dia se agiganta ao sopro vivificador do progresso e do trabalho" (RFS, n. 40, ago/1936p. 46). A foto, segundo consta, foi cedida por um colaborador da Revista. Quanto a legenda, a mesma explicita o crescimento da cidade e dá ares de modernidade, a começar pela sua captura por meio de um avião.

É substancial também, os edifícios públicos e privados referentes à casas comerciais e residências, além das constantes obras em construção e futuras construções como registra a Figura 16:

Figura 16 – Edifícios em Campo Grande em 1936



Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 40, ago/ 1936, p.52 e 53.

No que tange às edificações:

> Campo Grande que possuía em 1919 somente 550 prédios, ostenta hoje, pelos vales do *Prosa e do Segredo* e pelos seus aclives, 1.984 casas – grande número das quais construídas, com muito gosto, em estilos modernos, nada deixando a desejar – isto é, um aumento na proporção de 361% comparado com aquele ano. É notável a 'febre' de construção que se verifica nesta cidade. Não obstante as agitações que perturbam o ritmo normal da nossa vida, no ano passado, e a depressão econômica mundial a refletir desastrosamente na nossa produção, depreciando, rebaixando a índices jamais alcançados, o valor das nossas utilidades, levantaram-se 59 prédios em 1932 – quase um de seis em seis dias – e, neste ano, até 30 de junho último, foram expedidos, pela Prefeitura, 25 alvarás de licença para construção, que representa uma média de uma casa por semana (RFS, n. 23, ago/1933, p.66. Grifo original).

Já em 1940, as construções registram 3.265 prédios, ainda segundo esses dados estatísticos "fornecidos pela seção de Estatísticas da Prefeitura" (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p 24):

> Pagavam o respectivo imposto: em 1919 550 prédios; em 1939, 3.132. Além destes 3.132 prédios lançados, há mais 133 prédios que são isentos, perfazendo assim o total de 265 prédios, sem mencionar os casebres e os Pavilhões da 9ª. Região Militar. De 1934 a 1939, foram construídos, na

> cidade de Campo Grande, 849 prédios, sendo 25 assombrados e 164 aumentos, com a área coberta total (prédios e aumentos) de 88.539.53m² (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p 24).

Nesse sentido, a Figura 16 evidencia a composição de fotografias que tem por título "Na senda do Progresso" mostra a "Campo Grande de hoje", as imagens favorecem a construção de um novo estigma, voltado ao crescimento, progresso e verticalização. Os projetos ainda na planta e os que estão em fase de finalização, também foram amplamente publicados na Revista, entre eles: (Cine Teatro; Ginásio Municipal Dom Bosco; Campo de esportes da "Sociedade Sportiva Campo-grandense" - S.S.C.), estes estabelecimentos eram frequentemente divulgados na RFS, como uma maneira de mostrar o quanto Campo Grande estava nos trilhos do progresso e da civilização.

À medida que a Revista esboça em suas páginas um conjunto de textos, fotografias, anúncios, enfim, a reunião destes conteúdos como um todo anuncia um propósito maior, nenhuma publicação era isolada, o objetivo era transparecer aos olhos dos consumidores da Revista como a cidade de Campo Grande estava em pleno desenvolvimento e merecia um *status* político, um lugar de destaque e poder. A RFS se torna uma vitrine das possibilidades presentes no município, com vistas ao propósito maior, o cenário político.

Portanto, ao passo que a Revista publica os mais diversos assuntos, como por exemplo, o teatro e as escolas que compõem o cenário tanto cultural, quanto educacional da cidade, os editores usam tanto de estratégia quanto de tática, pois primeiro traçam estrategicamente um plano, a fim de atingir um propósito, que era mostrar o progresso de Campo Grande, em todos os aspectos – econômico, social, cultural, educacional e político – e utilizam da própria estratégia para por em prática a tática. Conforme a estratégia se desenvolve e produz fruto a longo prazo com a reunião de todos os conteúdos publicados na Revista, gerando sentido e educando o leitor para um determinado fim, a tática ataca de forma perspicaz e rápida, como por exemplo o uso de propaganda e anúncio referente ao cenário educacional, que por sua vez é utilizado pelos editores da Revista de maneira dupla, primeiro gerando benefício financeiro e contribuindo para o objetivo da Revista de formar uma representação positiva de Campo Grande e evidenciar seus potenciais.

Em outras palavras, assim como a movimentação cosmopolita da cidade com a circulação de pessoas e automóveis, são fortes indícios de modernidade e corroboram para firmar representações de sociedade, trabalho, consumo e serviços urbanos – como realça a RFS na Figura 17 que segue –, também sugere a capacidade econômica de Campo Grande, ao mesmo tempo em que insinua que a cidade está provida não só economicamente, mas também

culturalmente, com construção de teatros e no âmbito educacional, com várias escolas e até ensino superior – como veremos no próximo capítulo – estes aspectos apresentados unidos, representam um forte movimento político com fins específicos, entre eles, de tornar Campo Grande vista e respeitada como uma potência econômica, cultural e educacional.

Figura 17 – Rua João Pessoa em Campo Grande em 1933 e 1940

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 23, ago/ 1933, p.46. e Revista *Folha da Serra*, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 37.

Como visto, nas fotografias que compõe a Figura 17, a Rua João Pessoa é retratada tanto em 1933, quanto em 1940, como sendo a "principal artéria" de Campo Grande, ou seja, a mais movimentada e frequentada. Este espaço público e de vivência é mostrado nas imagens como urbano, ordenado, calçado, movimentado, produtivo, com grande fluxo de consumo e de trabalho, a imagem de carros e pessoas em movimento indicam características próprias de

uma cidade moderna. A esse respeito, Humberto Miranda, secretário da diretoria técnica da Prefeitura de Campo Grande, afirma:

> Campo Grande [...] dada a sua situação topográfica e astronômica, goza de amena temperatura e invejável salubridade, não descura da higiene. O traçado das suas ruas, que facilita a ventilação ampla e completa de toda a cidade e o critério seguido na construção da maioria das suas casas, critério esse que é o do mais absoluto respeito aos principais imperativos higiênicos, aí estão a comprovar essa assertiva. Das 1.984 residências que a embelezam, 998 ou 50% são servidas de água encanada; 29% dispõe de depósito de água. Delas, 402, ou 21%, tem fossas biológicas do padrão da Prefeitura; 350 servem-se de poços mortos e, 950, fora da zona da rede de abastecimento, são ainda forçadas ao uso de cloacas. Águas puríssimas, captadas nas cabeceiras do *Jacinto*, onde se construiu uma barragem de pedra com 10 metros de comprimento por 3 ditos de altura, são abundantemente distribuídas à população depois de decantadas num reservatório de cimento armado, semi enterrado, com capacidade de 1.200,000 de litros, dividido em dois compartimentos (RFS, n. 23, ago/1933, p. 66. Grifo original).

O autor do artigo revela ainda que:

> Para reunir todas as condições de excelente cidade moderna, só lhe falta um melhoramento, que, aliás, já vem merecendo apurado estudo da atual administração municipal, a qual já entrou em entendimento com firmar de S. Paulo no sentido de concretiza-lo. Refiro-me ao serviço de esgoto cuja rede, dada a favorável topografia, pouco embaraço terá de vencer na sua marcha salutar. Concluída esta obra que deveria ser atacada simultaneamente com a retificação dos córregos *Prosa e Segredo*, as sabias exigências do Código de Postura, Campo Grande tornar-se-á, integralmente, dentro em breve, a expoente da adiantada civilização que se processa nesta rica região sulina (RFS, n. 23, ago/1933, p. 66. Grifo original).

Portanto, em 1940, tem-se fotografias "O Serviço de abastecimento de água em Campo Grande" como mostra a Figura 18:

Figura 18 – Aspecto do sistema de abastecimento de água em Campo Grande

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 46, out/ 1940, p.18.

O artigo "Abastecimento de água na cidade" explica que:

> A 10 de fevereiro de 1938, a Prefeitura, representada pelo Dr. Eduardo Machado, firmava com o 'E*scritório de engenharia Civil e Sanitária F. Saturnino de Brito*', representado pelo Dr. José de Toledo Morais, contrato para levantamento da planta topográfica da cidade e elaboração de novas captações, adutoras, reservatórios e rede de água e de esgotos e anteprojetos da expansão da cidade, das redes de água e esgotos. [...] O fornecimento de água era: até 1934 11 litros por segundo – 1.382.400 lts, em 24 horas. Em 1938 – 16 litros por segundo – 1382.400 lts. em 24 horas. Em 1940 – 80 litros por segundo – 6.912.000 lts. em 24 horas, podendo ser abastecida uma

população dupla da atual (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p.46).

No que tange a iluminação, a cidade recebe luz em suas ruas por meio de “591 focos e, 827 dos seus edifícios gozam das vantagens oferecidas pela eletricidade”, o serviço de eletricidade fica a cargo da “Companhia Mato-grossense de Eletricidade, S. A. (com sede até a pouco em S. Paulo)”, a Companhia dispõe de:

> Uma represa no rio Ceroulas, a acionar os aparelhos geradores da energia elétrica. Além desses, conta com a Companhia com mais dois motores a óleo bruto a auxiliarem o serviço nas horas em que é mais intenso o consumo de energia, sendo de 400 Kwh. a capacidade total de toda a instalação. Adquirida a Companhia por um grupo de capitalistas nacionais, está passando por uma completa reforma técnica e administrativa, nos moldes dos mais modernos sistemas americanos. Terminado o serviço de remodelação e substituição da rede distribuidora e dos aparelhamentos da subestação que mantém a cidade, com motores de reserva, e, acabado o serviço da nova usina hidroelétrica (anexa à antiga), essa capacidade será aumentada de maneira a oferecer energia suficiente para o consumo normal da cidade e para o desenvolvimento das indústrias (RFS, 23, ago/1933, p. 66).

Outra instituição que ganhou destaque nas páginas da Revista[44] foi a Santa Casa de Campo Grande, hospital público criado e mantido pela Sociedade Beneficente de Campo Grande, "cuja frente vemos as figuras beneméritas [...] srs. Eduardo dos Santos Pereira, os irmãos Pace, Joaquim Cesar, J. E. Vieira de Almeida e muitos outros" (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20) "[...] figuras mais representativas do nosso elemento social" (RFS, n. 17, fev/1933, p.17). A Figura 19 a seguir, mostra o prédio central do Hospital localizado na Avenida Mato Grosso, em Campo Grande:

[44] Aparece nos seguintes números: n. 2, nov/1931, p. 20; ns. 13, 14 e 15, out, nov, dez/1932 p. 22; n. 17, fev/1933, p. 11,17-20; n. 23, ago/1933, p. 35.

Figura 19 – Edifício da Santa Casa mantido pela Sociedade Beneficente de Campo Grande

Fonte: Revista *Folha da Serra*, ns. 13, 14 e 15, out, nov, dez/1932 p. 22.

Logo no segundo número da RFS, em 1931, o assunto se torna presente no periódico, com o artigo intitulado "Uma instituição digna do apoio unânime dos campo-grandenses". A matéria discorre sobre a necessidade de doação de recursos para a manutenção do hospital e enfatiza que o "Hospital de Caridade está na iminência de fechar suas portas por falta de recursos" (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20). Os argumentos são direcionados a fim de comover a população a doar recursos, como visto neste trecho: "Nada mais doloroso para aquele que deseja o bem estar a grandeza da nossa Campo Grande do que registrar este fato, indício mais que veemente da falta de compreensão humanitária e filantrópica por parte de muita gente" (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20). O apelo é voltado à Campo Grande e sua grandeza:

> Não queremos crer que o indiferentismo de muitos e o egoísmo de outros tenham chegado ao ponto de obscurecer o espírito dos que aqui vivem não os deixando reconhecer os serviços prestados por essa instituição de caridade, obrigando-os a negarem-lhe o seu apoio, quer moral e material.
> Acreditamos sim que o serviço de propaganda da nossa casa hospitalar não tem sido muito bem feito, de moldes a fazer com que todos compreendam que *Campo Grande não se pode privar de um estabelecimento dessa natureza* (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20. Grifo nosso).

A nosso ver, o objetivo maior do artigo é revelado a medida que o autor – anônimo – escreve que Campo Grande não pode ficar sem um hospital público. Essa afirmação do autor do artigo sinaliza o esforço contínuo dos editores da RFS e de todos os envolvidos de projetar uma imagem moderna e civilizada para a cidade, um exemplo a ser seguido e imitado. Mais adiante, este fato é confirmado, quando o autor do artigo lança mão novamente de Corumbá a título de comparação e modelo:

> Haja vista o estabelecimento congênere[45] da 'Princesa do Paraguai' mantido pela Sociedade Beneficente de Corumbá e onde o número dos seus associados é contado desde as humildes, mas honradas classes dos trabalhadores obscuros até as altas camadas sociais. É um estabelecimento que muito honra e dignifica a Corumbá, [...] altos sentimentos de humanidade de seu povo.
> Imitemo-o!... (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20).

O trecho revela uma admiração para com Corumbá, mas também deixa claro ao mesmo tempo uma rivalidade de poder – econômico, político – entre as cidades. Apesar do risco em expor os pontos fracos de Campo Grande ao passo que exibe as qualidades de Corumbá, ainda vale a pena, no sentido de mostrar o quanto Campo Grande mesmo sendo uma cidade "nova", se aproxima de outra já "velha" que um dia já foi considerada modelo no sul de Mato Grosso pelo próspero domínio comercial. A RFS promove uma predestinação bíblica frente ao progresso de Campo Grande. Os indícios fornecidos pela Revista indicam que desde que os trilhos da Estrada de Ferro chegaram à Campo Grande, mesmo em sua mocidade, já apresentava aspectos de uma cidade moderna. Assim, a Ferrovia Noroeste apenas potencializou o desabrochar de Campo Grande.

Ao final do texto, o artigo encoraja os campo-grandenses:

> [...] é necessário que todos, num movimento associativo, com desprendimento, se congreguem e lhe prestem o seu apoio [...]. Organize-se uma comissão de senhoras, senhoritas ou moços, para percorrer a cidade angariando o maior número possível de sócios, e o nosso Hospital de Caridade não morrerá! (RFS, n. 2, nov/1931, p. 20).

O apelo do artigo foi atendido como mostra os artigos posteriores: "Hospital Beneficente" escrito por Peralves Neto – da Academia Carioca de Letras – (RFS, n. 17, fev/1933, p. 11) e "Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande: Sua ação benéfica manifestada em algarismo" (RFS, n. 17, fev/1933, 17-20), escrito por um dos redatores, mas não especifica qual, e também por uma fotografia de inauguração de mais um pavilhão do Hospital (RFS, n. 17, fev/1933, p. 22).

É oportuno destacar alguns pontos destes artigos, pois eles demonstram o sentido que a RFS utiliza para os termos “progresso”, “moderno” e “urbs”. Entender como a Revista utiliza estes termos é essencial na compreensão da representação de Campo Grande e também

[45] O Hospital de Caridade de Corumbá foi alvo de maiores detalhes em um artigo publicado na RFS que dedicou um número especial ao município (RFS, n. 21, jun/1933, p. 41). Em 1934 o hospital aparece mais uma vez, com a publicação de uma fotografia do altar religioso no interior do estabelecimento (RFS, n. 31, abr/1934, p. 15).

como foram transmitidos estes valores a fim de educar seus leitores. Antes de adentrar aos artigos, é importante informar que em Campo Grande já havia um hospital, contudo este não atendia toda a comunidade, o Hospital Militar de Campo Grande[46] que ficava localizado "bem na entrada da Vila Militar" (RFS, n. 40, ao/1936, p. 143). Apesar do Hospital Santa Casa não ter sido o primeiro da cidade era, todavia, o primeiro hospital público que atendia toda a população. Assim como o Hospital Santa Casa, o Hospital Militar de Campo Grande também era motivo de orgulho e sinal de modernidade e civilidade, como descrito a seguir:

> É um magnífico prédio, obra de arte moderna bem acabada, [...] construída no Governo do eminente Dr. Epitacio Pessoa e no Ministério do inolvidável dr. João Pandiá Calogeras. [...] É verdadeiramente com satisfação que se pisa em uma casa como essa, que serve de *orgulho para Mato Grosso, e mais, particularmente a Campo Grande, dada a importância capital que ela representa* para a Guarnição federal, pelo estado disseminada e em vista da distância que ainda estamos dos centros mais favorecidos de recursos; por isso o coração do mato-grossense deve pulsar de alegria ao ver que tem uma casa de saúde que bem se presta já para atender as necessidades de todo o Estado, e que, mais que tudo, honra os nossos foros de *civilização* (RFS, n. 40, ago/1936, ps. 143. Grifo nosso).

Este trecho do artigo "Hospital Militar de Campo Grande" deixa claro ao leitor o quanto o hospital era importante para Campo Grande, tendo em vista a representação de modernidade e civilidade que a Revista buscava perpassar em suas páginas, além do mais, a partir da década de 1930 a preocupação com a saúde pública se torna alvo do Governo com fortes campanhas sanitárias por todo o país, a pressão aumenta com a criação, em 1931, do Ministério da Educação e Saúde. Nesse sentido, em 1940 a RFS publica o artigo "Campanha da Solidariedade" que apresenta ao leitor todo o desenrolar da visita da Presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Leprosos e Defesa contra a Lepra no Brasil, senhora Eunice Weaver. (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, ps. 22 a 23). A campanha tinha por objetivo angariar recursos financeiros para a construção de Preventórios "para a separação dos filhos sadios, dos pais doentes de lepra" em todo o país (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 23).

A Campanha era fruto dos esforços de autoridades governamentais e sanitárias do Estado, que a partir de 1938 começaram a seguir o padrão constituído por uma nova

[46] O Hospital Militar toma as folhas da Revista em 1932 com uma fotografia do prédio (RFS, n. 4, jan/1932, p. 46), em 1934 acompanhado de uma nota "A administração Bonifacio Camara no Hospital Militar" está a fotografia do diretor capitão médico dr. José Bonifacio Camara o Hospital e sua equipe.Mas é em 1936 que o Hospital alvo de destaque maior, com o artigo "Hospital Militar de Campo Grande" escrito por Armando Carmelo (RFS, n. 40, ago/1936, ps. 143 e 144).

organização federal, a fim de manter os serviços sanitários estaduais sistematizados. Deste modo, no estado de Mato Grosso iniciou a Reforma Sanitária Júlio Müller, que entre outras determinações, estabeleceu normas para o isolamento social de leprosos (NASCIMENTO, 2001).

Em Campo Grande o Preventório seria construído "no lugar denominado Cruzeiro, em terreno já doado pela Prefeitura local" (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, ps. 22). As arrecadações ficaram a cargo "das senhoras e senhoritas que integram as comissões da 'Campanha da Solidariedade das Senhoras da Diretoria da Sociedade local e dos srs. membros da Comissão Executiva"[47] (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, ps. 23). As reuniões foram realizadas no Club Rádio, nos cinemas Alhambra e Santa Helena. Também "foram irradiados diversas conferências e propagandas" pela "Radio Difusora PRI 7" de Campo Grande (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, ps. 23). Importante destacar a elite campo-grandense envolvida na Campanha, bem como os locais de encontro das reuniões, frequentados pela alta sociedade da cidade.

As mulheres pertencentes a elite social campo-grandense também estavam presentes na inauguração do novo pavilhão do Hospital Santa Casa em 1933, como mostra a Figura 20 a seguir:

[47] A presidente da Sociedade local era Dona Ana Luiza Prado Bastos e o presidente da Comissão Executiva era o senhor Dr. Fernando Correa da Costa.

Figura 20 – Inauguração do Pavilhão A[48] do Hospital de Caridade

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 23, ago/1933, p. 35.

A Figura 20 retrata a "colocação da pedra fundamental do confortável pavilhão A do nosso Hospital de Caridade, mantido pela Sociedade Beneficente campo-grandense" (RFS, n.23, ago/1933, p. 35). Estavam presentes, segundo informa a legenda, "dr. Fernando Correa, dr. Artur Jorge, dr. Pacífico de Siqueira, Tab. Eduardo dos Santos Pereira e muitas senhoras da nossa sociedade e pessoas gradas" (RFS, n.23, ago/1933, p. 35). A fotografia legendada deixa claro a posição das figuras importantes que deveriam ser registradas, logo à frente as "muitas senhoras", ao lado dos homens de título, e ao fundo as "pessoas gradas", propagando, assim, a construção de uma imagem representativa da sociedade, todos pertencentes a elite social campo-grandense, ao verificar as vestimentas dos fotografados e o título antes dos nomes na legenda.

A Figura 20 também revela a tentativa dos editores da Revista em mostrar uma sociedade bem feitora, que se preocupa com a filantropia, além da evolução do Hospital de Caridade com a construção de mais um pavilhão, fatores que testemunham o progresso da urbs "Campo Grande, militar, comercial, e industrialmente, a mais importante cidade mato-grossense" (RFS, n.17, fev/1933, p. 22).

Na busca de promover dados concretos aos seus leitores a fim de construir uma sólida representação de progresso e modernidade para Campo Grande, a Revista lança mão de um

[48] "[...] a primeira pedra do pavilhão central foi somente lançada em 15 de novembro de 1922. Foi seu arquiteto o engenheiro Camillo Boni, que pessoalmente dirigiu as obras até final conclusão, em 25 de dezembro de 1927" (RFS, n. 17, fev/1933, p.17).

artigo encomendado pelos editores da *Folha da Serra*, em nota "Hospital Beneficente" um dos colaboradores da Revista Peralves Neto – da Academia carioca de Letras – escreve anunciando o artigo principal "Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande – sua ação benéfica manifestada em algarismos":

> Esta *Folha*, prosseguindo em seu programa de propagar as coisas de Mato Grosso e especialmente as do nosso município, destacou um dos seus redatores para fazer uma visita ao Hospital desta cidade e relatar aos nossos leitores as impressões ali acolhidas. O que foi essa visita o leitor encontrará noutras páginas amplamente ilustradas pelas notas do nosso companheiro, pelas fotografias e pelos números e expressivos dados estatísticos (RFS, n.17, fev/1933, p. 11. Grifo original).

Tendo em vista a precariedade de dados estatísticos oficiais da época, a Revista, a fim de dar legitimidade ao que prega sobre o progresso de Campo Grande, lança mão de meios que possam oportunizar ao leitor certo grau de comprovação, seja por meio de fotografia, balanço, memórias, enfim, vestígios históricos que, reunidos confirmam o ideal perpassado na RFS. Este vestígio em especial, tem por objetivo:

> [...] chamar a atenção dos mato-grossenses para a importância daquele empreendimento que honra não só esta cidade, como ao próprio Estado. Modernamente construído e ricamente instalado, dispondo de um corpo clínico exemplar, pode, muito bem, o Hospital Beneficente, merecer a preferência dos nossos coestaduanos e se tornar uma ótima fonte de rendas, que virá contribuir para o engrandecimento nosso, desviando de São Paulo esses numerosos doentes que buscam o conforto das boas instalações paulistas. Melhor que as nossas palavras a reportagem adiante publicada dirá da linda realidade que é o novo pavilhão da Sociedade Beneficente. [...] tornado hoje a primeira e mais luxuosa casa de Saúde Mato-grossense (RFS, n.17, fev/1933, p. 11).

O trecho deixa claro o objetivo do artigo na Revista: envolver a população leitora no discurso de modernidade, utilizando do Hospital para engrandecer e obter lucro com o desvio dos doentes de São Paulo para Campo Grande. A comparação aumenta seu grau, antes entre Corumbá, agora a Revista tenta comparar com São Paulo, sabendo da dificuldade em convencer o público apenas por palavras, exibe os dados coletados pelo redator da Revista. Ao citar que é a "primeira e mais luxuosa" casa de saúde de Mato Grosso a Revista ignora o Hospital Militar localizado na própria cidade – ou afirma ser a primeira casa de saúde que atende a todos os públicos, não só militar – de todo modo, ignora os hospitais de Corumbá e Cuiabá, ao passo que supervaloriza Campo Grande. A Figura 21 a seguir proporciona alguns aspectos do Hospital:

Figura 21–Aspectos externo se internos do Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande

VA
RAN
DA

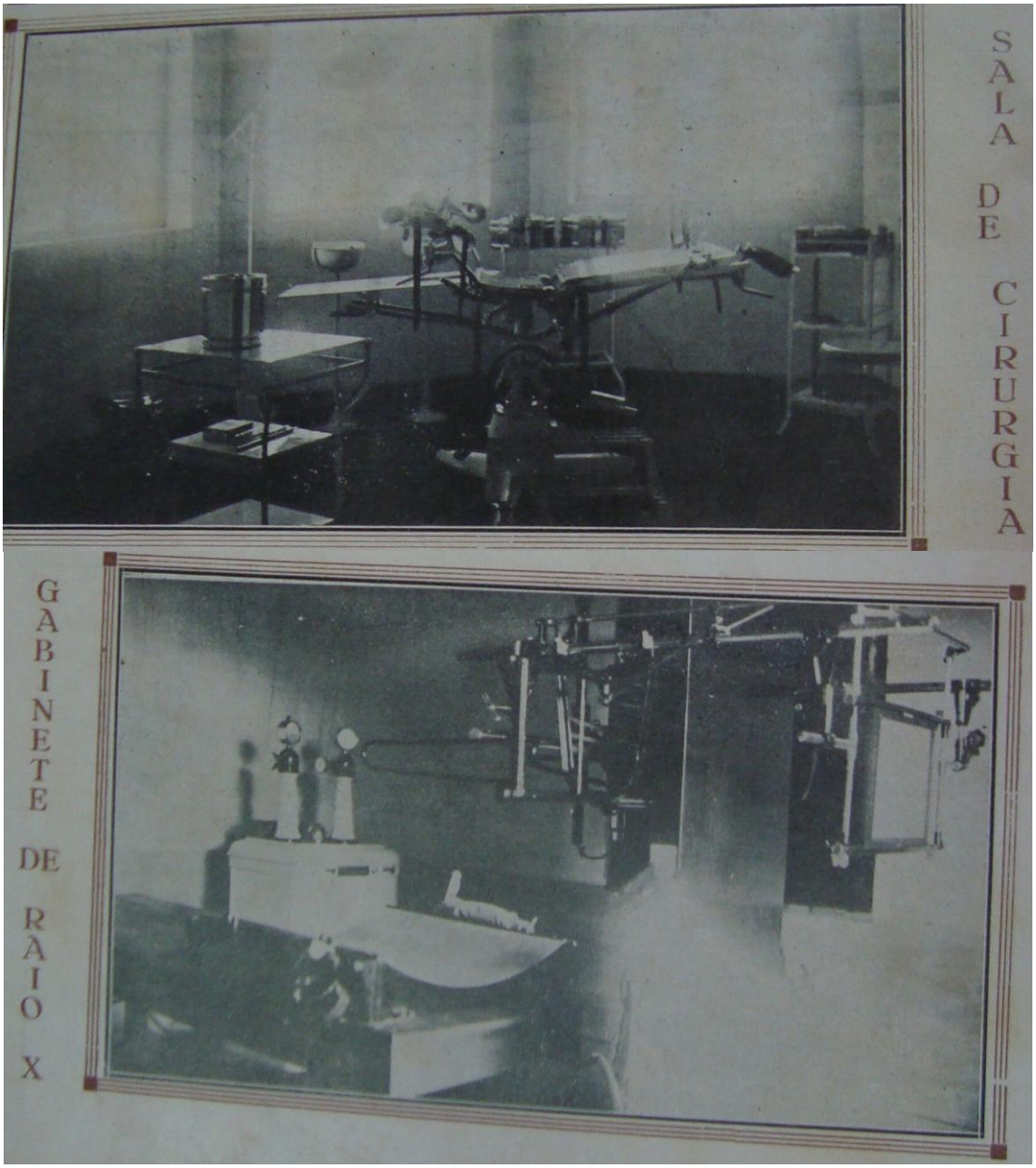
PA
RA

BA
NHO

DE

SOL

CONVALESCEN-
TES AO SOL



Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 17, fev/1933, p. 18-20.

A análise do artigo "Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande – sua ação benéfica manifestada em algarismos" evidencia o significado de progresso, urbs e modernidade que a Revista transparece em todo seu ciclo de vida:

> O progresso duma urbs traduz-se, hoje em dia, pelo movimento comercial que a vibra visceralmente e pelas indústrias que animam a sua população laboriosa, imprimindo-lhe vida dinâmica. [...] Mas o adensamento duma cidade não se cifra só pela circulação da moeda, na sua balança comercial, resultante de transações avultadas. [...] Progresso não se resume apenas ao dinheiro empregado no movimentar operações negocistas. Requer mais e

> muito mais, para ele ser forte e duradouro. A parte material tem de ser acompanhada da outra face, intrínseca, sim, mas pura e elevada, que é a espiritual. Aparece para logo o grau cultural, civilizador desse povo. E ele define-se, antes de mais nada, nos estabelecimentos de ensino e instituições pias. A instrução, como obra primária, tem de andar ligada à beneficência, seu complemento secundário. De permeio, teremos os outros melhoramentos públicos, que se ligam em cadeia harmônica, como sejam, água encanada, escoadouros, luz elétrica, calçamento, logradouros recreativos, etc. (RFS, n. 17, fev/1933, p.17).

Portanto, para uma cidade como Campo Grande ser digna do título de urbs de progresso era necessário apresentar sucesso no comércio, ter um grau de cultura e civilidade elevados, por meio de estabelecimentos de ensino escolar e instituições religiosas, além de prestar serviço beneficente a população e adventos típicos da modernidade "imprensa, luz elétrica, bares, cafés, empresa de água e esgotos, cinemas, vitrines [...] tudo compondo o novo cenário urbano" (CAMPOS, 2004, p. 41), que tentava superar um passado ainda presente de lugar estigmatizado, pois Campo Grande era uma cidade nova "de ontem pode se dizer" (RFS, n. 17, fev/1933, p.17).

A ideia de herói e sertão estão presentes no artigo "Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande – sua ação benéfica manifestada em algarismos" quando rapidamente o autor remete à fundação de Campo Grande e "José Antonio Pereira" que assentou arraiares "nas margens do córrego Prosa, mal antevia ele, de certo, a obra portentosa que estaria traçando para o sul de Mato Grosso, delineando nesta bacia, os alicerces duma futurosa cidade" (RFS, n. 17, fev/1933, p.17). O mais curioso é a comparação que o autor do artigo faz:

> Esse mago mineiro, vindo lá da longínqua Monte Alegre, rompendo sertões infindos, teve o condão divinatório, à semelhança de Moisés, nesta terra sanguínea de Promissão, de bater com a varinha mágica de sua terra vontade e fazer brotar, num solo ubérrimo, um povoado, que andados anos, já cidade, à custa do esforço ingente de seus filhos, conquistaria a primazia das suas irmãs no Sul de Mato Grosso. E Campo Grande, campo vastíssimo a todas as obras de utilidade coletiva, aos poucos e poucos, tenazmente, inteligentemente, tem conseguido quase tudo, para se colocar na vanguarda da Noroeste. Porque de Baurú até Porto Esperança, nenhuma urbs leva a palma, nessa linha mestra, por onde ela arteriza o sangue rubro e vitalizador da sua crescente pujança (RFS, n. 17, fev/1933, p.17).

A analogia de teor religioso de Campo Grande como "terra prometida" e "Canaã" é constante na Revista, mas o que chama atenção, é a condução do artigo a fim de inculcar no leitor de que Campo Grande estava predestinada a ser uma urbs e afirma estar acima das cidades sulistas de Mato Grosso e mais, suas conquistas e progresso indicam ser a cidade

"vanguarda da Noroeste" e que não há de "Baurú até Porto Esperança" progresso igual à Campo Grande. Contudo, "Campo Grande não é grande só no seu comércio e indústrias, que é a parte material da vida. Também progride na instrução e em obras de beneficência"(RFS, n. 17, fev/1933, p.17).

Portanto, no ramo caritativo, o Hospital Santa Casa, "atesta o grande coração dos seus habitantes, pródigos de generosidade" (RFS, n. 17, fev/1933, p.17). Mas qual os resultados práticos e proveitosos do Hospital? Este é o questionamento que guia o autor do artigo ao apresentar os dados estatísticos colhidos por ele "referentes aos últimos nove meses de 1932, isto é de abril a dezembro findos" (RFS, n. 17, fev/1933, p.18). Os dados se referem a entrada e saída de doentes, tendo o cuidado de expor além do número geral, também o número de doentes feminino e masculino. O serviço hospitalar, também é detalhado no artigo, como cirurgias, farmácia, curativos e medicação de doentes internos e externos, o corpo de médicos também é descrito, bem como, suas especialidades e quantas cirurgias foram feitas por cada profissional. O artigo também expõe a origem dos doentes no Hospital:

> Já vimos que em nove meses, um hospital que tem 5 anos de existência atendeu a 288 enfermos, internos, ou seja, 32 por mês e um por dia. Mas seriam todos esses doentes, habitantes desta cidade?
> Não!
> Campo Grande só forneceu 170 pessoas enfermadas, sendo que 118 nos vieram de fora, de outros pontos do Estado. [49] (RFS, n. 17, fev/1933, p.18).

A nosso ver, existe algo além da curiosidade que motivou a coleta de dados no Hospital, o autor usou o artigo de forma estratégica ao conferir nele "a eloquência das cifras, como pano de amostra, a longa projeção benéfica do Hospital da Sociedade Beneficente de Campo Grande" (RFS, n. 17, fev/1933, p. 20), bem como, o sentimento de caridade e benfeitoria dos campo-grandenses ao doarem recursos ao Hospital, ato que demonstra progresso e civilidade dignos de grandes urbs. Mas além de estratégia, o artigo esboça também tática, pois aproveita a situação e lança os inúmeros municípios que vem até Campo Grande se beneficiar da sua moderna estrutura – como amplamente retratada na Figura 21 – nesse sentido, a cidade se torna símbolo de progresso, e comprova na nota de apresentação de Peralves Neto, já citada, que tem a preferência dos conterrâneos e que está apta a receber inúmeros doentes que buscavam as confortáveis instalações de São Paulo (RFS, n.17,

[49] As outras cidades eram: Aquidauana (32), Terenos (14), Três Lagoas (9), Miranda (4), Coxim (4), Corumbá (3), Dourados (2), Entre Rios (2), Jaurú (2), Rio Pardo (2), Boa Vista (2), Rio Negro (2), Bahia Grande (1), Guaicurús (1), Maracajú (1), Jaraguari (1), Cáceres (1), Carandasal (1), Imbirussú (1) e Camapuã (1) (RFS, n. 17, fev/1933, p.18).

fev/1933, p. 11).

Ao somar as localidades disponíveis no artigo com o número de doentes advindos delas, tem-se 86 doentes e não 118 como afirma o autor do artigo. As hipóteses pelo equívoco de dados poderia ser um simples erro de digitação ou os dados poderiam não ser reais. Pelos vários números apresentados no artigo, bem como as fotografias, indicam um cuidado com o levantamento dos dados e a construção do texto, acreditamos que a primeira hipótese seria a correta. Não obstante, o último dado expresso no artigo, sobre a nacionalidade dos doentes que utilizaram o Hospital, 288 brasileiros e 60 estrangeiros pertencentes a 15 nações[50]. A contagem dos números expostos no artigo indicou 59 doentes estrangeiros. Deste modo, a hipótese associada ao erro de digitação sofre questionamento, apesar dos números estarem próximos.

A apresentação dos números de estrangeiros a nosso ver, está relacionada ao propósito de mostrar o quanto Campo Grande era alvo de procura, e o quanto seu "vertiginoso" progresso era evidente no sul de Mato Grosso, inclusive no exterior, deste modo, o autor usou também de tática na construção de sentido e com o objetivo de educar seus leitores para um determinado fim. Contudo, é necessário lembrar que a cidade recebia muitos estrangeiros, por ter a 9ª. região militar instalada, recebia muitos homens "em sua maior parte do campo e de cidades do interior, vêm de São Paulo e do nordeste" (RFS, n. 40, ago/ 1936, p. 28), por conta da imigração, fruto da propaganda da campanha nacional “Marcha para o Oeste”, além disso, Campo Grande estava em constante contato com grandes centros, tendo em vista a porta de entrada direta com a Estrada de Ferro e por fim, a cidade estava perto de região fronteiriça.

A preocupação com a imigração é vista em âmbito nacional, no artigo "A entrada de estrangeiros no Brasil" escrito pela Agência Nacional e divulgado na Revista (RFS, n. 45, set/1940, p. 26). Portanto, havia uma grande quantidade de imigrantes morando ou de passagem por Campo Grande, o que não significa que estes vieram exclusivamente em busca de tratamento médico na Santa Casa.

A caracterização de progresso e urbs descritos nos artigos e perpassado pelas fotografias, reforçam que não apenas o desenvolvimento comercial e industrial eram importantes, também eram relevantes e faziam parte da constituição de sentido o desenvolvimento cultural e educacional – alvo do terceiro capítulo – contudo, a Revista privilegiava em suas páginas o aspecto econômico e político.

[50] Alemães (10); Paraguaios (10); Japoneses (8); Sírios (6); Portugueses (5); Italianos (4), Russos (3); Bolivianos (3); Argentinos (2); Espanhóis (2); Uruguaios (2); Tchecoslovacos (1); Ingleses (1); Polacos (1); Francês (1) (RFS, n. 17, fev/1933, p.19).

Portanto, esta análise das fotografias da Revista, permite problematizar a construção de um padrão urbano, assim como o discurso de modernidade social, os quais ao nosso ver, reforçam o processo de inclusão e legitimação de uma nova representação de Campo Grande, defendida pela Revista.

Nesse sentido Monteiro diz que as revistas ilustradas também:

> [...] ajudam a legitimar o processo de mercantilização e monopolização do espaço urbano através da especulação imobiliária e a verticalização da área central da cidade através da construção de edifícios de alto gabarito, bem como da difusão de novas formas de sociabilidade e formas de consumo através das publicidades associativas às reportagens no contexto do processo de diagramação e edição das fotografias nas páginas da revista (MONTEIRO, 2012, p. 46).

Por conseguinte, esse processo remete ao campo econômico/político de Campo Grande por meio das propagandas presentes nas páginas da RFS, como veremos no tópico seguinte.

2.2 A cidade e seu entorno pelos anúncios e propagandas

A diversificação econômica de Mato Grosso iniciou-se após o fim da Guerra contra o Paraguai (1864-1870), conforme Brito (2001). No entanto, na década de 1920, Mato Grosso ainda se caracterizava "pela presença de grandes latifúndios (pecuária e erva-mate), ocupado por uma população rarefeita, principalmente em se tratando de sua zona rural" (BRITO, 2001, p. 26). As páginas da RFS registram esse momento com inúmeras propagandas de manteiga, "A Manteiga de Maracaju" com vendedor exclusivo em Campo Grande Aikel Mansour (1931, n. 2, nov/1931, p. 34); "Manteiga Mato Grosso" fabricada por José Villela de Figueiredo (1932, n. 4, jan/1932, p. 3), "fabricação sob rigorosa exigência da higiene, pelos processos modernos" (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p.19); "Manteiga 'Cacique'", fabricado por "Brasil *Land Ctle and Paking Co*., na fazenda Capão Bonito" (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 56); "Manteiga Mooca" (RFS, ns. 43 e 44, /1940, jul e ago, p. 45).

No que se refere a pecuária e agricultura, são constantes na Revista artigos e propagandas que tratam do assunto. Sobre a pecuária tem-se "Projetamos a Pecuária!" escrito por Severino de Queiroz (RFS, n.16, jan/1933, p.12); "A Pecuária e Estado de Mato Grosso" com o subtítulo "Porque café fino? E não gado fino?", escrito por Moacir (RFS, n.22, jul/1933, p.7,8 e11). "Serviço de Defesa Sanitária Animal" (RFS, NS. 37 e 38, jan e fev/1935,

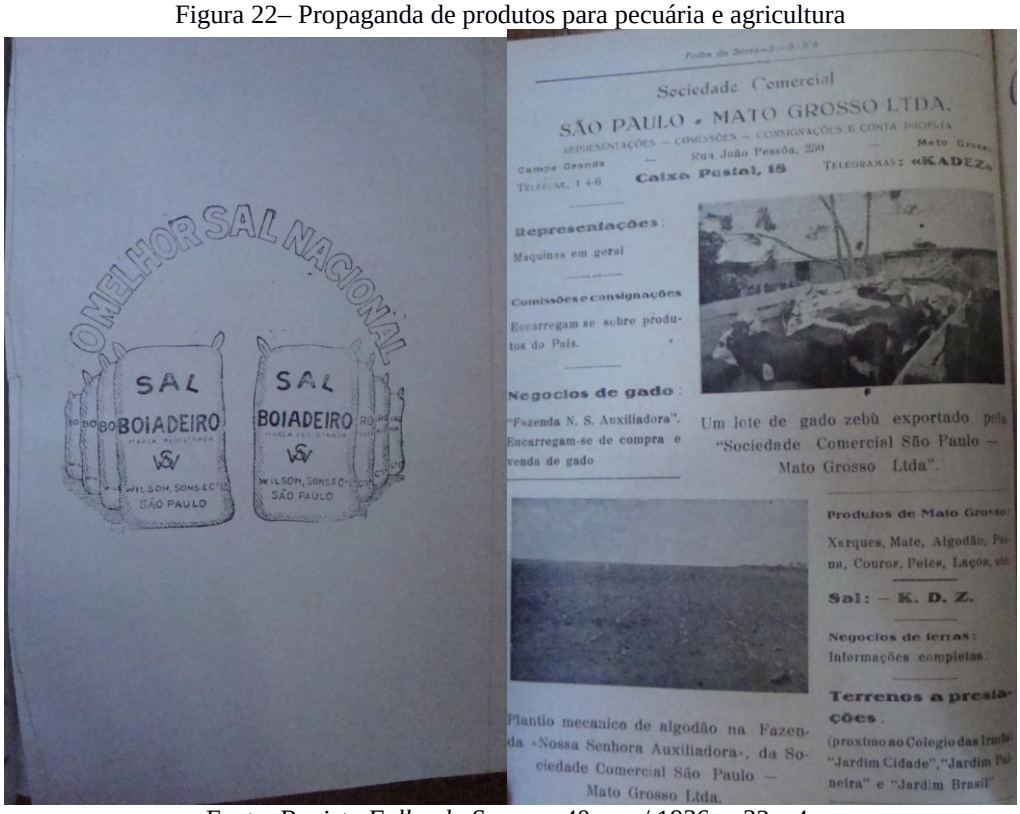
p. 14); “O ‘Sudoeste’ de Mato Grosso e a indústria do charque”; “Pela nossa pecuária” por Dr. Alcindo de Figueiredo (RFS, n. 40, ago/1936, p. 40); “Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso” com o subtítulo “Relatório dos Trabalhados no Exercício de 1934 (Resumo)” (RFS, n. 40, ago/1936, p. 144); “Mato Grosso e sua Pecuária” escrito pelo Dolor F. Andrade, presidente do Sindicato dos Criadores do sul de Mato Grosso (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 65 a 74).

Os dados da “seção oficial” de Campo Grande em 1933, escrito por Humberto Miranda, responsável pela “Secretaria da Diret. Técnica da Pref. Municipal”, esclarece sobre a pecuária da cidade:

> Esta indústria, que ainda continua como a base da estrutura econômica campo-grandense, dia a dia mais preocupa a atenção dos criadores, que procuram melhorar os seus rebanhos, introduzindo excelentes reprodutores, notadamente os da raça ‘zebu’, a mais preferida pela sua rápida adaptabilidade aos nossos climas e aos nossos campos. Belos exemplares de outras raças tinas também se encontram nas nossas fazendas a atestarem o quanto temos evoluído nesse terreno. Segundo o lançamento procedido em 1930 pela Coletoria Estadual, a população bovina era de 176.367 cabeças, sendo 154.908 de cria, e, a cavalar, atingia a 8.546. Este quociente por certo aumentou sensivelmente, pois de outro modo não comportaria a exportação verificada neste ano, no primeiro semestre. Só a Noroeste transportou 23.963 rezes, isto é, 52% do gado recebido no trecho de Mato Grosso que foi 44.141, naquele período. Tomando-se por base o que saiu pelo Porto 15 de novembro nos anos de 1928 a 1930, ou seja, respectiva e aproximadamente 76.000~66.00 e 55.000 sempre presente a percentagem do decréscimo acusado, encontraremos, para este ano, até 30 de junho, uma exportação de 23.000 que aduzida a que foi encaminhada pela ferrovia, perfaz o total de 45.963 cabeças que representa 26% dos rebanhos. Isto sem falar dos que procuram mercado consumidor passando por Taboado, Alencastro e Urubu-Pungá (RFS, n. 23, ago/1933, p. 64).

No que se refere a pecuária corumbaense “A nossa criação vacum, estiolada pela depressão formidável de preços e perseguida pela série nunca vista de quatro inundações consecutivas, não está propícia a produzir otimismo”. Contudo em Nhecolândia com a criação do “Centro de Criadores de Nhecolândia” pelo sr. Dr. Estevão Gomes da Silva há uma “seleção do cavalo crioulo do Estado com a introdução [...] de sangue inglês e árabe [...] tomaram-se os dois primeiros campeões da Nhecolândia, títulos anuais obtidos em corrida de 300 metros” (RFS, n. 21, jun/1933, p. 12). As propagandas referentes à pecuária são inúmeras, a que se segue na Figura 22 fornece uma dimensão da notoriedade da mesma:

Figura 22– Propaganda de produtos para pecuária e agricultura



Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 40, ago/ 1936, p.32 e 4.

Outras propagandas como “Compra de peles de animais silvestres e couros de bois” em Corumbá chama atenção (RFS, n. 21, jun/1933, p. 56); “Casa Gaúcha” selaria e artefatos de couro (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p.17); “Curtume Mato Grosso”, “compra de vacuns e silvestres, vende, curtidos e próprios” (RFS, ns. 28 e 29, jan e fev/1934. p. 36); “Astrun”, “Remédio eficaz contra peste de gado vacum e cavalar” (RFS, n. 45, set/1940, p. 7) “Vasquez & Cia. Ltda”, “Industrias; Concessionário do Matadouro Público de Campo Grande; Proprietários da Charqueada Campo Grande e Curtume Vasquez; Compram couro; peles de animais silvestres e crina animal” (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 9); “Touros ‘Zebu’ para os nossos rebanhos”, “Zebu, todos registrados na Sociedade ‘*Herd Boock* Zebu’, exposição na Fazenda Guariroba em Campo Grande” (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p. 24); “Fazenda Experimental de Criação em Campo Grande” (RFS, n. 40, ago/1936, p. 117); “Reprodutor puro sangue inglês ‘Zorila’ da Fazenda ‘União’ do Snr. Faustino Pinto de Almeida e D. Manoela Soares de Almeida” (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 31); “A Pecuária em Mato Grosso”, “Zebu da fazenda Modelo M. de Agricultura, sendo examinado pelos Drs. E. Machado e Dotor de Andrade e Sr. M. Joaquim de Morais”; Lotes de bezerros zebu; Fazenda Ligação da Cia. Frigorífico Angle” (RFS, n.8, mai/1932, p. 36).

O Matadouro Público segundo os dados estatísticos de 1933 revelam que:

> Para o serviço de matança do gado destinado ao consumo da população, mantém a firma Vasquez & Cia. por concessão do Governo Municipal, um bem montado Matadouro onde se observam todos os preceitos higiênicos. Até 30 de junho deste ano, foram ali abatidas, para o consumo da cidade, 3.663 rezes e 490 suínos, isto é, a média de 20,1 de rezes e de 2,7 de suínos. Na charqueada que a concessionária montou junto ao Matadouro, foram carneadas 3,630 rezes e os seus produtos e subprodutos exportados (RFS, n. 23, ago/1933, p. 67).

No que se refere ao Mercado Público, o local chama atenção da Prefeitura da cidade e frente a isto Secretário da Diretoria Técnica da Prefeitura Municipal expõe que:

> Em vista da aceitação e do incremento que vem tendo a Feira Livre instituída com muita visão e sabedoria, por um dos nossos intendentes, mais se impõe a necessidade, que há muito se faz sentir, de um local adequado onde os lavradores e pequenos industriais possam expor a sua produção para vede-la. Vários governos estudaram o problema e procuraram resolve-lo. Infelizmente, porém, nada conseguiram e ele está a exigir uma solução. Esta vem agora sendo estudada pela Prefeitura que espera, dentro em breve tempo, alcança-la, dotando assim a cidade de um modelar Mercado Público instalado em edifício apropriado e consentâneo à sua finalidade. Com esse propósito iniciaram-se e foram levadas a bom termo as negociações com a forma Irmãos Fidal e, concessionária do Mercado de carne fresca e peixe, montado já em prédio especialmente por ela construído para esse fim, no sentido de ser escampado esse serviço. Essas 'démarches', bem encaminhadas como foram, já tiveram o seu remate na assinatura, há dias verificada, da respectiva escritura, o que veio proporcionar maiores facilidades para a favorável e definitiva solução do momentoso problema que tanto interessa à cidade (RFS, n. 23, ago/1933, p. 67).

Ainda referente a pecuária, a instalação do "Frigorífico de Campo Grande" com a seguinte legenda "Modernos maquinismo; Fábrica de salames, presuntos e línguas defumadas; Prédio etilizado e moderno, com açougue; Um dos maiores orgulhos do progresso citadino" merece ser disposto na Figura 23, bem como "A vencedora", "Depósito em larga escala de couros, crinas, peles silvestres e etc." (RFS, n. 40, ago/1936, p. 73), pela alta propaganda as duas últimas são expostas:

Figura 23 – Indústrias ligadas à Pecuária em Campo Grande

Folha da Serra — 30-8-936

Frigorifico de Campo Grande

Esta pagina, num preito muito justo, focaliza o Frigorifico «Campo Grande», no alto, inaugurado em março de 1935, ao centro o seu proprietario, sr. Otto Riester, um inteligente empreendedor a quem Campo Grande deve uma nova industria de muito futuro para as necessidades locais, e, em baixo duas secções com modernos maquinismos para fabricação de salames, presuntos e linguas defumadas.

O sr. Otto Riester, que aqui se fez á custa dum labôr honrado e persistente, soube dotar a nossa cidade dum predio estilizado e moderno, com açougue, que é, incontestavelmente, o melhor, no genero, de Mato Grosso, e um dos maiores orgulhos do progresso citadino.

Folha da Serra — 30-8-936

A VENCEDORA

Rua 13 de Maio, 1937 e 1945

(Bairro do Cascudo)

é um dos mais acabados depositos, em larga escala, de couros, crinas, peles silvestres, etc., desta cidade.

Anexo tem um vasto armazem para herva mate e cereais.

É seu proprietario o sr. Ide Saueia, que a objetiva fixou nesta pagina, um completo negociante naqueles procuradissimos artigos do Estado, que ele compra e exporta em grande quantidade.

O sr. Ide Saueia é igualmente o representante autorisado de B. Van Mastucyk & Cia. Ltda. do Rio de Janeiro.

Quaisquer informes comerciais podem ser encaminhados á caixa postal n. 3, telefone n. 60 ou ao endereço telegrafico «Vencedora».

Em cima, lado direito, o sr. Ide Saueia, rodeado de empregados, no momento do embarque de uma grande partida de couros, no centro parte da exposição e embarque de couros, e o snr. Ide Saueia; e no lado direito, outra vista de embarque de couros.

A VENCEDORA paga, á vista, qualquer quantidade de couros, pelos melhores preços do mercado.

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 40, ago/ 1936, p.78 e 73.

A Indústria em Campo Grande segundo os dados estatísticos em 1933:

> Além da indústria pastoril, que é a mais importante, como já se ressaltou, outra – a fabril – vem firmando os passos, ganhando terreno. Prospera, oferecendo encorajadora compensação aos que a exploram, registrou em 1932, mau grado a profunda perturbação porque passamos, o funcionamento de 73 fábricas e oficinas (RFS, n. 23, ago/1933, p. 64).

Nesse sentido, com base no Quadro 8, distingue as 73 fábricas e oficinas nas seguinte proporção e espécie:

Quadro 8 – Proporção de fábricas e oficinas

Espécie	Quantidade
Bebidas	12
Calçado	19
Especialidades farmacêuticas	1
Conservas	4
Vinagre	2
Artefatos tecidos	1
Chapéus	1
Torrefação e moagem de café	6
Manteiga	6
Móveis	8
Queijos	3
Artefatos de couro	6
Ladrilhos e mosaicos	2
Fogões	2

Fonte: Elaborado com base na Revista *Folha da Serra* n.23, ago/1933, p. 64.

A partir do exposto no Quadro 8, os dados apontam ainda que:

> A proporção, das fábricas mais importantes, foi, no mesmo ao, a que segue: Calçados: Botas 131; Borzeguins e sapatos 4.105; Chinelos 4.169, total 8.405 pares. Conservas 8.384 quilos; Vinagre 13.335 litros; Manteiga 9.025 quilos; Móveis 706 peças; Artefatos de couro 805 peças; Ladrilhos e mosaicos 4.100mts.q. (RFS, n.23, ago/1933, p. 64).

Ao contrário da pecuária, a agricultura ganha pouco espaço nas páginas da RFS, tanto por artigos quanto pelo conteúdo comercial, com exceção da menção da erva mate com 17 aparições. Os artigos que mencionam "Agricultura" são aqueles que falam das riquezas do estado e de Campo Grande, nenhum especial à Agricultura, como visto com "Pecuária", com exceção de "Apelo ao Banco de São Paulo" referente à agricultura,

> *Campo Grande é uma cidade nova e que já nasceu fadada a ser rica*. [...] Predomina na Pecuária pelo valor de seu rebanho selecionado [...] Na agricultura, suplanta a muitos Municípios prósperos do E. De S. Paulo, com sua policultura: - café [...], arroz, feijão, milho [...] – algodão [...] A mineração atinge a milhares de contos mensais. É superior a três mil o número de agricultores profissionais [...] O técnico Japonês que percorreu diversos Países e que aqui esteve, ficou admirado e surpreso, ao conhecer a difusão da lavoura no Município de C. Grande, e disse 'A Colônia de Terenos é um espelho – lavoura mecanizada e feita pelos melhores processos dos países mais adiantados'. Em S. Paulo esse importante estabelecimento bancário é essencialmente agrícola, auxilia a lavoura; aqui não quer se interessar e não acredita na existência de lavourista!... Oferecemo-nos a patentear isso que citamos, percorrendo esses locais. É lastimável o indiferentismo dos Poderes Públicos, mas não se desconheça e não duvida das possibilidades que temos (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 57. Grifo nosso).

Neste artigo é visto a prevalência da pecuária em detrimento da agricultura. Em 1936 tem-se "As possibilidades algodoeiras de Mato Grosso" escrito pelo agrônomo F. Maia Filho (RFS, n. 40, ago/1936, p.102 e 103). Outro artigo interessante é "O combate à saúva" "Demonstração do processo de combate à formiga saúva", inscrição para interessados em demonstrar perante o Departamento Nacional da Produção Vegetal do Ministério da Agricultura, "conforme estabelecido no art. 139 do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, a praticabilidade e eficiência de seus processos de combate à saúva" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.31). Em 1940, a Revista publica "Um mimo ofertado ao exmo. Snr. Ministro da Agricultura" em passagem para a capital da União, o negociante sr. Jamil Nachif "confeccionou um saquinho de erva mate da firma José Sahib & Irmãos" ao "ilustre titular da Agricultura para a capital da união", "o gesto digno de louvores agradou sobremaneira o exmo." (RFS, n. 47, nov/1940, p. 9).

No que tange a propriedades rurais:

> Campo Grande que, em 1920, com uma superfície de cerca de 60.000 quilômetros quadrados contava 583 propriedades rurais ou 15,2% de todas as do estado naquela época, apresenta-se hoje, quando a sua área já está reduzida a 35.512 quilômetros quadrados – em virtude do desmembramento de Entre Rios que se constitui em município – retalhado em 2.217 propriedades ou seja uma média de 16 quil. quad. por posse (RFS, n. 23, ago/1933, p. 63).

Esse desmembramento apontado "das grandes propriedades e dos latifúndios" causou O "florescimento da agricultura". Nesse sentido,

> O município, que até o primeiro quarto deste século pouco desenvolvida, ou melhor, em estado embrionário, incipiente, tinha a sua agricultura – pois a maior parte da sua população se dedicava exclusivamente à indústria pastoril, relegando para plano inferior a cultura das terras, esquecida, talvez, de que a melhoria da raças bovinas estriba-se também na agricultura, a qual, entre outras vantagens, oferece larga margem para lucros certos e pingues, - apresenta, hoje, extensas faixas de terras inteligentemente preparadas, onde apreciáveis manhas de café, mate, arroz, milho, feijão, mandioca, batatas, onde a policultura, enfim, é praticada em escala ascendente (RFS, n. 23, ago/1933, p. 63 e 64).

Contudo, o destaque segundo os dados estatísticos fica a cargo do café:

> A principal cultura é a do café que já conta a respeitável cifra de quase 1.000.000 de pés e uma colheita que se esboça à beira de 10.000 sacas. O

> mate, por enquanto, só aparece nas estatísticas, com o modesto contingente de 10.000 pés. A produção do arroz atingiu em 1932 a 10.300 sacos; a do milho foi de 7.8000 e a da batata 2.200 sacos, computados somente o que produziram a colônia nipônica e a Colônia de Terenos, mantida pela Prefeitura na estação do mesmo nome. Além disso os colonos de Terenos colheram mais 201 sacos de feijão e plantaram, até 30 de junho findo, 361.250 pés de mandioca, 34.625 de abacaxi. 13.675 de café e tinham em seus chiqueiros 653 porcos e 2.460 galinhas, nos seus aviários (RFS, n. 23, ago/1933, p. 64).

A erva mate por sua vez, aparece nas seguintes propagandas: "A exportação de erva mate em Campo Grande" diz "vende carregamento da Hez Mato-grossense" (RFS, n. 4, jan/1932, p.2); "Bacha irmão", "Importador e exportador de Erva Mate; Agente em Mato Grosso da '*The Atlantic Refining Company'*; Matriz em Corumbá; Filial em Campo Grande" (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p. 33); "Erva Mate Especial", "Um saquinho de dois quilos a 5$000. Atacado preço especial" (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p. 33); "F. Roca", "Elaboração de erva mate Flor e Cabocio" (RFS, n. 21, jun/1933, p. 26); "Y. Corrêa & Comp.", "Importação e exportação 'Erva Mate Especial'" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 83); "A Vencedora", "Anexo armazém para erva mate e cereais; Autorizados de B. Van Mastucyk & Cia. Ltda. do Rio de Janeiro" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 73); "Karim Katuchi", "Comprador e exportador de erva mate em grande escala" (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p.21); "Vierci & Brun Ltda.", "Exportação de erva mate; Importação de farinha de trigo da Argentina" (RFS, ns. 41 e 42, ago e set/1937, p.56); "Empresa Rio-grandense de Mate Ltda.", "Matriz em Porto Alegre; Filiais em Curitiba e Campo Grande, Exportação de erva mate em grande escala" (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 63).

Os artigos em que aparece erva mate, todos os dois vem acompanhados da Empresa Mate Laranjeira: o primeiro deles é o artigo "Ponta Porã" escreve sobre a cidade, a fronteira com Pedro Juan Caballero, menciona que a mesma é a quarta cidade do Estado, e cita a produção de erva mate pela Empresa Mate Laranjeira. (RFS, n. 26, nov/1933, p. 18 e 19). Nesse interim, tem também um comunicado "Ecos dos festejos comemorativos da fundação da cidade" mencionando os representantes da Empresa (...) pela participação na 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso, que será abordada a pouco (RFS, n. 24, set/1933, p. 24), e também diz sobre um torneio intermunicipal de futebol, "a embaixada esportiva de Campanário" é composta por "Sr. Mario Mendes Gonçalves, representante da Empresa Mate Laranjeira". Mais adiante, tem-se no número 22 do mesmo ano, uma fotografia com o seguinte título "Uma parada de gaúchos", a legenda "Grupo feito em Ponta Porã, por ocasião do ex interventor Antunes Maciel aquela cidade do extremo sul de Mato Grosso. Ao fundo vê-se o

prédio do Quartel de Polícia, doação da Empresa Mate Laranjeira ao Estado" (RFS, n. 26, nov/1933, p. 22, destaque original). Esse fato chama atenção, pois a Empresa é detentora de grande poder na região como mostra a legenda da fotografia "Quartel de Polícia, doação da Empresa". Segundo Brito (2001, p. 21), no sul do Estado marcou presença a extração da erva-mate pela Companhia Mate Laranjeira, "detentora dos direitos de arrendamento e usufruto de grande parte dos ervais nativos do extremo Sul do estado". Essa concessão durou até fins de 1937, quando o Estado Novo recusa a renovar o contrato. Com o fim do período ditatorial, houve um breve período de acordo, contudo em 1949 o estado reincidi o contrato "chegando assim ao fim, oficialmente, o longo domínio da empresa sobre os ervais mato-grossenses" (QUEIROZ, 2010, p. 5)

Em 1933 é noticiado na RFS o "Congresso Ervateiro de Ponta Porã", ocorridos nos dias 5 e 6 de junho de 1933 no "edifício social do 'Grêmio Luz e Recreio' reuniu-se o primeiro Congresso Ervateiro de Ponta Porã", contou com a presença de "setenta e quatro senhores congressistas; entre eles se viam os principais industriais da *Ilex mato-grossensensis*, comerciantes nesse produto, autoridades estaduais, municipais e distritais" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 34). A reunião teve como objetivo apontar pontos de vistas os quais foram debatidos e aprovados, motivo que:

> [...] entusiasmaram a todos os presentes, que agora têm a esperança de ver, sanados os males que ocasionam atualmente a crise do Ouro Verde, pelas acertadas medidas de emergência, que em circunstanciado relatório serão apresentados ao Chefe do Governo Provisório e que certamente serão levadas em conta pelo Governo, como é de justiça, entrando então o Município de Ponta Porã, que é o produtor da melhor erva mate do Universo, em situação financeira condigna com seus progressos e merecimento, e sua laboriosa população desafogar-se-á, passando a melhores dias, por isso que atendidas pelo Governo as medidas alvitradas pelo Congresso Ervateiro do Município sentinela das fronteiras sul mato-grossenses, nossa erva mate [...] terá fácil exportação, e com sua franca saída, livre de todos os empecilhos de agora, voltará o Município aos áureos tempos (RFS, n. 22, jul/1933, p. 34).

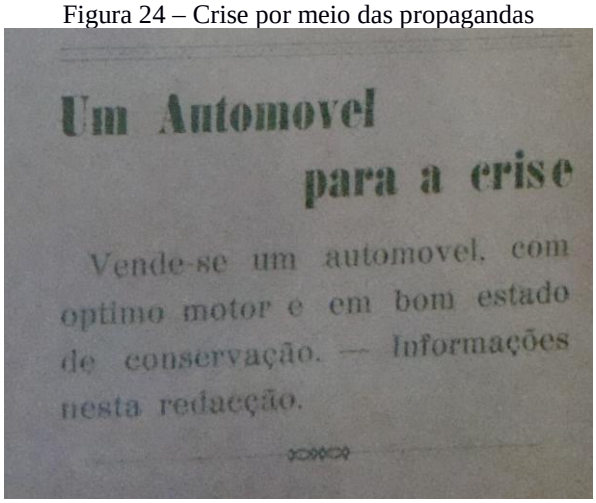
Ainda neste artigo foi publicado a Ata do Congresso referentes aos dois dias do evento e também os telegramas destinados à Getúlio Vargas e outro ao Interventor Federal. A esse respeito, o artigo "Situação econômica de Ponta Porã", escrito por Licio Borbalho, é citado que a cidade atravessa "uma das fases mais angustiosas de sua vida econômica. Oprimida por uma crise financeira em proporções elevadas", a crise se deu pela "completa paralisação da produção e exportação da erva mate, feita este ano quase que exclusivamente pela Mate Laranjeira, causou um grande abalo à fortuna pública e particular". O autor ainda escreve

sobre a importância dessa indústria, pois a ela "estão subordinados todos os ramos da atividade comercial do município; a sua desvalorização importa, forçosamente, na restrição dos negócios", por este motivo "ano passado o fechamento de inúmeras casas comerciais. A queda do preço de terras articulares, a baixa dos alugueis, a falta de pagamento de impostos". O artigo aponta algumas soluções possíveis para o melhoramento dos problemas e diz que o "congresso de representantes de classe do município de Ponta Porã (...) irá solicitar ao Snr. Chefe do Governo Provisório as medidas de emergência. Que prometeu tomar, em benefício dos ervateiros mato-grossenses" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 21). Nesse sentido, Brito aponta que:

> Os anos 30 iniciaram-se, em Mato Grosso, com o estado sentindo os reflexos da crise econômica que abalava o país, ainda sob o impacto dos acontecimentos que envolveram o conjunto do mundo capitalista, principalmente a partir de 1928/1929. Uma das principais consequências destes abalos foi sentido com a queda nos preços das mercadorias relacionadas à pecuária, principal produto da pauta produtiva de Mato Grosso. Além desta, também foram atingidas a comercialização da erva-mate e a borracha, os outros dois produtos importantes na economia local. (BRITO, 2001, p. 27)

Os anúncios refletiram a crise, como mostra a Figura 24:

Figura 24 – Crise por meio das propagandas


Um Automovel
para a crise
Vende-se um automovel, com optimo motor e em bom estado de conservação. — Informações nesta redacção.

Fonte: Revista *Folha da Serra* n. 6, mar/ 1932, p.36.

Deste modo, sobre a crise político-institucional, Brito (2001, p. 40) declara que refletiu dentre outras coisas, "um desdobramento da disputa econômica e política envolvendo os setores ligados ao capital agrário-exportador e aqueles relacionados ao capital industrial, em termos de Brasil". Sendo assim, por um lado mostrou um crescente declínio "de

representantes políticos dos grupos que tradicionalmente vinham dirigindo o Estado em todo o primeiro período republicano, como era o caso das famílias Murtinho, Paes de Barros, Ponce, entre outras" em contrapartida, ocorre o "fortalecimento de outras facções, inclusive algumas que não se constituíram, pelo menos inicialmente, como grandes proprietárias de terras, marca característica da classe dominante no Estado, durante a República Velha" (BRITO, 2001, p. 40). Portanto, a autora conclui que em se tratando da conjuntura político-institucional de Mato Grosso, esta foi:

> […] constantemente agitada pela disputa que se estabeleceu entre os grupos anteriormente citados, período esse que se esgotou com o início do Estado Novo. Simultaneamente, este momento histórico que vai de 1930 a 1937, também foi de crise no plano econômico, crise essa que agravou a situação sempre precária das finanças públicas do executivo estadual. Neste sentido, adotando políticas ortodoxas nos setores fiscais e monetários, poucos foram os investimentos realizados pelo Estado no período, particularmente nos setores sociais, inclusive em educação. Assim, tanto em termos financeiros como administrativos, [...] as estruturas existentes permaneceram no mais das vezes conservadas em seus traços mais gerais, apesar dos vários interventores e governadores que estiveram à frente do executivo estadual nesses sete anos". (BRITO, 2001, p. 46).

Outra atividade que ganhou espaço no início do século XX, foram as casas comerciais, em virtude do transporte pela bacia Platina, tendo como centro de distribuição a cidade de Corumbá, que até os anos 1930 foi responsável "pelo abastecimento da capital do estado, Cuiabá, e demais cidades do Norte (Cáceres, Leverger, etc.) e Sudeste de Mato Grosso, como Campo Grande, Coxim, Aquidauana, Miranda, entre outras". (BRITO, 2001, p. 26).

No que se refere ao comércio em Campo Grande:

> Perpasso com o desenvolvimento e progresso desta unidade mato-grossense, marcha o nosso comércio que se expande promissor e cada vez mais volumoso fazendo a independência de muitos e contribuindo com a ponderável parcela para a riqueza geral. O número de casas comerciais abertas em pleno funcionamento, até 30 de junho último, era de 348, as quais realizaram, no mesmo período, operações que atingiram a Rs...15.508:000$000. Incorporando a esta parcela a proveniente da venda das 45.963 rezes exportadas, acharemos o total de Rs. 20.104:300$000 ou Rs. 3.350:717$000 por mês. Apesar da paralisação da crise que há tanto tempo nos assoberba, o movimento comercial de Campo Grande vem num crescendo que bem atesta a nossa potencialidade, nenhuma depressão acusando nestes últimos anos pois, sendo de 24.283:300$000 o bruto das operações em 1926, subiu ele a 33.673:000$000 em 1928 e alcançou 33.793:000$000 em 1930, cálculos estes efetuados sobre a renda do imposto das vendas Mercantis (RFS, n. 23, ago/1933, p. 64).

É pertinente neste momento, apresentar os dados estatísticos sobre transporte em Campo Grande, considerando as formas de entrada e saída de produtos:

> Para a circulação da sua riqueza, dispõe Campo Grande de vasta rede de estradas carroçáveis que torna fácil o acesso da cidade aos moradores dos mais afastados rincões do município. Dessas rodovias, que vem merecendo a atenção do governo municipal, sinceramente empenhado em reconstruí-las e conserva-las, destacam-se duas, das quais as outras são derivações e verdadeiros tributários. São a que nos liga aos municípios de Entre Rios, Maracaju, Ponta Porã e Bela Vista e a que nos une a Coxim e a todo o Norte do estado, todas elas trafegáveis por automóveis e servidas por mais de 34 pontes e inúmeros pontilhões dentro das nossas raias. Aquela administração, dentro desse critério, já iniciou o serviço de abaulamento do trecho entre Campo Grande e Lagoinha, obedecendo a condições técnicas favoráveis, devendo se inaugurar, por ocasião da passagem da data aniversária da criação do município, a 26 do corrente, os primeiros 30 quilômetros, até ribeirão Anhanduí, com a respectiva ponde, de aroeira com 21 metros de comprimento. Circulando nessas estradas e nas ruas da cidade, há, neste ano, 140 automóveis, 68 caminhões, 364 carroças e charretes, num total de 572 veículos, só da parte deste município (RFS, n. 23, ago/1933, p. 64 e 65).

Nesse sentido, as estradas de rodagens a partir da "sede do município irradiam-se estradas que a atual Prefeitura vem construindo e conservando, facilitando o intercâmbio comercial com outras facilidades e inúmeras propriedades rurais", assim sendo, "de todos os quadrantes da cidade projetam-se rodovias que alcançam as sedes dos distritos e os povoados" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 67).

Contudo, "a espinha dorsal" do sistema de transporte de Campo Grande era sem dúvida, a ferrovia que proporcionava, desde 1914, a ligação do município "aos grandes centros nacionais, aos mercados consumidores da nossa produção que por ela se escoa celeremente, sem os pesados ônus que outros meios exigem" (RFS, n.23, ago/1933, p. 65). Assim a "Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, teve no primeiro semestre deste ano, na estação local" um grande movimento que mostra "de modo irretorquível, a importância econômica do município":

> [...] Campo Grande se destacou dentre os demais municípios servidos pela Noroeste, na exportação de gado por esta Estrada, cabendo-lhe 52% das vezes embarcadas, não é menos expressiva a percentagem da sua redistribuição aos serviços recebidos, pois sobe a 40% em relação ao transporte de passageiros e a 42% sobre o de mercadorias, das quais resulta a média geral de 45%! Nesse período de tempo a Estação local vendeu 6.046 ingressos à plataforma; 1.932 passagens de primeira e 2.392 de segunda, todas simples e, de ida e volta, 578 ditas de primeira e 353 de segunda classe (RFS, n.23, ago/1933, p. 67).

Foram ainda despachados, “entre outros” os seguintes artigos reunidos no Quadro 9, logo abaixo:

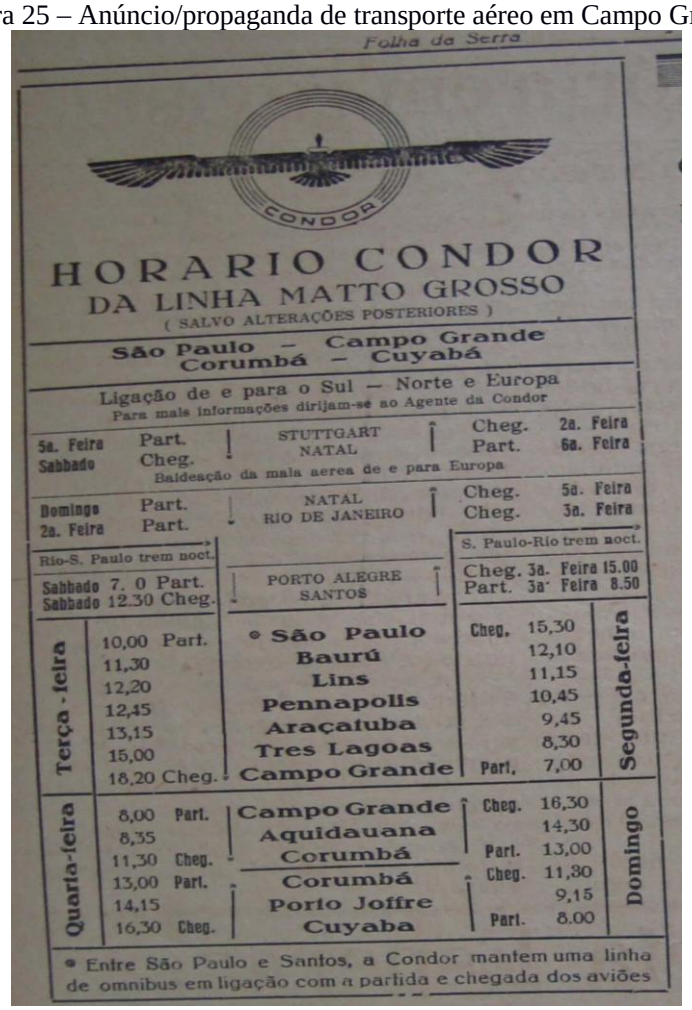
Quadro 9 – Alguns dos principais artigos despachados pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Campo Grande no primeiro semestre de 1933

Produto	**Quantidade**
Charque	275.544 quilos
Couros	229.649 quilos
Mate	119.873 quilos
Milho	85.500 quilos
Arroz	48.588 quilos
Café	39.941 quilos
Feijão	20.906 quilos
Madeiras	33.846 quilos
Amendoim	4.988 quilos

Fonte: Elaborado com base na Revista *Folha da Serra*, n.23, ago/1933, p. 67.

Além disso, chama atenção que Campo Grande também oferecia serviços de transporte de duas linhas de aviação, “uma postal, mantida pelo Ministério da Guerra, encurta a distância que nos separa de São Paulo e da Capital Federal” e a outra feita pela Condor que “visita semanalmente, Campo Grande, Aquidauana, Corumbá e Cuiabá”, como mostra a Figura 25 a seguir:

Figura 25 – Anúncio/propaganda de transporte aéreo em Campo Grande



Folha da Serra

CONDOR

HORARIO CONDOR
DA LINHA MATTO GROSSO
(SALVO ALTERAÇÕES POSTERIORES)

São Paulo — Campo Grande
Corumbá — Cuyabá

Ligação de e para o Sul — Norte e Europa
Para mais informações dirijam-se ao Agente da Condor

5a. Feira Sabbado — Part. Cheg. — STUTTGART NATAL — Cheg. Part. — 2a. Feira 6a. Feira
Baldeação da mala aerea de e para Europa

Domingo 2a. Feira — Part. Part. — NATAL RIO DE JANEIRO — Cheg. Cheg. — 5a. Feira 3a. Feira

Rio-S. Paulo trem noct. — S. Paulo-Rio trem noct.

Sabbado 7. 0 Part. Sabbado 12.30 Cheg. — PORTO ALEGRE SANTOS — Cheg. 3a. Feira 15.00 Part. 3a. Feira 8.50

Terça-feira	10,00 Part.	* São Paulo	Cheg. 15,30	Segunda-feira
	11,30	Baurú	12,10	
	12,20	Lins	11,15	
	12,45	Pennapolis	10,45	
	13,15	Araçatuba	9,45	
	15,00	Tres Lagoas	8,30	
	18,20 Cheg.	Campo Grande	Part. 7,00	
Quarta-feira	8,00 Part.	Campo Grande	Cheg. 16,30	Domingo
	8,35	Aquidauana	14,30	
	11,30 Cheg.	Corumbá	Part. 13,00	
	13,00 Part.	Corumbá	Cheg. 11,30	
	14,15	Porto Joffre	9,15	
	16,30 Cheg.	Cuyaba	Part. 8.00	

* Entre São Paulo e Santos, a Condor mantem uma linha de omnibus em ligação com a partida e chegada dos aviões

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n.39, ago/1935, p. 10.

Segundo os dados estatísticos correspondentes a 1933, sabido que a Figura 25 retrata o anúncio/propaganda em 1935, é visto que:

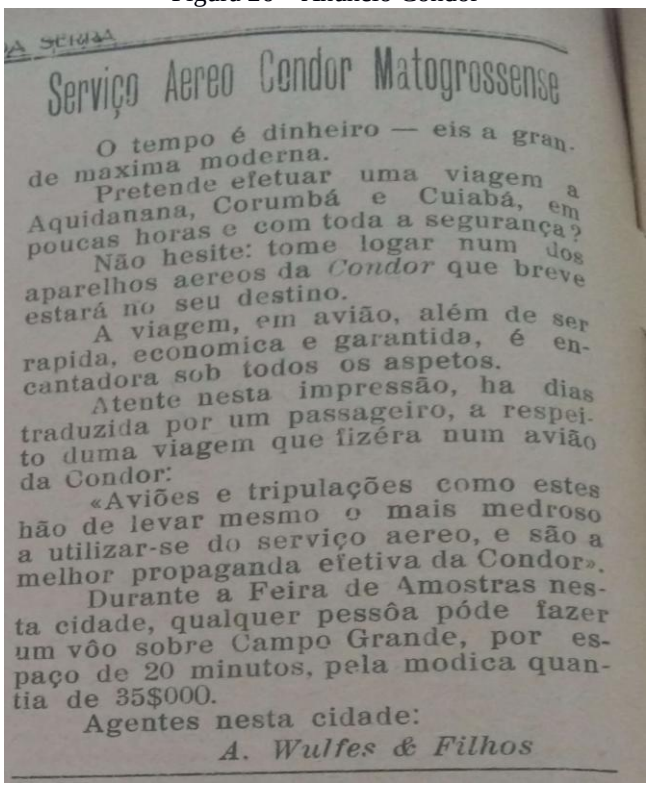
> Este meio de locomoção está se tornando de tal modo preferido pelos viajantes, que, atualmente, não mais é fácil conseguir-se uma passagem senão escrevendo-se com muita antecedência, motivo porque já se cogita de dotar a linha de novos elementos com capacidade suficiente às suas crescentes necessidades (RFS, n.23, ago/1933, p. 67).

Portanto, é visto que houve de fato este aumento, com base no anúncio/propaganda exposto. Os dados ainda complementam que:

> Em 1932, no segundo semestre, o movimento de passageiros em Campo Grande foi de 36 pessoas. No ano em curso, até 30 de julho, ele já se apresentava com o número de 189 ou seja o expressivo aumento de 525% sobre aquele período (RFS, n.23, ago/1933, p. 67).

Estes dados revelam que no que tange ao transporte aéreo, havia duas linhas específicas para envio de postais referentes à assuntos militares de Campo Grande à São Paulo e Capital Federal, e a Condor realizava transporte de passageiros e cargas, como destaca o anúncio na Figura 25. Segundo dados estatísticos publicados na Revista em 1933, a procura por este tipo de serviço estava se tornando alta, "não mais é fácil conseguir-se uma passagem senão escrevendo-se com muita antecedência" (RFS, n.23, ago/1933, p. 67), o que leva a cogitar a expansão da empresa a fim de atender a demanda crescente. Os dados registram o aumento de 525% de 1932 (36 pessoas procuravam os serviços aéreos) para 1933 (procura de 189 pessoas), este expressivo aumento quanto a procura nos leva a questionar, qual o perfil da clientela que poderia usufruir destes serviços, em busca dos valores das passagens, foi reunido e verificado todos os anúncios da empresa Condor (RFS, n. 21, jun/1933, p. 28; n. 23, ago/1933, p. 14; 43 e 82; n. 39, ago/1935, p.10; ns. 41 e 42, ago e set/1937, p. 56) entretanto, em nenhum deles é fornecido este dado, o único que dá pistas é o seguinte anúncio/propaganda exposto na Figura 26:

Figura 26 – Anúncio Condor



Serviço Aereo Condor Matogrossense

O tempo é dinheiro — eis a grande maxima moderna.

Pretende efetuar uma viagem a Aquidanana, Corumbá e Cuiabá, em poucas horas e com toda a segurança?

Não hesite: tome logar num dos aparelhos aereos da *Condor* que breve estará no seu destino.

A viagem, em avião, além de ser rapida, economica e garantida, é encantadora sob todos os aspetos.

Atente nesta impressão, ha dias traduzida por um passageiro, a respeito duma viagem que fizéra num avião da Condor:

«Aviões e tripulações como estes hão de levar mesmo o mais medroso a utilizar-se do serviço aereo, e são a melhor propaganda efetiva da Condor».

Durante a Feira de Amostras nesta cidade, qualquer pessôa póde fazer um vôo sobre Campo Grande, por espaço de 20 minutos, pela modica quantia de 35$000.

Agentes nesta cidade:

A. Wulfes & Filhos

Fonte: Revista Folha da Serra, n. 23, ago/1933, p. 14.

O anúncio "Serviço Aéreo Condor Mato-grossense" utiliza a "máxima moderna [...] tempo é dinheiro" e menciona que para isto nada melhor do que poupar tempo e viajar "em poucas horas e com toda a segurança", o anúncio menciona que além disso, a economia faz

parte das vantagens de se utilizar o serviço aéreo, e reitera que durante a "Feira de Amostras" (logo mais será discutida), "qualquer pessoa pode fazer um voo de 29 minutos, pela módica quantia de 35$000" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 14). Com base neste número, talvez uma viagem deva custar muito mais, impossibilitando "qualquer pessoa" a viajar de avião e restringindo, portanto, a clientela a utilizar os serviços aéreos, apesar dos dados de 1933 apontarem um alta na procura destes serviços.

Ainda no mesmo número, em 1933, é publicado o artigo "SEGURANÇA ACIMA de TUDO" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82. Grifo original), assinado por Alcindo Fanaia, que apresenta um esboço sobre o "Sindicato Condor Ltda." que segundo ele "desde Natal até Porto Alegre, é percorrida quase que diariamente pelos aviões Condor sem que os jornais registrem, se quer, um incidente". No que se refere a Mato Grosso, a Condor está presente "desde julho de 1930 [...] fazendo a linha Corumbá - Cuiabá, depois estendida para Campo Grande-Cuiabá", nesta linha tem-se "dois aviões, tipo Junkers, sendo um terrestre, 'Bandeirante', para o percurso de Campo Grande à Corumbá" e também "um hidro, 'Blumenau', de Corumbá a Cuiabá", como mostra a Figura 27:

Figura 27 – Avião hidro "Blumenau" que liga Corumbá a Cuiabá em 1933

Fonte: Revista Folha da Serra, n. 23, ago/1933, p. 14.

Tanto o terrestre quanto o avião hidro, disposto na Figura 27, segundo o artigo, apresentam "aparelhos inteiramente metálicos, equipados com motor de 320 HP" e comportam "4 passageiros e 2 tripulantes", além de "cabine especial para carga e correspondência, podendo conduzir até 700 quilos de carga, possuem também equipagem de rádio" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82).

A sede da Companhia Condor estava no Rio de Janeiro e em "Corumbá a Condor instalou uma grande estação radiotelegráfica" que permitia uma "constante comunicação com o avião em voo". O artigo também registra que em breve será inaugurada a linha que ligará Campo Grande e São Paulo, "assim teremos no interior do Brasil a mais extensa linha aérea comercial" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82). Portanto, além da Ferrovia Noroeste, Campo Grande estará em contato direto com São Paulo também por linha aérea. A nosso ver, esse fato é de suma importância para a cidade e região, fortalecendo sobremaneira o comércio.

O artigo informa também sobre os funcionários (pilotos, tripulantes, mecânicos e rádio telegrafista) responsáveis pela linha Mato Grosso, além de mencionar os representantes da Cia. em Mato Grosso "Srs. Augusto Wulfes, digno Consul Alemão nesta cidade, André Diacopulos, Josssuy Mangabeira Neto e Henrique Hesslein, cônsul alemão em Cuiabá". Interessante observar a menção de dois cônsules alemão, um em Campo Grande e outro em Cuiabá, todos "verdadeiros baluartes da Condor em Mato Grosso e que muito tem cooperado desinteressadamente para o desenvolvimento desta linha" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82). Chamamos atenção para o "desinteressadamente", porque sem dúvida há muito interesse comercial e político entre outros, por trás dessa difusão da Companhia no Estado.

Em relação à propaganda da Companhia o artigo informa que a posição da Condor a esse respeito é da não utilização de "reclames para chamar a atenção do público para o seu serviço regular", este fato é perceptível pela pouca pronúncia publicitária na Revista, já que a Companhia está no mercado desde 1930 segundo consta no artigo de 1933. A justificativa de pouco anúncio é pelas "populações de Campo Grande, Aquidauana, Corumbá e Cuiabá" já estarem habituadas "a ver os aviões nos dias certos do horário, sempre nas horas determinadas, com aquela pontualidade que forçoso confessar, entusiasma pelo seu rigoroso cumprimento" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82). O autor encerra anunciando o lema da Condor: "segurança e pontualidade".

Ao ler sobre o artigo da aviação em Mato Grosso na Revista em 1933, nota-se que o início da empresa se deu em 1930 na linha entre Corumbá e Cuiabá e após um determinado tempo que não foi especificado, mais uma linha é criada, agora ligando Campo Grande e Cuiabá, essa expansão alça voos mais altos ao indicar que em breve outra linha será inaugurada, responsável por ligar Campo Grande e São Paulo, esta representará "a mais extensa linha aérea comercial" do interior do Brasil (RFS, n. 23, ago/1933, p. 82). A promessa foi cumprida, como exposto no anúncio, em 1935, visto na Figura 25. Essa expansão e o rápido acesso à São Paulo, importante centro urbano, aporta à Campo Grande um maior

desenvolvimento comercial, e este fato contribui positivamente a propagar o sul de Mato Grosso e em especial Campo Grande.

Ainda no quesito anúncio/propaganda, o primeiro número da Revista em 1931, apresenta um “Indicador médico” onde estão reunidos quatro profissionais da área da saúde, este indicador serve de guia não só para moradores de Campo Grande, indica a possibilidade de especialistas na cidade que podem atender a população de localidades próximas, com vistas a mostrar que a região é provida de profissionais de qualidade. Neste indicador médico tem-se “Operações, Moléstias das Senhoras e clínica geral [...] Especialista em Doenças dos Olhos, Nariz, Ouvidos e Garganta [...] Partos e Moléstias de Senhoras – Clínica em Geral [...] Operações e Clínica em Geral” (RFS, n.1, out/1931, p. 19).

Portanto, o leitor deste indicador médico, pode servir-se de três opções de clínicos gerais, tudo indica que há pelo menos dois “ginecologista e obstetra” e um otorrinolaringologista disponíveis em Campo Grande, o que mostra, assim como o anúncio da aviação visto anteriormente, como a cidade é importante na região sul do Estado, apresentando e servindo tantos recursos à sua população local e em seu entorno. A esse respeito, o anúncio de cinema, também contribui sobremaneira com o filme “Alma do Brasil” que foi alvo de destaque na Revista, por se tratar da História de Mato Grosso, como mostra a Figura 28:

Figura 28 – Propaganda do filme “Alma do Brasil”

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 4, jan/1932, p. 23 e 24.

Em 1932, o número 5 da Revista faz uma entrevista “ouvindo os produtores do importante filme sobre assuntos regionais ALMA DO BRASIL”. A entrevista tem por título “Uma iniciativa que está processando uma boa propaganda de Mato Grosso” (RFS, n.5, fev/1932, p. 27 a 29. Grifo original).

Contudo, a maior propaganda dos recursos presentes no Estado foi por meio da realização de uma exposição a “1ª. feira de Amostra de Mato Grosso”, com sede em Campo Grande. A feira está em sintonia com os grandes espetáculos da modernidade do século XIX, que acontecia em todo o mundo, como Londres, Paris, Chicago, dentre outros epicentros modernos da época. No Brasil, a exposição ocorreu no Rio de Janeiro em 1922. Ocorreram 16 Exposições Universais, as quais tinham o mesmo propósito, manifestar prestígio, afirmar poder econômico, cultural, revelar um futuro promissor de progresso e expor representações de modernidade. A 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso representa o desejo de “ser moderna, participar da rota do progresso, tornar-se uma grande nação, desfazer a imagem do exotismo tropical do atraso e da inércia”. (PESAVENTO, 1997, p. 16).

O número 22 de julho de 1933 no editorial "1ª. Feira de Amostras em Campo Grande" anuncia o evento

> Assistiremos na última semana de agosto próximo, por entre festejos cívicos e militares, a passagem do aniversário desta cidade. Dentre as muitas comemorações destacamos, por sua importância e pelo reflexo que poderá ter como incentivo aos produtores mato-grossenses, a *1ª feira de amostras* em via de organização, de inspiração e iniciativa do Cel. Newton Cavalcante, [...] comandante da circunscrição. Certâmen este ao qual, em que pese a escassez de tempo necessário à sua preparação, deverão comparecer todos os criadores, agricultores e industriais do Estado. Ninguém virá aqui, por certo, à cata de louros ou de títulos honoríficos, mas, apenas, com o intuito de, numa primeira e apressada arregimentação, mostrar-nos – a nó mesmos – as nossas realidades e, mais ainda, as nossas possibilidades agropecuárias e industriais. Fácil é de compreender o alcance de tal exposição, notadamente nesta fase de descrédito das nossas coisas e em todas as atenções se voltam para as fatuidades da política (RFS, n. 22, jul/1933, p. 14. Grifo original).

O editorial continua dizendo que o idealizador da "*1ª. feira de amostras* o Cel. Newton convocou todos os elementos destacáveis do seio campo-grandense" e após ser expostos os projetos, organizou várias comissões "Central; de Pecuária; de Indústria, Agricultura e Avicultura" e também "uma comissão diretora e cinco subcomissões: de indústria, de cereais, de legumes, de erva mate e de avicultura; de Desportos [...] prova hípica e de desportos individuais e coletivos; de Parada cívica [...] civil e militar; de Propaganda e, finalmente, de Recepção" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 14, grifo do autor).

Portanto, como prometido, o número especial dedicado à Campo Grande é publicado em agosto de 1933, número 23. O editorial "NOSSA CONTRIBUIÇÃO" é publicado com uma fotografia do "Sr. Cel. Netown Cavalcante", que diz

> Quando circular este número da *Folha da Serra* já estará oficialmente inaugurada a *1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso* e, também, Campo Grande se encontra afogada em festejos cívicos e militares organizados em sua honra. Muitos são, por certo, os turistas deste e de outros municípios que aqui se acham em visita à nossa cidade atraídos pelos festejos comemorativos da nossa maior data e, também, aqui trazidos pela curiosidade e pelo desejo de verificarem de *visu* a qualidade e a quantidade dos produtos mato-grossenses. Embora organizado dentro de espaço de tempo verdadeiramente sincopal, aí estão, nos salões da feira e nas baias e estábulos dos animais, resumidos o presente e o futuro de Mato Grosso. Quis a energia do Cel. Newton Cavalcante que nós tivéssemos esta oportunidade para *avaliarmos* a nossa própria força (RFS, n. 23, ago/1933, p. 20. Grifo original).

O editorial encerra homenageando ao idealizador do evento e ao prefeito de Campo Grande Dr. Itrio Corrêa da Costa e acrescenta "Aumenta-nos a satisfação o dedicarmos-lhes esta página de honra e à cidade aniversariante, esta edição que será, de hoje em diante, uma fonte para os estudiosos das coisas e da vida campo-grandenses" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 20).

No número seguinte, o editorial novamente é dedicado à 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso,

> Quarenta dias já nos distanciam dos festejos que assistimos em fins de agosto e, ainda hoje, todos falamos entusiasmados da realização da '1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso' [...] magnífico e brilhante certâmen [...] esplendor de que se revestiu os festejos de aniversário desta cidade. [...] Certâmen [...] a ele compareceram quase todos os municípios mato-grossenses numa demonstração do mais salutar e construtor patriotismo. Nos corações dos 16.000 visitantes que percorreram os vários salões da feira perpassou o mesmo sentimento de entusiasmo, vibrou o espírito deste grande e longínquo Estado, só real aos seus habitantes – mito geográfico, mito econômico, mito histórico a todas as gradativas civilizações que o circundam. Em muitas páginas desta revista encontrarão os leitores gravados fotográficos que, melhor que nós, dirão do certâmen e, mais, na página dupla do centro, inserimos algumas impressões emitidas por ilustres mato-grossenses que nos visitaram por aquela ocasião (RFS, n. 24, set/1933, p. 12. Grifo original).

A esse respeito, as Figuras 29 em diante:

Figura 29 – Aspecto da 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso em agosto de 1933

A Primeira Feira de Amostras de Mato Grosso -- Algumas Impressões

Secção de Corumbá — Exposição de bebidas

Secção de Cuiabá — Diversas industrias

De Virgilio Corrêa Filho

De Benedito Leite de Campos Juiz de Direito de Nioaque

De Pedro de Medeiros (Poêta corumbaense)

De Eugenio Pinheiro (Juiz de Direito de Campo Grande)

De Joaquim Alves Fontoura, Negociante em Rio Pardo

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 24, set/1933, p. 2;18; 20; 39; 40.

No que se refere aos depoimentos, foram registrados “A Primeira Feira de Amostras de Mato Grosso – Algumas impressões” de, Virgílio Corrêa Filho; Benedito Leite de Campo (Juiz de Direito de Nioaque); Pilade Rebuá (de Miranda); Gabriel Vandonias (Corumbá); Dr. Vespasiano (Médico clínico nesta cidade); Pedro de Medeiros (Poeta corumbaense); Eugenio Pinheiro (Juiz de Direito de Campo Grande); Joaquim Alves Fontoura (Negociante em Rio Pardo), (RFS, n.24, set/1933, p. 39 e 40).

No número seguinte, os depoimentos tomam duas páginas da *Folha da Serra*, no “Impressões sobre a 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso”, tem-se Dr. Fernando Corrêa da Costa (Clínico desta cidade); Heraclito Braga (1º.Superintendente da 1ª. Feira); José H. Verlangieri (Cirurgião dentista); Dr. Armindo de Figueiredo (Clínico em Miranda); Argemiro Fialho (Promotor de Justiça desta cidade); Tessitore Junior (Professor de Psicologia); J. P. Teixeira Filho (Advogado); Dr. Pacífico Lopes Siqueira (Médico e Presidente do rádio Clube); Eudoro Corrêa de Arruda e Sá (Capitão do exército); Severino de Queiroz (Professor de português); Dr. Artur Jorge (Médico); Alvino Corrêa da Costa (Inspetor Federal do Ginásio); Dr. Nicolau Fragelli (Médico); Dr. Armando Figueiredo (Ex intendente desta cidade) e Alfredo Corrêa Pacheco (Deputado à Constituinte) que diz:

> A Feira de Amostras há pouco realizada aqui foi a demonstração positiva de que é esse o meio mais prático de propaganda do que realmente somos e do que havemos de ser dentro de um futuro não muito remoto. Ela valeu, só por si, mais que as coletâneas dos discursos e das plataformas de agora feitos, mais que as edições maçudas de certos jornais que costumam nos procurar, interessados vivamente nesse serviço de propaganda... paga (RFS, n.25, out/1933, p.12).

Em uma das seções da RFS tem-se a "Feira de vaidades", escrito por Jac., a seção é composta de alfinetadas e carregada de ironia, no número 24, de 1933, o assunto da seção é a 1ª. Feira de Amostras:

> Hoje, mais do que nunca, tive uma ideia sublime [...] Antes de tudo, pergunto: sabem o que significa arrastar ou engolir vagão? [...] corresponde este termo da gíria campo-grandense [...] arrastar vagões é ter xodó por alguém e não querer falar e estar perto deste alguém [...] Agora que está explicado o que eu queria vamos ao assunto. Nos últimos dias da feira de amostras, quando a cidade regurgitava de turistas é que pude constatar a enorme série de arrastadores de vagões, de Campo Grande (RFS, n. 24, set/1933, p.20).

Portanto, com base em todas as fontes elencadas, a 1ª. Feira de Amostras de Mato Grosso, foi um evento que reuniu muitas pessoas, além de expor tudo o que o Estado tinha de melhor, promovendo assim, a tão buscada propaganda de Mato Grosso, em especial de Campo Grande, que se destacou por ter sido a sede do evento.

Contudo, o número especial dedicado à Campo Grande, em 1933, na seção "A Nossa situação financeira desde 1926", assinada por Clodomiro Bastos, traz um panorama de cunho oficial e mostra com base em números o crescimento efetivo de Campo Grande, garantindo também uma maneira de exaltar o progresso do município ao exibir o crescimento da arrecadação efetiva da cidade (RFS, n.23, ago/1933, p. 60 e 61). Em continuidade, porém assinado por Humbero Miranda, "Secretário da Diret. Técnica da Pref. Municipal" é apresentado ao leitor aspectos de Campo Grande, muitos deles foram apresentados no decorrer do capítulo. Segundo o autor:

> Retratando todo esse progresso que procuramos condensar em ligeira exposição, calcado infelizmente em dados insuficientes e incompletos – para demonstrar a capacidade e o valor econômico do município, a sua contribuição para a evolução da nossa terra, em suma, para focalizar, em traços pálidos, embora, o que representa, em alguns ramos da sua atividade produtora, o contingente desta unidade política de Mato Grosso para o aumento da riqueza pública e para valorizar o nosso país como expressão econômica – aí está a sede do seu governo, esta dinâmica e maravilhosa cidade cantada pelos nossos maiores poetas e por um deles cognominada a

> *Rosa de Maracaju*, esta verdadeira *Mushroom City*, como dizem os americanos, a estadear o seu singular desenvolvimento, a sua louçania e gala, ao olhar atônito dos visitantes e a encher-nos de justificado e insopitável orgulho (RFS, n.23, ago/1933, p. 62 a 66. Grifo original).

Desse modo, os dados são primordiais para apresentar Campo Grande a quem quer que seja, desde a própria população residente na cidade até fora do Estado e do país, fazendo jus à proposta da RFS de propagar a cidade para todos os lugares. Apesar da escassez de dados estatísticos, alguns foram publicados na Revista, como visto no decorrer deste capítulo, todos utilizados estrategicamente com o intuito de anunciar a importância do município e da porção sul-mato-grossense.

Apresentadas estas representações sobre o sul de Mato Grosso, e em especial sobre a cidade de Campo Grande, apontaremos no capítulo seguinte, algumas especificidades em torno do processo de institucionalização escolar nesse tempo/espaço delimitado.

3 DIMENSÕES EDUCATIVAS NAS PÁGINAS DA *FOLHA DA SERRA* EM CAMPO GRANDE: EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Este capítulo apresenta elementos sobre a institucionalização da educação escolar e não escolar na cidade de Campo Grande, tendo como fontes: relatórios e mensagens oficiais do governo ligadas à educação mato-grossense, um Folheto[51] sobre a divisão de Mato Grosso de 1934, e como fonte e objeto, a Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS).

Para tanto, dividimos o capítulo em duas partes: 3.1 "Educação em Campo Grande dos anos 1930: entre instituições e convenções sociais", que trata das instituições escolares e temáticas relativas à educação escolar apresentadas nas páginas da RFS, tais como, educação *versus* Ferrovia; Educação Técnica, e Faculdade Mato-grossense em Campo Grande; 3.2 A "Sociedade da Biblioteca de Campo Grande" e seus desdobramentos, analisa o desenvolver da educação na cidade por meio da criação da Biblioteca e os eventos educacionais realizados pela instituição.

É necessário retomar a discussão feita na introdução deste trabalho, no tocante a educação formal e não formal. Entende-se como educação formal[52], aquela voltada "mais especificamente" ao "papel da escola e das aprendizagens" (CAVACO, 2003, p. 126), dos conhecimentos científicos, saberes sistematizados no espaço formal da escola e sala de aula, segundo parâmetros constituídos por órgãos oficiais. A educação não formal, por sua vez, é aquela que perpassa além dos muros da escola, não obedece os processos de escolarização. Já a instituição escolar[53], é vista como estrutura física e material, onde se instala uma escola e nela se desenvolve a educação formal.

As análises dos conteúdos indicam, que a RFS propagava em suas páginas a educação formal e as instituições escolares campo-grandenses – em especial – como um atestado de avanço, progresso e civilização. O já citado artigo "Altiva Serrana", aponta que as várias escolas instaladas na cidade nos mais variados níveis de ensino vão "[...] desanalfabetizando, educando, ilustrando, capacitando a infância e a mocidade para triunfar" (RFS, n. 23, ago/1933, p. 75).

Como afirma Pinto (2013, p. 46), "a instrução/educação é parte de um modelo cultural, que guarda estreitos vínculos com o modelo de sociedade que se deseja construir", e nesse sentido, os textos, imagens e anúncios propagados na Revista *Folha da Serra*

[51]"A divisão de Mato Grosso: resposta ao General Rondon" (1934).
[52] Cf. Libâneo (2001).
[53] Cf. Araújo e Gatti Júnior, (2002) e Magalhães (1999).

evidenciam o modelo de instituição considerado pertinente pelos representantes das elites campo-grandenses, na década de 1930, com vistas ao desenvolvimento "pujante" que o sul do Estado experimentava, em especial Campo Grande:

> [...] já foi cognominada de 'PRINCESA', 'RAINHA' e, ultimamente, tem título de 'AVIADORA', isto é 'A CIDADE QUE VOA'... Em tudo ela cresce, desenvolve, agita, freme, rompe e marcha [...] para o porto seguro do seu destino cada vez mais brilhante. Sua vida é um misto de elegância e soberbia, de trabalho e ordem, de risos e alegrias. [...] Em tudo progride como ela só. Construções moderníssimas, comércio vivo, indústrias abalizadas, pecuária notável, agricultura digna de nota, colégios que orgulham a cultura do seu povo, cinema chiques, etc, etc... E... Campo Grande 'a cidade cérebro propulsor' do grande Mato Grosso, neste imenso Brasil, vai 'voando' muito altiva para alcançar o ápice do que chamamos de 'PROGRESSO' (RFS, n. 46, out/1940, p. 30. Grifo original).

Nesse sentido, a educação formal, bem como, as instituições escolares, faziam parte dos quesitos essenciais que uma cidade moderna, civilizada e nos trilhos do progresso deveria possuir.

Apesar dos editores da Revista privilegiarem aspectos econômicos e políticos de Campo Grande, os dados apontam que a educação formal desempenhava papel fundamental como sinal de civilidade e as instituições por sua vez, indicavam progresso e modernidade, seja pela estrutura material[54] dos estabelecimentos de ensino – de cunho particular – imponentes e compostos com os mais modernos laboratórios e instrumentos de ensino, seja pelo corpo docente exemplar, detentores das mais modernas teorias didáticas.

Além do mais, o interesse pela educação no Brasil anunciados pelos artigos, os esforços em tentar seguir as reformas propostas pelo Governo, as palestras e conferências proferidas, e a projeção de todo este movimento educacional perpassado na RFS, indicam que a cidade estava a par de todo o cenário nacional em voga, e assim como os impressos de grande circulação nacional, a Revista *Folha da Serra* divulgava as mais recentes campanhas nacionais ligadas ao cenário educacional, o que indica um meio de ser moderno.

No caso dos estabelecimentos públicos de forma geral, segundo consta no Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso, apresentado ao Secretário Geral do Estado, Leônidas Antero de Mattos, pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Franklin Cassiano da Silva, no dia 29 de agosto de 1931, a situação era preocupante:

[54] Cf. Cordeiro (1996).

> Dando desempenho à incumbência que de ordem do Exmº Sr. Dr. Interventor Federal houve por bem V. Exª confiar-me, segui, no dia 8 de julho próximo passado, em viagem de inspeção aos diversos estabelecimentos de ensino na zona sul do Estado. A situação geral do ensino naquela zona é lastimável, pela falta quase que completa de material didático, assim como pela desorientação em relação ao emprego de métodos. Entregues geralmente as direções dos estabelecimentos a pessoas leigas. [...] Por outro lado, na maioria dos Grupos Escolares o corpo docente é quase todo constituído de pessoas sem preparo técnico necessário, daí a confusão, a falta de orientação segura que se nota geralmente nos referidos estabelecimentos (MATO GROSSO, Relatório... 1931, Livro 113).

O Relatório[55] refere-se à Escola Normal onde funciona também a escola modelo e o curso anexo em Campo Grande. A escola segundo a avaliação do inspetor, estava em "péssimo estado" em todos os aspectos: edifício, mobiliário, corpo docente, administrativo, material escolar e qualidade do ensino. E apesar do Estado estar passando por uma "fase dolorosa em sua vida econômica, mesmo assim urge atender com carinho as necessidades dessa escola" haja vista a "verba de expediente de que lançam mão os diretores para compra de giz, papel, etc. é insuficientíssima, pois há grupos escolares que, desde 1928, não recebem nenhum material didático"(MATO GROSSO, Relatório...1931, Livro 113). Tendo em vista toda a dificuldade quanto ao ensino público das escolas inspecionadas, o Diretor Geral da Instrução Pública conclui:

> Por mais rápido que seja o exame que se faça entre a matrícula, a frequência e a promoção dos alunos nas escolas do sul do Estado, chega-se à conclusão de que o ensino não rende quanto devera. A desproporção entre as classes do 1º ano e dos demais anos do curso é de mais de 60%. Estabelecimentos a que possuem 4 a 6 classes do 1º ano e quase não possuem alunos para o funcionamento das classes superiores. Há que se atribuir essa desproporção, senão, à falta de método de ensino? O emprego do método analítico-sintético no ensino de linguagem produz grande resultado quando o professor conhece o processo e o emprega com entusiasmo, mas é de efeito nulo quando empregado por um professor que o não conheça perfeitamente. Daí a razão porque se escolhe para os 1º anos os professores mais dedicados, mais aptos, mais entusiastas pela profissão. No sul do Estado, fazem justamente o contrário. Aos professores leigos e menos habilitados se entregam as classes dos 1º anos. Urge uma reforma geral nos processos de ensino empregados pelos nossos professores (MATO GROSSO, Relatório...1931, Livro 113).

É notório o desprezo referente ao professorado sulista, ao contrário do norte do Estado. A cobrança, embora o relatório apresente certa crítica quanto a falta de recurso desde

[55] Entre as escolas inspecionadas no Relatório estão: Grupo Escolar Luís de Albuquerque, Grupo Escolar Afonso Pena, Grupo Escolar Antônio Corrêa de Aquidauana, Grupo Escolar de Ponta-Porã, Escolas Reunidas Caetano Pinto, Entre Rios, Escolas Isoladas.

1929 – destinado à compra de material didático – é minimizada, tendo em vista, o cenário econômico frágil e mais ainda, com a qualidade do ensino a que os professores apresentam. Portanto, o ensino no sul do Estado, segundo o Relatório, "não rende quanto deveria". Ainda sobre este desprezo do Governo quanto à educação/instrução de Campo Grande, tem-se no Folheto "A divisão de Mato Grosso":

> Da instrução pública cuidou-se na Capital[56]. Qualquer município do Centro[57], nisto, distancia-se do Sul. Campo Grande, por exemplo, tem uma Escola Normal, um Grupo Escolar e quatro escolas distritais. Só possui um edifício escolar. [...] impróprio para a grande frequência de 600 alunos, falto de imóveis, falto de higiene, infames aparelhos sanitários. Nota-se ali, o desamor pela instrução, que começa no relaxo ambiente. Demais escolas: nem um móvel do Estado, água servida numa lata ou no poço, sala suja, apinhada de crianças, que se espremem em bancos de caixões de gasolina. Nem um livro, nem um tinteiro do Estado. E os professores? São técnicos? Nunca. Um ou outro com alguma competência. No mais, apressados normalistas, cansados eleitores de partido transformados em educadores, não tendo a mínima noção de pedagogia. Se o eleitor não tem emprego, nasce-lhe o lugarzinho de professor. E Campo Grande é o município que tem mais de 5 mil crianças escolares, nos seus 40 mil habitantes (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 22).

Reitera-se, portanto, a falta de recurso no que se refere a educação/instrução tanto de Campo Grande, como de toda porção sul do Estado. O Folheto com tom de denúncia, reclama a disparidade entre o norte do Estado, em especial a região cuiabana e a porção sul do Estado, em especial Campo Grande. Segundo consta no Folheto, as instituições escolares públicas no sul do Estado "São, na realidade, escolas de mentira" (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 23). Ainda sobre esta região do Estado:

> O Sul, [...] conta menos de *40 escolas públicas funcionando*; o Centro[58] muito mais de 100, de acordo com a estatística de 1929. *Estas escolas são risíveis. Tem valido à população sulista a iniciativa privada.* Fundaram-se dois Ginásios, com frequência de mais de 500 alunos; uma escola de Farmácia[59], com 50; Escola Normal. Cursos comerciais, de datilografia, etc. *A população escolar do Sul é, sem comparação superior à do Centro*. A frequência do Liceu Cuiabano é de 200 alunos. Só Campo Grande tem uma frequência escolar de mais de 3.400 estudantes. O Estado não gasta 300 contos com a instrução pública de todo o Sul. [...] *Aqui, sendo o ensino ministrado por institutos particulares, é muito caro. O acesso aos cursos torna-se difícil* (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 23. Grifo nosso).

[56] Refere-se à Cuiabá.
[57] Região cuiabana.
[58] Região cuiabana.
[59] Acreditamos ser a Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia.

É importante destacar neste trecho, que a quantidade de instituições públicas na região Sul do Estado além de ser precária, também é insuficiente, ou como expõe o Folheto, "risíveis". Assim, apenas a população mais abastada da sociedade sulista se vale da iniciativa privada, pois como mostra o Folheto, o ensino oferecido pelas instituições de cunho particular era muito caro, o que torna difícil o acesso.

Mesmo com todos as deficiências no âmbito educacional, a RFS divulga a educação/instrução campo-grandense como sinal de progresso, entretanto, enfatiza apenas o número de instituições, e não a qualidade das mesmas, com exceção é claro, das particulares, que se valem da propaganda para obter alunos e se manter em exercício no mercado. Em contrapartida, a RFS utiliza de tática ao aproveitar a estratégia formulada por meio de anúncio/propaganda das instituições privadas e cultivam nos leitores um cenário educacional moderno e de qualidade.

A Mensagem do Presidente do Estado de Mato Grosso, Dr. Annibal Toledo, apresentada a Assembleia Legislativa em 13 de maio de 1930, se refere a cerca da Instrução Pública no Estado:

> O ensino é um dos serviços públicos mais eficientes do nosso Estado. Iniciada em 1910 a adoção dos métodos pedagógicos modernos com a introdução de professores paulistas, a semente se desenvolveu nesta Capital, como um terreno fértil, e propagou pelas cidades principais em Grupos Escolares que vão apresentando resultados compensadores do esforço e dos encargos que impõem ao Tesouro. O mesmo não se poderá dizer infelizmente das escolas rurais, espalhadas pelo interior (MATO GROSSO, Mensagem...1930).

Como visto anteriormente, a situação da educação pública, não apenas das escolas rurais, mas também as urbanas de Campo Grande, eram precárias. Tendo em vista a reunião de dificuldades apresentadas no decorrer dos Relatórios e Mensagens sobre a educação em 1930 e o Folheto de 1934, motivo pelo qual coloca em dúvida a afirmativa do Dr. Annibal Toledo apresentada pelo presidente do Estado, "O ensino é um dos serviços públicos mais eficientes". Ainda nesse sentido, é oportuno frisar que a fiscalização do ensino em Mato Grosso era quase inexistente:

> Para a fiscalização do ensino no Estado só existe um inspetor, o Sr. Coronel Alexandre Magno Addor que exerceu regularmente suas funções visitando apenas as escolas da região setentrional do Estado. As do sul não tiveram outra fiscalização, a não ser a dos inspetores distritais, cuja atuação, gratuita como é a função, pouco pode influir para uma boa fiscalização do ensino.

> Seria de grande vantagem a criação de um outro lugar de inspetor com jurisdição nos municípios do sul (MATO GROSSO, Mensagem... 1930).

Mais adiante, Dr. Annibal Toledo prossegue:

> Até hoje só conseguimos ministrar no Estado o ensino primário e secundário, faltando-nos em absoluto a educação pré-escolar dos jardins de infância e a instrução superior. Quanto ao ensino profissional, temos exclusivamente o normal para formação de professores. Ensaiamos no governo passado o ensino comercial que por causas várias não teve prosseguimento (MATO GROSSO, Mensagem... 1930).[60]

Sobre o ensino secundário [61], tem-se oficialmente em Mato Grosso três estabelecimentos, entre eles, a Escola Normal de Campo Grande:

> Sobre a Escola Normal de Campo Grande instalada a pouco, nada poderei informar ainda, se não que está confiada a um professor experimentado e que da sua influência num *meio próspero e intelectualmente adiantado, como a florescente cidade serrana*, o Estado só pode esperar uma grande e benéfica expansão na sua riquíssima região meridional (MATO GROSSO, Mensagem... 1930. Grifo nosso).

Interessante observar a menção frente a Campo Grande como "meio próspero e intelectualmente adiantado", assim como o desenvolver do progresso da "florescente cidade serrana". Esse discurso vai de encontro com o proposto nas páginas da RFS, como veremos no decorrer deste capítulo e já anunciado nos demais.

A edição especial da RFS de 1933, dedicada a Campo Grande, publica o artigo “A instrução em Campo Grande”, escrito por Oliva Enciso, “da Secretaria da Prefeitura Municipal”, que descreve como surgiram e o que eram até 1932 os estabelecimentos de ensino na cidade. A autora descreve o histórico de cada instituição de ensino e finaliza com a exposição de um quadro composto pelo nome das instituições existentes em Campo Grande. Para melhor visualização, reescrevemos este quadro, acrescentando alguns outros dados que a própria autora revela ao longo de sua escrita, conforme se vê no Quadro 10, a seguir:

---

[60] Esse cenário muda conforme mostra a Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa pelo Interventor Federal do Estado de Mato Grosso – Cap. Manoel Ary da Silva Pires, em 1937; Relatório da Presidência do Estado de Mato Grosso apresentado a Getúlio Vargas pelo Interventor do estado Júlio Strubing Müller em agosto de1940; E também os dados colhidos na RFS apresentados no decorrer deste capítulo.

[61] Cf. Pessanha e Silva (2016).

Quadro 10 – Estabelecimentos de ensino criados em Campo Grande até 1933

Estabelecimento	Ano de fundação	Primário	Ginasial	Normal	Comercial	Total alunos
Ginásio Municipal	1917	191	171	--	--	362
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	1926	204	--	85	67	356
Internato Osvaldo Cruz	1927	28	101	--	14	143
Escola Modelo e Normal[62]	--	654	--	28	--	682
Escola Ativa Visconde de Taunay	1932	321	--	--	--	321
Patronato Barão do Rio Branco	--	66	--	--	--	66
Escola Visconde de Cairú[63]	--	97	--	--	--	97
Escola Antonio João	1929	177	--	--	--	177
Externato São José	--	44	--	--	--	44
Escola Propedêutica	--	53	--	--	--	53
7 Escolas mantidas pelo Governo[64]	--	279	--	--	--	279
Total	--	2.114	272	113	81	2.580

Fonte: Elaborado com base Revista *Folha da Serra*, n. 23, ago/1933, p. 68 e 69.

Segundo o artigo da professora Oliva Enciso, o Ginásio Municipal[65] foi a primeira instituição ser fundada em Campo Grande, em 1917, e a instituição mais recente é a Escola Ativa Visconde de Taunay[66]. Das 17 citadas, sete são mantidas pelo governo. Salta aos olhos a grande concentração de alunos matriculados no ensino primário, em relação ao número total, representando mais de 80 % das matrículas.

Ainda referente ao Quadro 10, todas as instituições citadas oferecem o ensino primário, sendo que o maior número de matrículas nesse nível de ensino é registrado na Escola Modelo e Normal, com 654 matrículas[67], e o menor, no Internato Osvaldo Cruz[68] –

[62] Segundo consta no Decreto nº 865 a "Escola Normal na cidade de Campo Grande, com o respectivo curso complementar", foi criada em 1929 (MATO GROSSO, Decreto nº 865, 1929).
[63] "Escola Japonesa" (RFS, n. 40, ago/1936, p.24).
[64] Uma escola no bairro Amambaí com 69 alunos; uma na Alagoa da Cruz com 40 alunos; uma na Povoação de Progresso com 30 alunos; uma em Rio Pardo com 30 alunos; uma em Cachoeirinha com 20 alunos; uma em Jaraguaí com 50 alunos; uma em Terenos com 40 alunos. Totalizando 279 alunos (RFS, n.23, ago/1933, p. 68).
[65] "Em Campo Grande, o Instituto Pestalozzi, criado em 1917, recebeu nova denominação de "Ginásio Municipal Campo-Grandense" em 1927, após receber recursos da municipalidade, e funcionou anexa ao prédio a Escola Normal Municipal de Campo Grande e, no ano 1930, a Missão Salesiana o adquiriu e este passou a ser chamado de "Ginásio Municipal Dom Bosco" (BRITEZ, 2014, p. 96).
[66] Cf. Moreira e Silva (2015).
[67] Segundo consta no Relatório Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso de 1931 "A lotação atual do edifício é para 240 alunos e só na escola modelo a matrícula é de 541, com uma frequência de 434, se juntarmos ainda 24 da Escola Normal e 17 do curso complementar, teremos assim um total de 582 alunos frequentando um edifício com lotação para 240 ou 480, com o funcionamento em dois turnos" (MATO GROSSO, Relatório... 1931).
[68] Cf. Rocha (2010).

instituição privada, conhecida pela ênfase no ensino secundário – com 28 alunos matriculados no ensino primário.

No início dos anos 1930 o ensino ginasial é oferecido na cidade de Campo Grande por duas instituições, sendo uma pública, o Ginásio Municipal (171 matriculados no curso), e uma privada, o Internato Osvaldo Cruz (101 matriculados), somando 272 matrículas. O ensino normal é ofertado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (85) e na Escola Modelo e Normal (28), somando 113 matrículas. O Ensino Comercial é ofertado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (67) e no Internato Osvaldo Cruz (14 matriculados), somando 81 matrículas.

Segundo Enciso, além das instituições escolares de ensino primário, ginasial, normal e comercial, a cidade contava ainda com as Faculdades de Farmácia e de Direito e os "cursos práticos de línguas estrangeiras e da Escola de datilografia, que funciona com regularidade na rua 13 de maio" (RFS, n. 23, ago/1933, p.69).

O número de instituições escolares, bem como de alunos matriculados cresce significativamente na década de 1930, na cidade de Campo Grande, como fica evidenciado no quadro seguinte, que criamos com base nos dados estatísticos de 1940 sobre a Instrução Pública[69] denominado "Movimentação escolar, em 1939":

[69]"Para a facilidade do serviço estatístico, e tendo em vista também o preparo de funcionários especializados no ramo estatístico educacional, foi pelo Decreto Interventorial nº 225, de 20 de dezembro de 1938, a seção de Estatística Educacional, da Diretoria Geral da Instrução pública, anexada, a título temporário, ao Departamento de Estatística e Publicidade do Estado. Dessa data em diante, todo o serviço de Estatística Educacional vem sendo executado sob a direção de competente técnico encarregado da direção daquele importante departamento administrativo" (MATO GROSSO, Relatório... Livro 72, 1940).

Quadro 11 – Instituições escolares em 1930

Escolas Particulares	**N° Alunos**
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	694
Ginásio D. Bosco [70]	713
Ginásio Oswaldo Cruz	394
Escola Paroquial	218
Externato Coração de Jesus	200
Escola Visconde de Cairú	205
Externato São José	120
Escola Barão de Melgaço	61
Escola Boa Vista	61
3 Escolas Adventistas	70
Jardim da Infância Paraíso	25
Subvencionadas pelo Município	**N° Alunos**
Escola 26 de Agosto	125
Ateneu Rui Barbosa	108
Oratório São José	49
Escola São Benedito	65
Escola Visconde de Taunai	61
Escola Augusto Leverger	25
Municipais 17	794
Escolas Estaduais	**N° Alunos**
Escola Normal	10
Liceu Campo-grandense	43
2 Grupos Escolares	1.440
2 Escolas Reunidas	276
8 Escolas Isoladas	351
Total de alunos	**6.108**

Fonte: Elaborado com base Revista *Folha da Serra*, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 24.

Apesar de apresentarem informações diferentes, com base nos Quadros 10 e 11, é possível fazer algumas comparações entre 1933 e 1939, dentre elas, o crescimento das instituições escolares, bem como o número de alunos neste intervalo de tempo. Tendo em vista, o que estipula o Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso, citado no Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso – referente a 1942 – do Diretor Geral Prof. Francisco A. Ferreira Mendes, quanto as escolas urbanas e isoladas rurais:

> De conformidade com o Regulamento da Instrução Pública do Estado, denominam-se escolas urbanas, desde que localizadas num raio de até três quilômetros da sede do município, tendo o seu curso a duração de três anos. São dezesseis as escolas urbanas de Mato Grosso, e excetuando quatro existentes na *Capital e três em Campo Grande, os centros mais importantes do Estado de Mato Grosso* [...] E o processo do ensino é o mesmo adotado nas escolas da capital. As escolas isoladas rurais, são as que ficam localizadas a mais de três quilômetros da sede dos municípios, tendo o seu curso a duração de dois anos. [...] Há no Estado 243 escolas isoladas rurais

[70]O Colégio Dom Bosco transformou-se "num dos colégios mais tradicionais da cidade" (BITTAR e FERREIRA JÚNIOR, 1999, p. 177).
Cf. Bittar e Ferreira (1999).

> funcionando e por instalar 54, já criadas (MATO GROSSO, Relatório...1942, Livro 114. Grifo nosso).

Importante destacar que além dos aspectos que diferem uma escola da outra, a menção de Cuiabá e Campo Grande como sendo "os centros mais importantes do estado de Mato Grosso", bem como a exclusão de Corumbá também chama atenção.

No que diz respeito às questões legislativas em torno da educação nesse período, como lembra Brito:

> [...] nos primeiros quinze anos que se seguiram ao movimento revolucionário de 1930, a (re)organização do ensino escolar em Mato Grosso, [...] não chegou a motivar, por exemplo, a definição de um novo *corpus* legal, permanecendo em vigor até 1952, em Mato Grosso, a legislação implementada a partir de 1927. (BRITO, 2001, p. 46-7).

Apesar da inércia no que se refere à legislação educacional de acordo com Brito (2001), a comparação entre os Quadros acima, evidencia o movimento crescente em torno da educação escolarizada em Campo Grande na década de 1930. A RFS elucida o movimento social da elite intelectual em prol do crescimento educacional na cidade, com a criação de novas instituições, anúncios e propagandas.

3.1 Educação em Campo Grande dos anos 1930: entre instituições e convenções sociais

Muitas instituições escolares, em especial de cunho privado, aparecem nas páginas da RFS durante os anos 1930, seja em forma de anúncios, de artigos e/ou fotografias, apresentando alunos formandos, pedagogias, materiais didáticos, etc. Nas linhas seguintes, apresentamos um balanço dessas ocorrências, que dão uma dimensão de como as escolas eram evidenciadas na Revista.

Em 1932 ocorre a primeira propaganda do Ginásio Municipal. A propaganda acompanha uma fotografia de alunas do antigo Ginásio Municipal (RFS, n. 4, jan/1932, p.16). No número seguinte, novamente é estampado uma fotografia de ex-alunos do Ginásio em dois momentos (RFS. n. 5, fev/1932, p. 17 e 33). O artigo “O Ginásio Municipal de Campo Grande” (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p. 31). Em 1933 é exposto a turma de “bacharelado 1929 do Ginásio Municipal” (RFS, n. 17, fev/1933, p. 35), e volta a estampar as páginas da Revista em 1933 (RFS, n.23, ago/1933, p. 79), desta vez sem fotografia.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora[71] estampa as folhas da Revista apenas duas vezes, uma primeira vez no número especial dedicado à Campo Grande (RFS, n.23, ago/1933, p. 73), e a segunda também em 1933 (número 26).

Em 1933 número 23 aparece o anúncio/propaganda do Internato Oswaldo Cruz, sem fotografia (RFS, n.23, ago/1933, p. 26). No número 26 do mesmo ano, o Internato volta a ocupar as páginas da Revista em forma de anúncio/propaganda (RFS, n. 26, nov/1933, p. 29), assim como no número seguinte em dois momentos (RFS, n. 27, dez/1933, p. 3 a 5 e 10). Em 1934 números 28 e 29 publicados em conjunto novamente aparece, em três momentos (RFS. ns 28 e 29, jan e fev/1934, p. 29 e 44 e 46 a 48). No número 30 de 1934, o Internato novamente lança sua propaganda ao público em dois momentos (RFS, n. 30, mar/1934, p. 4 e 35). Em 1934 o "Grêmio Castro Alves", agremiação dos moços do Internato Oswaldo Cruz, ganham as páginas da Revista (RFS, n.36, set/1934, p. 10 a 12). Em 1940 números 43 e 44, o "Ginásio Osvaldo Cruz" reaparece em forma de propaganda (RFS, ns.43 e 44, jul e ago/1940, p. 13).

O Ginásio Municipal Dom Bosco, por sua vez, acompanha ampla seção fotográfica (RFS, n. 40, ago/1936, p. 97 a 100). Em 1937, tem-se um artigo engrandecendo o Ginásio "Municipal D. Bosco" (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.12). Volta a aparecer em 1940 o "Ginásio Municipal Dom Bosco", dessa vez, ausente de fotografias (RFS, ns. 43 e 44, jul e ago/1940, p. 14).

Em fotografia de seu corpo docente, a escola Joaquim Murtinho[72] aparece na Revista em 1934 (RFS, ns. 32 e 33, mai e jun/1934, p.19). Mais tarde, em 1936, retorna em "Ensino Público Estadual" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 61).

A propaganda da escola Antonio João, que não apresenta fotografia, é de 1932 ns. 13, 14 e 15 publicados em conjunto (RFS, ns. 13, 14 e 15, out, nov e dez/1932, p. 4). A escola aparece em seção fotográfica em 1933, número 23 em dois números (RFS, n. 23, ao/1933, p. 43; n. 26, nov/1933, p. 21).

Algumas instituições aparecem apenas uma vez, são elas: Escola General Malan[73], escola pública (RFS, n. 30, mar/1934, p. 16 e 20); Escola Bela Vista – Escola Paroquial, escola particular (1934, n. 35, ago/1934, p. 2); Escola Mista 21 de Setembro, escola filantrópica de Corumbá, recebe auxílio do comércio local (RFS, n. 21, jun/1933, p.65); Inauguração da escola Castro Alves, particular (RFS, n. 30. ago/1936, p. 10 a 11) e por fim, a

[71] Cf. Britez (2014).
[72] Cf. Gonçalves (2009).
[73]Santos e Centeno (2007).

Escola 26 de Agosto[74], mantida pela Seleta Sociedade Caritativa e Humanística (S.S.C.H.), segundo divulga a Revista (RFS, n. 40, ago/1936, p. 127).

Em se tratando de instituições fora de Campo Grande, expostas na Revista, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 12 – Instituições escolares fora de Campo Grande

Nome	Local	Referência
Escola Paroquial	Aquidauana	(RFS, n. 26, nov/1933, p. 15)
Escola 21 de setembro; Grupo escolar São Luís de Albuquerque	Corumbá	(RFS, n. 25, out/1933, p. 2); (RFS, n. 20, mai/1933, capa)
Grupo escolar de São Luiz de Cáceres	São Luiz de Cáceres	(RFS, n. 8, mai/1932, p.18)
Escola Paroquial	Miranda	(RFS, n. 26, nov/1933, p. 2).
Grupo Escolar Francisco Mendes Gonçalves	Ponta Porã	(RFS, n. 26, nov/1933, p. 18 a 19)
Grupo Escolar Senador Azeredo	Cuiabá	(RFS, n. 34, jul/1934, p. 10)

Fonte: Elaborado com base Revista *Folha da Serra*.

O artigo "O movimento religioso em Aquidauana" (RFS, n. 18, mar/1933, p. 15 a 16) traz uma ampla reportagem sobre a Escola Paroquial da cidade de Aquidauana (RFS, n. 26, nov/1933, p. 15). O artigo "A Escola 21 de setembro", identifica a ação benéfica para com a infância de Corumbá (RFS, n. 25, out/1933, p. 2), além de "Notícias de Corumbá", retrata com texto e fotografias aspectos da festa escolar da Escola 21 de setembro (RFS, n. 47, nov/1940, p. 32 e 33), com direito a "delicioso churrasco". O "Grupo escolar de São Luiz de Cáceres", de ensino primário, trata-se de um estabelecimento público (RFS, n. 8, mai/1932, p.18). O "Grupo escolar São Luís de Albuquerque" (RFS, n. 20, mai/1933, capa) é alvo de destaque na Revista, juntamente com a Praça da República, a Igreja Matriz, o Jardim Independência, o Edifício da Prefeitura municipal, e o Edifício do Grupo Escolar, todos reunidos em uma fotografia tomada de uma perspectiva aérea, a qual estampa a capa da RFS. O artigo "Instrução Municipal de Corumbá" (RFS, n. 21, jun/1933, p. 7 a 9), situa o leitor sobre o desenvolvimento da instrução na cidade.

Por meio de uma fotografia, a "Obra dos Padres Redentores em Miranda Escola Paroquial" (RFS, n.26, nov/1933, p. 2) é exposta. O artigo "Ponta Porã", reúne inúmeros aspectos da cidade, entre eles, cita o Grupo Escolar Francisco Mendes Gonçalves (RFS, n. 26, nov/1933, p. 18 a 19). Em fotografia, aparece o edifício do Grupo Escolar Senador Azeredor, "de Cuiabá", (RFS, n.34, jul/1934, p. 10) e por fim, o artigo "Porto Murtinho" (RFS, n. 35, ago/1934, p. 22 a 23), menciona apenas que "o ensino nas diversas escolas desta cidade é

[74] Cf. Almeida e Souza (2011).

encarado com todo carinho, possuindo grande número de alunos dos dois sexos", diz ainda que as principais instituições "são dirigidas pelas Exmas. Sras. D. Libania Machado Lobo, Leoncia Codorniz Mauret, Glorinha Gomes de Barros e Antonia Vieira de Almeida" (p. 23), contudo não cita as instituições. Portanto, com base no Quadro 12 houve pouca menção à instituições escolares fora de Campo Grande, no total foram sete, com destaque a Corumbá, com duas citações.

Sobre o ensino primário em Campo Grande, a Escola Ativa ganha notoriedade ao ser citada na RFS por três vezes, dentre elas, duas são propagandas da Escola, como mostra a Figura 30:

Figura 30 – Propaganda da Escola Ativa

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n.4, jan/1932, p. 42. RFS, n. 17, fev/1933, p. 36.

A Figura 30 expõe as duas propagandas da Escola, a primeira apesar de estar inserida na página 42 da Revista era pequena, contudo ficava no meio de um artigo de destaque, sob o título "Os princípios de Campo Grande", esta propaganda diz "Curso Primário e Jardim da Infância[75], instalados com os requisitos da higiene e pedagogia. CORPO DOCENTE ESCOLHIDO. Início das aulas em 1 de fevereiro" (RFS, n.4, jan/1932, p. 42. Grifo original).

A segunda propaganda, estava exposta na quarta capa da Revista, um espaço nobre em um periódico, e exibia uma fotografia com a seguinte legenda "ESCOLA ATIVA – do Prof. Enzo Cienteli – Gabinete de Física e Química" (RFS, n. 17, fev/1933, p. 36. Grifo original). Portanto, trata-se de uma instituição particular, bem aparelhada, segundo mostram as propagandas. O artigo por sua vez, "A ESCOLA ATIVA e O ENSINO DE MATEMÁTICA"

[75] "A alta administração do Estado [...] Não mantém, é verdade, jardins de infância, encontrando-se esta competência do ensino entregue à competência do ensino privado, nesta capital, Corumbá e Campo Grande (MATO GROSSO, Relatório... 1943, Livro 114).

é escrito por J. Tessitore Junior “Lente de Psicologia Infantil da Escola Normal D. Bosco e Lente de Filosofia do Internato ‘Oswaldo Cruz’” escreve que:

> O ensino de matemática, especialmente, nos cursos primários, está atrasado, pelo mínimo, de cinquenta anos, em nosso meio. As tabuadas e as aritméticas de Trajano e F. T. D. Ainda são o pelourinho das crianças – almas tenras em mãos bisonhas de professores de alta tamancaria didática – que pululam, cá e acolá, graças à inépcia dos inspetores escolares da parte do Governo – apesar das duas revoluções (RFS, n. 16, jan/1933/ p. 31).

O artigo continua após este trecho, até a página 33, a descrever um procedimento adequado ao ensino de matemática no curso primário. No que se refere ao trecho citado, é interessante observar a maneira como o escritor aborda o assunto, muitos pontos do trecho chamam a atenção, tais como: se refere ao aluno como criança, aponta erros na didática dos profissionais da educação e indica falha na inspeção escolar, “apesar das duas revoluções”. Nesse sentido, Brito esclarece que:

> Inicialmente, em 1930, só existia um inspetor geral, o Cel. Alexandre Magno Addor, cuja tarefa de inspetoria se limitou à região [...] de Mato Grosso [...] o município de Cuiabá e adjacências. Recomendava o Presidente Anibal Benicio de Toledo a nomeação de um outro inspetor para as cidades da região Sul do estado. [...] Somente em 1938 houve menção sobre o funcionamento de uma Inspetoria Geral do Ensino Primário da Zona Sul, com sede em Campo Grande, ocupada por Euribiades da Costa Gomes (BRITO, 2001, p.67 e 68).

A autora afirma ainda que os inspetores distritais eram insuficientes para atender a alta demanda, além de sofrerem diversas intervenções, pois cabiam a eles fiscalizar os professores e controlavam a permanência e nomeação dos mesmos no cargo, apesar de não serem remunerados, gerava prestígio. No que trata do ensino público, segundo Brito

> [...] em 1939, o interventor Julio Strubing Muller, no Decreto n° 262, de 29 de março, ampliou o artigo 153 do Decreto Regulamentar n° 759, de 22 de abril de 1927, estendendo as funções de inspetoria escolar aos Prefeitos Municipais e aos Promotores de Justiça e seus adjuntos [...] como autoridades escolares independentes em relação à Diretoria Geral de Instrução, deveriam reportar-se diretamente à Secretaria Geral do estado, órgão máximo da administração pública estadual naquele momento (BRITO, 2001, p.67 e 68).

O objetivo desta ampliação no Decreto, era uma tentativa de oferecer uma fiscalização mais efetiva em regiões onde a assistência era ausente, essa intervenção proporcionaria uma

ligação direta e constante com a Secretaria Geral. Contudo, segundo Brito, o ensino particular "já [...] desde o Regulamento de 1927, era prevista sua fiscalização pelos organismos públicos de controle da educação" (BRITO, 2001, p. 69).

A Educação versus Ferrovia

Um artigo que chamou especial atenção na RFS, tratou da educação dos filhos dos funcionários da Ferrovia, intitulado: "Pela Instrução Pública 'Escola Alvaro Martins Neto'" [76] dos Ferroviários da Noroeste Brasil, escrito por Garcia de Souza. O artigo indica que

> [...] o Sindicato dos Ferroviários da Noroeste do Brasil, com sede em Bauru, constituiu uma de suas primeiras precauções, a fundação de escolas de alfabetização ao longo da linha e onde houvessem núcleos de ferroviários. Encontrando decidido apoio por parte da alta e digna Administração da estrada e dos sindicalizados [...] Escolas foram fundadas em Bauru, Avanhandava, Lins, Araçatuba, *Três Lagoas* e *Campo Grande* e nas quais estão matriculadas mais de 500 crianças de ambos os sexos. Outras escolas vão ser fundadas em *Água Clara, Aquidauana, Miranda*, Duque Estrada e *Porto Esperança* (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10. Grifo nosso).

Em destaque as cidades pertencentes ao sul de Mato Grosso, onde o Sindicato dos Ferroviários do Brasil fundou escolas de alfabetização (Três Lagoas e Campo Grande), e que pretendiam fundar (Água Cara, Aquidauana, Miranda e Porto Esperança). O autor ainda destaca que tal ação do Sindicado tem sido apoiadas, pelos poderes públicos municipais que também colaboram de maneira "eficiente e espontânea" e "tem concedido verbas para pagamento de professores em todos os lugares citados" (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10). Especificamente em Campo Grande, "O núcleo sindicalizado [...] querendo levar avante essa grande obra educacional, em longo e bem fundamentado memorial, dirigiu-se ao sr. Diretor da estrada", Dr. Alfredo de Castilho, com o pedido de construção, na cidade, de um "prédio para a escola fundada em 14 de julho de 1935, com o nome de Alvaro Martins Neto". Foi autorizado o pedido e a obra da escola Alvaro Martins Neto – dedicada à educação dos filhos dos funcionários da Ferrovia Noroeste do Brasil – foi imediatamente iniciada, pois em

[76] "A Escola Estadual de Primeiro Grau Álvaro Martins Neto, o 'Batatinha' [...] como era chamado pelos ferroviários, construída em 1934 era a escola dos filhos da NOB e também atendia a população das redondezas" (MARQUES, 2014, p. 68). Por meio do Art. 7° da Lei n° 3249/96 a "Escola Estadual de 1° Grau Álvaro Martins Neto integra o Patrimônio Histórico, devendo ser mantida sua originalidade" (Disponível em: <https://cm-campo-grande.jusbrasil.com.br/legislacao/250743/lei-3249-96)>. Acesso em: 09 dez. 2016). A Escola no início dos anos 2000 foi desativada "virou um centro de documentação da Secretaria Estadual de Educação – SED [...] Hoje o 'Batatinha' abriga [...] ficha de ex-alunos da rede estadual de ensino em Campo Grande" (MARQUES, 2014, p. 80).

“tratando-se de uma obra de interesse coletivo, fosse ela executada com preferência sobre qualquer outra”. A obra teve início em 8 de janeiro de 1935 e em 9 de maio houve a inauguração “do novo prédio e reabertura das aulas” (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10)

No que se refere à matrícula, “Durante o ano de 1935 foram matriculadas 89 crianças de ambos os sexos e a frequência constante foi de 60 alunos”. (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10.). Ainda segundo o autor Garcia de Souza, sobre os materiais necessários ao funcionamento da escola:

> Os dirigentes da Sucursal do Sindicato aqui, no intuito de dotarem a escola dos materiais necessários para o ensino, fundaram uma caixa escolar e desse modo, puderam dotar o estabelecimento de todo o aparelhamento indispensável à sua finalidade. A digna Administração da Estrada [...] ordenou a admissão de uma Professora por sua conta e com a diária de 8$000 por dia. Mandou fornecer ainda, alguns móveis, além de várias carteiras que serviram para a fundação da escola (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10).

Em contrapartida, o Município prestou auxílio e “desde 1935 vem dispensando uma verba de 150$000 para pagamento de professora e outros materiais”. Em 1937 somam entre os alunos matriculado na escola “60 alunos de ambos os sexos e sob a direção das Professoras AMBROSINA DE FREITAS COELHO e NIZE GARCIA DE FREITAS, cabendo à primeira o ensino dos meninos e à segunda o das meninas” (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10. Grifo original). Quanto a necessidade de um local para a prática de “educação física e outros esportes” o assunto está sendo estudado pelos dirigentes da escola. Interessante ressaltar ainda que:

> Por solicitação do Diretor da Escola, o Ginásio Municipal D. Bosco e o Colégio N. S. Auxiliadora puseram à sua disposição, 2 lugares gratuitos para 2 meninos e 2 meninas, escolhidos estes, entre os alunos que melhor aproveitamento tivessem na ‘ALVARO MARTINS NETO’. Desse modo, estão matriculados nos conceituados estabelecimentos, 4 alunos da escola e todos, filhos de ferroviários (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10. Grifo original).

Ainda em Bauru, um “núcleo profissional” também foi fundado, “no qual foram reservados 75% dos lugares para os filhos dos ferroviários”. Trata-se de “uma escola dotada de todos os recursos e aparelhamentos para o ensino profissional de todas as atividades” (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10). Garcia de Souza afirma ainda que:

> Embora reconheçamos a necessidade e o grande alcance dessa obra educacional que se propaga por todos os setores da Estrada, achamos que ela não deve, de modo algum, ficar nos limites da simples alfabetização. É preciso que as nossas escolas avancem para além o seu ensino. Ainda, agora, acaba de realizar-se em São Paulo, um Congresso de Escolas Rurais e no qual foram discutidas, teses importantes e todas referentes ao preparo da nossa juventude para maiores realizações (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10).

Nesse sentido, afirma que o ensino primário praticado nas escolas é ainda rudimentar, sendo necessário, portanto, "preparar as gerações para uma existência mais útil a si e a coletividade". Assim, o autor defende uma "transformação das escolas primárias em centros de trabalhos técnicos e profissionais" (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.10). No entanto, não ficou evidenciado o pertencimento a nenhum movimento ideológico de esquerda, como menciona Hilsdorf (2003), ao tratar dos trabalhadores e da educação escolar na primeira República.

Educação Técnica

No que diz respeito à educação profissionalizante, existem algumas propagandas sobre educação técnica e profissional no decorrer das páginas da RFS. Segundo o artigo "CAMPO GRANDE Município e Cidade" (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.4. Grifo original), ela possui em 1937 uma "instrução muito desenvolvida, contando com 3 ginásios; *2 escolas de comércio*; 2 escolas normais; 41 escolas primárias, sendo 14 mantidas pelo Município" (RFS, n. 41 e 42, ago e set/1937, p.4. grifo nosso). No que se refere a propaganda, tem-se, a Escola Agrícola Profissional localizada na Chácara Municipal – que a Associação Miguel Couto mantém (RFS, n. 46, out/1940, p.15). O artigo escrito por Oliva Enciso, "Sociedade Miguel Couto[77] dos amigos do estudante", esclarece sobre tal Sociedade (RFS, n.45, set/1940, p. 11 a 12):

> [...] teve a sua origem mais do que modesta [...] a sua fundação, o Sr. Antônio de Albuquerque e o Tn. Valdemar de Souza Bezerra se puseram a campo. A 21 de janeiro último, às 10 horas da manhã, no salão da Prefeitura, fundou-se esta Sociedade com a assistência de 15 pessoas apenas. [...] Por que fundamos esta Sociedade, quando em Campo Grande, felizmente, há diversas: uma, cuidando dos doentes; outra, recolhendo os velhos desamparados; esta, trabalhando em benefício dos filhos dos leprosos; aquela, procurando proteger as mães e seus filhinhos pobres? [...] era preciso

[77] Cf. Enciso (1986).

> existir quem cuidasse do estudante pobre, uma instituição que auxiliasse o Governo na sua grande e difícil tarefa de educar o povo brasileiro.

Portanto, a Associação trabalha em favor da educação do estudante pobre:

> Para os filhos de pais abastados, para os alunos que poderão seguir cursos superiores, isso é insuficiente, mas para a maioria, para as crianças que deixando o curso primário, dizem adeus à vida feliz de estudante, para esses é preciso um ESCOLA PROFISSIONAL, porque até para se pregar um prego numa tábua há ciência e nós só aprendemos fazer alguma coisa, fazendo-a. [...] Como nem todos terão vocação para mecânicos, marceneiros, etc, abramos então as largas portas da agricultura, com uma ESCOLA AGRÍCOLA. A Chácara Municipal, onde se acha a 'represa do Araújo', está pronta para recebe-la. Confiamos que o Governo Federal atenda ao menos em parte, os pedidos que temos feito pela criação, aqui, de uma ESCOLA AGRÍCOLA PROFISSIONAL (RFS, n.45, set/1940, p. 11 a 12. Grifo original).

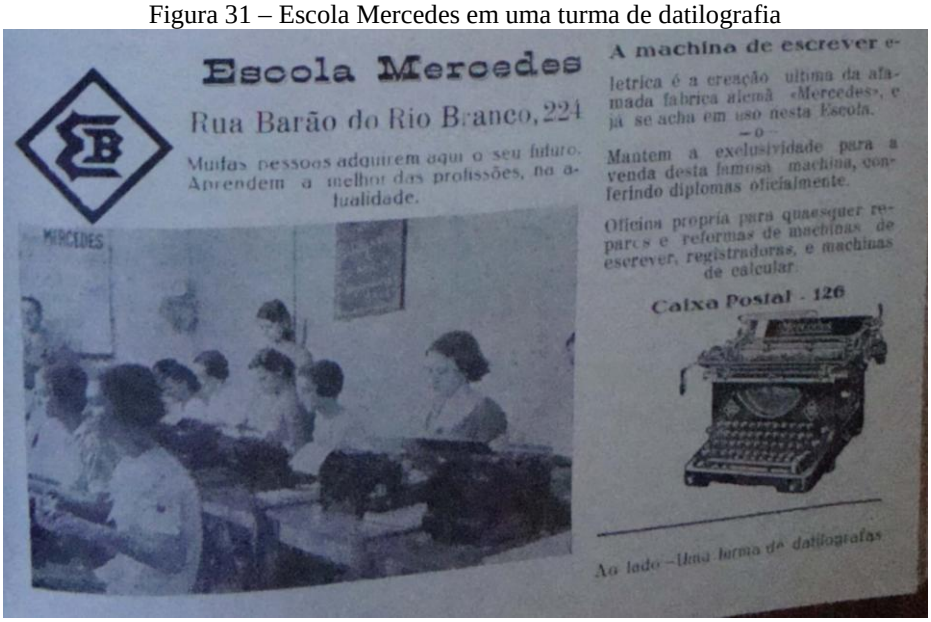
É nítido o fortalecimento da dicotomia entre educação profissional e técnica para a classe menos abastada e para a outra parcela, educação superior, indício de um movimento fortemente compelido durante a ditadura militar[78].

No número seguinte, as aclamações feitas no artigo tanto aos governantes como também ao leitor, "Já se inscreveram diversos sócios, mas precisamos da colaboração de todos. Leitor amigo", reserve "no mínimo, cinco mil réis mensais de vossa economia, para socorrermos o estudante pobre, que as vezes deixa de estudar por não ter um livro!" (RFS, n.45, set/1940, p. 12.), foram ouvidas, pois a Revista fornece fotografias das plantações desenvolvidas pela "Escola Agrícola Profissional" na Chácara Municipal (RFS, n. 46, out/1940, p.15).

A educação técnica também é alvo de anúncios/propagandas, onde são registradas oportunidades de qualificação técnica como mostra a Figura 31:

[78] Cf. Cunha (2000; 2005;); Carvalho (1989).

Figura 31 – Escola Mercedes em uma turma de datilografia



Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 40, ago/1936, p. 127.

Interessante observar que a propaganda da Escola Mercedes do curso de datilografia, é publicado ao lado da propaganda da máquina de escrever, o que revela um jogo estratégico de publicidade. Mais um destaque refere-se a turma do curso de datilografia ser exclusivamente feminina. Outra propaganda nesse sentido é a aula de contabilidade e afins com José Bechuate (RFS, n. 47, nov/1940, p.25 e RFS, n. 48, dez/1940, p. 4). Além desses cursos, em 1936 é publicado: “Professora de corte e costura” com Alzira Granja Verardi (RFS, n. 40, ago/1936, p. 127). Também houve menção de aulas particulares como de francês (RFS, n. 34, jul/1934, p. 25. RFS, n. 35, ago/1934, p. 30).

A Faculdade Mato-grossense em Campo Grande

A Faculdade de Direito estampa pela primeira vez as páginas da Revista, em 1932, quando noticiada sua inauguração conforme mostra a Figura 32:

Figura 32- Inauguração da Faculdade de Direito em Campo Grande

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n.8, mai/1932, p.29.

A legenda diz "Aspectos apanhados por ocasião da instalação desta Faculdade, nos salões do Grupo escolar desta cidade, no dia 1° do corrente" (RFS, n. 8, mai/1932, p. 29). Entende-se que a Faculdade não tinha prédio próprio e sua instalação foi em 1932. É a única vez que a Faculdade de Direito é mencionada na RFS.

No mesmo número, na página 31 tem-se: "Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia", com exposição da fotografia de seu idealizador Dr. Augustinho dos Santos. Segundo o artigo, escrito por Helio, a "mocidade estudantina de Campo Grande" recebeu com "manifestações de júbilo" o regresso vitorioso, da Capital da República, onde por "várias vezes" foi em busca de conseguir a oficialização da Faculdade, que simboliza "grande passo na senda do progresso da instrução", pois representa a "primeira faculdade reconhecida pelo Governo da União, em Mato Grosso [...] o que equivalerá coloca-lo em situação de igualdade aos demais Estados da União". Apesar do consentimento de oficialização ter saído apenas em 1932, a Faculdade já estava em funcionamento antes deste feito, como registra o autor "[...]

pleiade de jovens que já vinham fazendo os seus estudos naquela faculdade" (RFS, n. 8, mai/1932, p. 29).

A Faculdade é citada na Mensagem do Interventor Federal do Estado de Mato Grosso, Manoel Ary da Silva Pires, apresentada a Assembleia Legislativa em 13 de junho de 1937, afirmando que apenas duas instituições oferecem ensino superior sob a inspeção Federal: "Faculdade de Direito em Cuiabá, no seu 4º ano de funcionamento; Escola de Odontologia e Farmácia em Campo Grande" (MATO GROSSO, Mensagem... Livro 71, 1937) em 1937 a Faculdade estava em seu 5º ano de funcionamento sob inspeção, segundo dados da RFS.

No número seguinte é publicada uma carta do Sr. Dr. Augustinho dos Santos, "diretor da Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia", que esclarece sobre as raízes do processo de instalação da mesma até a garantia da oficialização. A ideia surgiu em 1929:

> [...] munido de boa vontade [...] escrevi ao Dr. Oliveira Melo, que era, ao tempo, líder da bancada governamental na Assembleia Legislativa, expondo o assunto e pedindo para consultar o Presidente do estado sobre a viabilidade da obtenção do reconhecimento da Faculdade a criar-se. Recebi uma resposta entusiástica do Dr. Oliveira Melo [...] porque a realização da ideia seria uma bela aquisição para Campo Grande [...] principalmente o curso de odontologia, seria aqui muito viável e traria um grande impulso à cidade e, até certo ponto, concorreria para os menos abastados poderem completar a sua educação profissional dentro do próprio Estado. [...] Animado por essa promessa e insistência, ainda que não muito confiante na promessa do Presidente, resolvi por mãos à obra [...] começou a Faculdade as primeiras aulas num quarto da casa em que moro. [...] A falta do cumprimento da promessa do Presidente quase nos levou a por ponto final nas atividades da Faculdade (RFS, n. 9, jun/1932, p. 19).

Após longa demora, foi designado pela Câmara Municipal a subvenção de 300$000 mensais:

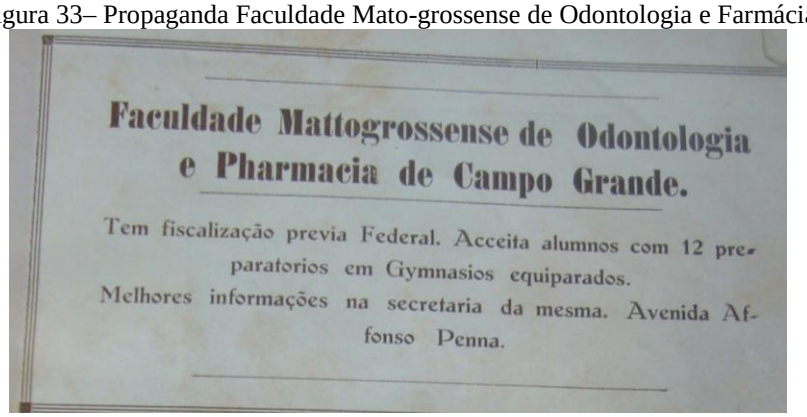
> E assim, com essa injeção de óleo [...] a Faculdade foi transferida para umas salas que sublocava do Sr. Enzo Cianteli, onde todos achavam que ficava mais ou menos bem instalada. Ai veio surpreende-la o prometido reconhecimento pelo Governo Federal [...] o reconhecimento veio trazer-nos novos alentos e esperanças, levando a transferir a sua sede para a Avenida de Afonso Pena ocupando o prédio todo (RFS, n.9, jun/1932, p.20).

Em abril de 1931 sai o decreto de inspeção, "a publicação do Aviso Ministerial que só dá [...] direito a transferências às Escolas que fossem julgadas idôneas obrigou-me a ir ao Rio" e assim:

> Falando nessa ocasião, expus ao Sr. Ministro o caso especial da Faculdade e este me prometeu uma lei, que de fato foi publicada em [...] julho último, que permitiria a federalização da Faculdade Mato-grossense [...] foi concedida a inspeção preliminar por despacho do Sr. Ministro de Educação (RFS, n.9, jun/1932, p.22).

Abaixo a Figura 33 expõe a propaganda da Faculdade, enfatizando a fiscalização federal:

Figura 33– Propaganda Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia



Fonte: Revista *Folha da Serra*, ns. 11 e 12, ago e set/1932, p.15.

Helio encerra o artigo afirmando que "O concurso valioso dos professores Drs. Franklin de Castro, Ferreira de Souza, Oscar Alves de Souza, Ermirio Coutinho e outros, levou a Faculdade ao ponto em que se acha" (RFS, n.9, jun/1932, p.22). E por fim, aponta os benefícios trazidos pela instituição:

> Que seja um grande benefício para a cidade e mesmo para o Estado, ninguém de boa fé o nega. Numerosos habitantes mesmo de Cuiabá que terminado o seu curso de humanidades, tornavam-se o pesadelo dos governos pela solicitação de empregos, estudando na Faculdade, tornar-se-ão cidadãos livres e independentes que não precisarão das magras migalhas dos orçamentos (RFS, n.9, jun/1932, p.22).

O número especial da RFS dedicado à Campo Grande, em 1933, ilustra o prédio da Faculdade:

Figura 34 – Prédio da Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 23, ago /1933, p. 46.

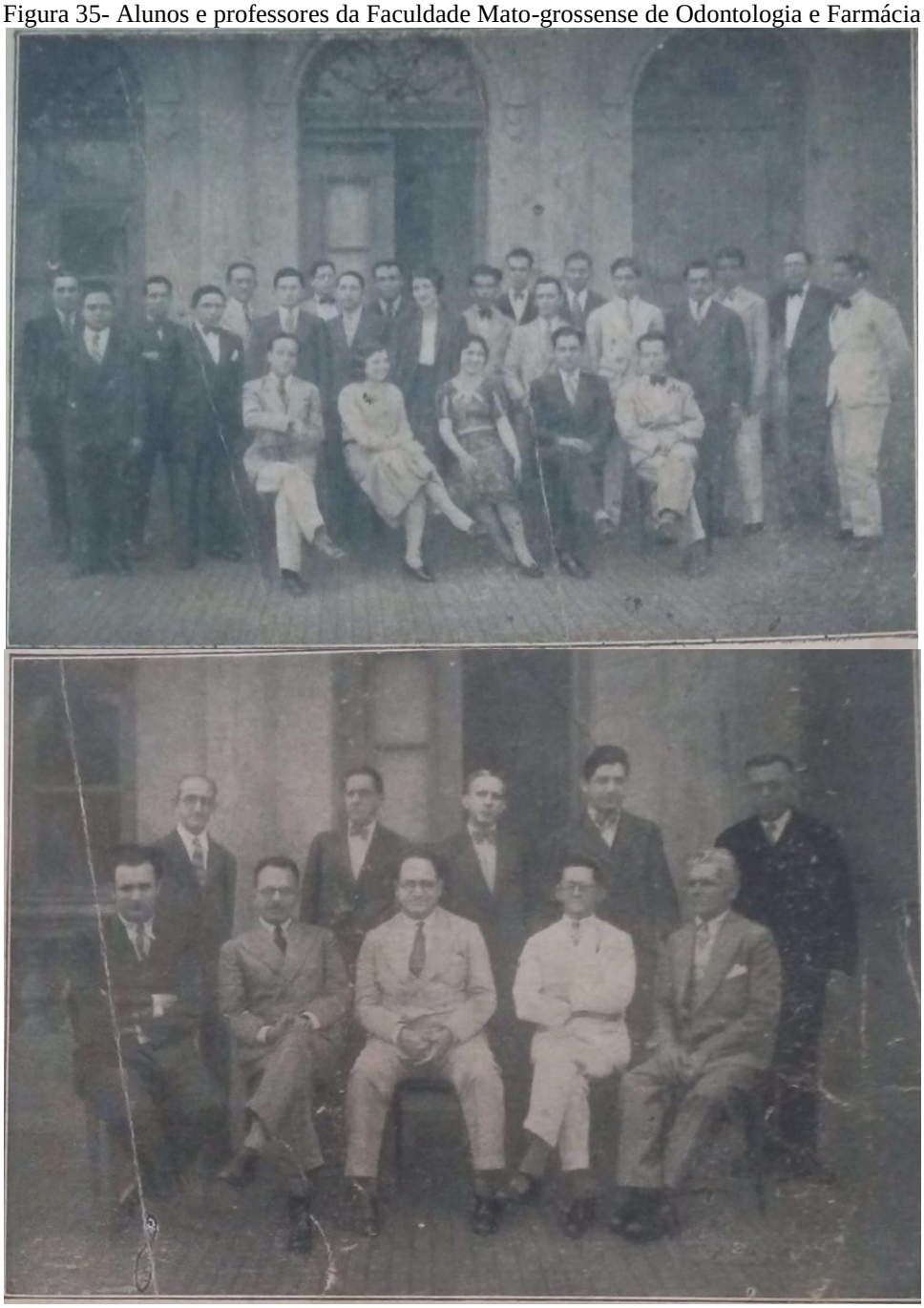
Nesse mesmo número é exposto um artigo intitulado "Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia", que conta a trajetória da Faculdade desde sua fundação em 1929, passando pelos primeiros professores em 1930, logrando "ter os títulos reconhecidos pelo Estado" e em 1932 "Após luta titânica, travada pelo seu diretor, Dr. Agostinho dos Santos, conseguiu ela a tão almejada inspeção preliminar, concedida unanimemente pelo Conselho Nacional de Ensino" (RFS, n. 23, ago /1933, p.71).

Contudo, em detrimento da revolução constitucionalista "que arrebatou a maior parte dos alunos para o [...] movimento, esteve ela fechada durante toda a refrega, de julho a outubro, do ano passado", após o movimento ter cessado, "mal havia reaberto os cursos, foi ocupada militarmente, pelo Comando de então, para aquartelamento de forças recém chegadas" (RFS, n. 23, ago /1933, p.71). Depois do prédio ser desocupado pela segunda vez

> Por força de denúncias, partidas desta cidade, para o Ministério da Educação, reveladoras do contraste da Faculdade com o relatório apresentado pelo Inspetor Dr. Flávio Rubim, adrede nomeado, ao Conselho Nacional de Ensino, resolveu o Governo, depois de auscultar o caso através do Inspetor Dr. Antenor Reis, susta a inspeção já concedida, até que ela se organizasse convenientemente [...] diante de tal impasse, o dr. Agostinho dos Santos, resolvido a transferir sua residência para o Rio, houve por bem, renunciar, perante a Sociedade Anônima Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia, constituída juridicamente, em o ano atrasado, para efeito da inspeção preliminar o cargo de Diretor da mesma Faculdade, da qual era fundador e incorporador [...] elegeu e empossou, no mesmo cargo, o Dr. Tertuliano Meirelles (RFS, n. 23, ago /1933, p.71 e 72).

Uma das providências tomadas pelo novo Diretor foi transferir a Faculdade de prédio para a "rua General Rondon, esquina com a 13 de Maio [...] onde se acha condignamente instalada e com ambos os cursos funcionando regularmente, desde o mês passado" (RFS, n. 23, ago /1933, p.72). O artigo cita e ilustra todo o corpo docente da instituição:

Figura 35- Alunos e professores da Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia



Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 23, ago /1933, p.83.

A primeira fotografia é composta por um "grupo de alunos da Faculdade" e a segunda por "professores da Faculdade" (RFS, n. 23, ago /1933, p.83). É interessante acompanhar o

trajeto que a Faculdade passou, bem como verificar todo o conjunto de instituições educacionais que Campo Grande dispunha. Esse movimento enfatiza como a cidade estava nos trilhos do progresso “as próprias autoridades já sabem que cerca de 60% do seu progresso quase vertiginoso é devido aos seus estabelecimentos de ensino. (RFS, n.9, jun/1932, p. 22). Desse modo, "[...] em diferentes épocas históricas, diferentes sujeitos formulam diferentes sentidos a partir de urgências sociopolíticas geradas por seu presente" (MONARCHA, 1999, p. 15). A Revista *Folha da Serra* não mediu esforços em contribuir para a propaganda também no âmbito educacional, elevando a cidade de Campo Grande, assim a RFS foi um instrumento importante na divulgação de ideais mato-grossense e principalmente campo-grandense.

3.2 A “Sociedade da Biblioteca de Campo Grande” e seus desdobramentos

O ideal varguista propunha modernizar a nação por meio da educação pressupondo que uma sociedade é civilizada, moderna e intelectual verificando o nível educacional que ela apresenta. Este ideal tem raízes na I República[79] com ênfase na educação escolarizada. Nesse sentido, um dos indícios que sinaliza isso é a presença de um lugar público voltado a disseminação e reunião dessa sociedade intelectual. A partir desse pressuposto, é visível o empenho da Revista em registrar uma série de esforços referente a necessidade de criação de uma biblioteca pública em Campo Grande, sendo esta ausência muito sentida pela grande parcela intelectual campo-grandense.

É visto no decorrer do processo de fundação e formação desta instituição, inúmeros desdobramentos dedicados ao incentivo educacional no município, corroborando com o cenário político vigente. Logo no primeiro número da Revista, em 1931, a biblioteca é alvo de atenção, com o título “Biblioteca de Campo Grande”, escrito por Hélio. Nele o autor discorre sobre a necessidade de construção de uma biblioteca pública na cidade, e cita a título de exemplo, o “Gabinete Corumbaense de Leituras” em Corumbá, lugar

> [...] onde todas as noites se reúne o que de intelectual possui a linda ‘Princesa do Paraguai’. Vem-se, ali, absortos na leitura de suas obras prediletas ou consultivas estudantes, senhorinhas e senhores, cavalheiros, enfim, representantes de todas as classes sociais, sob um ambiente seleto e instrutivo (RFS, n.1, out/1931, p. 4).

[79] Cf. Carvalho (1998); Monarcha (1989).

No tocante, o autor aclama ao "ilustre Dr. Interventor Municipal" e aos "progressistas de Campo Grande" em prol da construção da biblioteca pública. O artigo merece destaque pois registra um movimento em despertar a população "progressista" da cidade, bem como, a administração local, em favor de um lugar específico para as pessoas "letradas se instruírem". Ao citar como exemplo a biblioteca de Corumbá, um ponto que merece destaque, é a comparação entre as cidades, que continua a tomar parte nas publicações da Revista, e que mesmo timidamente, Campo Grande também possui pessoas instruídas e intelectuais, e está em pleno desenvolvimento.

No que diz respeito a instalação, a justificativa apresentada é que a biblioteca é necessária, pois abraça "todas as classes sociais". Contudo, o autor sugere um valor a ser pago mensalmente, como forma de manutenção do espaço, os associados deveriam pagar uma mensalidade, além de uma cooperação inicial para o desenvolvimento da biblioteca. O autor esclarece que esses valores estavam "ao alcance de todas as bolsas" (RFS, n.1, out/1931, p. 4). É válido notar, que essa proposta não poderia incluir "todas as classes sociais", como dito inicialmente, por dois fatores básicos, nem todos sabiam ler em 1931, e nem todos os bolsos seriam alcançados com o valor proposto. Há portanto, um público específico a ser contemplado nos artigos da Revista, e o mais importante, já se desenvolve um perfil representativo da população sul Mato-grossense.

Em 1932, o assunto sobre a instalação de uma biblioteca em Campo Grande é retomado, o artigo "Biblioteca Pública de Campo Grande", sem autoria, contudo indica ter sido escrito pelo corpo editorial da Revista. O artigo comunica que o redator da *Folha da Serra* "sr. Dr. Peri Alves Campos", e também "abalisado clínico nesta cidade, homem de letras", está organizando a fundação "desta louvável e útil instituição". A instalação deste espaço sanará uma "grande lacuna existente em nosso meio social". Interessante ressaltar que o autor indica que já existiu em Campo Grande uma "Biblioteca Pública ou coisa equivalente" e que os pertences foram "atirados em um depósito da Prefeitura Municipal, ficando assim o público progressista e amante das boas letras logrado de suas intenções", o artigo ainda felicita o Dr. Peri "e outros muitos" à tentarem novamente a instalação "deste imprescindível centro de culturas" (RFS, ns. 11 e 12, ago e set/1933, p.12).

Em 1933 o artigo "A instalação da Biblioteca de Campo Grande", aparece na segunda página da RFS, informando que a Biblioteca de Campo Grande foi fundada e "será mantida pela sociedade do mesmo nome". A Biblioteca foi instalada no dia oito de janeiro de 1933, na Avenida Afonso Pena, com sessão inaugural com "elevado número de pessoas, entre as quais

diversas representantes do belo sexo". Sobre a sessão de inauguração, alguns pontos chamam a atenção.

A primeira informação destacada é sobre o quadro administrativo da Biblioteca, tendo a presidência do cargo o Dr. Peri Alves Barros e como secretário, Joaquim Cesario da Silva. A solenidade[80] contou com a presença do prefeito da cidade Dr. Ytrio Corrêa da Costa. Os oradores foram Estacio Corrêa Trindade que enfatizou que "as Bibliotecas Públicas [...] completam a escola". O advogado Manoel Garcia de Sousa diz em seu discurso que "um povo só é forte e digno, quando educada, e instruída a massa humilde". Entretanto, o mais relevante no artigo, constitui-se no pronunciamento do prefeito de Campo Grande ao mencionar que o poder público municipal concedeu subvenção à Escola Ativa "para o funcionamento de aulas noturnas aos pobres, completando-se com essa medida o auxílio da instrução elementar e cultural ao povo, com as mesmas vantagens já concedidas a esta Biblioteca (RFS, ns. 13, 14 e 15, out; nov e dez/1932[81]).

No mesmo ano, a RFS publica o artigo "A arte e o ensino", de Lobivar de Matos[82]. O autor retoma o assunto Biblioteca Pública de Campo Grande, sob um novo olhar:

> Falar sobre Arte em Campo Grande é ser ouvido só por alguns pássaros que descansam à sombra da árvore – Esquecimento. Aqui tudo é promessa. Todos os moços vão atrás do prazer que lhes promete uma felicidade; todos os velhos vão atrás da política que lhes oferte um cargo público. Por enquanto a vida em Campo Grande é simplesmente material. [...] Mesmo os que gostam da Arte, os seus admiradores, nada podem fazer por ela. Exemplo vivo, ali está representado pela nossa Biblioteca Pública, fundada, só Deus e o dr. Peri sabem como. [...] E a Biblioteca está fundada há quase dois meses. Hoje, podemos dizer, orgulhosos: Campo Grande, já possui uma casa de leituras, um gabinete de aprendizagens. Mas de que valeu esse esforço grandíloquo? (RFS, n. 18, mar/1933, p.6).

Esse artigo é significativo, pois vai contra os discursos eloquentes e apaixonados que até então pousaram nas páginas da Revista. O autor continua:

---

[80]A solenidade contou com uma ata, a qual registraram 30 assinaturas dos presentes: "Joaquim Cesario da Silva, Ytrio Corrêa da Costa, Dr. Peri Alves Campos, Manoel Garcia de Souza, Evangelina Vieira de Almeida, Nadir Velasco, Lenira Velasco, Mary Alves Campos, Maria Alves Corrêa de Campos, Lucina Prado de Albuquerque, Antonio Leite de Campos, Doutor Alcindo Moreira de Figueiredo, Caetanos Albuquerque, Estacio Corrêa Trindade, Timoteo Rostey, Carlos C. Cardososo, Cesar Teles, Carlos Viviam, pelo Colégio Oswaldo Cruz, Maria Ignez Alves de Campos, Benjamim Adese, Virgilio Corrêa, Aguinaldo Trouy, João C. Ribeiro, Alvaro Antunes, Orlando Araujo, Mariano Cebalho, Augusto Gonçalves Dias, E. Coutinho, Dr. Fernando Correa da Costa" (RFS, ns. 13, 14 e 15, out; nov e dez/1932).

[81]A inauguração da Biblioteca Pública ocorreu em 1932, contudo o número da Revista indica 1932, este fato se justifica pelo atraso da edição referente aos números 13 (out.),14(nov.) e 15 (dez) do ano findo de 1932. Portanto, os respectivos números foram publicados apenas em janeiro de 1933, como explica o editorial "A Presente edição explicação necessária" (RFS, ns. 13, 14 e 15, out;nov e dez/1932,p. 3).

[82]Poeta corumbaense. Cf. Araujo (2009).

> Para mim foi uma obra grandiosa e digna de aplausos sinceros. Para outros não sei se valeu alguma coisa, porque quando passamos por ela, à noite, vemo-la sempre com as suas portas abertas, como convidando o povo a entrar, e um profundo aborrecimento nos invade. Por que? Porque achamos poucas as pessoas que lá estão sentadas comendo o pão espiritual e bebendo a água pura e cristalina do saber. Que representam para Campo Grande os 500 leitores mensais de sua Biblioteca? Onde está a mocidade forte, a mocidade intelectual, a mocidade entusiasta, a mocidade moderna de Campo Grande? Onde? (RFS, n. 18, mar/1933, p.6).

A chamada de atenção frente a população campo-grandense é marcante neste trecho, especificamente à mocidade intelectual, entusiasta e moderna do município, atributos essencialmente difundidos no processo de modernização da nação imposta por Vargas. Ainda neste trecho, vê-se que a Biblioteca funcionava também no período noturno, o autor aponta ainda que o número de leitores frequentadores da Biblioteca era de 500 pessoas, para uma população com uma variação média entre os anos de 1920 a 1940 de 35.4945 habitantes como registra a Tabela 2, no capítulo anterior. Mediante o número defasado de frequentadores, o autor expressa sua frustração, pela ausência no hábito da população campo-grandense letrada em frequentar a biblioteca e valorizar a cultura escrita, além é claro, da escassez de público alfabetizado na cidade. Nesse sentido:

> Infelizmente a civilização ainda não entrou de toda em Mato Grosso, nesta terra sagrada, neste futuro coração do Brasil. [...] As escolas secundárias que temos ainda não se interessam, como deveriam, pelo bom desenvolvimento intelectual e moral dos seus alunos. Por que razão? Falta de vontade dos nossos jovens? Não. Penso que seria a falta imperdoável dos nossos mestres.[...] antigamente, os mestres eram sábios além de mestres. Hoje, [...] os estudantes só se esforçam em aprender línguas estranhas, deixando de lado as Pátrias; não sabem falar nem escrever com clareza os seus dialetos, de maneira que, também não se dedicam com carinho e amor às letras nacionais (RFS, n. 18, mar/1933, p.6).

A crítica é severa aos professores, o autor rispidamente culpa os “mestres” pela “falta de vontade em aprender”. A crítica também atinge as escolas secundárias que não desenvolvem nos alunos os valores morais e intelectual. Este fato nos remete ao já citado Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso, em 29 de agosto de 1931, que atenuou a falta explícita de repasse de recursos ao Sul do Estado, lançando mão da falta de preparo dos professores sulistas.

O discurso produzido pelo autor do artigo na RFS, revela preocupação com a educação, inspirado no momento político vigente. Segundo o autor:

> O ensino no Brasil é um problema difícil de ser resolvido. É uma operação de que se não tem um resultado. Por que? Não devia ser assim, viver assim tão abandonado pelos homens que dizem trabalhar pelo bem do país e pelo progresso do povo. Mas, de quem a culpa? A culpa pertence unicamente aos srs. Ministros que tinha poder e dele não tratam, aos snrs. Ministros que terão poder e dele não irão falar. Pobre Ensino Nacional, o teu destino é marchar, como sempre, roto, selvagem e quase bárbaro, para a Suprema decadência dos séculos (RFS, n. 18, mar/1933, p. 6).

Esta preocupação com o ensino nacional e a procura em sanar os problemas relacionados a ele, é característico do vigente discurso nacionalista modernizador, que "proclamava a importância da escola como via de reconstrução da sociedade brasileira" (BRITO, 2001, p. 240). Cabia assim, à educação, a responsabilidade de progresso de toda a nação.

Entre os desdobramentos ocorridos por meio da Biblioteca de Campo Grande, em 1933, uma nota na Revista chama atenção, em meio a tantas, pois anuncia a vinda patrocinada pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande e pela RFS da "ilustre escritora" Maria Sabina, "uma das expressões mais altas da poesia feminina indígena", que fará "2 ou 3 recitais de declamação. Assim, ainda este ano, ouviremos a mais aclamada das poetisas e declamadoras nacionais" (RFS, n. 22, jul/1933, p. 2). Essa nota é relevante para verificar a tentativa de expressar importância e dar voz à Biblioteca, que até então não se destacou em quantidade de frequentadores, como indica o artigo visto a pouco. Consiste, portanto, em uma estratégia dos membros administrativos da Biblioteca, em trazer uma artista para propagar e difundir a instituição.

Entre outras seções que tomam parte na RFS, está a "Serpentinas", assinada por Rodo, um pseudônimo. No número 25 de 1933, o artigo "Horror aos livros", trata da Biblioteca Pública de Campo Grande e sobre como o "número de associados é reduzido, insignificante até, e não condiz com o desenvolvimento de Campo Grande". Rodo expõe que:

> Não é admissível que a nossa cidade, a primeira do Estado, a mais próxima dos grandes centros, excluindo Três Lagoas que longe está do nosso desenvolvimento, de à biblioteca um tão insignificante número de sócios (150, se muito), quando o seu número de habitantes é de 12.000 no perímetro urbano. [...] Quando me certifiquei [...] dos números tive certo descontentamento e vi, horrorizado, armarem-se diante dos meus olhos estas palavras: 'A NOSSA GENTE TEM HORROR AOS LIVROS'! Infelizmente assim é (RFS, n.25, out/1933, p. 14. Grifo original).

O número de frequentadores, em comparação ao exposto no artigo “a arte do ensino”, que “menciona 500 leitores mensais da Biblioteca” (RFS, n. 18, mar/1933, p.6), os números apontados pela seção é de “150 se muito” apesar da inexatidão, é perceptível uma queda, mesmo com as investidas de propaganda e apelo anunciados na Revista. Esse movimento admite que Campo Grande a despeito de todo esforço em anunciar seu desenvolvimento em todos os aspectos necessários a merecer o título de cidade modelo, contudo o aspecto intelectual ainda é falho. Um dado importante mencionado na seção é a quantidade de habitantes do perímetro urbano, 12.000, tendo em vista a Tabela 2, já referenciada no capítulo 2, o ano de 1920 registra 21.360, população geral. O autor apresenta algumas “desculpas” para a falta de interesse apresentada pela população e ele mesmo as refuta:

> Crise monetária também não admito. Os cinemas estão sempre cheios e os cafés abarrotados. Ademais três mil réis por mês não é quantia que nos possa tornar mais pobres. E uma só coisa justificável nos salta à mente: ‘horror aos livros!’ [...] é essa mesma mocidade que traçará as nossas diretrizes de amanhã. E o ‘amanhã’ queremo-lo melhor do que o ‘hoje’. Um pouco mais de amor aos livros que nos instruam. Para os que não dispõem de meios para adquiri-los em livrarias, aí está a biblioteca que só exige três mil réis por mês por quantos livros quiserem ler. Associem-se (RFS, n.25, out/1933, p. 14).

Portanto, este e todos os outros discursos já citados que expressam a necessidade da população em acompanhar o desenvolvimento de Campo Grande e assim procurar se debruçar mais na educação, remete a:

> [...] precariedade de um povo, que perdido na própria inconsciência, carecia de ser curado, escolarizado, moralizado e inserido na ordem do trabalho urbano que, por suposto, estaria a influenciar a reconfiguração do país em termos mais modernos (FREITAS & BICCAS, 2009, p. 40).

Nesse sentido, em 1933, nas páginas 25 a 26 é publicado um “Extrato dos Estatutos da Biblioteca de Campo Grande”, que foi “Aprovado pela Assembleia Geral em 23 de julho de 1933 *Da Sociedade e seus fins*”. O capítulo primeiro, inciso único, afirma que “Sua duração e o número dos sócios serão ilimitados”. O artigo segundo discorre sobre “Os objetivos da Sociedade” que se desdobra em sete incisos:

> § 1° - manter uma *Biblioteca* de caráter público, e, dentro dela, uma seção “*Augusto Leverger*”, destinada às obras de Mato Grosso;
> § 2° - facilitar o estudo das ciências, letras e artes em geral e, de modo particular, das brasileiras;
> § 3° - promover conferências que visem o levantamento do nível cultural do povo, podendo, para isso convidar conferencistas desta e outras cidades;

> § 4° - constituir-se em centro de estudos e de propaganda das coisas e da vida do Estado;
> § 5° - estabelecer correspondência com as instituições congêneres, nacionais e estrangeiras;
> § 6° - trabalhar junto aos colegiais e ao povo, ensinando-lhes noções de higiene;
> § 7° - enfim, propugnar, ativamente, pela educação moral e intelectual do povo, lançando mão dos meios modernos de propaganda e de instrução (RFS, n.25, out/1933, p. 14, grifo original).

É nítido e enfático a preocupação em fazer propaganda do Estado, de educar os próprios campo-grandenses para assim elevar o padrão intelectual da cidade, e estar em consonância com o progresso da cidade. Correspondendo ao inciso 3 citado, em julho de 1933 a Revista promove uma série de "palestras sobre a criança, das quais se incumbiram médicos e professores", todas as segundas feiras no salão da Biblioteca que "acolhia numerosa assistência [...] afim de ouvir conselhos sobre higiene e pedagogia caseiras. A série de palestra foi aberta pelo Bacharel Estácio C. Trindade, que discorreu sobre a educação de um modo geral" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.7). As conferências foram todas publicadas na Revista, a primeira foi "Educar" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.7), a segunda, "Como iniciar a educação do bebê" com o subtítulo "Brinquedos e hábitos do primeiro ano. Nocividade e utilidade deste", esta palestra foi pronunciada "pelo dr. Peri Alves Campos, na série de palestras sobre a criança, promovida pela Sociedade da Biblioteca de C. Grande, em outubro e novembro de 1935" (RFS, n. 39, ago/1935, p.11 a 13 e 57).

Além disso, ainda em 1935 foi promovido pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande, o "Concurso de robustez do bebê". Foram inscritos um total de 20 bebês, compareceram 17, os quais foram avaliados por uma comissão médica convidada especialmente para efetuar o concurso, que configura, segundo Bel. Estácio, "As palestras que a Diretoria da Biblioteca de Campo Grande houve por bem organizar e executar, desta noite ao dia 17 de dezembro próximo, a encerrar-se com a apoteose ao bebê mais robusto, em concurso original para nós" (RFS, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p.7), como mostra a Figura 36:

Figura 36 – Concurso de bebês

Fonte: Revista *Folha da Serra*, ns. 37 e 38, jan e fev/1935, p. 15.

A Figura 36 mostra a classificação e os participantes do concurso, celebração que encerra a série de palestras organizadas pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande. Esta preocupação com a saúde e a promoção destes concursos de robustez, era comum neste período, muitos artigos são publicados no intuito de propagar conceitos relacionados a higiene, saúde e educação. Os eventos fomentados pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande são exemplos dessa preocupação. A união entre a higiene, saúde e educação estavam

atrelados com a criação do Ministério de Educação e Saúde, em 1931. O cuidado com o corpo e a higiene, como mostra a Figura 36, e os inúmeros artigos publicados na RFS sobre a educação física do corpo e da mente[83], como resultado das reformas no campo da educação proposta pelo governo Vargas e seu "projeto político centralizador" que "requeria uma identidade nacional [...] associada à necessidade de renovar hábitos e de modernizar o povo brasileiro por meio da educação, da saúde e do saneamento". Além disso, as escolas deveriam incorporar nos currículos "temas de cunho cívico como pátria e família" (FREITAS, BICCAS, 2009, p. 115,). Nesse sentido, A RFS partilhava o objetivo da elite política campo-grandense:

> Os sulistas amam, acima de tudo, o Brasil unido, forte, rico, grande potência, levando ao mundo os produtos do seu solo, das suas indústrias e a inteligência de seus filhos – como amam a terra onde labutam regando-a com o seu suor, enriquecendo-a patrioticamente, muito orgulhosos da obra que fizeram (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 11).

Em todas as propagandas de instituições escolares que a RFS divulga em suas páginas exprimem a preocupação com a higiene, o corpo e a moral[84]. Contudo, a higiene não estava presente apenas nas propagandas relacionadas à educação, também estava nas mais diversas propagandas como: "Manteiga Mato Grosso. Fabricação é feita sob a mais rigorosa exigência da higiene, pelos processos modernos" (RFS, ns. 11 e 12, ago; set/1932, p. 19); "Salão Rádio. Melhores salões de barbeiro de Campo Grande, máxima higiene" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 90).

Ainda sobre a higiene, o Dr. Peri Alves de Campos, redator da RFS e diretor do Instituto Oftalmo Campo-grandense, publica seu trabalho "O tracoma no Sul de Mato Grosso", apresentado ao "1° Congresso Brasileiro de Oftalmologia" que ocorreu em São Paulo e Rio de Janeiro, em 1935. O artigo discute sobre o histórico dos surtos epidêmicos no Sul do Estado, "da terrível conjuntivite granulosa", o estudo analisa a higiene escolar de alguns estabelecimentos educacionais públicos e particulares de Campo Grande[85], além de apontar que, de janeiro a dezembro de 1934, sua clínica recebeu "600 clientes novos", destes

---

[83] Cf. Carvalho (1998).

[84] O artigo "Pela Moralização do Ensino no Brasil" (RFS, n.3, dez/1931, p. 19 a 20) é apenas um exemplo.

[85] "Reviramos pálpebras de 1.976 escolares, pertencentes ao Grupo E. Joaquim Murtinho; escola Normal Modelo; Internato Osvaldo Cruz; Curso Comercial Carlos de Carvalho; Escola Japonesa visconde de Cairú; Ginásio Feminino; Curso Primário e curso Comercial do Colégio N. S. Auxiliadora, desta cidade, e as escolas Rurais, masculinas e femininas, da população de Jaraguari, distrito cito 8 léguas desta cidade" (RFS, n.40, ago/1936, p. 25).

"21 eram portadores de tracoma" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 23). Com base nestes atendimentos, as cidades de Corumbá, Miranda, Aquidauana, Campo Grande, Três Lagoas, Entre Rios, Bela Vista e Ponta Porã estão contaminadas. Além de "todas as cidades à margem da Estrada Noroeste, portanto em contato diário com S. Paulo, já se acham contaminadas. Assim também, Ponta Porã e Bela Vista, que fronteiram com o Paraguai, outro centro de possível disseminação tracomatosa" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 24 e 25). Peri conclui que:

> Na inexistência de qualquer medida governamental que vise combater o mal, urge que a administração municipal de *Campo Grande* tome a si a tarefa, uma vez que é esta cidade *a mais ameaçada, dado o seu progresso vertiginoso e o intercâmbio diário pela Noroeste com outros centros* tracontosos (RFS, n. 40, ago/1936, p. 31. Grifo nosso).

Interessante verificar a exaltação de Campo Grande em relação ao seu progresso com a Estrada de Ferro, que se assemelha aos "outros centros" como São Paulo, por exemplo, como uma maneira de amenizar a ameaça de surto na cidade. O Folheto de 1934 confirma esse discurso de autoafirmação, "A nossa economia vai correspondendo ao nosso índice geográfico. É através da energia do Sul, que o Brasil sabe que Mato Grosso existe" (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 20). Em contrapartida, o Estado não auxilia em nada o progresso sulista:

> Vive, assim, a população do Sul, que domina 250 mil quilômetros quadrados, sob uma grande injustiça. Organizou-se, em menos de um século, a sua civilização. Por força do meio e das suas qualidades intrínsecas, em cada hora progride, modifica, inova, aumenta a sua riqueza. O Estado, pobre, desaparelhado, não lhe trouxe auxílio algum (MATO GROSSO, Folheto... 1934, p. 21).

A difusão do patriotismo, como já mencionado, também esteve presente na melhora do físico, a RFS reforça este ideal no decorrer de suas páginas, em artigos e também imagens:

Figura 37- A instrução física em Campo Grande

Fonte: Revista *Folha da Serra*, n. 3/ dez/1931, pgs. 17 e 18.

Além da ginástica como mostra a Figura 37, um artigo escrito por Isis Moura Ferraz "A dança", vai de encontro à educação do corpo e física:

> Todos os povos, desde os selvagens aos expoentes máximos da civilização atual praticam. [...] Dança é um esporte como outros. [...] Vantagens ao espírito e corpo, quando praticado dentro das verdadeiras regras da distinção (RFS, ns. 43 e 44, jul;ago/1940, p. 11).

Em artigo intitulado "Voando", de autoria de Heretiano Rios, o autor remete a importância do esporte:

> Para que sua inteligência seja sã e aliada a um corpo são [...] só pode ter um corpo são no qual resida uma ideia sã [...] Para se ter 'sã' e 'são', é necessário – isto é incontestável – que se faça uso de um exercício. [...] Campo Grande, Mato Grosso e Brasil, sentir-se-iam fortes, felizes e satisfeitos se vissem você, meu amigo, '*voando*', na aprimoração eugênica do seu corpo e no melhoramento integral de suas ideias, praticando '*esporte*', o único mio eficaz e conhecido, que impele – muito naturalmente – o homem a trabalhar pelo engrandecimento de sua pátria (RFS, n. 46, out/1940, p. 30. Grifo original).

Voltando à Biblioteca, em 1936, a instituição novamente é alvo de destaque na RFS, com a publicação de "A Biblioteca Pública", por Peri Alves Campos, "Presidente da Sociedade da Biblioteca de Campo Grande". O artigo é composto por tópicos: "Um apelo"; "Histórico"; "Crescimento"; "Auxílios"; "Trabalhando"; "Mantém"; "Organizando", e tem como objetivo "expor, ainda que esquematicamente, o que tem sido a vida da nossa Biblioteca Pública". O apelo consiste em um:

> [...] pedido de auxílio, de ajuda, principalmente a todos aqueles que, orgulhosamente, blasonam o progresso e a grandeza da entusiástica cidade vermelha [...] auxilia-la dando-lhe alguns livros, coleção de jornais e revistas velhas, documentos antigos, etc., e inscrevendo-se entre os seus sócios (RFS, n. 40, ago/1936, p. 82).

O tópico "Histórico", registra a campanha em prol da fundação da Sociedade da Biblioteca de Campo Grande, em 28 de novembro de 1932. Sua instalação com o título Biblioteca Pública se deu em 8 de janeiro de 1933, já no dia 18 de junho foi aprovado os estatutos "publicados pela 'Gazeta Oficial' de 5-10-33". O tópico "Crescimento" trata de como foram arrecadados todo o material presente na Biblioteca. Segundo o autor, "a grande coleta pública [...] a todos os que sabem ler, nesta terra" foi feita "de porta em porta, na qual conseguimos reunir 800 volumes", também foi feito aquisição "pedindo livros continuamente [...] só assim nos foi possível nestes três anos e meio de existência, catalogar 2.700 volumes, que em breve subirão a 3.200, pois em nossa recente viagem a Cuiabá e Corumbá, trouxemos mais ou menos 500 volumes já em via de catalogação" (RFS, n. 40, ago/1936, p. 82).

Com base nesta citação, é possível verificar que a angariação de materiais foi feita não apenas em Campo Grande, mas em Cuiabá e Corumbá, indicando que a população alfabetizada era pequena na região, já que a coleta era feita "a todos os que sabem ler, nesta terra" (RFS, n. 40, ago/1936, p.82).

Sobre os auxílios, o autor confirma que "Desde a sua fundação vem a Sociedade recebendo subvenção da Prefeitura e, em 1934, do Estado. Este ano o dr. A. L. Boaventura,

prefeito, aumentou o auxílio para 250$ mensais", que antes era de "150$. Estamos atualmente lutando para conseguirmos uma ajuda do Estado" (RFS, n. 40, ago/1936, p.83). O tópico "Trabalhando" informa sobre os eventos já promovidos pela Sociedade: "20 palestras sobre a criança, feitas por médicos e professores"; "Concurso de robustez do bebê, prova pela primeira vez efetuada nesta cidade"; "Natal das crianças pobres, em 1934, com distribuição de gêneros, roupas, calçados e livros a mais de 500 crianças". O destaque está no tópico "Mantém", que apresenta as atividades mantidas naquele momento pela Sociedade:

> Curso de inglês, privativo dos sócios [...] Escola primária Augusto Leverger, destinada exclusivamente à alfabetização de crianças pobres, fornecendo livros e material escolar. Dispões esta escola, que é subvencionada pela Prefeitura com 100$, de copioso material técnico didático (RFS, n. 40, ago/1936, p. 83).

Além das arrecadações da população e da mensalidade paga pelos sócios, a Biblioteca ainda desfruta de auxílio de 250$ da Prefeitura e luta para conseguir também do Estado. Desse modo, é possível perceber o empenho da Sociedade em mostrar frutos, tanto por meio dos eventos, como colaborando com eventos beneficentes, arrecadação de materiais, além de investimentos na infraestrutura da Biblioteca, como mostra a Figura 38:

Figura 38- Aspecto do interior da Biblioteca Pública em 1936

Fonte: Revista Folha da Serra, n. 40, ago/1936, p. 82.

A Figura 38 mostra a estrutura interna da Biblioteca, sua disposição de móveis e organização dos arquivos, além de disponibilidade de espaço, indicando a responsabilidade na administração e cuidado na distribuição e investimento do dinheiro recebido pela Sociedade. Fazendo jus ao objetivo da RFS em propagar o Mato Grosso e principalmente a porção sul do estado, lembrando que o redator chefe da Revista é também presidente da Sociedade da Biblioteca Pública. No tópico "Organizando", Peri anuncia que "Estamos, presentemente,

empenhados na organização do “Arquivo Público” (para a documentação da história de Mato Grosso e, especialmente de Campo Grande) e da ‘Seção Augusto Leverger’, onde se encontrarão todas as obras publicadas no e sobre o Estado” (RFS, n. 40, ago/1936, p.83). Nesse sentido, em 1940 a Revista divulga em página de destaque, localizado no Editorial, o 1° Concurso de História de Mato Grosso:

> idealizado e patrocinado pela nossa Biblioteca Municipal e pela Sociedade Miguel Couto, dos amigos do Estudante, e no qual tomaram parte aproximadamente 60 dos nossos Ginasianos, constituiu uma prova cívica de elevada significação, como sendo uma pugna intelectual que pela primeira vez se levou avante em terras mato-grossenses. Seu significado, enquadrado amplamente no espírito salutar e reformador do governo Vargas – de linhas mestras vigorosas- se amplia e reforça ao se considerar que, em Mato Grosso, o estudante completa seus estudos primários, normal e secundário sem jamais aprender, se quer, uma página de sua história, relegada ao maior dos menosprezos (RFS, n. 45, set/1940, p. 15).

É interessante observar, o reforço do ideal Varguista e a menção do “reformador governo”, em prol do nacionalismo e civismo. A necessidade em divulgar a história regional é forte na RFS, assim como no sul do Estado, como visto no Concurso de História de Mato Grosso. A preocupação em fortalecer o espírito patriota dos jovens é essencial haja vista o momento político instável. No que concerne a política educacional, a ditadura do Estado Novo trouxe inúmeras medidas com o propósito de reforçar o nacionalismo e propagar o patriotismo, que repercutiram no ensino moral, civil, físico, canto orfeônico e celebrações que tinham como objetivo disseminar os feitos do Governo (FREITAS; BICCAS, 2009).

Junto a este proclame governamental, está a disseminação de bibliotecas públicas, que ganha maior fôlego em 1937 com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), por meio do Decreto-Lei n. 93, de 21 de dezembro, segundo iniciativa do então ministro de educação e saúde pública, Gustavo Capanema, durante o governo Vargas. A atuação do INL girava, entre outros, em prol do fomento e desenvolvimento cultural do país, seja contribuindo para a publicação de obras de interesse à cultual nacional, seja no incentivo de implantação de bibliotecas públicas em todo o país (SILVA, 2012).

Com sede na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, o INL atuou segundo preceitos dispostos em três seções técnicas: Seção da Enciclopédia e do Dicionário; Seção de Publicações e Seção de Bibliotecas. No que se refere à Seção de Bibliotecas

> [...] tinha por objetivo organizar as políticas de distribuição de livros assim como gerir as bibliotecas do país [...] produzia espécies de catálogos que eram encaminhados para [...] todas as bibliotecas do Brasil [...] publicava índices bibliográficos das mais novas produções (TAVARES, 2014, p.168).

Seguindo estes preceitos, a biblioteca de Campo Grande altera seu nome de Biblioteca Pública, como mostra os registros citados em 1936, para Biblioteca Pública Municipal em 1940. Outro ponto, consiste em dar maior voz a história regional, já que os alunos passam todo o curso escolar sem conhecer a história de seu Estado. Também é palpável o "grande interesse dos estudantes em participar do 1° Concurso de História de Mato Grosso" e o entusiasmo dos mesmos:

> A quem frequentasse a Biblioteca Pública na última quinzena de agosto e na primeira semana do presente mês seria dado ver, com que entusiasmo, meninos e meninas, moças e rapazes se entregavam ao manuseio dos livros e monografia dos nossos melhores autores. Até a 'Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso', excelente mas de circulação nula e absolutamente ignorada, desceu das prateleiras e teve suas folhas ventiladas... [...] Diante da lição, que ponderações terão as nossas entidades máximas da cultura – a Academia Mato-grossense de Letras e Instituto Histórico – as quais deveriam caber, em suas longas existências, gestos que as tornassem de vida concreta e palpável? Sentindo a atividade e a existência de historiadores os jovens aprenderiam a melhor amar e respeitar a história... (RFS, n. 45, set/1940, p.15).

Portanto, houve grande empenho por parte dos estudantes em participar do Concurso, fazendo com que até revistas com "nula e absolutamente ignorada" como a do Instituto Histórico de Mato Grosso tivessem suas "folhas ventiladas". Neste ponto e no final da citação, é visto uma certa cobrança em relação "as nossas entidades máxima de cultura" que são ausentes no intuito de valorizar e propagar melhor a história do Estado. Esse fato chama a atenção, pois, a *Folha da Serra* cobra mais ação efetiva da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico, "entidades máxima de cultura" no tocante à história regional do Estado, pois por meio da "atividade e a existência de historiadores os jovens aprenderiam a melhor amar e respeitar a história" (RFS, n. 45, set/1940, p.15).

No número 47 a Revista *Folha da Serra* estampa em sua página a vencedora do Concurso:

Figura 39 – Senhorita Virginia Belico vencedora do 1° Concurso de História de Mato Grosso

Fonte: Revista Folha da Serra, n. 47, nov/1940, capa.

A Figura 39, mostra a fotografia da vencedora do primeiro lugar do Concurso de História de Mato Grosso, a legenda esclarece, "A jovem e talentosa campo-grandense Senhorita Virginia Belico, que acaba de terminar com brilhantismo o Curso de Normalista pela Escola Normal do Estado e que obteve o primeiro lugar no Concurso de História de Mato Grosso, instituído pela Biblioteca Pública Municipal desta cidade" (RFS, n. 47, nov/1940, capa). Em nota, "Retificações" o número seguinte corrige o equívoco da legenda do número anterior no que se refere ao Concurso, informando ter sido idealizado pela "Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante" (RFS, n. 48, dez/1940, p.17), o número 45, como já citado, traz que o "1° Concurso de História de Mato Grosso, foi idealizado e patrocinado pela nossa Biblioteca Municipal e pela Sociedade Miguel Couto, dos amigos do Estudante" (RFS, n. 45, set/1940, p.15).

No que tange a propaganda vinculada à Biblioteca, encontramos a seguinte publicação em 1935:

> Você gasta muito com jornais?
> Economize seu dinheiro: inscreva-se entre os sócios da *Biblioteca de Campo Grande*. Mensalidade: 3$000
> Não há joia.
> Aberta diariamente das 18 às 22 horas (RFS, n. 39, ago/1935, p.49. Grifo original).

Esta propaganda informa sobre o horário de atendimento da Biblioteca, que funcionava diariamente no período noturno, além de registrar o valor da mensalidade e indicar que o espaço além de ter livros, também oferece jornal do dia aos seus sócios. O investimento na propaganda, apesar de pequena e de não estar em local nobre na Revista, propicia junto aos outros artigos já mencionados, uma tentativa de conseguir mais público, que era escasso. Sobre o valor, o artigo "Variações sobre o livro", de Menotti del Picchia, em 1933 afirma: "Deixe de comprar quatro maços de cigarro. Fará um grande presente à sua saúde. Economizará 4$000. Com esse dinheiro comprará um livro. Fará um grande presente a seu espírito. [...] Que pode haver melhor que um livro? Somente uma biblioteca" (RFS, n. 25, out/1933, p. 12).

Portanto, desde os ensaios frente a instalação de uma biblioteca que atendesse aos anseios da população intelectual de Campo Grande, passando pelos desdobramentos após sua efetivação, é visível um esforço por parte da Revista em divulgar todo esse processo, que acaba por corroborar com o movimento político vigente.

Desse modo, o propósito do capítulo se deteve em sistematizar e analisar, com base nos dados colhidos na RFS, como a educação formal e não formal, e as instituições escolares perpassaram na Revista, e qual o objetivo do periódico em propagar a educação de Campo Grande e região, mais especificamente, as instituições escolares presentes no Sul do estado. A análise mostrou que a RFS desejava construir um modelo de educação pautado na propaganda das instituições escolares, modelo este constituído pelas elites campo-grandenses, que buscavam refletir nestas instituições, o desenvolvimento prodigioso de Campo Grande.

Contudo, a análise dos dados apresentados mostra que existia grandes obstáculos a serem superados no que tange a qualidade da educação, a estrutura física das instituições, os recursos, falta de professores qualificados, etc. Estes fatores, portanto, contradiziam, como as elites acreditavam, o desenvolvimento que Campo Grande e a região sul do Estado experimentava. Por este motivo, a estratégia da RFS, foi de enfatizar e valorizar em suas páginas, o número de instituições presentes na cidade, ao passo que silenciava os aspectos negativos ligados a elas. As instituições privadas por outro lado eram amplamente anunciadas, expondo seus mais modernos laboratórios e métodos educacionais.

O movimento educacional e cultural proporcionado pelos eventos da Sociedade da Biblioteca de Campo Grande também são frutos da preocupação das elites da cidade em construir uma imagem de progresso, civilidade e modernidade à Campo Grande. Nesse sentido, "As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram" (CHARTIER, 2011, p. 27).

Considerações finais

> *[...] Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho: 1 abridor de amanhecer 1 prego que farfalha 1 encolhedor de rios – e 1 esticador de horizontes. [...] (Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?)[...]*
> *Não era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entraduras*.
> (BARROS, 2000, p. 97 e 98).

Ao término da escrita desta pesquisa, sobressai um sentimento de inquietude, o amadurecimento que envolve o pesquisador, a fonte e o objeto de investigação no processo de construção da dissertação, proporciona um querer infinito de se debruçar na pesquisa mais e mais. Esse sentimento, instiga o pesquisador a fazer novas perguntas, trabalhar com diferentes metodologias, se afastar e voltar a se aproximar. Esta inquietude, é inerente à historiografia.

O acompanhamento sistemático ao longo dos 10 anos de publicação, com início em outubro 1931 e término em dezembro de 1940, no que se refere a suspensão definitiva da publicação da Revista, ainda é um mistério, nossas hipóteses giram em torno do contexto conflituoso tanto na esfera internacional, nacional, quanto regional, a crise econômica, a censura do Governo Vargas e também, segundo consta no documento sobre a divisão de Mato Grosso, em março de 1934, a imprensa sulista de Mato Grosso estava sob opressão de Cuiabá, uma tentativa de evitar a campanha em prol da autonomia da porção sul. Os 48 números da Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS), evidenciaram uma diversidade incontável de frentes de pesquisa. Contudo, foi preciso delimitar nosso objetivo de investigação. Fruto desta delimitação, a pesquisa se orientou por meio de três capítulos. De modo geral, buscamos por meio dos capítulos identificar e analisar as dimensões educativas – educação formal, não formal e informal – veiculadas nas páginas da *Folha da Serra*, tendo em vista que, os diversos conteúdos, tanto textual, quanto imagético publicados foram transmitidos a fim de modelar a sociedade conforme um elitizado grupo de dirigentes campo-grandenses. Portanto, apesar da Revista não ser pedagógica, ela educou, formou e modelou por diversas dimensões educativas.

O primeiro capítulo buscou apresentar a Revista *Folha da Serra*, seus editores, lugar de origem, materialidade do periódico, como se dava a circulação e periodicidade, quem escrevia na Revista, do que tratava os conteúdos textuais e imagéticos e quais eram os objetivos da Revista, ou seja, uma apresentação do periódico. Assim, foi possível verificar que a *Folha da Serra* foi concebida por elites – política, social, comercial, intelectual,

industrial – dirigentes campo-grandenses, que tinham como objetivo educar os consumidores da Revista por meio das páginas do periódico, segundo suas crenças, interesses, valores, representações e ideais provenientes destes grupos. Assim, a Revista era palco de discussões provenientes das elites da cidade, as quais ansiavam mobilizar o máximo possível de pessoas adeptas aos ideais perpassados por eles, através da Revista. Ao analisar os objetivos delimitados pelos próprios editores da Revista, o segundo e terceiro capítulo se formaram.

O segundo capítulo, registra um dos maiores objetivos da Revista *Folha da Serra*, construir uma imagem representativa para o sul do Estado, sobretudo, a cidade de Campo Grande. As várias vozes oriundas dos textos e imagens presentes nas páginas da Revista provinham de um mesmo lugar e compartilhavam o mesmo propósito. Ao analisar o contexto nacional e regional no qual a Revista circulou (1931-1940), é possível constatar que assim como nos demais espaços do Brasil, a imprensa se tornou tribuna de todo o movimento político, social, econômico e tantos outros aspectos que o mundo vivenciava. A RFS, por sua vez, se fez presente ativamente em prol dos ideais das elites campo-grandenses, que buscavam expressar as angústias da sociedade dirigente de Campo Grande e colaborar com o engrandecimento da nação e de Campo Grande. Assim, foi analisado o que a Revista entendia por moderno, civilizado e progresso, a fim de educar seus leitores segundo os modelos representativos criados, considerados atestados desses preceitos.

Campo Grande era uma cidade do interior sul-mato-grossense, que em 1977 se tornaria a capital de Mato Grosso do Sul. Havia desde 1931, uma disputa entre Cuiabá, capital de Mato Grosso, Corumbá e Campo Grande. Disputa pelo domínio econômico e político. Esse ranço é percebido nas páginas da Revista. A Revista *Folha da Serra* promoveu um forte movimento em combater e substituir o estigma negativo de "barbárie" que havia sido instaurado na cidade para uma nova representação, cidade símbolo de laborioso progresso. O capítulo, portanto, mostra aspectos considerados modernos, publicados ao longo da Revista.

O terceiro e último capítulo, se debruça especificamente, na educação escolar, instituições escolares e os movimentos educacionais ligados à ela em Campo Grande e como essas dimensões educativas foram representadas na RFS. O entrecruzamento da Revista com fontes oficiais, contribuiu na análise do que foi perpassado sobre educação no periódico. Os conteúdos textuais e imagéticos da Revista indicaram que a educação formal, as instituições escolares e os frutos desenvolvidos a partir da preocupação com a difusão da intelectualidade e da cultura, como por exemplo, a construção de uma biblioteca pública para a cidade, foram utilizados como indícios de avanço, progresso, civilização e modernidade. Esse ideal está intimamente ligado ao perpassado pelo Governo instaurado.

Apesar da RFS propagar uma educação fértil e promissora, a contraposição com as fontes oficiais de educação permitiram identificar que a educação escolar formal e as instituições provenientes do ensino público estavam deficientes em Campo Grande. Assim, a estratégia da Revista, foi de construir uma representação de educação baseada em propaganda referente ao número de instituições escolares e aos graus de ensino que a cidade oferecia: primário, secundário, superior e técnico, silenciando, por outro lado, a qualidade do ensino público de modo geral e privilegiando a educação privada.

Por fim, A Revista *Folha da Serra* reuniu e estabeleceu em suas páginas uma reunião de estratégias que buscavam conduzir, educar a população campo-grandense e região afins, segundo princípios, valores, modelos, ideais de uma elite dirigente que buscava construir uma nova representação para Campo Grande, veiculada com os princípios de modernidade, civilidade e progresso inculcada pelocontexto econômico e político vigente. Acreditamos que além de produzir esses ideais, as elites estrategicamente desempenharam e modelaram seus próprios interesses, entre eles, promover Campo Grande à cidade mais importante de Mato Grosso e dividir o Estado, ambas as ambições de fato ocorreram, além da RFS mostrar estas intenções, em 1934, foi enviado um documento ao Governo que evidenciava o desejo de divisionismo, promovendo Campo Grande como capital.

Assim como Manoel de Barros (2000), procurei analisar a Revista *Folha da Serra* com os olhos sob o horizonte, a cada número analisado, sobressaia um novo amanhecer, as palavras, as imagens farfalhavam aos meus olhos sedentos, tive que aprender a encolher o meu rio de vontade de escrever tudo o que meus olhos viam... aprendi que por trás da denúncia das palavras, existe um silêncio que grita sufocado, aprendi a ver através dos refolhos, espiar por entre as entraduras, descobri o quão selvagem pode ser uma bela revista. Espero que esta pesquisa estique horizontes e abra amanheceres... se assim for, saberei que apesar da minha incompletude, contribui enriquecendo o mundo.

Referências

Fonte:

BRASIL. Decreto-Lei nº 20.108, de 15 de junho de 1931. Dispões sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições e nos estabelecimentos de ensino. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 28 jun. 1931b. Seção 1, p. 10513. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D20108.htm>. Acesso em: 18 abr 2016.

_____. Decreto-Lei nº 23.028 de 02 de agosto de 1933. *Torna obrigatório o uso da ortografia resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23028-2-agosto-1933-559149-publicacaooriginal-81127-pe.html>. Acesso em: 18 abr 2016.

MATO GROSSO, *A divisão de Mato Grosso*: resposta ao General Rondon. 1934.

MATO GROSSO, *Ementário* Legislativo. Decreto nº 865. Cuiabá: ALMT, 13 de junho de 1929.

_____. *Mensagem* do Presidente do Estado de Mato Grosso, Dr. Annibal Toledo, apresentada a Assembléia Legislativa e lida na abertura da 1ª Sessão Ordinária de sua 15ª Legislatura. Cuiabá: APMT, 13 de maio de 1930.

_____. *Relatório* da Diretoria Geral da Instrução Pública de MT apresentado ao Secretário Geral do Estado, Leônidas Antero de Mattos, pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Franklin Cassiano da Silva. Cuiabá: APMT, 29 de agosto de 1931.

_____. *Mensagem* apresentada a Assembléia Legislativa lida na abertura da 3ª sessão ordinária da sua 1ª legislatura, pelo Interventor Federal do Estado de Mato Grosso – Cap. Manoel Ary da Silva Pires. Cuiabá: APMT, 13 de junho de 1937.

_____. *Relatório* da Presidência do Estado de Mato Grosso apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas pelo Interventor Federal do Estado de Mato Grosso, Júlio Strubing Müller, Cuiabá: APMT, agosto de 1940.

_____. *Relatório* da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso – Referente ao ano de 1942 – Diretor Geral Prof.: Francisco A. Ferreira Mendes. Cuiabá: APMT, 25 de fevereiro de 1943.

REVISTA Mensal Ilustrada *Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso. 1931-1940, v. 1-48. APMT, ARCA, Acervo Lins.

Bibliografias:

ABDALA, Rachel Duarte. VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. *Revista Centro de Educação*. vol.

30 – n. 02. Edição: 2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA, M. S. M; SOUZA e SILVA, Celeida M. C. de. *Tecendo a História*: arquivos escolares e formação da memória educacional da Escola Estadual 26 de agosto em Campo Grande-MS. Revista NUPEM (Impresso), v. 3, p. 203-209, 2011.

ARAÚJO, J.C. e GATTI JÚNIOR, D.(Orgs.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira*: Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

ARAUJO, Susylene Dias de. (Org.) *Obras reunidas de Lobivar Matos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignorãnças*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RAHE, Marta Banducci. *Inovações incorporadas ou 'modernidades abandonadas'? Uma investigação sobre os materiais didáticos para as aulas de Línguas Vivas em dois ginásios de Campo Grande, sul do Estado de Mato* o *(1931-1961)*. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais/ Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande-MS.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. 2 vols. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como Estratégia de Formação Revista do Ensino de Minas Gerais* (1925- 1940). Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul*: do Estado sonhado ao estado construído (1892-1997). São Paulo, 1997. 2 v. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo.

BITTAR, Mariza e FERREIRA Junior. Professores e Instituições escolares no Contexto do Regionalismo Mato-Grossense. In. CUNHA, Francisco Antonio Maia da (Coord.). *Campo Grande*: 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz, 1999. p. 169-194.

BONTEMPI, Jr, Bruno. *As elites republicanas de São Paulo*: formação, imaginário e projetos educativos. Projeto de Pesquisa Bolsa PQ-CNPq, 2013, p. 9.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico*. 3. Ed. Rio d Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____.*Un arte médio*: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

_____.*A distinção*: crítica social do julgamento. 2.ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

BRITO. Silvia Helena Andrade. *Educação e sociedade na fronteira oeste do Brasil*: Corumbá (1930-1954). Campinas, 2001. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.

BRITEZ, Adriana Espindola. *A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920-1960)*. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande, 2014.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e cidade*: da razão urbana à lógica de consumo: álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas: Mercado das Letras, 2008.

_____. Fotografias. Usos sociais e historiográficos. In: LUCA; PINSKY (Org). *O historiador e suas fontes*. SP: Contexto, 2009.

CAMPOS, Raquel Discini de. *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)*: representação e história. 2007. 216 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102331>. Acesso em: 23 jun. 2016.

_____. *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920- 1940)*: educação e história. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 12, n.1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

_____. *Os álbuns ilustrados do sertão paulista (1900-1930)*: projetos, circulação e materialidade. 2015. 86 f. Pós-doutorado. Universidade de São Paulo (USP), 2015.

_____. Os álbuns ilustrados do sertão paulista: a modernidade encarnada (1900-1930). *Educação em Revista* (UFMG), 2017 (No prelo).

CAVACO, Cârmen. Fora da escola também se aprende: percursos de formação experiencial. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 20, p. 125-147, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Molde nacional e fôrma cívica*: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: Edusf, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Bertrand Brasil, 1990.

_____.*À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *A força das representações*: história e ficção. (Org.) João Cezar de Castro Rocha. Chapecó-SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger, ROCHE Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. 1995. *História*: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

CERTEAU, Michel. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

_____. *A Invenção do Cotidiano*. 3ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *A escrita da história.*São Paulo: Forense Universitária, 2000.

CIVITA, Roberto. As revistas. In: CASTELO BRANC, Renato; MARTENSEN, Rodolfo e REIS, Fernando (Eds.). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz,1990.

CORDEIRO, Caio Nogueira H. *A arquitetura escolar em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*: 1910-1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1996.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. São Paulo: UNESP; Brasília: Flacso, 2000.

_____. *Educação, estado e democracia no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CRUZ, Heloisa de Faria. & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n 35, p. 1-141, dez, 2007.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo. UNESP, 1992.

DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel (Ed.). *Revolução Impressa*: A Imprensa na França, 1775-1800. São Paulo: Edusp, 1996.

DIKER, Gabriela; FRIGERO, Graciela. *Tiempos de infancia*: Argentina, fragmentos de 200 años. 1ª ed. Buenos Aires: Santillana, 2009.

ENCISO, Oliva. *Mato Grosso*: minha terra. São Paulo: Editora Resenha, 1986.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAUJO, J. C. S.; GATTI RR, D. (Org). *Novos temas em história da educação brasileira*: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 133-150.

FARIAS, Isaías Leonidio. *A presença da literatura na "Revista Folha da Serra*", de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. In: Seminário do GEL, 56, 2008. São José do Rio Preto (SP): GEL, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=4388 >. Acesso em: 15 de nov. 2015.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de.; BICCAS, Maurilane de Souza. *História Social da Educação Brasileira (1926-1996)*. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

FURTADO, A. C.; MOREIRA, K. H. Professor José Pereira Lins: um intelectual no sul de Mato Grosso. *Revista Educação e Fronteiras*. v. 5, n. 15, p. 46-60, 2015.

GALETTI, Lylia S. G., *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2000. 385f. Tese (Doutorado em História) – FFLH/USP, São Paulo, 2000.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 237-272.

GONÇALVES, Arlene da Silva. *Os Grupos Escolares no Estado de Mato Grosso como Expressão da Política Pública Educacional*: o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, Sul do Estado (1910 - 1950). Campo Grande: 2009. 157.p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

HILSDORF, M. L. S. *História da educação brasileira:* leituras. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

HOBSBAWM. Eric J. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História.* 2ª ed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos*: para quê? 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Ivan. Fotojornalismo *Brasileiro*: realidade e linguagem. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

LIMA, S.F. (1993). *Espaços projetados. As representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século***.** Acervo. Revista do Arquivo Nacional. vol. 6, n. 01/02.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, C. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, 149- 175.

_____. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MAHL, Marcelo Lapuente. Natureza e progresso econômico no Noroeste Paulista (1910-1920). *História (São Paulo)*. v.32, n.2, p. 49-63, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n2/a04v32n2.pdf>. Acesso em: 04 out. 2016.

MAGALHÃES, J. P. de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C. e SANFELICE, J.L.(Orgs.). *História da educação*: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, S.P: Autores Associados, 1999.

MARQUES, Helder Gustavo. *Memória e transformação urbana: uma análise do patrimônio ferroviário em Campo Grande – MS*. 2014, 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. São Paulo-SP.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem*: fotografia e História: Interfaces. Tempo: RJ, vol. 1, n.2, 1996.

_____. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v. 13. n.1. p.133-174, jan-jun. 2005.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de Historia*. SP. v. 23, n.45, 2003.

MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão*: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Escola Normal da Praça*: o lado noturno das luzes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MONTEIRO, Charles. Imagens da Cidade de Porto Alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da *Revista do Globo*."In: *Fotografia, história e cultura visual*: pesquisas recentes. MONTEIRO, Charles (org.), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 9-49.

MOREIRA, K. H. , PASSONE, E. O. O *Ginásio Osvaldo Cruz* de Dourados nas páginas do jornal estudantil: ensino secundário no sul de Mato Grosso nos anos 1960. No prelo, 2016.

MOREIRA, K. H.; SILVA, J. P. O Colégio Visconde de Tauany em Campo Grande nos anos 1930: entre presença e ausência. In: *III Encontro de História da Educação da região Centro-Oeste*, 2015, Catalão-GO. Anais do Encontro de História da Educação da região Centro-Oeste. Catalão, GO: UFG, 2015, p. 312-326.

MORGADO, Eliane Maria Oliveira. Memória da Imprensa de Mato Grosso: periódicos dos séculos XIX e XX. *Revista eletrônica Documento/Monumento*. v. 4, n.1, p.10-26, jul.2011. Disponível em: <http://200.129.241.80/ndihr/revista/revistas-anteriores/revista-dm-04.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2016.

MORO, Nataniél Dal. *Modernização urbano-citadina e representação sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2007, 357f. Dissertação

(Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social. São Paulo-SP.

NASCIMENTO, Heleno Braz do. *A lepra em Mato Grosso*: caminhos da segregação social e do isolamento hospitalar (1924 - 1941). Cuiabá, 2001. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais Departamento de História Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

NERES, Celi Corrêa; CORRÊA, Nesdete Mesquita. A educação especial na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS: um esboço de política pública em tempos de inclusão escolar?. In: VIII *Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasi*l" - HISTEDBR, 2009, Campinas - SP. Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil". Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2009. v. único. p. 1-19.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de; RODRIGUEZ, M.V. Histórias de Escolas Normais: Constituição e Difusão de uma Instituição Formadora de Professores - A Escola Normal no Sul do Estado de Mato Grosso. In: *V Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2008, Aracajú, SE. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracajú, SE: UFS/UNIT, 2008. v.1, p.1-12.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais*: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997, p.45.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

PINTO, Adriana Aparecida. *Nas páginas da imprensa*: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso (1880-1910). 2013, 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Araraquara, São Paulo.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. História curricular de uma instituição de ensino secundário do Sul de Mato Grosso (1939-1970. In: Diane Valdez, Lúcia Maria De Assis. (Org.). *Políticas e história da educação*: saberes, tempos e lugares. 1ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2016, v. 1, p. 167-184.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos*: a E. F. Noroeste do Brasil na 1ª. metade do século XX. Bauru: Edusc; Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, 526p. 2004.

_____. *A grande empresa conhecida como Mate Laranjeira e a economia ervateira na bacia platina (1882-1949)*: notas preliminares. In: Primeiro encontro de pós-doutores do PPGH/UFF, 2010, Niterói. Anais do I e do II encontro de pós-doutores do PPGH/UFF. Org. por Carolina Dantas e Martha Abreu. Niterói: PPGHistória/UFF, 2010. p. 1-19.

ROCHA, Marcelo Pereira. *O ensino secundário no sul do estado de Mato Grosso no contexto das reformas educacionais:* o Ginásio Osvaldo Cruz (1927-1949). 97 p. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

SANTOS, Solange Xavier da Silva; CENTENO, Carla Villamaina. A Escola General Malan (1934): o papel do exército na educação escolar em Campo Grande. 2007. 7, Jornada do HISTEDBR, Campo Grande, *Anais*..., 2007.

SATER, Almir. *Serra de Maracaju*. (2007). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CkOU0y2zbwg>. Acesso em: 21 ago 2016.

SILVA, Jaíne M. ; MOREIRA, Kênia Hilda . Impressos no Sul de Mato Grosso (1930 a 1945): indícios de uma história da educação. In: XII ANPUH MS, 2014, Aquidauana. Anais XII Encontro da Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul - Democracias e Ditaduras no mundo contemporâneo. Campo Grande: UFMS, 2014. v. 1. p. 1-15.

SODRÉ, Nelson Wermeck. *História da imprensa no Brasil*: Rio de Janeiro: Graal, 1977.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. *Imagens Femininas nos Jornais Mato-grossenses (1937-1945)*: identidade e controle social. 2007.124f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, MS.

VEZZANI, Iriana Nunes. *Uma revista de tipo europeu: educação e civilização na Galeria Ilustrada (Curitiba 1888-1889)*. 2013. 392f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR.